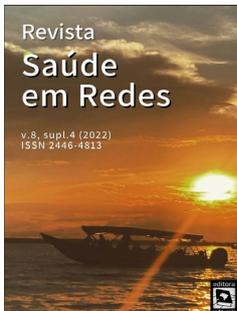


**Anais do Encontro Regional Sul 2021
Rede Unida**

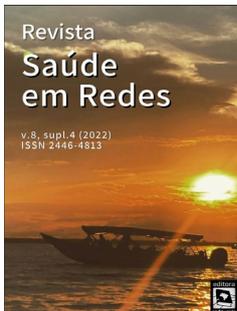
TÍTULO	PÁG.
AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE: POTÊNCIA NO ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA POR COVID-19	370
A SEXUALIDADE COMO PRODUÇÃO DE VIDA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA	371
A ASSISTÊNCIA AO IDOSO EM MOMENTO DE DISTANCIAMENTO E ISOLAMENTO SOCIAL	372
MICROPOLÍTICA, CUIDADO E CARTOGRAFIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA (IN)DISCIPLINA	374
PERCEPÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA PARA PESSOAS QUE VIVEM COM HIV RESIDENTES NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	376
EDUCAÇÃO INTERPROFISSIONAL E PRÁTICAS COLABORATIVAS A PARTIR DA PESQUISA E EXTENSÃO EM SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA	378
ESTRATÉGIAS PARA O FORTALECIMENTO DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE NO MUNICÍPIO DE CAMBÉ/PR	379
EXPERIÊNCIA EM MOVIMENTO: A IMPLEMENTAÇÃO DA CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE FUNCIONALIDADE, INCAPACIDADE E SAÚDE (CIF) EM UM SERVIÇO ESPECIALIZADO EM REABILITAÇÃO FÍSICA	382
EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO MÉTODO DE PROMOÇÃO DA SAÚDE EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	385
TRAJETÓRIAS DE UMA VIVENTE DE RUA COM SOFRIMENTO MENTAL NA REDE DE SERVIÇOS DE SAÚDE	386
PRÁTICAS DE CUIDADO NA ATENÇÃO BÁSICA	389
O CONSUMO DE ÁLCOOL NA PANDEMIA DA COVID-19: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	392
O USO DAS REDES SOCIAIS COMO ESTRATÉGIA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA.	393
EXPLICANDO O ESTATUTO DO IDOSO PARA IDOSOS E DE MAIS USUÁRIOS EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA.	395
DESA(R)T(E)AR OS NÓS: OS MARCADORES EXCLUDENTES DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA	396
REABILITAÇÃO E TRATAMENTO DAS SEQUELAS PÓS COVID-19: UMA VIVÊNCIA DE ESTAGIÁRIOS E TRABALHADORES DA SAÚDE	397
TRABALHADOR DE SAÚDE: UM CUIDADOR EM SOFRIMENTO	399
VIVENTE DA RUA E MODOS DE HABITAR: UMA APROXIMAÇÃO CARTOGRÁFICA	402



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

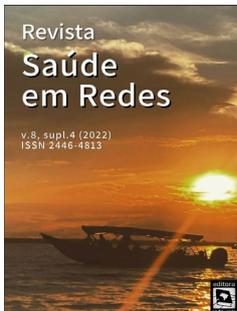
VIVÊNCIAS DE ATIVIDADES DE EXTENSÃO EM MOMENTO PANDÊMICO	404
SOS COM ARTE: ENTRE ARTES, SAÚDE E EDUCAÇÃO	407
ABORTO LEGAL: PERCEPÇÕES DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE ATUANTES EM UM SERVIÇO DE REFERÊNCIA DE UM HOSPITAL DE SANTA CATARINA	408
ANÁLISE DOS FATORES DE RISCO PARA SÍNDROME DE BURNOUT ENTRE OS PROFISSIONAIS MÉDICOS: REVISÃO DE LITERATURA	410
AGENTES COMUNITÁRIAS DE SAÚDE: PROFISSIONAIS ESSENCIAIS NO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL NA ATENÇÃO BÁSICA	411
TEMA: CONTRIBUIÇÃO DA ARTETERAPIA NA QUALIDADE DE VIDA DA PESSOA COM ESQUIZOFRENIA	412
OS ANIMAIS COMPANHEIROS DOS VIVENTES DA RUA: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA CENA CARTOGRÁFICA	413
ANÁLISE DE MODELOS DE ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA COVID-19: MACAÉ, SÃO FIDÉLIS, SÃO FRANCISCO DE ITABAPOANA E SÃO JOÃO DA BARRA	414
IMPLANTAÇÃO DE UM PROGRAMA DE TREINAMENTO FÍSICO PARA PACIENTES PÓS-COVID19 NO AMBULATÓRIO MUNICIPAL	415
SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO CUIDADO DE CRIANÇAS PORTADORAS DE CARDIOPATIA CONGÊNITA NA ATENÇÃO HOSPITALAR: UMA REVISÃO DE LITERATURA	417
VIGILÂNCIA EM SAÚDE NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ: RELATO DE EXPERIÊNCIA	420
ANÁLISE DE ABSENTEÍSMOS DAS CONSULTAS PRESENCIAIS AGENDADAS NO AMBULATÓRIO DA LINHA DE CUIDADOS DE HIPERTENSÃO E DIABETES MELLITUS NO CONSÓRCIO INTERMUNICIPAL DE SAÚDE DO MÉDIO PARANAPANEMA-CISMEPAR	421
O CUIDADO ESPECIALIZADO EM PEDIATRIA - A COMUNICAÇÃO NA TELEMEDICINA DE UM AMBULATÓRIO INTERMUNICIPAL DE SAÚDE NA REGIÃO DO MÉDIO PARANAPANEMA	423
ATENDIMENTO EM UBS E VISITA DOMICILIAR DURANTE A PANDEMIA DO SARS-COV-2 EM MANAUS: DIFICULDADES DOS USUÁRIOS NA BUSCA POR SAÚDE E VIVÊNCIA DOS ACADÊMICOS NA PRÁTICA.	424
SEMINÁRIO VER-SUS VIAMÃO (RS): ATIVAÇÃO DE MUDANÇAS NOS MOVIMENTOS ESTUDANTIS À FAVOR DA FORMAÇÃO VOLTADA PARA O SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE (SUS)	426



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

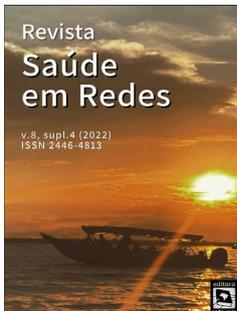
EDUCAÇÃO COMO POTÊNCIA TRANSFORMADORA DO CENÁRIO DA SUBNOTIFICAÇÃO DAS INTOXICAÇÕES EXÓGENAS CAUSADAS PELOS AGROTÓXICOS AGRÍCOLAS EM RONDÁ ALTA.	427
ACESSIBILIDADE DE DEFICIENTES FÍSICOS EM ACADEMIAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA INVESTIGATIVA NA GRADUAÇÃO	430
A ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS NACIONAIS PELA UNIÃO DE LIGAS ACADÊMICAS FRENTE A PANDEMIA DO COVID-19	431
MULHERES EM REVISTA: A PRODUÇÃO DE SABERES, FAZERES E CUIDADOS A PARTIR DA FABRICAÇÃO DE UM FANZINE NA PENITENCIÁRIA FEMININA DA CAPITAL EM SÃO PAULO.	434
VIVENTES DE RUA COM TUBERCULOSE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	437
O USO DA TUTORIA COMO FERRAMENTA DE SENSIBILIZAÇÃO PARA A IMPORTÂNCIA DO CUIDADO EM SAÚDE DAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA COM TRANSTORNOS MENTAIS, NA FORMAÇÃO MÉDICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	439
CONSULTA PUERPERAL: PROMOÇÃO E PREVENÇÃO EM SAÚDE COMO PROCESSO FORMATIVO NO EMPODERAMENTO DE MULHERES ATENDIDAS NA UBS	442
CIÊNCIA E DANÇA: MOVÊNCIAS E INSURGÊNCIAS NO COMPARTILHAMENTO E NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO.	444
CUIDADOS DE ENFERMAGEM ÀS GESTANTES DE ALTO RISCO: VIVÊNCIAS E PERCEPÇÕES DE ACADÊMICAS	447
DIALOGANDO SOBRE A COVID-19 COM CRIANÇAS NA ESCOLA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	450
DESAFIOS PARA O CUIDADO DE CARDIOPATAS EM SITUAÇÃO DE RUA	451
(RE)CONSTRUINDO HISTÓRIA: A INVISIBILIDADE ATRAVESSADA POR RELAÇÕES DE RAÇA, GÊNERO E LOUCURA.	453
DIALÉTICA DA PRECEPTORIA: AFETOS ATIVOS COMO COMPOSIÇÃO DE EDUCAÇÃO PERMANENTE	454
VISITA DOMICILIAR COMO UM INSTRUMENTO DE CUIDADO EM SAÚDE PARA A FONOAUDIOLOGIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	457
DIAGNÓSTICO SITUACIONAL DE UM DISTRITO DE PORTO ALEGRE	458
PANDEMIA DA COVID-19: RELAÇÃO ENTRE VENTILAÇÃO MECÂNICA INVASIVA E ÓBITO	461
PRÁTICAS COLABORATIVAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA: UMA PROPOSTA DE CURADORIA	463



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

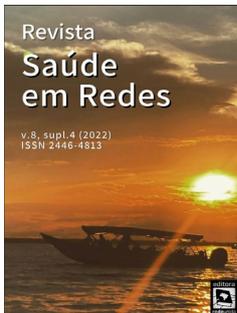
PERSPECTIVAS DO ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO SISTEMA DE SAÚDE BRASILEIRO	465
DESENVOLVIMENTO DE REFERÊNCIAS TÉCNICAS EM GESTÃO DA EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE: UMA EXPERIÊNCIA VIRTUAL DE ENSINO-EXTENSÃO.	468
O AGIR TORTURADOR NO ENCONTRO COM CORPOS MARCADOS PELA DEFICIÊNCIA	471
UMA CARTOGRAFIA NO ATENDIMENTO À GESTANTE EM SITUAÇÃO DE RUA: LIMITAÇÕES E POTENCIALIDADES	474
COVID-19 NO AMAZONAS: UMA ANÁLISE DAS POLÍTICAS DE ENFRENTAMENTO E O CENÁRIO EPIDEMIOLÓGICO NO ESTADO DURANTE A SEGUNDA ONDA.	475
EDUCAÇÃO EM DIABETES NAS ESCOLAS PARA O DESENVOLVIMENTO DE CUIDADOS AO ALUNO COM DIABETES TIPO 1	476
VIVENTES DE RUA E O CUIDADO ÀS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS	477
O MATRICIAMENTO COMO ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA ATENÇÃO BÁSICA	480
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ENFERMAGEM EM UM SERVIÇO REGIONAL DE SAÚDE: EXPERIÊNCIAS DE FAZER/VIVER O SUS	483
OS CUIDADOS DO PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM NO ATENDIMENTO ASSISTENCIAL À PESSOA COM DIABETES	485
O ENSINO CORRETO DA TÉCNICA DE HIGIENE DAS MÃOS PARA ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	486
ATENÇÃO À SAÚDE DOS USUÁRIOS EM UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE DA ZONA LESTE DE MANAUS AMAZONAS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19	487
CUIDADO EM SAÚDE E PREVENÇÃO DE IST'S PARA A POPULAÇÃO JOVEM: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	490
TECNOLOGIAS EM SAÚDE DESENVOLVIDAS PARA A MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA EM PACIENTES COM DIABETES MELLITUS TIPO 1	493
O TRABALHO INTERSETORIAL NO COMBATE À VIOLÊNCIA SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: EXPERIÊNCIA NO TERRITÓRIO	494
GESTÃO DE CASO NA UNIDADE DA MAMA DO CISMENPAR	495
EXECUÇÃO DE AÇÕES DE ASSISTÊNCIA À SAÚDE EM CUMPRIMENTO DE AÇÕES EMERGENCIAIS NUMA ALDEIA INDÍGENA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	497
A LIGA ACADÊMICA DE SAÚDE MENTAL PIAUIENSE: PROTAGONISMO ESTUDANTIL NA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA	499



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

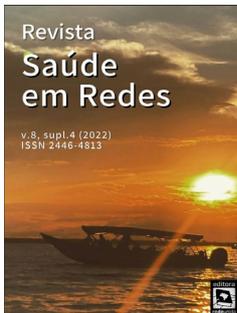
O USO DE ANALGÉSICOS E ANTI-INFLAMATÓRIOS EM ODONTOLOGIA	502
PROPOSTA DE PROTOCOLO PILOTO PARA INTÉRPRETE REMOTO CULTURAL EM UM HOSPITAL PÚBLICO DE PORTO ALEGRE	504
SITUAÇÃO VACINAL DOS SERVIDORES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL: UMA PROPOSTA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE DO TRABALHADOR.	505
O CUIDADO DE ENFERMAGEM NA ATENÇÃO PRIMÁRIA	508
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA RODA DE CONVERSA SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A PESSOA IDOSA REALIZADA POR UMA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES DE MEDICINA	510
CONSELHOS LOCAIS DE SAÚDE E MOBILIZAÇÃO COMUNITÁRIA NO ENFRENTAMENTO AO COVID-19 EM PORTO ALEGRE/RS	512
EDUCAÇÃO PERMANENTE NA ATENÇÃO BÁSICA: POPULAÇÃO LGBTQIA+ EM FOCO	513
PROJETO SAFETY: INFORMAÇÃO, DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E COMBATE AS FAKE NEWS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19	514
RELATO DE EXPERIÊNCIA: APLICAÇÃO DA AVALIAÇÃO DO PÉ DIABÉTICO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA.	515
A VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA COMO FATOR CONTRIBUINTE PARA OS EVENTOS ADVERSOS NAS PLATAFORMAS DE MÍDIA DIGITAL	516
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ATENÇÃO À SAÚDE EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE EM MANAUS AMAZONAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA	518
LINHAS DE CUIDADO DE PESSOAS HIPERTENSAS ASSISTIDAS NA UBS	519
O DIREITO MATERNO EM NÃO AMAMENTAR EM UM HOSPITAL INICIATIVA AMIGO DA CRIANÇA: POSSIBILIDADES MULTIDISCIPLINARES	521
EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE O USO DE TECNOLOGIAS NÃO INVASIVAS PARA ALÍVIO DA DOR NO TRABALHO DE PARTO	522
SONHO (R)EXISTÊNCIA: O VIRTUAL NO VIRTUAL	523
O SABER, INTERESSADO, VIVO E EM ATO: UMA METODOLOGIA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ENFERMAGEM EM UM SERVIÇO REGIONAL DE SAÚDE	526
AÇÃO COLETIVA E COOPERAÇÃO: POR UMA NOVA REGIONALIZAÇÃO	528
CAMPANHA DE INCENTIVO À VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19 E AMPLIAÇÃO DA COBERTURA VACINAL DE GESTANTES E PUÉRPERAS EM UM HOSPITAL	529
AS POSSIBILIDADES DA METODOLOGIA ATIVA FRENTE ÀS IMPOSSIBILIDADES DE ESCUTA DA CRÍTICA	530



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

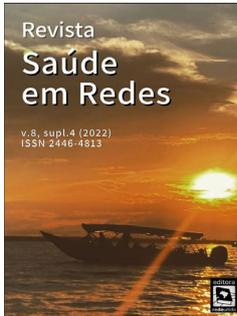
MATERNIDADE NA RUA: UMA ANÁLISE BIOPSIKOSSOCIAL DA SAÚDE DAS MULHERES QUE GESTAM EM SITUAÇÃO DE RUA	531
EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE DIREITO DAS MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA	534
SAÚDE BUCAL E QUALIDADE DE VIDA DOS IDOSOS COM DIABETES MELLITUS E HIPERTENSÃO ARTERIAL SISTÊMICA MATRICULADOS NA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ABERTA DA TERCEIRA IDADE EM MANAUS AMAZONAS	535
FORTALECIMENTO DO SUS POR LIGAS ACADÊMICAS POR MEIO DE UM CONGRESSO ONLINE	538
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ENFERMARIA PSIQUIÁTRICA DO CENTRO DE DETENÇÃO PROVISÓRIA DE MANAUS (CDPM)	541
IMPACTO DA PANDEMIA DA COVID-19 NAS PRÁTICAS CLÍNICAS DOS ACADÊMICOS DO CURSO DE ODONTOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS	542
EXPERIÊNCIA DO FISIOTERAPEUTA NO ENFRENTAMENTO DA COVID-19 EM AMBIENTE AMBULATORIAL	544
ESTAÇÃO COM VIDA CIDADÃ, UM CONVITE À AÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO INTERVENÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA	546
DESAFIOS DA ASSISTÊNCIA FISIOTERÁPICA VIA TELEATENDIMENTO EM TEMPOS DE PANDEMIA POR COVID-19: UM RELATO	549
OS VÁRIOS ESPECTROS DOS NEGACIONISTAS NA PANDEMIA EM SANTA CATARINA	551
EVASÃO ESCOLAR: UM DESAFIO AINDA MAIOR ENTRE ESTUDANTES AUTODECLARADOS NEGROS NO BRASIL	552
A SAÚDE MENTAL DOS ESTUDANTES: O QUE SE TEM FEITO NO IFRS?	555
UMA LUTA ANTIMANICOMIAL PARA ALÉM DOS MUROS: OS ENTRELACES DA ARTE E O CUIDADO DE SI	557
COVID-19 EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS	559
POLÍTICAS DO CUIDADO NAS POÉTICAS DA RUA: ARTE E TERRITÓRIO COMO PISTAS PARA A CONSTRUÇÃO DE UM SUS POPULAR	560
ANÁLISE DE MODELOS DE ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA COVID-19: CAMPOS DOS GOYTACAZES, CARAPEBUS, CONCEIÇÃO DE MACABU E QUISSAMÃ	561
IMPACTOS DE UM MINICURSO VIRTUAL SOBRE CUIDADOS EM HIPERTENSÃO ARTERIAL E DIABETES MELLITUS NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE NA FORMAÇÃO DE ACADÊMICOS DA ÁREA DA SAÚDE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA LIGA ACADÊMICA INTERDISCIPLINAR	562



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

RELATO DE EXPERIÊNCIA: OPORTUNIZANDO TROCAS ENTRE OS SERVIÇOS DE SAÚDE E EDUCAÇÃO EM UM DETERMINADO TERRITÓRIO	564
RELATO DE EXPERIÊNCIA: A IMPORTÂNCIA DA ATIVIDADE PRÁTICA PARA OS ALUNOS DE MEDICINA EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE.	566
ABORDAGEM DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO COM USUÁRIAS-CIDADÃS EM SAÚDE MENTAL	567
CUIDADOS DE ENFERMAGEM A UMA GESTANTE DE ALTO RISCO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	570
SAÚDE NO TERRITÓRIO E OS POVOS ORIGINÁRIOS: NARRATIVAS NO PROGRAMA MAIS MÉDICOS	573



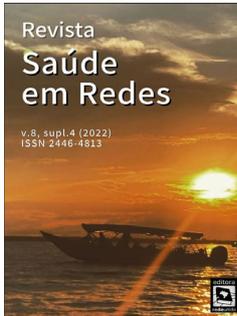
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE: POTÊNCIA NO ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA POR COVID-19

NOEMI DA SILVA PEREIRA, DANIEL DA SILVA CONSTANTE, ELISABETE CRISTINA DOS SANTOS, NICOLLY PAPACIDERO MAGRIN, SARAH BEATRIZ COCEIRO MEIRELLES FÉLIX

Apresentação: Durante a pandemia por covid-19 fez-se necessária a reorganização das ações e serviços na atenção básica para que não houvesse a perda abrupta do cuidado no território. O acompanhamento da comunidade foi fortemente afetado e a criação de estratégias para minimizar a descontinuidade das ações foram alvo de muitas discussões pelos gestores, trabalhadores e estudiosos da área. O objetivo deste resumo é discutir a potência dos agentes comunitários de saúde (ACS) como atores fundamentais para o acompanhamento dos usuários do SUS em seus territórios durante a pandemia de covid-19. O presente resumo apresenta o relato de experiência das vivências de um grupo de ACS em sua atuação junto à comunidade durante a pandemia. Trata-se do relato de 8 ACS que atuam em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) em município no norte do Paraná, no período de março de 2020 a setembro de 2021. De acordo com os ACS, a rotina de trabalho foi especialmente direcionada à identificação, juntamente com a equipe, dos usuários que apresentavam demandas, apoio no agendamento e na busca ativa, orientação aos usuários e familiares sobre a necessidade de manutenção dos atendimentos presenciais ou à distância e estímulo à práticas de autocuidado. Tais ações tiveram a intencionalidade de aproximar a UBS do usuário em um momento de suspensão de consultas eletivas. Para manter a continuidade do cuidado em saúde, os ACS dispuseram-se especialmente de teleatendimento e de visitas domiciliares seguindo as orientações do Ministério da Saúde sobre prevenção a covid-19 e em uso dos Equipamentos de Proteção Individual. Os esforços para a continuidade do cuidado no território foi de toda a equipe de saúde, visto a manutenção do vínculo profissional/usuário, entretanto, os ACS se destacaram enquanto principais articuladores do serviço com o território, materializando a essência e a importância desse trabalho.



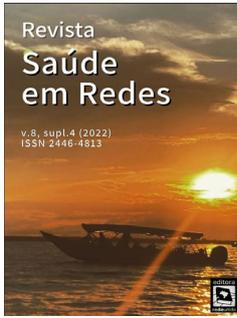
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

A SEXUALIDADE COMO PRODUÇÃO DE VIDA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

LIZ BÁRBARA ESTEVES ARAUJO, DESIRÉE ARIANE MODOS FIGUEIRA ODA, REGINA MELCHIOR, MAIRA SAYURI SAKAY BORTOLETTO

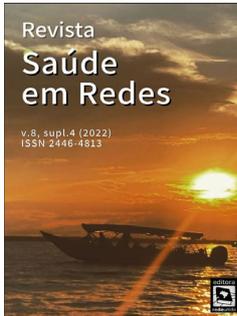
Apresentação: A luta por direitos de acesso e inserção da pessoa com deficiência (PCD) em diferentes frentes (no mercado de trabalho, educação, saúde e socialização) vem ganhando visibilidade a partir das discussões em torno das políticas públicas à PCD, porém a sexualidade apresenta-se como uma temática que permanece silenciada. Os estigmas a respeito do tema reforçam a ideia presente no senso comum de que o corpo do deficiente é marcado pela falta de funcionalidade e imperfeições, colocando-os em uma posição de desvantagem nas relações sociais. Portanto, o objetivo deste trabalho é dar visibilidade aos estigmas relacionados à sexualidade da pessoa com deficiência, a partir de um relato de experiência do encontro de uma das pesquisadoras com uma mãe cuidadora, que solicitou ajuda para lidar com o desenvolvimento da sexualidade do filho autista. Este encontro despertou o interesse em se aproximar da temática da sexualidade da PCD a fim de corresponder aos anseios da mãe e contribuir para o enriquecimento do assunto. Este relato é recorte de uma pesquisa cartográfica realizada em um município da região Sul do país, onde buscou-se analisar as redes de cuidado da pessoa com deficiência a partir da vivência entre pesquisadora, usuário cidadão guia (UCG) e outros atores sociais. Por meio de encontros dialógicos centrados nos usuários, foi possível cartografar a produção do cuidado, considerando as singularidades de cada um. O UCG em questão é um menino de dezesseis anos, autista, que vive isolado com a família em uma chácara próxima ao município. A mãe relata que o menino tem se mostrado cada vez mais interessado em buscar na internet fotos de mulheres de biquíni, ele se diz também apaixonado pelas dançarinas de um programa de televisão e deu indícios da sua vontade de conhecer alguém do sexo oposto. Após esta vivência, sentiu-se a necessidade de problematizar a sexualidade a partir de alguns pontos de vista. O primeiro deles diz respeito aos modelos normativos relacionados à sexualização dos corpos, a autoimagem, questões de gênero, vida social, entre outros estão intimamente ligados à uma construção social de um padrão ideal, excluindo os corpos que nela não se encaixam, principalmente aos que possuem alguma deficiência visível. Outra questão que chamou atenção foi a infantilização dos comportamentos das pessoas com deficiência, independente do momento de vida em que elas se encontram. Muito desse comportamento aparece pela ideia de que indivíduos que necessitam de alguma ajuda para realizar qualquer atividade, são colocados como imaturos e incapazes de tomar decisões e por isso acabam tendo seus desejos invalidados. Esse aspecto da discussão é bem presente na fala da mãe do UCG, pela dificuldade que ela apresenta em perceber o filho crescido. Esses e outros pontos advindos da questão da sexualidade das pessoas com deficiência precisam ser amplamente discutidos considerando que a deficiência é apenas um aspecto dentre inúmeros



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

outros e para que os profissionais da saúde se apropriem e apoiem os indivíduos nas suas especificidades.



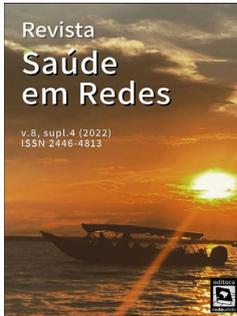
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

A ASSISTÊNCIA AO IDOSO EM MOMENTO DE DISTANCIAMENTO E ISOLAMENTO SOCIAL

DANIEL DA SILVA CONSTANTE, NOEMI DA SILVA PEREIRA, RENATA SILVA ROSA, FÁBIO LUIZ CHECHE PINA

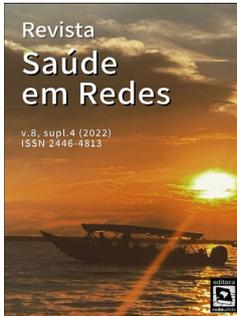
Apresentação: Diante dos agravos causados pela pandemia por covid-19, sentiu-se a necessidade de reestruturação dos serviços de saúde, sendo valorizado o distanciamento e isolamento social. Logo, estimam-se impactos importantes na saúde do idoso, bem como na população em geral, assim sendo, considera-se necessário: 1) identificar fatores que contribuem para o processo de adoecimento da população geriátrica; 2) orientar o usuário a mudanças de hábitos de vida; 3) oferecer assistência a idosos fragilizados e atenção aos pré-frágeis e robustos; e 4) refletir nos prejuízos causados pela pandemia e nas consequências vindas por parte dela. Como alternativa para o rastreamento da dimensão das condições e complicações na saúde geriátrica, utilizou-se como instrumento de triagem desses usuários o Índice de Vulnerabilidade Clínico Funcional-20 (IVCF-20), adaptado para telefone. O IVCF-20 aborda de forma sucinta a autopercepção da saúde relacionada às atividades de vida diária, cognição, humor, mobilidade, comunicação e a presença de comorbidades múltiplas. Considerou-se apto para o teleatendimento o usuário que possuía idade igual ou superior a sessenta anos. A lista com os nomes e contatos dos participantes, assim como outras informações necessárias, foi disponibilizada por uma Unidade Básica de Saúde (UBS) em um município do sul do Brasil, e encontrada no prontuário eletrônico, sendo o contato realizado por meio de celulares disponibilizados pela Residência Multiprofissional em Saúde da Família. Cada ligação durou cerca de 15 minutos, onde grande parte das respostas vieram do próprio usuário. Ocorreram casos em que familiares responsabilizaram-se pela abordagem feita. Vale destacar algumas dificuldades de contato: por se tratar de uma região com grande vulnerabilidade, ocorre a troca de números telefônicos com frequência; a qualidade da ligação interferiu também em alguns casos, onde teve a dificuldade de escuta; outro ponto foi à recusa por parte de alguns idosos. Os casos identificados com fragilidade foram encaminhados e discutidos em reunião com as equipes responsáveis sendo as propostas de intervenção encaminhadas de modo multiprofissional. Idosos pré-frágeis e robustos receberam orientações quanto a hábitos saudáveis de vida. Percebeu-se um número expressivo de usuários com queixas relacionadas a dificuldade em controle de doenças crônicas e organização dos horários para tomar a medicação. A falta de contato social levou a desânimo e tristeza, e também a perda de interesse em realizar atividades anteriormente consideradas prazerosas. Alguns idosos relataram situação de depressão, outros com momentos de esquecimento para realizar as atividades de vida diária (AVD). A falta dos grupos, especialmente o de atividade física, foi citado como preditor de declínio quanto à mobilidade corporal. O trabalho multiprofissional realizado proporcionou assistência, elaboração de planos de cuidado, visitas domiciliares, dentre outras formas de intervenção,



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

e trouxe benefícios para a população. Espera-se que o retorno de consultas eletivas, grupos e atendimentos especializados tragam consigo uma visão mais real do cenário atual, mas também uma esperança de promoção de saúde com mais efetividade.



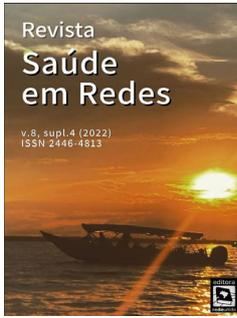
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

MICROPOLÍTICA, CUIDADO E CARTOGRAFIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA (IN)DISCIPLINA

LIZ BÁRBARA ESTEVES ARAUJO, DESIRÉE ARIANE MODOS FIGUEIRA ODA, REGINA MELCHIOR, MAIRA SAYURI SAKAY BORTOLETTO

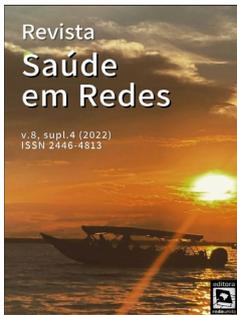
Apresentação: A cartografia chegou para nós pesquisadoras como um tipo de pesquisa desafiador, onde todos os padrões operados pelas metodologias tradicionais são desconstruídos e dá-se início a uma nova ideia do que é e como fazer pesquisa. O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência vivida por mestrandas em Saúde Coletiva na Universidade Estadual de Londrina (UEL), ao participarem de uma disciplina oferecida pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS), onde buscou-se apropriar dos conceitos de Micropolítica, Cuidado e Saúde Coletiva sob o referencial teórico utilizado na Cartografia. No decorrer da pesquisa cartográfica, desenvolvida no mestrado, sobre a rede de cuidado das pessoas com deficiência em um município localizado na região sul do país, despertou em nós o desejo de realizar um aprofundamento teórico a fim de nos marcarmos da teoria enquanto nos abríamos à um novo jeito de fazer pesquisa. Foi quando recebemos um convite para participar da disciplina do EICOS que chegou para nós como uma oportunidade de nos aproximarmos do referencial. Inicialmente ficamos receosas de como seria a interação com o grupo e imaginávamos que os encontros virtuais tivessem certas limitações, especialmente quanto a sensibilização do nosso corpo. À medida em que fomos acessando as ofertas da disciplina, nos surpreendemos com as propostas, e em todos os encontros éramos convidadas a compartilhar aquilo que chamavam de leitura experiência, e que diz respeito às afetações identificadas no decorrer da leitura. A partir de textos e outros conteúdos disparadores como vídeos, obras de arte, um poema, dava-se início aos compartilhamentos e a riqueza do momento se dava pelas trocas de experiências vividas pelos participantes. Era interessante como esta estratégia provocava em nós deslocamentos no momento de leitura individual e continuava nos afetando de formas diferentes ao compartilharmos as experiências com o coletivo. Neste espaço inusitado de aprendizados tínhamos a oportunidade de processar o vivido no campo de pesquisa com outros pesquisadores e o recolhimento das nossas afetações nos ajudou a superar a timidez e o temor que tínhamos em relação às diferentes apostas cartográficas. Apesar dos encontros acontecerem em formato virtual, foi possível compartilhar e processar os afetos e sofrimentos vivenciados nas idas e vindas do campo de pesquisa. A complexidade do que se era discutido nos encontros e a desconstrução das ideias e saberes causou em nós uma sensação de que apenas através da (des)organização de uma (in)disciplina, seríamos capazes de dar sentido à cartografia que estamos construindo. Entende-se que o processo vivido pelo pesquisador cartógrafo pode, muitas vezes, ser dolorido e intenso, por se tratar de um formato de pesquisa onde somos colocados em análise e somos investigadores e investigados ao mesmo tempo,



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

então é de suma importância ocupar espaços coletivos de acolhimento para apoiar nosso processamento e a construção do conhecimento, como o da disciplina relatada.



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

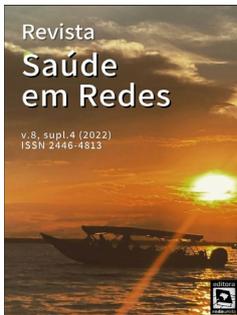
Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

PERCEPÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA PARA PESSOAS QUE VIVEM COM HIV RESIDENTES NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

RENATA LACERDA MARQUES STEFAISK, DENIZE CRISTINA DE OLIVEIRA, CAMILA LAPORTE ALMEIDA DE SOUZA, YNDIRA YTA MACHADO, JULIANA PEREIRA DOMINGUES, SÉRGIO CORRÊA MARQUES, VANESSA BITTENCOURT RIBEIRO

Apresentação: O vírus HIV já acometeu aproximadamente 37, 9 milhões de pessoas em todo o mundo, gerando uma doença cujos desdobramentos não se limitam aos aspectos fisiológicos, mas atingem todas as áreas da vida dos indivíduos, impactando sua qualidade de vida. Viver com o vírus gera a necessidade de cuidado especial com a saúde, que é também impactada pela discriminação e pelo estigma associados à infecção e que constroem barreiras para o desenvolvimento de boas condições de saúde. Deve-se considerar que a qualidade de vida não se limita a sua condição de saúde, mas abarca, também, os âmbitos biológicos, organizacionais, políticos, culturais, individuais e sociais nos quais esse indivíduo está inserido. Uma vez que a qualidade de vida é compreendida como uma percepção individual sobre aspectos como posição de vida, contexto cultural e de valores no qual o sujeito vive e em relação as suas expectativas, padrões e preocupações, compreende-se que a forma como cada pessoa vive e alinha suas expectativas com sua percepção de mundo, influencia a percepção da qualidade de vida. Adicionalmente, uma vez que o estado de saúde influencia em todos os aspectos da vida da pessoa com HIV, percebe-se que a maneira como ele enxerga sua condição sorológica tem influência direta sobre a sua qualidade de vida.

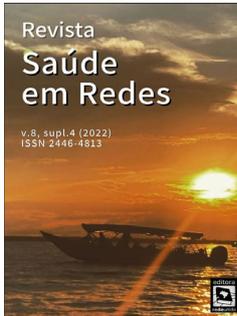
Objetivo: Analisar as percepções da qualidade de vida construídas por um grupo de pessoas que vive com HIV/AIDS. **Método:** Trata-se de estudo qualitativo, com abordagem descritiva, cuja técnica de coleta de dados foi entrevista semiestruturada realizada com dez pessoas que vivem com o HIV, residentes na cidade do Rio de Janeiro. Os dados foram coletados entre abril e julho de 2016 e para análise utilizou-se a técnica de análise de conteúdo temática. A pesquisa respeitou a Resolução nº 466/2012, sendo aprovada pelo comitê de ética do Rio de Janeiro. **Resultado:** A partir da análise das entrevistas por meio da execução das etapas da técnica de análise de conteúdo, foram selecionadas 306 unidades de registro as quais geraram 44 unidades de significação, agregadas em 05 categorias. Tais categorias são: 1- Práticas de promoção da qualidade de vida (42% das unidades de registro), na qual foram descritas práticas que o sujeito executa e considera importante para a manutenção da sua qualidade de vida. Entre elas destaca-se alimentação equilibrada, prática de atividade física regular, frequentar espaços religiosos e de lazer e estar inserido no mercado de trabalho; 2- Acesso ao tratamento e aos serviços (17% das unidades de registro), tal categoria englobou os aspectos ligados à estrutura e funcionamento dos serviços de saúde, disponibilidade de insumos e atendimento profissional; acesso à terapia antirretroviral, bom funcionamento do programa de HIV e qualidade do atendimento médico e de outros profissionais de saúde; 3- Motivações para as práticas de promoção da qualidade de vida (14% das unidades de



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

registro), tal categoria apontou a importância da adaptação e ressignificação da vida após o diagnóstico para que o indivíduo consiga se reorganizar e colocar em prática ações que possam melhorar a qualidade geral da sua vida e da sua saúde, incluindo aspectos como força de vontade, desejo de ter uma vida melhor e a importância de um estado psicológico positivo.; 4- Valorização das práticas cotidianas (15% das unidades de registro), essa categoria contempla a valorização da rotina de vida, o viver uma vida comum e o ajuste após o diagnóstico refletindo a busca pela normalidade possível para as atividades da vida cotidiana; 5- Preconceito e distanciamento social (12% das unidades de registro), reflete as vivências e o medo da discriminação e do preconceito, além da necessidade de manter o diagnóstico em sigilo. Tais aspectos impactam profundamente a qualidade de vida ao influenciar todas as práticas realizadas na vida cotidiana. A análise das categorias propostas permite compreender diferentes dimensões da qualidade de vida para os entrevistados, destacando que a alimentação adequada, atividade física regular e práticas religiosas e geradoras de prazer estão intimamente ligadas à sensação de bem-estar e de pertencimento social. Com relação ao serviço de saúde e ao acesso ao tratamento com a terapia antirretroviral, percebe-se que estão intimamente ligados à percepção de saúde e qualidade de vida demonstrada pelo grupo. Tais aspectos apontam para a associação do tratamento a melhora na expectativa e na qualidade da vida desses sujeitos, uma vez que ele retarda a progressão da doença e auxilia na melhora do sistema imunológico. Observa-se, também, que após o diagnóstico ocorre uma reorganização do ser, das relações e da vida em sociedade, fundamentais para que o grupo seja capaz de se organizar e realizar práticas em prol da qualidade de vida. A partir dessas percepções, o cotidiano é valorizado e associado a uma normalização da forma como o grupo percebe a infecção. Diante da importância das relações sociais estabelecidas pelo grupo e seu impacto na qualidade de vida, deve-se considerar a relação com o corpo, com o parceiro ou parceira, com a sua família, com os amigos e como é desenvolvida a sexualidade do indivíduo. Todos os aspectos elencados e relacionados à manutenção da qualidade de vida se relacionam à vivência ligada ao preconceito. Tal aspecto, pode levar os indivíduos a negarem o tratamento ou mantê-lo em sigilo da família, parceiros e amigos, o que pode desencadear falta de apoio social e sentimentos como solidão e depressão, marcadores negativos da qualidade de vida. Considerações finais: Os aspectos elencados se articulam para construir o padrão de qualidade de vida percebido pelo grupo que vive com o vírus. É importante que os profissionais de saúde compreendam essa diversidade de fatores e atuem para além de promover um atendimento integral, efetivar estratégias para a promoção de qualidade de vida e relações positivas no meio social desse grupo.



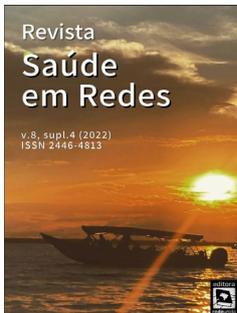
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

EDUCAÇÃO INTERPROFISSIONAL E PRÁTICAS COLABORATIVAS A PARTIR DA PESQUISA E EXTENSÃO EM SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

DAIANA KLOH KHALAF, LAURA CHRISTINA MACEDO, ANTÔNIO FRANCISCO JACÓ RODRIGUES, AMANDA THAIS LIMA, YAN KUBIAK CANQUERINO, IVANA GRIBOGGI, ELISANGELA MARIA DE OLIVEIRA, VANESSA CRISTINE GRAEFF

Apresentação: Este trabalho busca relatar a experiência da educação interprofissional desenvolvida a partir do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão (Nepes) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). **Desenvolvimento:** a educação interprofissional é caracterizada por haver duas ou mais profissões que aprendem entre si, com e sobre as outras, para melhorarem a colaboração e a qualidade dos cuidados, e trata-se de um dos desafios para as instituições de ensino em saúde. O Nepes, mediante atividade de pesquisa e extensão em telemonitoramento, promoção da saúde e prevenção de covid-19 no ambiente acadêmico da UFPR vem promovendo a integração de discentes de diferentes cursos de graduação, entre eles: Enfermagem, Medicina, Medicina Veterinária, Terapia Ocupacional e Nutrição. Quinzenalmente os integrantes reúnem-se de forma remota, através da plataforma Microsoft Teams, para discutirem o tema proposto referente a pandemia de covid-19, sequelas da doença e medidas de prevenção. Assim como esclarecer dúvidas que surgiram durante suas atividades de pesquisa e extensão. Além das reuniões, o grupo realiza capacitações para aprimorar a produção e acessibilidade dos conteúdos que são divulgados nas mídias sociais. **Resultado:** o Nepes, a partir das suas atividades, consegue integrar diferentes saberes, cursos da área da saúde, discentes de diferentes períodos. A partir das atividades de telemonitoramento e elaboração de materiais ocorre o aprender com e entre si, de forma solidária e científica. O desenvolvimento das atividades de forma interprofissional impacta na formação e, posteriormente, no trabalho em saúde, pois prepara os discentes para a prática em equipe e frente a novos desafios, como aqueles impostos pela pandemia de covid-19, permeando desde a necessidade de informações científicas ao trabalho em equipe no ambiente remoto. **Considerações finais:** O desenvolvimento das ações de pesquisa e extensão com a integração de diferentes protagonistas fomenta o exercício de práticas interprofissionais e colaborativas. Além de fortalecer a formação em saúde e o exercício da integralidade.



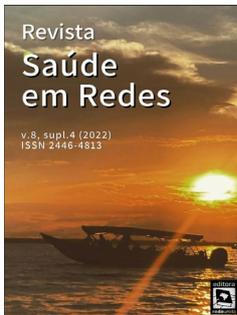
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

ESTRATÉGIAS PARA O FORTALECIMENTO DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE NO MUNICÍPIO DE CAMBÉ/PR

NÚBIA MARA MATTOS FRANCISQUINI, JULIANA MARISA TERUEL SILVEIRA DA SILVA, LUCIMARA CRISTINA FRASSON PONTES, JORGE FORTUNATO LUIS FORTUNATO, ROSELY DE OLIVEIRA BATISTA, CLEONICE RAFALSKI ESCOBOSA, TALITA MARIA BONGOZI GOZI

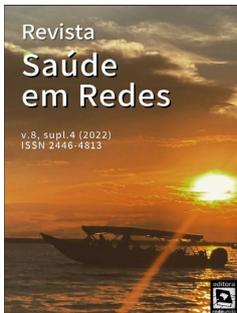
Apresentação: Este é um relato de experiência ocorrido no município de Cambé. A Atenção Primária à Saúde (APS) no Brasil é considerada ordenadora das Redes de Atenção em Saúde (RAS), com isso, a questão da qualidade da gestão e das práticas das equipes de APS tem relevância para o seu fortalecimento. Com isso, para o fortalecimento do SUS tem-se como fator primordial o financiamento da APS. Até 31 de dezembro de 2019, o financiamento da APS era composto pelos Pisos da Atenção Básica-PABs Fixo e Variável. O novo modelo de financiamento de custeio da APS denominado Programa Previne Brasil, é um modelo misto de pagamento que busca estimular o alcance de resultados, composto pelos seguintes componentes: capitação ponderada, pagamento por desempenho e incentivo para ações estratégicas. Sendo assim, destacou-se para foco da ação o componente Capitação Ponderada, relacionado ao cadastros dos cidadãos. Desta forma o objetivo deste relato de experiência foi ampliar o número de pessoas cadastradas por equipe de saúde da família no município de Cambé. **Desenvolvimento:** No município de Cambé a APS é composta por 23 equipes de Saúde da família (ESF) distribuídas em 11 Unidades Básicas de Saúde (UBSs), e desenvolve ações que aumentam o acesso e a qualidade da atenção ofertada à população. No intuito de atingir as metas de cadastro de usuários nas equipes de saúde da família em conformidade com preconizado pelo novo financiamento, o Departamento da Atenção Básica da Secretaria Municipal de Saúde de Cambé, adotou as seguintes estratégias: 1. Sensibilizar as equipes da APS para aumento do vínculo entre o cidadão e o profissional de saúde através do cadastramento dos usuários por ESF; 2. Identificar as dificuldades e barreiras apontadas pelos profissionais para sucesso da ação; 3. Articular estratégias conjuntas para alcance das metas de cadastro de usuários nas equipes de saúde da família; 4. Monitoramento de cadastros por agente comunitário de saúde e 5. Aproximação das equipes através de visita in loco as Unidades Básicas de Saúde, entre os dias 23/03/2021 a 26/03/2021, com a participação das 23 ESF entre enfermeiros, agentes comunitários de saúde e os auxiliares de enfermagem do Programa Saúde da Família (PSF). Em cada UBS, a equipe de gestão da Atenção Básica explanou sobre iniciativa do Ministério da Saúde quanto ao acompanhamento dos cidadãos na APS do Sistema Único de Saúde (SUS) por meio do cadastramento, garantindo incentivos federais aos municípios. A estratégia também se deu compartilhando o monitoramento do cadastramento as equipes, e após, a dinâmica do encontro foi identificar as principais barreiras encontradas que porventura dificultavam o cadastramento. Os profissionais relataram tais dificuldades: falta de agentes comunitários de saúde, visto que



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

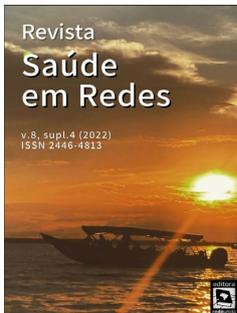
alguns estão adaptados, atestados médicos ou afastamento devido decreto covid-19; crescimento populacional de alguns bairros; barreiras geográficas e dificuldade de alcance de algumas áreas; condomínios verticais e horizontais que dificultam acesso aos moradores pela equipe; residências fechadas, sem moradores em horário de trabalho da equipe; rotatividade dos moradores; falta de computadores ou seu real funcionamento; acesso a internet limitado. Diante destes apontamentos, em conjunto com equipes das UBSs, equipe de gestão da SMS e de outras secretarias, foram adotadas as seguintes estratégias: 1. “Mutirão” de visitas, organizado previamente, nos quais os agentes comunitários de saúde (ACSs) numa força tarefa realizaram ação no bairro, esses mutirões se deram também aos finais de semana a fim de alcançar a população; 2. Mobilização da gestão através de contato com a Secretaria de Educação do município, para viabilização de um ônibus com motorista para auxiliar no deslocamento dos agentes comunitários de saúde até os locais mais distantes da área de abrangência; 3. Contato telefônico de um profissional da gestão com os síndicos de condomínios, explanando sobre a importância do cadastramento para a Política de Saúde, estabelecendo divulgação de um formulário para preenchimento dos moradores, com comunicado assinado pela própria Secretária de Saúde; 4. Distribuição de formulários pelo ACS para usuários preencherem, visto dificuldade de serem encontrados em casa ou irem até a UBS; 5. Algumas UBSs dispararam mensagens por meio de aplicativo para seus usuários; 6. Empréstimo de notebooks e computadores da Secretaria de Educação para “mutirão” de cadastramento no sistema. Impactos: Pode-se observar aumento considerável quanto ao percentual de pessoas adscritas nas Equipes da Atenção Básica, com 98,56% do total da população considerada pelo IBGE 2019. O instrumento utilizado para verificar tais indicadores foi o site do CONASSEMS com o Painel de Apoio- cadastro (adscrição) na Atenção Básica, verificando que no terceiro quadrimestre de 2020, haviam 73.540 pessoas cadastradas, saltando para 90.675 pessoas, ou seja, um percentual de 23,30% de aumento. Além deste indicador, pode-se inferir que por meio destas estratégias utilizadas para o cadastramento, há impacto no relacionamento usuário-serviço, visto aproximação dos profissionais que ganham conhecimento sobre o indivíduo, sua família e a comunidade em que vivem, com melhor reconhecimento e rastreamento de problemas e necessidades. Outros impactos observados foi a aproximação da gestão com os profissionais da linha de frente com a troca de saberes e esforços conjuntos para sucesso da ação, refletindo diretamente na qualidade da assistência prestada à população e responsabilização dos gestores e dos profissionais pelas pessoas que assistem. Proporcionou também às equipes de saúde o conhecimento e atualização de sua população adscrita, a partir dos cadastros e assim promoção da assistência de acordo com suas necessidades e vulnerabilidades. Traçando ações e pactuações para o cuidado integral mais próximas com a realidade local. Considerações finais: Deste modo, a consolidação do modelo de atenção à saúde, alicerçado a APS como eixo coordenador do sistema de saúde teve seu papel na gestão local, intimamente vinculada a ações desenvolvidas no território, aos conceitos de processo de trabalho e de planejamento local em saúde, dependendo dentre outros fatores, da evolução



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

dos resultados alcançados conforme a proposta de atuação. As estratégias adotadas promoveram o fortalecimento da Atenção Primária à Saúde, no seu papel protagonista de produção e gestão do cuidado integral em rede, impactando positivamente na vida das pessoas. A gestão em saúde é parte indissociável das práticas e da atenção em saúde e compreende um conjunto de processos administrativos e gerenciais essenciais à melhoria da qualidade da assistência prestada a cada indivíduo. No âmbito local, as práticas de gestão estão permeadas pelo próprio processo de cuidado, e pela interlocução com os usuários, as famílias e a comunidade, garantindo incentivos federais aos municípios e qualificando a assistência integral e contínua de pacientes na rede pública, fortalecendo as ações de prevenção e promoção da saúde na Atenção Primária.



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

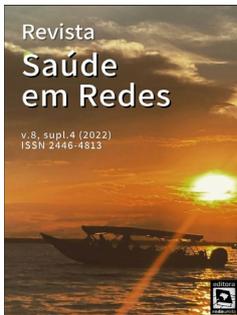
Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

EXPERIÊNCIA EM MOVIMENTO: A IMPLEMENTAÇÃO DA CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE FUNCIONALIDADE, INCAPACIDADE E SAÚDE (CIF) EM UM SERVIÇO ESPECIALIZADO EM REABILITAÇÃO FÍSICA

ANA GABRIELA SAUSEN, LUCAS VINICIUS FISCHER, BETINA BREYER FIGUEIRÓ, MORGANA PAPPEN, GABRIELE ZAWACKI MILAGRES, CAMILA DUBOW, EDNA LINHARES GARCIA, SUZANE BEATRIZ FRANTZ KRUG

Apresentação: A Organização Mundial de Saúde (OMS) propõe a utilização da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) para que o indivíduo seja visto em sua integralidade. Ela conduz uma abordagem à saúde baseada em questões biopsicossociais, com um modelo tridimensional interligando aspectos biomédicos, psicológicos, sociais e a influência do meio ambiente, de modo a transcender o paradigma biomédico, sob a perspectiva da funcionalidade. A CIF tem como perspectiva a inserção do sujeito em seu próprio ambiente, trazendo visibilidade para as experiências de vida e necessidades, além das características físicas, sociais, atitudinais e ambientais que interferem na funcionalidade, que direciona para novos processos de cuidado em saúde. Dessa maneira, a CIF aborda a deficiência como parte ou expressão de uma condição de saúde, não indicando, obrigatoriamente, a presença de uma doença ou de um indivíduo doente. O seu principal objetivo é estabelecer uma linguagem comum para a descrição da saúde e as condições relacionadas, visando a comunicação entre profissionais, população em geral e pesquisadores. Neste estudo objetiva-se descrever e refletir sobre as atividades referentes à implementação da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) em um Serviço Especializado de Reabilitação Física (SRFis).

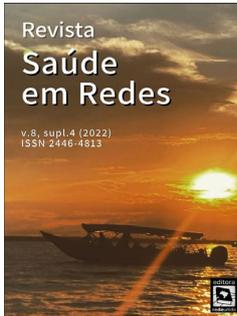
Desenvolvimento: Estudo qualitativo, descritivo, do tipo relato de experiência, a partir das atividades iniciais da pesquisa em andamento Implementação da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF): estudo em um Serviço Especializado em Reabilitação Física de Referência Regional do Sistema Único de Saúde no Rio Grande do Sul". O projeto foi contemplado na chamada 08/20 do Programa Pesquisa para o SUS: gestão compartilhada em saúde – PPSUS, desenvolvida pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Saúde (GEPS) da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Para o presente estudo, serão abordadas as seguintes atividades desenvolvidas: reuniões semanais da equipe do projeto de pesquisa com discussão de referenciais teóricos e organização das atividades referentes à implementação do projeto; um grupo focal com a equipe do serviço, com o intuito de discutir e refletir o processo de implementação da CIF através de questões norteadoras. Além disso, foram realizadas seis entrevistas com usuários do Serviço de Reabilitação para a testagem do instrumento compondo o estudo piloto; 26 entrevistas semiestruturadas, com pessoas com deficiência (PcDs) maiores de 18 anos, usuários (independente do diagnóstico clínico e/ou patologia de base) há pelo menos quatro meses no SRFis e uma oficina de sensibilização com a equipe do Serviço para a utilização da CIF como estratégia de educação permanente



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

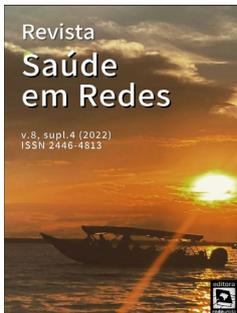
em saúde. As atividades acima delineadas, desenvolvidas de abril a setembro de 2021, produzem reflexões que subsidiam o andamento do projeto. Resultados/ Resultado: As reuniões com ênfase no desenvolvimento, discussão e organização das atividades do projeto de pesquisa ocorrem através do serviço de comunicação online – Google Meet, semanalmente, de maneira virtual, em virtude da pandemia covid-19, com a presença das coordenadoras e dos integrantes do estudo. Da mesma forma, além dos assuntos pertinentes ao encaminhamento e estruturação do projeto e da discussão e reflexão das atividades desenvolvidas com base no cronograma da pesquisa, são realizadas ações de educação em saúde, através da discussão de textos e livros com referencial atualizado da CIF. Nesta ocasião, também são elaboradas a divisão das tarefas previstas a serem desenvolvidas, bem como, a produção de resumos e material científico para publicação em eventos e periódicos, a fim de socializar e contribuir com os resultados obtidos no decorrer da pesquisa. No que se refere ao grupo focal, inicialmente ocorreu a capacitação da equipe do projeto, envolvendo a organização do material para a coleta de dados como projetor, computadores para as gravações e termos de consentimento e, além disso, uma atividade de simulação da metodologia do Grupo Focal. Na simulação, os bolsistas interpretaram integrantes do grupo focal e as professoras coordenadoras interpretaram as moderadoras da atividade. Dessa maneira, pôde-se observar as etapas idealizadas previamente e a sequência a ser seguida na realização da coleta com o Grupo Focal. A realização do primeiro grupo focal da pesquisa ocorreu em dois momentos com duração de uma hora cada, nos meses de junho e julho de 2021, nas dependências da Universidade de Santa Cruz do Sul, em horário de trabalho da equipe, previamente pactuado com a coordenação do SRFis. Teve como objetivos acolher os participantes, realizar pactuações sobre o percurso da pesquisa, assim como, problematizar a temática da CIF entre os mesmos por meio de questões norteadoras. Estiveram presentes a equipe do Serviço, incluindo profissionais, docentes e acadêmicos, totalizando 11 sujeitos, além das duas professoras coordenadoras da pesquisa, que atuaram como moderadoras e uma bolsista, que atuou como observadora. Ao final dos dois encontros, o conteúdo resultante do grupo focal foi transcrito e analisado, subsidiado por um diário de campo elaborado ao longo de todo o processo. A testagem do instrumento de coleta junto aos usuários do SRFis foi realizada no mês de junho de 2021, abrangendo seis entrevistas. O roteiro inicial necessitou de ajustes para contemplar os objetivos da pesquisa. Assim, foi aprimorado e modificado tanto o número de questões quanto a estruturação das perguntas da entrevista, de modo a ampliar concepções sobre cuidado em saúde, possibilitando ao sujeito falar sobre sua deficiência, cuidados e necessidades. Dessa forma, após a adaptação do instrumento de coleta de dados, iniciaram-se as entrevistas semiestruturadas com os sujeitos, conforme os critérios de inclusão da pesquisa. Foram entrevistadas 26 PcDs usuárias do SRFis no período de julho a setembro de 2021, com o intuito de compreender a percepção destas sobre o modelo de atenção à saúde predominante no momento inicial da pesquisa. As entrevistas foram realizadas nas dependências do próprio serviço e o agendamento das coletas se deu através de contato prévio dos bolsistas do projeto com a



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

equipe do mesmo. As coletas foram gravadas através de áudio, perante o consentimento dos sujeitos e após, transcritas em sua íntegra. Com o objetivo de qualificar a equipe do SRFis sobre a utilização da CIF através de estratégias de educação permanente em saúde, uma das atividades previstas no cronograma do projeto são as oficinas de formação. A primeira ocorreu no mês de setembro de 2021 e contou com a presença de oito integrantes do serviço, além de quatro integrantes da pesquisa e durou cerca de uma hora. Nesta ocasião, por meio de metodologias ativas para a construção coletiva de conhecimento, utilizou-se um dispositivo audiovisual de apoio para sensibilizar os trabalhadores do serviço, bem como docentes e acadêmicos que desenvolvem atividades no local. Foram emitidos certificados de participação. Considerações finais: As atividades realizadas refletem importância para a estruturação do projeto, trazendo contribuições reflexivas acerca da temática. O presente estudo possibilitou o acesso a conhecimentos que incentivam e fomentam a utilização da CIF, instrumentalizando a equipe. A oportunidade de produzir e socializar reflexões coletivas aprimora os processos de trabalho e a assistência à saúde.



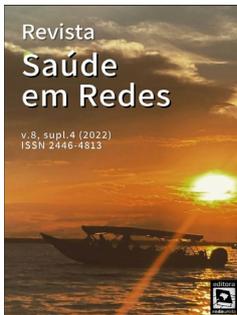
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO MÉTODO DE PROMOÇÃO DA SAÚDE EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

ANTÔNIO FRANCISCO JACÓ RODRIGUES, CRISTIANE SANTANA DE LIMA, LAURA SIQUEIRA ARNEIRO, LIRIAN VAZ DE OLIVEIRA, MARCELLA DO AMARAL DANILOW, LARISSA GOLIN FURTADO, VICTORIA SCHMITT SILVA, JÚLIA DE NORONHA

Apresentação: Este trabalho pretende relatar a experiência da prática de educação em saúde nas atividades desempenhadas pelo Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão (Nepes) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) ao acompanhar casos positivos de covid-19 na comunidade universitária. **Desenvolvimento:** A educação em saúde consiste em desenvolver atividades de promoção, conscientização, reflexão e pensamento crítico acerca de um tema específico, com o intuito de promover boas práticas em saúde. No contexto da pandemia Covid-19 o projeto de extensão Nepes, tem desenvolvido essa prática de promoção da saúde através do telemonitoramento dos casos positivos presentes na comunidade acadêmica, que são detectados por meio do teste RT-PCR nas dependências da universidade. Uma equipe acompanha o estado de saúde dos infectados por meio de um questionário sobre sinais e sintomas de covid-19 e registra as informações no sistema Notifica Covid, do Estado do Paraná, também esclarecem eventuais dúvidas e orienta quanto à boas práticas em saúde, destacando a importância de buscar a rede de saúde do município em casos de piora do quadro clínico. Outra equipe desempenha suas atividades voltadas às mídias sociais, Instagram e Facebook, construindo posts, vídeos, cartazes e guias como material informativo sobre boas práticas contra a covid-19, para a comunidade interna e externa à UFPR. **Resultado:** O Nepes já realizou, desde 2020, o telemonitoramento de mais de 650 pessoas da comunidade acadêmica, entre docentes, discentes, servidores e terceirizados da UFPR, assim como, de pessoas externas com quem tiveram contato. Nesse sentido, a equipe que gerencia as mídias sociais também tem fomentado a interação do público externo e interno à UFPR através de comentários e indagações pertinentes à saúde. Oportunizando a correta orientação sobre os locais de referência em saúde, bem como, atitudes baseadas em evidência. Contribuindo, então, com a diminuição da disseminação de covid-19 no Paraná. **Considerações finais:** O acompanhamento e a orientação de boas práticas em saúde, seja através do telemonitoramento ou pelas mídias sociais, evidencia a importância de utilizarmos as ferramentas digitais como meio de promoção em saúde, e disponibilizarmos informação confiável e baseada em evidência científica à população.



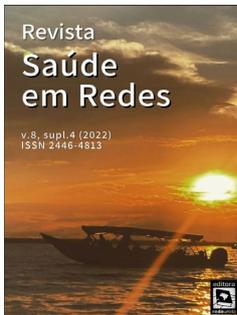
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

TRAJETÓRIAS DE UMA VIVENTE DE RUA COM SOFRIMENTO MENTAL NA REDE DE SERVIÇOS DE SAÚDE

SARA TONINATO, FLAVIA MARIA ARAUJO, LUIZ GUSTAVO DUARTE, KARINA DA SILVA PRESSER, MAIRA SAYURI SAKAY BORTOLETTO

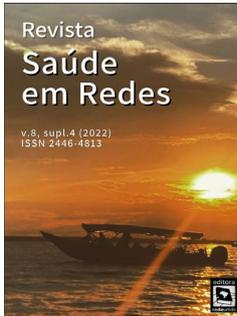
Apresentação: Viventes de rua são caracterizados por pessoas que perderam as condições de realizar a manutenção de suas vidas em um domicílio, por isso fazem das ruas a sua “casa”. Na produção do cuidado em saúde para esse público há diversos pontos problemáticos devido aos estigmas que carregam. O objetivo deste trabalho foi cartografar o caminho de uma mulher vivente de rua com sofrimento mental grave, na busca pela produção de cuidado em saúde e acesso à rede de serviços. **Desenvolvimento:** o caminho do estudo se deu pela cartografia com a estratégia de Usuária Guia-UG. O encontro com a UG foi realizado em atendimento da equipe do consultório de rua da qual uma das pesquisadoras faz parte. A UG tem 39 anos, mulher, vivente de rua, usuária de crack e álcool, com diagnóstico de esquizofrenia. Portadora do vírus do HIV, tem como principal fonte de renda na rua a exploração sexual comercial (prostituição). Histórico permeado de violências. Nunca pôde ser mãe dos seus cinco filhos; a família a rejeita por ser portadora do vírus, sofre estupros na rua. Além dos encontros com a UG fizeram parte de análise informações obtidas em prontuários além de conversas com profissionais que já a atenderam. Outra fonte gerada ao caminhar com ela pela rede produziu muitas afetações, que compuseram um diário de campo. **Resultado:** Nosso caminho começa com a evasão de UG da sua 9ª internação em uma Casa de apoio do tipo II, para adultos convivendo com o HIV/AIDS. Sofre crises graves de abstinência e por isso evade. A aproximação com a UG se deu nos atendimentos na rua com a equipe do Consultório na Rua-Cnar, da qual a pesquisadora em campo faz parte. Também ocorreu pelo acesso a prontuários e conversas com profissionais que já a atenderam. Caminhar com ela pela rede produziu muitas afetações, que passaram a ser redigidas em um diário de campo, de onde foram tirados alguns recortes para ilustrar o que podemos considerar como “nós”, impedimentos para que a UG acesse efetivamente a rede de cuidados. Na ocasião de uma internação da UG, realizada após uma espera de mais de oito horas, recebemos telefonema do diretor clínico do Hospital Psiquiátrico onde estava internada, cerca de seis dias depois da internação solicitando que o Cnar fosse buscá-la pois estava com problemas clínicos por conta da medicação para HIV. Insistia que a levássemos a um hospital geral. Informei que o Cnar não pode fazer esse transporte por conta do estado de saúde debilitado dela, e que ele deveria acionar o SAMU. Ao que o médico questiona como sendo exagero. Afetada respondo: “Quando fomos internar ela aí, fomos de SAMU, e ficamos quase três horas para interná-la, ouvíamos pelo rádio as milhares de solicitações e estávamos ali parados”. Ele pergunta se tinha médico na ambulância e ao responder que não, ele diz: “então não era avançado”. Minha paciência se esgota, digo pra ele: “Doutor, eu sou a psicóloga da equipe do CnaR, fui eu quem assinei a internação da UG, mas faço parte de



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

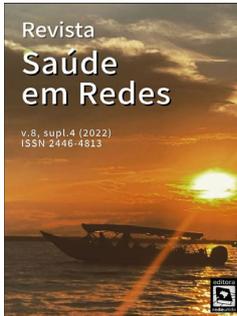
um serviço de saúde, não sou familiar dela, na verdade nós, enquanto serviço, assinamos para todos os moradores de rua, somos referência deles, muitos nos consideram sua família. O que o senhor faria se um paciente aí do hospital estivesse infartando? Ligaria para a família ir buscar ou ligaria para o SAMU? Ressalto com ele que o fluxo “ideal” seria eles acionarem o SAMU, que regularia para algum hospital geral e depois ela retornaria para o Hospital Psiquiátrico para a continuidade do tratamento ele acaba por concordar comigo, dizendo que acionará o SAMU. A dicotomia entre mente e corpo ainda hoje se encontra presente no discurso e no fazer de vários profissionais e isso dificulta muito o acesso do cuidado “como um todo”. Ela se encontrava muito debilitada fisicamente com vários “problemas clínicos” em grande sofrimento mental (esquizofrenia e abuso de SPA). O Hospital busca de todas as formas retirar ela do local, sem levar em conta a gravidade também da sua saúde mental, produz um “recorte” da UG, e com isso o cuidado não pôde ser produzido. É nítida a postura de “retirar da frente e devolvê-la ao Cnar”. É perceptível a dificuldade de se estabelecer uma rede de cuidados; a delicadeza da situação de saúde da UG requer o estabelecimento de um rizoma, de uma rede interligada com todos os serviços que a atendem, como articulação do Hospital Geral com o Hospital Especializado para continuidade do tratamento, articulações com a rede familiar (ela tem uma irmã que está disposta a acolher, se ela estiver “com remédios” (SIC)), articulação com a UBS do território, para acompanhamento e dispensação de medicamentos, articulação com a Abordagem Social e com o acolhimento institucional se não for possível o retorno familiar, enfim, é possível delinear um caminho de cuidados, respeitando a sua singularidade de mulher, vivente de rua, com sofrimento mental. No seu primeiro atendimento com o Cnar, há aproximadamente 5 anos atrás, ainda não fazia uso de SPA, a condição de viver na rua acaba por “empurrar” os viventes para o uso de SPA, como eles dizem: é impossível viver na rua “de cara limpa”, a grande maioria acaba desenvolvendo o hábito do uso. A rua, com as suas garras, a capturou. UG fez várias tentativas de acessar a rede, que mais uma vez não faz conexão/rizoma com ela. Em um Hospital Secundário, local buscado espontaneamente pela UG, o que poderia ser uma importante tentativa de auto cuidado acabou sendo tolhida pela instituição, que exigiu que a mesma entrasse “via SAMU” (SIC), conforme o protocolo estabelecido; o hospital, literalmente, “bate a porta na cara dela”, deixando a rua como única saída. O que sobressai neste momento é a impotência frente às burocracias, protocolos e fluxos que não atendem às necessidades deste grupo social, que demandam um olhar ampliado, que abarque toda a singularidade e complexidade que a situação apresenta. O princípio da Equidade presente nas normativas do SUS muitas vezes não encontra eco nos profissionais de saúde, que acabam por não ter um olhar sensível diante da situação apresentada. “Perdíamos” a UG, que continuava “perambulando” pelos serviços, tendo suas vulnerabilidades cada dia mais potencializadas. Percebemos uma imagem que fazem dela. Em uma instituição em que estive internada encontrei o seguinte registro: “Não trabalha depende de ajuda, possui comprometimento mental”. Isso soou muito pesado, preconceituoso: ela precisa de ajuda, não consegue trabalhar pois possui comprometimento mental, uma “mendiga”. Na nossa sociedade capitalista trabalhar é um



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

questo imprescindível. Fica explícita a posição em que a colocam: se desenha o seu “não existir” por não trabalhar. Considerações finais: É visível a dificuldade de acesso aos equipamentos de cuidado, por parte destes viventes, assim como é visível o tratamento diferenciado, pelo fato de viverem nas ruas. O preconceito, tão espraiado no nosso tecido social, também captura os profissionais de saúde. É rotina a equipe do CnaR ser acionada na frente de hospitais, de UBSs, das UPAs, para atender viventes de rua. Embora esses serviços sejam porta aberta do SUS, o cuidado não acontece, são “jogados” para o Cnar. Desse modo, fica aparente a dificuldade que os viventes da rua enfrentam para acessar os serviços de saúde, que pouco fazem rede com eles.



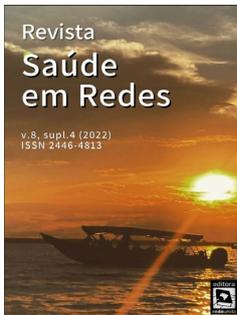
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

PRÁTICAS DE CUIDADO NA ATENÇÃO BÁSICA

ANA LÚCIA DE GRANDI, TATIELLY MENEGASSO CASTELUCCI

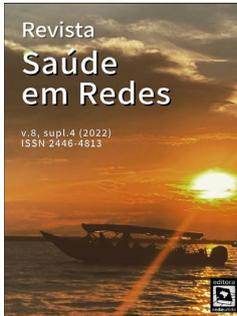
Apresentação: Cuidar é um ato produzido por meio de encontros que podem ou não gerar vínculos. Os vínculos permitem a produção do cuidado e são necessários para todas as formas de vida animais, sendo entendido de diversas maneiras, variando conforme as vivências, necessidades, ótica e cultura dos usuários e trabalhadores. A produção do cuidado em saúde é o objetivo dos trabalhadores em saúde, visto que, por meio do cuidado integral, se tem a possibilidade de atingir a cura. O cuidado é um acontecimento do qual utiliza-se de valises tecnológicas, das quais Merhy (1999) destaca três, as tecnologias duras, que são compostas pelos materiais, objetos utilizados no decorrer do encontro, as leve-duras, que são os conhecimentos acerca do problema, sua epidemiologia, fisiologia, sinais e sintomas, e a leve que é composta pela interação, conversa, troca entre profissional e usuário, visto que, por meio da interação há o reconhecimento das expectativas, medos e demais adversidades que possam interferir no cuidado. Não há prevalência de uma tecnologia sobre a outra, porém como dito que o cuidado ocorre nos encontros que geram espaços em comum para troca de informações, o uso em comum das tecnologias durante o encontro é a chave para a prestação de um cuidado integral ao usuário, visto o mesmo de forma holística, atendendo e reconhecendo as fragilidades que podem ser supridas pelo serviço, como proposto pelos princípios do SUS. A atenção básica, entendida como porta de entrada da população aos serviços de saúde, pode desenvolver um vínculo maior com as pessoas atendidas devido ao fato de ter um contato mais próximo com as mesmas, por estar inserida no mesmo território, além de atuar na prevenção e promoção da saúde local. Desta forma, este trabalho busca conhecer as práticas de cuidado adotadas na produção do cuidado em serviços de atenção básica à saúde por meio de uma revisão integrativa de literatura. **Desenvolvimento:** Trata-se de um estudo de revisão integrativa que refere-se a um método que gera a síntese de conhecimento e aplicabilidade de resultados de estudos relevantes na prática. Para o tema da produção do cuidado em serviços de atenção básica à saúde, o que nos inquieta é conhecer, por meio de produção bibliográfica, quais são as práticas de cuidado adotadas pela atenção básica, com foco na produção do cuidado dos usuários desses serviços. Realizou-se a busca bibliográfica nas seguintes bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO), PubMed, boletins, manuais, livros e trabalhos de conclusão de curso (TCC, monografias, dissertações e teses). Utilizaram-se os indexadores “Atenção Básica”, “Estratégia Saúde da Família” e “Cuidado em Saúde”, extraídos dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Como critérios de inclusão, utilizaram-se: artigos que abordassem as modalidades de atenção básica no SUS, no enfoque a produção do cuidado nesses serviços, com disponibilidade online na íntegra, no idioma português, publicados nos últimos cinco anos, na área temática de ciências da saúde. Os critérios de exclusão foram: artigos que não abordassem a modalidade de atenção básica, ou que não tivessem enfoque no cuidado a



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

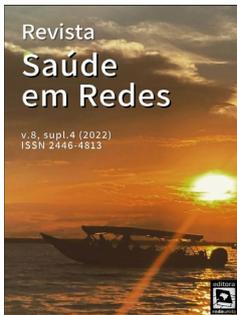
saúde e aos usuários, trabalhos repetidos em bases de dados diferentes e que não abordem o tema da pesquisa. Após a identificação dos artigos, de acordo com o objetivo do trabalho e os critérios de inclusão previamente definidos, seguiu-se com a leitura dos títulos e resumos e, nos casos em que os títulos e resumos foram suficientes para definir a seleção inicial, a leitura na íntegra foi realizada. Para a análise, os artigos selecionados e posteriormente lidos na íntegra foi procedido com a extração dos dados para a construção do trabalho. Resultado: Foram encontrados 530826 trabalhos que, a partir dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 28 trabalhos para este texto. A atenção básica é procurada diariamente pelos usuários do serviço, e é nesse espaço que se encontra uma diversidade de demandas, sendo os processos de saúde-doença variados, assim como também variam as modalidades de cuidado, de acordo com o momento histórico-cultural, a situação socioeconômica, as políticas públicas de saúde, os recursos colocados à disposição e o conhecimento da sociedade. As equipes de saúde da atenção básica, seus trabalhadores, têm que estar abertos para perceber as peculiaridades de cada situação que se apresenta, buscando agenciar os tipos de recursos e tecnologias (leves, leve-duras e duras) que ajudem a aliviar o sofrimento, melhorar e prolongar a vida, evitar ou reduzir danos, (re)construir a autonomia, melhorar as condições de vida, favorecer a criação de vínculos positivos, diminuir o isolamento e abandono (BRASIL, 2013). Nesse sentido, a capacidade de acolhida e escuta das equipes as demandas, necessidades e manifestações dos usuários no domicílio, nos espaços comunitários e nas unidades de saúde é um elemento-chave. Existem várias definições de acolhimento, tanto nos dicionários quanto em setores como a saúde. A existência de várias definições revela os múltiplos sentidos e significados atribuídos a esse termo, de maneira legítima, como pretensões de verdade. O acolhimento é uma tecnologia do encontro, baseada na escuta qualificada, com o objetivo de garantir o acesso do usuário ao serviço, com presteza e corresponsabilização. Ou seja, o mais importante não é a busca pela definição correta ou verdadeira de acolhimento, mas a clareza e explicitação da noção de acolhimento. Nesse sentido, poderíamos dizer, genericamente, que o acolhimento é uma prática que deveria se fazer presente nas relações de cuidado, nos encontros reais entre trabalhadores de saúde e usuários, nos atos de receber e escutar as pessoas, podendo acontecer de formas variadas. Entretanto, há um componente importante e bem mais sensível à relação profissional-usuário que está restrito ao encontro entre estes dois sujeitos. O cuidado se constitui na disponibilidade de se dar ao outro, de dividir, de se preocupar, de se comunicar, incorporando as prerrogativas que constituem um dos principais objetivos do atendimento em saúde, que são essas ações de cuidado que possibilitem amenizar sofrimentos. Pensar o cuidado coletivo em saúde, em contextos nos quais a demanda é maior que a oferta, é procurar formas de responder a essas demandas voltando-se para compreensão de necessidades dos usuários, abrindo canais de comunicações que produzam resolutividade. Nesse contexto, se faz necessário encontrar novas possibilidades que poderão estar inseridas na concepção de ampliar as opções de alternativas ao modelo convencional. Para que se alcancem esses objetivos, faz-se necessário melhorar as relações entre trabalhadores e usuários presentes



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

nos serviços de saúde. Considerações finais: O cuidado é mais abrangente do que apenas a cura para uma doença, pois envolve a individualidade de cada um, o contexto de cada usuário e a necessidade de reinvenção tanto dos trabalhadores quanto dos serviços de saúde. O território das ações cuidadoras é de domínio não somente de trabalhadores que atuam na área da saúde, mas também dos usuários dos serviços de saúde em geral. Assim, produzir cuidado em saúde é tarefa a ser compartilhada por todos os trabalhadores de uma unidade de saúde. Todos podem acolher, escutar, interessar-se, contribuir para a construção de relações de confiança e conforto.



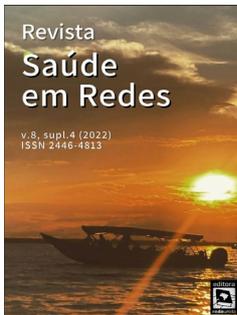
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

O CONSUMO DE ÁLCOOL NA PANDEMIA DA COVID-19: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

VITÓRIA DA SILVA ARMELIN, LOHANA CRISTINI EXPOSTO MORO, MATHEUS VINÍCIUS DE SOUZA, ANA LÚCIA DE GRANDI

Apresentação: Durante a pandemia do novo coronavírus, a Organização Mundial da Saúde (OMS), estipulou alguns mecanismos para desinfecção, como a higiene das mãos e uso de álcool em gel, que são algumas das medidas essenciais para evitar a disseminação do vírus. Porém, esta medida gerou alguns mitos, como a ideia de que a bebida alcoólica poderia proteger do contágio do novo coronavírus. Esta fake news se agravou, ao ponto de que a OMS precisou lançar um guia de informações sobre consumo de álcool e covid-19. Entre as informações divulgadas, está o aconselhamento de que, apesar do momento em que estamos, é importante se atentar ao consumo de bebidas alcoólicas como forma de lidar com os problemas. Esta pesquisa pretende conhecer o consumo de bebida alcoólica no período de distanciamento social da pandemia de covid-19. **Desenvolvimento:** Trata-se de um estudo qualitativo, de Revisão Integrativa da Literatura, que consiste em resultados obtidos em pesquisas sobre um determinado tema, de maneira sistemática ordenada e abrangente. Para o tema do alcoolismo, o que nos instiga é conhecer, por meio de produção bibliográfica, se houve aumento do consumo de álcool durante o período de distanciamento social, que foi provocado pela pandemia do novo coronavírus. Para este estudo, serão realizadas buscas de artigos científicos na íntegra na base de dados Lilacs e World Wide Science.org, e nas bibliotecas eletrônicas PubMed, Dedalus e SciELO. **Resultados** Desde de o início da pandemia, a mídia divulgou reportagens em que demonstra o aumento de procura e consumo do álcool no período pandêmico. Comprovando estas matérias midiáticas, a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) compartilhou os resultados de uma pesquisa em uma população de 12 mil pessoas, 35% dos participantes relataram aumento na frequência do comportamento binge, que seria o ato de consumir uma grande quantidade de álcool em um curto período de tempo. Ao usar imprudentemente o álcool em um momento estressante a população apresenta mais riscos de acidentes automobilísticos e domésticos e violência doméstica. Corroborando esta afirmativa o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, divulga o aumento de 22% nos casos de feminicídio nos dois primeiros meses de distanciamento comparado com o período anterior a pandemia de covid-19. **Considerações finais:** O estudo ainda está em desenvolvimento, desta forma não conseguimos concluir com veemência. Entretanto destacamos que iremos revisar mais pertinentemente os bancos de dados escolhidos, para contribuir com a melhoria do conhecimento a respeito dos efeitos do álcool na vida das pessoas, focando nos prejuízos decorrentes do mesmo e, acima de tudo, contribuir com a prevenção do uso de álcool.



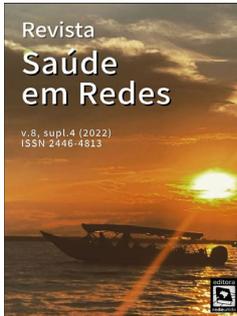
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

O USO DAS REDES SOCIAIS COMO ESTRATÉGIA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA.

MARIANA DE OLIVEIRA LIRO BRUNORIO, IZADORA LEONÍDIA DE BARROS CRISTINO, WELINGTON SERRA LAZARINI

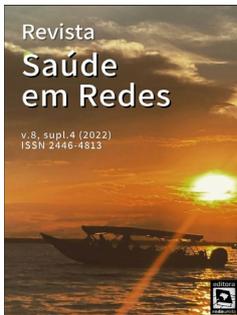
Apresentação: Rede social é um conjunto de agentes e de relações que incluem laços familiares, amizade, contextos de trabalho, confiança e dependência. Com a democratização do acesso à internet, o crescimento do acesso às redes sociais se tornou um fenômeno comum. A sociedade está gradualmente mais conectada e o ambiente virtual facilitou o processo de comunicação e também de processos educativos. Devido a necessidade do distanciamento social para diminuir a transmissão do novo vírus, instituições educacionais precisaram dar continuidade aos processos educativos por via remota ou não presencial. Uma das formas de continuação desses processos foi a criação do Projeto de Extensão Vivências no contexto da Atenção Primária em Tempos de covid-19, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). A Política Nacional de Promoção da Saúde aborda que, tanto profissionais como usuários devem compartilhar informações para promoção de saúde, com o intuito de melhorar a qualidade de vida da população. Em vista disso, a promoção de saúde está articulada a outras políticas e tecnologias a fim de atender as necessidades sociais. Dessa forma, é válido inferir que a utilização de tecnologias promovem a socialização de conhecimentos, tendo como resultado a mudança de comportamentos de saúde. Através de estudos e da compreensão do uso das redes sociais como ferramenta aliada para promoção de educação em saúde, o projeto de extensão criou um perfil no Instagram com intuito de levar educação em saúde através de um formato interativo com os usuários da rede, além disso visa os referenciais teóricos de Freire de construção de conhecimento. Assim sendo, um dos processos educativos que as redes sociais beneficiam é a Educação em Saúde. O perfil criado por alunos do projeto, foi lançado no mês de junho do ano de 2021. A Educação em Saúde pode ser pensada como um campo de práticas e de conhecimento do setor saúde que tem se ocupado mais diretamente com a criação de vínculos entre a ação assistencial e o pensar e fazer cotidiano da população. Isto é, a Educação em Saúde observa as necessidades de uma comunidade e busca meios para criar vínculos com essa população para que as demandas sejam sanadas através de atividades educativas. O objetivo desse Projeto é manter e enriquecer o perfil na rede social Instagram do Projeto com intuito de construção e promoção de conhecimento junto aos estudantes, profissionais da área da saúde e principalmente a comunidade ao que tange a questões voltadas à Atenção Primária em Saúde. Nesse sentido, a facilidade de acesso às redes sociais permite alcançar muitas pessoas, a comparar com uma sala de aula presencial. Assim, vale ressaltar que o uso das redes criam um espaço de interações de forma rápida e dinâmica, que pode viabilizar também o compartilhamento de informações embasadas teoricamente, o que possibilita um saber crítico e coletivo. A idealização dos posts para a rede social se baseia nos referenciais da



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

educação popular em saúde, contrariando o modelo de educação bancária, propondo diálogo e construção conjunta do conhecimento. Desse modo, o perfil do projeto no Instagram atua como mediador da criação de conhecimento juntamente com os seguidores. Demonstrando a ação benéfica das redes sociais em parceria com os métodos de Educação em Saúde. A utilização da rede social buscou abordar temas relevantes da Atenção Primária em Saúde por meio de uma linguagem acessível, para que todos os usuários, sejam ou não da área da saúde, compreendam a temática proposta. Ademais, o projeto faz uso de métodos disponíveis na plataforma do Instagram, para realizar interação com o público de usuários da rede por meio de enquetes e abertura de espaços para debate de temáticas, visando entender o conhecimento prévio da população e levar informações seguras sobre os assuntos abordados. Portanto, em virtude do isolamento social, foi necessário no âmbito da Atenção Primária e das práticas de Educação em Saúde, a necessidade de promover meios de chegar ao usuário da APS, de modo a não expor esse indivíduo a um possível risco de contaminação. Neste contexto, nota-se que as redes sociais foram pontuadas como um forte aliado para acesso e práticas educativas voltadas a esses usuários sem comprometer a segurança dos mesmos. Através dos estudos, a proposta de criação de perfis em redes sociais como Instagram, pode ser observado como recurso voltado à promoção de educação em saúde de forma a alcançar um maior número de pessoas, visto a popularização das redes sociais difundidas na sociedade.



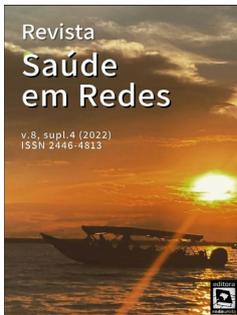
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

EXPLICANDO O ESTATUTO DO IDOSO PARA IDOSOS E DEMAIS USUÁRIOS EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA.

JOICE DE SOUZA RIBEIRO, ANTÔNIA EVIL NNIA CAVALCANTE MACIEL

Apresentação: O Estatuto do Idoso foi criado em 2003, a Lei 10.741, de 1º de Outubro de 2003 dispõe sobre o Estatuto do idoso e dá outras providências, destinado a regular e assegurar o direito da população idosa, esse estatuto é acessível a todos. Segundo Martins e Massarollo (2010) em seu estudo sobre Conhecimento de Idosos Sobre Seus Direitos, apontam que 50,8% dos 60 idosos entrevistados, desconheciam de seus direitos segundo o que dispõe no Estatuto do Idoso. A partir dessa problemática que aponta a sociedade busca a realizações de intervenções, a fim de gerar conhecimento, garantir a preservação de seus direitos e promover saúde. **Objetivo:** Relatar a experiência vivenciada na criação e execução da oficina informativa sobre o Estatuto do Idoso, realizada por acadêmicos de enfermagem em uma Unidade Básica de Saúde na cidade de Manaus. **Desenvolvimento:** Materiais utilizados para realização da oficina: cartazes, projetor de vídeo, materiais de atividades manuais, folder informativo de fácil compreensão. Para o processo de comunicação verbal de cunho informativo, realizou-se uma roda de conversa com a presença de todos os idosos e demais usuários presentes na UBS, nesse momento houve a explanação do Estatuto do Idoso realizada de forma clara e compreensível, permitindo a interação e participação ativa dos idosos presentes na UBS e orientando-os sobre como denunciar caso tenham seus direitos violados, inclusive se estiverem sofrendo algum tipo de violência e sendo privados de suas necessidades básicas. Ao final foram realizadas atividades lúdicas e cognitivas com os idosos, sorteios e ofertado um lanche. **Resultado:** Os idosos puderam sanar suas dúvidas fazendo questionamento e relatando suas experiências, dado o esclarecimento concernente as duvidas alguns idosos relataram que diversas vezes passaram por situações em que desconheciam seus direitos, outros, porém relataram que sabendo de seus direitos puderam exercer quando se sentiram ameaçados ou que eles estavam sendo infringidos. **Considerações finais:** A experiência demonstrou a importância na divulgação do Estatuto do Idoso, embora com 18 anos de existência ainda há desconhecimento sobre o mesmo e dos direitos que ele abrange, muitos idosos vivem em situações de vulnerabilidade e circunstâncias que os ameacem, sem saber que uma lei garante a eles direitos imprescindíveis, como direito a alimentos, direito a liberdade, ao respeito e a dignidade e direito a saúde, além disso percebe-se a importância da enfermagem como ciência que fomenta profissionais a serem também portadores de informações e a disseminem ao público.



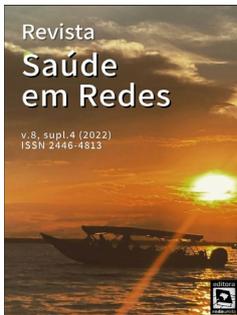
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

DESA(R)T(E)AR OS NÓS: OS MARCADORES EXCLUDENTES DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA

ALINE MILENA CASTRO MATOS, DANIELE NOAL GAI

Apresentação: Essa narrativa é sustentada pela seguinte questão: pode a arte desatar os nós dos marcadores excludentes e despotencializadores do desenvolvimento de crianças e adolescentes? Para que se possa pensar o entrecruzamento entre arte, inclusão e educação, voltamos o nosso olhar para uma das bases de nossos estudos, o capacitismo, que é uma forma de discriminação e preconceito, atrelado a crianças e adolescentes com deficiência. Uma prática capacitista desconsidera as subjetividades dos sujeitos e olha para o outro através de uma única lente, que tem a si próprio, pessoa sem deficiência, como referência de algo bom, completo e comum. Para o capacitismo, os diferentes modos de existir, os diferentes corpos, as pessoas com deficiência, nunca serão satisfatórios, já que não correspondem a uma funcionalidade projetada do dito “corpo normal”, “corpo referência” e “corpo saudável”. Para refletir acerca desses discursos, esta pesquisa tem se debruçado sobre as várias facetas e seus agentes protagonistas. Em um primeiro movimento de sondagem, através de conversações e escutações, fomos até professoras e professores da rede pública de ensino de Porto Alegre-RS, para artesanizar com os nós daqueles que vivem dentro de arenas capacitistas, como é o caso da sala de aula. A estética do local, intencionalmente provocativa e propositiva, convidava cada profissional a compor uma obra de arte que se configurava entre corpos, formando uma roda que, em seu eixo, haviam livros, bolas e telas. As professoras e professores produziram rasgaduras com o que eles presenciavam na escola: expressões fixadas ou ditas sobre os corpos de crianças e adolescentes com deficiência. A partir do nó na garganta foram produzidas artesanias do pensamento, que dizem das diferentes formas de agir, pensar e encarar a realidade da escola. Esse movimento permitiu sentir a fluidez da arte no processo de promoção de saúde mental daqueles profissionais que chegaram adoecidos até nós. O encontro possibilitou uma significativa coleta de dados que compõem um quadro organizado no âmbito do projeto de pesquisa. Dentre as narrativas coletadas estão as seguintes impressões marcadoras e excludentes da diferença: “sempre cansado”, “depressivo”, “agitado”, “atípico” etc. Os resultados publicizados e artesanizados influenciarão diretamente ações no campo da educação especial e da saúde mental, que podem atuar como redes de acolhimento, atenção e inclusão. Entendemos que a escuta, o afeto e a conversa, assim como artes narrativas e artesanias da diferença, podem mudar e até mesmo fazer migrar para outra perspectiva determinadas posturas, atendimentos, intervenções, ações pedagógicas e de cuidado com crianças e adolescentes com deficiência. Para isso, o projeto de pesquisa continua se dedicando ao estudo das diferentes faces que estão envolvidas no processo de uma educação artesanizadora e anticapacitista.



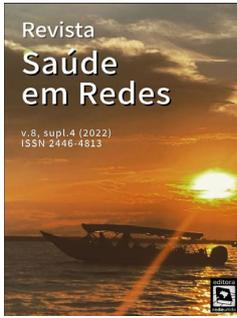
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

REABILITAÇÃO E TRATAMENTO DAS SEQUELAS PÓS COVID-19: UMA VIVÊNCIA DE ESTAGIÁRIOS E TRABALHADORES DA SAÚDE

LUCAS HENRIQUE ROMAGNOLO, CRISTIANE GOLIAS GONÇALVES, YASMIM BORGES GONÇALVES, SABRINA CANHADA FERRARI PRATO, GISELE YURI DA SILVA, GISLAINE NAZÁRIO DE LIMA HAYASHI, ADRIANA TIE SASSAKI, CÉLIA MARIA DA ROCHA MARANDOLA

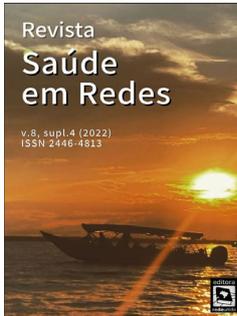
Apresentação: O vírus SARS-CoV-2, causador da Síndrome Respiratória denominada covid-19, tem causado danos à saúde da população do mundo inteiro. A doença provoca sintomas gripais leve/moderado/grave e pode deixar sequelas funcionais (respiratórias e motoras) mesmo após a cura, por vezes, com necessidade de reabilitação e acompanhamento fisioterapêutico. É objetivo do estudo relatar a experiência vivenciada por um estagiário do curso de fisioterapia e profissionais de saúde durante o atendimento inicial à paciente pós-covid-19 num campo de estágio do referido curso. **Desenvolvimento:** estudo qualitativo de caráter descritivo na modalidade relato de experiência realizado por estagiário do curso de fisioterapia e profissionais de saúde de um Centro de Reabilitação e Promoção à Saúde do município de Cambé-PR, no período novembro de 2020 a novembro de 2021. O atendimento inicial foi composto por anamnese do paciente, execução do teste de caminhada, avaliação da força muscular/respiratória e avaliação da qualidade de vida como ponto de partida. Ao longo da pandemia, as terapias foram evoluindo e se incorporando na rotina de atendimento, ficando cada dia mais organizado e resolutivo com melhora gradativa dos pacientes. **Resultado:** Observamos que os sintomas mais prevalentes apresentados pelos pacientes acometidos pela covid-19, mesmo após a alta hospitalar foram: fadiga, dispneia aos pequenos esforços, dificuldade de realizar as atividades de vida diária, perda de força muscular e limitação na marcha. Porém, os pacientes com sequelas mais graves despertaram na equipe um sentimento inicial de impotência, que aos poucos foi substituído pelo compromisso profissional em prol da melhora clínica do paciente com sequelas. Mesmo com as incertezas (da pandemia) tivemos a oportunidade (trabalhadores e estagiário) de fazer diferença na vida de cada usuário que buscou por atendimento de reabilitação pós a cura por covid-19. Para os profissionais de saúde, mais uma experiência e para os estagiários de fisioterapia uma imersão na prática de saúde que possibilitou a construção de um aprendizado significativo a partir das práticas de saúde. Conforme o relato de um dos estagiários: Fui capaz de iniciar os atendimentos quando a equipe mais precisava de ajuda e, assim, colaborei para com o tratamento integral de pacientes individualizado ou no trabalho com o grupo de pós-covid-19 para pacientes com sequelas de grau leve, sempre supervisionado por uma das fisioterapeutas. **Considerações finais:** vivenciar a pandemia no inter de uma instituição de saúde responsável por tratar e/ou reabilitar a parte funcional dos usuários de saúde trouxe aos trabalhadores da saúde e estagiários muitas angústias pela complexidade dos casos e medo de contaminação ao mesmo tempo em que gerou



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

satisfação. Contudo, aos estagiários, o estudo favoreceu ainda, a apreensão da prática de saúde e despertou a empatia por um trabalho em saúde comprometido com o usuário que busca por cuidado em saúde independente da complexidade ambulatorial. Palavras chave: Trabalhadores da Saúde; Reabilitação; Fisioterapia; Covid-19



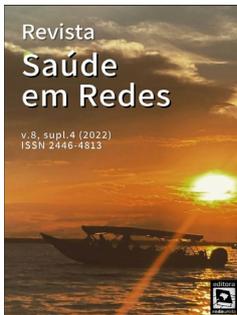
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

TRABALHADOR DE SAÚDE: UM CUIDADOR EM SOFRIMENTO

FLÁVIA MARIA ARAUJO, DANDARA PERARO DE SOUSA

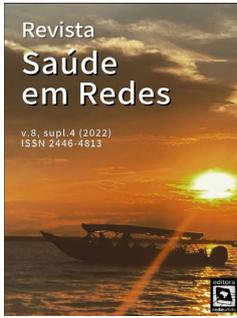
Apresentação: O trabalhador da saúde sofre interferências em sua saúde mental devido à sua atividade laboral. Esse profissional está em uma área onde suas intervenções podem gerar grandes impactos no bem-estar daquele que é atendido, o que lhe traz uma sensação de responsabilidade pela vida do outro. Ele lida com pessoas em sofrimento tanto físico quanto emocional, e por diversas vezes acaba absorvendo esse sofrimento para si e preocupa-se com a vida das pessoas de quem cuida. Um outro fator gerador de estresse importante, é a sobrecarga de trabalho, pois com frequência há um número insuficiente de trabalhadores para a demanda existente. Para além das questões laborais, esse trabalhador enfrenta os desafios próprios das relações conjugais, familiares, educacionais e tarefas diárias, etc. Desse modo, observamos que para oferecer um bom cuidado em saúde aos usuários do SUS, é necessário oferecer cuidado para o trabalhador da saúde, pois um profissional adoecido perde muito de sua capacidade cuidadora, e vem a se tornar um daqueles que mais precisa de atenção em saúde mental. Muitas vezes o próprio trabalhador não percebe, ou aceita, essa necessidade de cuidar de si mesmo. Em nosso município, temos observado isso se modificar com a frequente demanda de acompanhamento psicológico por parte dos trabalhadores da saúde. **Desenvolvimento:** essa experiência se deu na Atenção Básica do município de Cambé-PR. A atenção básica do município conta com a presença de três psicólogas (autoras do trabalho) atuando no cuidado aos usuários do SUS, realizando acompanhamento psicológico nas Unidades Básicas de Saúde tanto de modo individual como em grupo, além de visitas domiciliares. No dia-a-dia dentro das unidades desenvolvemos um relacionamento de proximidade com os colegas de outras áreas-como técnicos e enfermeiros, auxiliares de serviços gerais, auxiliares administrativos, agentes comunitárias de saúde e endemias -a partir de conversas rotineiras e trabalho em conjunto de forma a fortalecer o cuidado com os usuários. Por múltiplos momentos somos demandadas pelos colegas a oferecermos orientações, conselhos, e também pedidos de atendimento psicológico. Esse acontecimento nos mostra que há sofrimento na vida de nossos colegas, e que a possibilidade de conhecer o trabalho de um profissional de psicologia pode estimular a busca pelo cuidado com a saúde mental, em especial no momento de pandemia, pois desde seu início foi possível observar um crescimento nos pedidos de cuidado por parte dos trabalhadores de saúde da atenção básica, corroborando o fato atualmente, explícito, de que esse momento expôs a fragilidade humana e sobrecarregou os profissionais de saúde. Uma das profissionais atua no serviço há duas décadas, o que possibilitou observar esse crescimento da demanda pela psicologia. Enquanto o home office passou a ser uma importante possibilidade para a manutenção da segurança de trabalhadores de outras áreas, aqueles que estão na área da saúde, pelo contrário, intensificaram suas jornadas presencialmente de forma a oferecer o cuidado necessário à população. Tal situação gerou



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

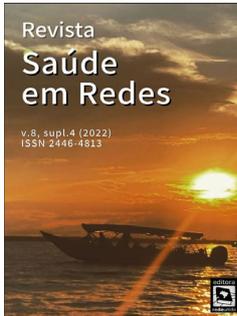
e intensificou medos e ansiedades prévias, assim como provocou maior cansaço físico e diminuiu as possibilidades de momentos de relaxamento e distanciamento de vínculos. Portanto, vemos com satisfação a busca por atendimento psicológico por parte de nossos colegas, pois demonstra confiança em nosso trabalho. Entretanto, em respeito às orientações do Código de Ética de Psicologia que preza pelo sigilo profissional e intimidade dos usuários. Tais elementos, assim como a sensação de confiança e segurança são a base de um atendimento psicológico, o que ficaria prejudicado em um atendimento aos colegas do mesmo ambiente de trabalho. Quando explicamos essa questão na maioria das vezes a resposta é: “mas eu não ligo e ficaria bom para mim ser atendido aqui”. Nesses momentos explicamos que entendemos a questão da praticidade, mas não seria o ambiente adequado, tampouco corresponderia às orientações da nossa categoria profissional e correríamos o risco de ficarmos na posição de “confidentes” dos colegas ou “juízes” quando se refere à dificuldades na relação entre profissionais do mesmo serviço. Frente a isso encontramos como solução nos dispomos a oferecer acompanhamento à quem nos solicita, desde que não trabalhe na mesma unidade de saúde. No intuito de preservar a ética da profissão e o bem estar de todos, passamos os pedidos dos colegas que trabalham na mesma unidade para serem atendidos pelas psicólogas que trabalham em outra UBS. Tentamos buscar os melhores critérios para essa organização com os colegas que nos procuram. Quando o profissional reside na mesma cidade, mas na região de referência de outra psicóloga, o encaminhamento é feito para sua UBS de referência. Mas se o profissional mora na mesma área de abrangência dos territórios de trabalho buscamos outras possibilidades (lembrando que cada psicóloga é responsável por 3-4 unidades), como: a) preferência do colega por alguma unidade; b) a unidade mais próxima de onde trabalham e que haja outra profissional de saúde mental para atender; c) unidade onde há uma menor lista de espera; d) conhecimentos técnicos da psicóloga que possam ser adequados para a demanda pedida pelo colega. Resultado: Como resultado desta prática temos observado um efeito positivo a partir do relato de colegas que estão realizando atendimento psicológico e percebem a melhora nos sintomas de ansiedade, depressão e aumento na qualidade de vida. Contribuímos também para a concretização do princípio do SUS de atendimento universal, pois os trabalhadores também são, como todo brasileiro, usuários do SUS. Dentro das possibilidades e limites, temos conseguido contribuir para o cuidado com os trabalhadores do município. Considerações finais: essa experiência mostra que no dia-a-dia de trabalho os profissionais da saúde são afetados em sua saúde mental, devido ao estresse da rotina e das situações difíceis com as quais tem contato diariamente. Por um lado isso mostra que estão sensíveis às necessidades de saúde dos usuários, mas tem um prejuízo importante por conta disso quando não tem apoio adequado. Consideramos que é papel do psicólogo, também, estar atento à saúde mental dos colegas e quando houver necessidade, possibilidade e abertura orientar a melhor forma de obter acompanhamento. Somos todos seres humanos trabalhando em conjunto no SUS para a melhoria das condições de saúde de nossa população, e como característica universal todos



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

temos questões emocionais e fragilidades, tornar o ambiente de trabalho mais ameno e estar atento às necessidades dos colegas nos torna equipes de saúde melhores.



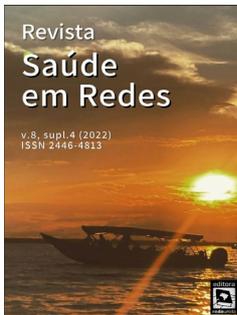
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

VIVENTE DA RUA E MODOS DE HABITAR: UMA APROXIMAÇÃO CARTOGRÁFICA

LUIZ GUSTAVO DUARTE, KARINA DA SILVA PRESSER, SARA GLADYS TONINATO, FLÁVIA MARIA ARAÚJO, MAIRA SAYURI SAKAY BORTOLETTO

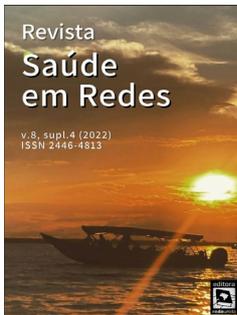
Apresentação: Durante a história dos próprios censos brasileiros desde meados do século XIX, o interesse do levantamento de dados demográficos se debruçava apenas sobre aqueles que possuíam domicílio, sendo portanto, domicílio-centrado. Todos aqueles que não possuíam domicílio, só seriam contabilizados caso se enquadrassem em algum critério que a instituição que realizava o levantamento considerasse minimamente um “domicílio”. Tal prática se estende até hoje com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a realização do censo, por exemplo. O domicílio para o IBGE determina até mesmo a configuração de uma família, considerando aqueles que vivem ali ou não, contudo, não deixando de lado a importância do levantamento de dados produzidos pelo IBGE, há de se problematizar sobre o estriamento que o rigor estatístico produz e reproduz, de modo que não consegue atingir aqueles que são viventes da rua, por exemplo, onde as condições de moradia muitas vezes escapam às definições tradicionais possíveis de domicílio, seja um local onde o vivente está sedentário ou mesmo num modo de viver nômade por onde estas pessoas caminham e vivem pelo espaço urbano. Diante disto, este trabalho buscou discutir a própria relação do vivente da rua com seu espaço. Este estudo faz parte de uma discussão derivada de uma pesquisa de doutorado, sendo realizada por uma vivência em um Consultório na Rua (CnaR) de um município de grande porte do sul do país com o objetivo de cartografar essas vivências, utilizando portanto, como método, uma cartografia. Para disparar a discussão, é trazido aqui o encontro do pesquisador com M.V., visitada pela equipe do CnaR embaixo de um viaduto. M.V. é uma mulher entre 30 e 40 anos, que vive em um vão de um viaduto por onde passa um trem. Nos encontros do pesquisador com esta vivente um certo deslocamento ocorreu, isto pois diante da visita onde a usuária vivia, houve um imediato confronto entre aquilo que se comumente imagina, ou que se recebe de signos, sobre quem seria alguém que utiliza da rua como uma moradia, um local de vivência e M.V., que se servia do espaço de um modo inédito para o pesquisador que destoava da concepção prévia que este tinha já estabelecido em seu imaginário. Distante das imagens e ideias propagadas em um senso comum sobre o modo que as pessoas vivem da rua, M.V. causa um deslocamento, pois onde ela se estabeleceu para viver há toda uma relação com o ambiente que até então o pesquisador não havia presenciado. Ela se firmou neste local já há alguns anos, em decorrência de violências sofridas em seu antigo espaço, compondo neste novo local não apenas um espaço onde busca manter seus bens pessoais como colchões, lençóis e lonas para privacidade, vasilhames para água, entre outros, mas que também procura realizar toda uma ação decorativa neste ambiente onde vive. O ambiente é decorado e organizado com várias figuras e estatuetas que se relacionam com o sagrado, objetos advindos daquilo que acaba encontrando em meio ao entulho descartado, de presentes que lhe dão, ou mesmo



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

aquilo que obtém no cemitério, o qual fica ao lado do viaduto e é uma de suas fontes de renda, onde limpa os túmulos. Quanto aos brinquedos que encontra pelo caminho, os pendura muitas vezes buscando uma organização geométrica entre as pedras de sua parede, de maneira que formem uma certa ambiência com os outros objetos que organiza ali próximo, como sua bancada com materiais de limpeza e de higiene pessoal, ou seu quadro com anotações e lembranças. Ali dentro de seu espaço de vivência, M.V. busca imprimir sua visão de organização do espaço, procura harmonizá-lo de um modo que se componha com seu devir pelos objetos que a cercam, seja criando um caminho de imagens do sagrado na “entrada” de seu espaço ou pelas pinturas que faz com tintas que obtém. Neste modo de organizar o espaço onde vive, o contraste com a casa racional é inevitável. O que ocorre com M.V. é que ela vive em um espaço que não ganha nome no plano de organização (casa, domicílio, moradia, barraco, etc.), mas ainda sim é um ambiente que aparece como uma linha de fuga para aquilo que o racionalizado não consegue abarcar. Percebe-se que o estriamento do espaço urbano se dá pelo reconhecimento de que o domicílio “ideal” é aquele racionalizado dentro do próprio fundamento imaginado da cidade moderna, onde tudo e todos aqueles que não se enquadram não são considerados participantes, ou mesmo dignos de serem cidadãos. A casa racionalizada deve estabelecer certa relação com os objetos, ambiência e entorno para que seja levada em consideração no Estado moderno capitalista como uma moradia “real”. Sabemos que ali onde M.V. está, ocorre uma organização produzida por ela mesma, com um cuidado para estabelecer o ambiente de modo que conflua com seu desejo, mas que no entanto, não conseguimos nomeá-lo com alguma descrição fixa no plano de organização, pois ela não está guiada pelo juízo da casa moderna mas sim numa produção de diferenciação da diferença de si mesma. Este ambiente onde ela vive se destrói e reconstrói constantemente dentro do espaço estriado da cidade, onde muitas vezes M.V. perde suas coisas por furtos, incêndios, roubos, entre outros, e volta a construir seu espaço de outras maneiras. O que sucede é que a partir do encontro inicial com M.V., houve um deslocamento no próprio pesquisador a ponto de começar a se relacionar com os viventes da rua por outros modos durante sua vivência, partindo das suas nuances de arranjo do espaço onde vivem, reconhecendo as suas singularidades, de modo que conforme a duração da vivência se seguia, outros espaços que não se enquadram em uma casa racional acabaram surgindo para o pesquisador, seja em meio de matas urbanas ou viadutos. Aqui assume-se que a heterogeneidade do vivente da rua, e compreender estes outros modos de se relacionar com o ambiente podem passar despercebidos quando estabelecemos como modelo a casa racional, podendo levar a uma homogeneização do vivente da rua. Diante do exposto, há de se questionar como estes modos de viver não racionalizados pelo Estado moderno capitalista são excluídos da própria organização e vida da sociedade, e que apesar disto, continuam existindo e produzindo seus modos de viver, mesmo quando por muitas vezes, não são levados em consideração por instrumentos de avaliação demográfica ou políticas públicas.



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

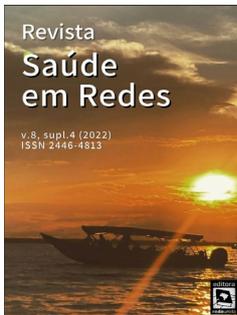
VIVÊNCIAS DE ATIVIDADES DE EXTENSÃO EM MOMENTO PANDÊMICO

LOHANA CRISTINI EXPOSTO MORO, VITÓRIA DA SILVA ARMELIN, PATRICIA MIDORI KOGA, SARAH GIOVANA GIOLO FERNANDES DIAS, LILIAN SOUZA TEIXEIRA, ANA LÚCIA DE GRANDI

Apresentação: O novo coronavírus, que causa a doença covid-19, responsável pela atual pandemia, por seu potencial de contaminação levou o Ministério da Saúde (2021) adotar estratégias de distanciamento social para tentar conter a doença. Com o aumento do número de infectados e de mortes, em países como China, Reino Unido e Espanha, tem ocorrido aumento de distúrbios mentais, como ansiedade e depressão. Essas situações, combinadas ao estresse de um momento pandêmico, faz com que o consumo de álcool também tenha sido um tópico abordado por pesquisadores. Chagas, Paula e Martins (2020) afirmam que no Brasil, as reportagens midiáticas têm apontado, com base na opinião de especialistas, um aumento no consumo de álcool pela população brasileira. De acordo com o Relatório Mundial sobre Drogas de 2021, divulgado em 24/06/2021 pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), cerca de 275 milhões de pessoas usaram drogas no mundo no último ano, trazendo a questão do uso prejudicial/dependência como um problema de saúde global. Isto demonstra que o uso abusivo de substâncias psicoativas atualmente é um grave problema de saúde pública, e esta dependência engloba um conjunto de sintomas cognitivos, comportamentais e psicológicos. Dadas as informações recentes, faz-se necessária uma formação abrangente de futuros profissionais na área de uso de substâncias psicoativas, que saibam trabalhar com essa população, apoiar e cuidar dessas pessoas. Dessa forma, o projeto de extensão Atividades de Psicoeducação para Usuários de Substâncias Psicoativas, vinculado a Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), tem a participação de alunos da graduação dos cursos de Enfermagem e Ciências Biológicas para o desenvolvimento de ações para um grupo de usuários de álcool em reabilitação. A coordenação do trabalho é realizada por uma professora com formação em enfermagem e na área de substâncias psicoativas. Antes da pandemia, tanto as atividades do projeto como as reuniões do grupo eram realizadas de modo presencial, mas passou a ter atividades remotas devido à necessidade de distanciamento social e trabalho remoto. Neste contexto, o presente estudo tem como objetivo apresentar as experiências vividas por suas colaboradoras dos cursos de Enfermagem e Ciências Biológicas nas atividades desenvolvidas no período de pandemia.

Desenvolvimento: Trata-se de estudo descritivo, qualitativo, do tipo relato de experiência, sendo este uma narrativa que demonstra uma experiência singular, de forma ética e científica, sem objetivos de encontrar respostas definitivas, mas apoiando-se na razão, aceitar que há paradoxos permanentes. O foco deste relato é a descrição das experiências vividas no desenvolvimento das atividades de psicoeducação por meio da abordagem online, em um grupo de usuários de álcool em tempos pandêmicos.

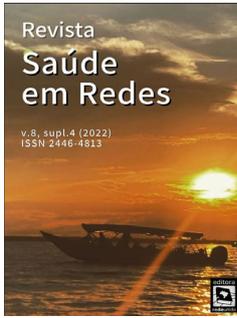
Resultado: O relato é referente ao período de vivência dos alunos com início em outubro de 2020 e segue até o atual momento.



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

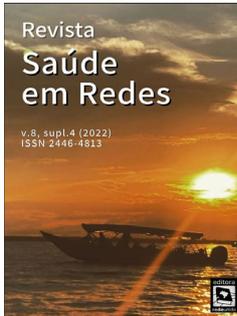
Com o romper da pandemia, se fez necessário uma reinvenção na forma de contato com os etilistas em recuperação. As alunas participantes deste período destacam que no início, a adesão às reuniões online foi prejudicada pela dificuldade de acesso dos participantes ao Google Meet, pois o público alvo não tinha conhecimento suficiente para acessar esta tecnologia. Para amenizar ou mesmo suprir essa deficiência, as alunas gravaram um vídeo instrucional de como acessar a sala de reunião online. Para alguns que conseguiram acessar a plataforma a participação era ativa. No entanto, havia aqueles participantes que não conseguiam entrar nas reuniões por dificuldades pessoais. Para este público foram realizadas ligações telefônicas que tinham o objetivo de praticar uma escuta ativa, promover apoio e passar informações sobre os malefícios do uso e da dependência de álcool. Foi observado que após o contato telefônico havia maior adesão às reuniões, além de notável mudança nas emoções dos participantes. Para uma das estudantes, ao término de uma ligação era como se um raio de esperança surgisse. Para nós estudantes foi muito agradável e gratificante estar ao lado do grupo dos etilistas em recuperação. Mas este período foi passageiro, pois a adesão começou a cair. Para que o contato não se dissipasse completamente, os alunos do projeto optaram por idealizar e construir um portal de informação, desabrochando com a criação das redes sociais deste projeto. A página na rede social Instagram foi criada em 09/03/2021 com o nome de @projeto.psicoedu, tendo 13 curtidas em seu primeiro post, que é composto do nome da rede social. O segundo post é um vídeo informativo sobre os objetivos e compromissos do projeto e da sua página no Instagram, com a marca de 268 visualizações. Atualmente o post mais curtido detém a marca de 25 curtidas, sendo o anúncio do 1º Encontro sobre consumo de substâncias psicoativas da UENP. Além disso, a página possui 138 seguidores, com o objetivo de alcançar voos mais distantes e assim alcançar diversas pessoas que fizeram ou fazem uso de álcool, seus cuidadores, familiares e público com interesse na temática. A página na rede social Facebook @projetopsico possui 179 seguidores e seu post com maior alcance é de 906 pessoas, sendo este de divulgação de uma live realizada pela Pastoral da Sobriedade do município sobre o mês de conscientização e prevenção do uso de álcool e drogas, conhecida como Junho Branco, que teve a participação da professora coordenadora do projeto Atividades de Psicoeducação para Usuários de Substâncias Psicoativas. Além da parceira, teve o objetivo de divulgar o projeto para a comunidade em geral e mostrar as atividades que são realizadas. As alunas participantes puderam perceber que algumas pessoas acessam com frequência as informações divulgadas nas redes sociais, tornando o trabalho dos discentes e participantes do projeto cada vez mais importante. Dessa forma, procura-se fazer com que cada post, além de um momento de reflexão, se torne agradável para o leitor, com informação confiável para adquirir conhecimento e experiência. Considerações finais: A metodologia adotada neste estudo possibilitou a construção de uma narrativa científica, por meio de uma experiência. Esta abordagem mostrou a importância no desenvolvimento de atividades para este público, sendo a técnica da psicoeducação satisfatória. Além disso, por meio das redes sociais é possível alcançar a rede de apoio dos usuários de álcool. Acredita-se que as informações



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

fornechas esclarecem medos, mitos e questionamentos em relação à temática, além do desenvolvimento e amadurecimento dos estudantes em sua formação como futuro profissional.



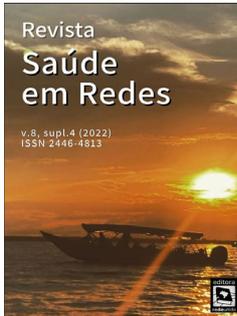
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

SOS COM ARTE: ENTRE ARTES, SAÚDE E EDUCAÇÃO

MIRIAM COELHO PAVAN

Apresentação: O presente resumo traz brevemente a proposta do Projeto de Pesquisa e Extensão Entre: Artesanias da Diferença, vinculado a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade do Estado do Amazonas (UEA). O Projeto traça ações que entrecruzam a arte, saúde e educação para uma rede de professores, estudantes, profissionais da saúde, dentre outros que se interessam por essa temática. Se objetiva, a partir do diálogo entre extensionistas e a rede, promover e fazer da vida arte. Uma arte que atravesse a saúde, que produza acolhimento, uma arte que seja produtora também das subjetividades. Sendo assim, uma das ações pensadas para artesanizar com o fazer artístico chama-se SOS com Arte, em que foi reunida e divulgada a vida e obra de vários artistas que criam a partir da diferença: Judith Scott, Bispo do Rosário e Marina Abramovich são alguns exemplos. Por meio de encontros, postagens nas redes sociais do projeto e troca de e-mails, dialogou-se sobre estas pessoas que carregam consigo as marcas da diferença, da loucura e da exclusão. Carregam, da mesma forma, potência de transformação, criação e inspiração. A vida destes artistas demonstra uma arte produzida no cotidiano da diferença, um cotidiano que é muito vivido nos serviços e ambientes que os atuantes do Projeto e a comunidade alcançada se inserem: Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), escolas, Universidades, etc. Promovendo a arte, promoveu-se também vida nestes espaços. Sendo assim, a partir das ações vivenciadas, observa-se na obra desses artistas um verdadeiro exemplo de prática no cuidado em saúde. Nessa prática o projeto tem oportunizado a criação de arte que seja possibilidade de respiro, que produza vida e saúde. Reivindica-se uma arte que traga mudança, trocas, afetos e escuta, que seja nova possibilidade de vida.



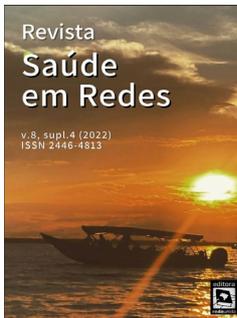
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

ABORTO LEGAL: PERCEPÇÕES DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE ATUANTES EM UM SERVIÇO DE REFERÊNCIA DE UM HOSPITAL DE SANTA CATARINA

THAÍS CORRÊA DA ROSA, ELIANA ELISABETH DIEHL

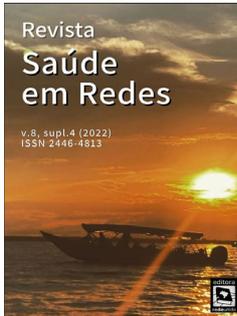
Apresentação: O trabalho apresentado neste resumo trata do tema do aborto legal, mais precisamente das percepções que profissionais de saúde atuantes em um serviço de referência de aborto legal em Santa Catarina tinham sobre o tema no contexto em que a pesquisa foi realizada. O estudo foi desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Farmácia em 2017 e teve como objetivos principais conhecer, a partir de perguntas sobre o cotidiano do serviço, como as/os profissionais de saúde do Hospital Universitário Polydoro Ernani de São Thiago da Universidade Federal de Santa Catarina (HU/UFSC) percebiam a sua atuação neste ponto da rede, bem como identificar dificuldades vividas naquele contexto. A pesquisa foi de abordagem qualitativa, descritiva, realizada com 6 profissionais atuantes no referido serviço por meio de entrevistas com roteiro semiestruturado cedido por Anis-Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero. Participaram do estudo profissionais que compunham ou não a Equipe Multiprofissional de Referência de Atendimento às Mulheres Vítimas de Violência. Foram entrevistados/as profissionais da Enfermagem, Medicina e Serviço Social. O registro produzido a partir da transcrição das entrevistas e do material registrado em Diário de Campo foi analisado segundo a técnica de análise de conteúdo, na modalidade temática. Também foram analisados os documentos que compõem o protocolo de atendimento das situações de aborto legal na instituição. A análise das entrevistas indicou três categorias: (a) Organização do Serviço; (b) “Questões maiores que o HU” e (c) Justificativas de Recusa. Os resultados desta pesquisa apontaram para reflexões a respeito do despreparo de profissionais da saúde para trabalhar de maneira humanizada com a questão da violência sexual e do aborto; sobre o uso inadequado do direito à objeção de consciência nos serviços de aborto legal; a existência de dificuldades institucionais para a plena atuação do serviço; a falta de discussões de gênero nos cursos de graduação da saúde; e, ainda, sobre as barreiras criadas pelos princípios éticos de profissionais da saúde e que acabam impedindo mulheres de exercerem seus direitos sexuais e reprodutivos. A existência de serviços de aborto legal e de instituições de referência para atender a demanda de violência sexual, como é o caso do HU/UFSC, não garante que as mulheres sejam atendidas como lhes é de direito e nem que tenham o direito ao aborto legal assegurado. Para que as mulheres tenham acesso ao aborto previsto em lei, é preciso que o serviço oferecido seja de qualidade, com profissionais sensibilizados/as para o tema, estrutura necessária e, obviamente, é essencial que as mulheres saibam que possuem esse direito e como acessá-lo. Pesquisas como esta permitem tornar visível a realidade vivida no interior dos serviços, possibilitando sua avaliação em comparação com as Normas Técnicas oficiais. A partir dos achados desse estudo e da literatura utilizada, é possível identificar a necessidade de incluir a discussão sobre os Direitos Sexuais e Reprodutivos na formação de



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

profissionais de saúde, de maneira efetiva e ampliada, em uma perspectiva multiprofissional e interdisciplinar. Além disso, evidencia a necessidade de ações de Educação Permanente em Saúde.



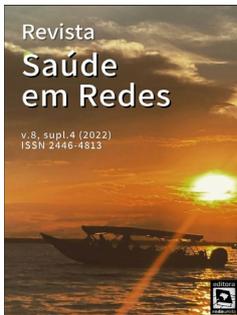
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

ANÁLISE DOS FATORES DE RISCO PARA SÍNDROME DE BURNOUT ENTRE OS PROFISSIONAIS MÉDICOS: REVISÃO DE LITERATURA

MARIA JÚLIA SANTOS MAGNO, REBEKA VITÓRIA DOS SANTOS MACHADO, ANA BEATRIZ VIEIRA DA ROSA FRANCISCO, ANNE SERRUYA, BIANCA GOMES FARIA, NATHÁLIA PERRET GENTIL, ANTÔNIA EVIL NNIA CAVALCANTE MACIEL

Apresentação: Burnout é uma palavra originada da língua inglesa que se refere a falha de um dispositivo elétrico ou componente por exaustão. Portanto, a Síndrome de Burnout (SB), também nomeada de Síndrome do Esgotamento Profissional, é um estado de exaustão emocional, física e mental causado por stress excessivo e prolongado dentro do ambiente de trabalho. Entre os médicos, ela atrai atenção significativa devido ao impacto negativo que causa no atendimento ao paciente e na equipe médica e às suas taxas de associação com erros médicos. Objetivo: Analisar e elencar os fatores que desencadeiam a Síndrome de Burnout entre os profissionais médicos. Método: Trata-se de um estudo do tipo Revisão Integrativa de Literatura e foram utilizadas SciELO, PubMed e Medline como base de dados, onde os artigos utilizados foram publicados entre 2014-2021, nos idiomas Inglês e Português, utilizando os descritores: médicos; saúde do trabalhador e Síndrome de Burnout. Após filtragem foram selecionados 20 artigos que foram lidos e analisados na íntegra, realizou-se fichamento dos artigos e tabela com dados coletados dos artigos. Resultado: Alta carga de trabalho, idade avançada e muitos anos de experiência profissional, burocrática organização multidisciplinar das unidades de saúde e contato contínuo do médico com o sofrimento de seus pacientes. Estudos indicam uma alta prevalência de burnout entre os médicos em atividade e mostram que um terço dos médicos passou por um esgotamento profissional em determinados momentos ao longo de suas carreiras. Os sintomas da SB têm início durante a época da faculdade de medicina, continuando durante todo o período de residência até, por fim, amadurecer no cotidiano dos médicos em atividade. Estudos sugerem que a prevalência de SB entre estudantes de medicina varia entre 31 a 49,6%. Entre os residentes, 50 a 76% dos residentes de cirurgia e medicina interna são afetados, respectivamente. Considerações finais: Os fatores associados à SB foram os relacionados à organização e estrutura do trabalho e a forma de enfrentamento ao stress. Palavras-chave: Síndrome de Burnout; Médicos; Saúde do Trabalhador.



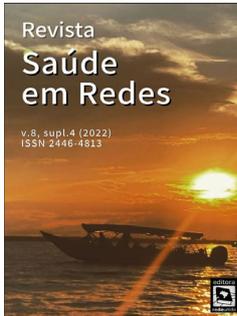
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

AGENTES COMUNITÁRIAS DE SAÚDE: PROFISSIONAIS ESSENCIAIS NO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL NA ATENÇÃO BÁSICA

FLÁVIA MARIA ARAUJO, OLÍVIA DO NASCIMENTO, OLÍVIA DO NASCIMENTO

Apresentação: O acolhimento em saúde mental na atenção básica pode ser realizado por todos os profissionais de saúde, a psicologia entra como especialista no apoio e matriciamento. **Objetivo:** buscamos evidenciar o papel das ACS nessa função. **Desenvolvimento:** trata-se do cotidiano de trabalho da várias UBS do município de Cambé em que ocorre articulação entre psicóloga e agentes. É frequente a procura dos usuários pelas ACS para acolhimento, “desabafar”. Nas visitas domiciliares fazem vínculo, e quando o usuário sente necessidade de conversar vem até elas nas UBS. São capazes de oferecer suporte para o sofrimento, e procuram a psicóloga para aprimorar seu modo de acolher e tirar dúvidas quanto aos momentos em que devem orientar a procura pelo acompanhamento especializado com a psicologia. **Resultado:** as ACS ampliam o alcance de acolhimento em saúde mental, pois estão abertas ao acolhimento na UBS por demanda espontânea e estão em maior número do que a psicologia. Elas tem papel fundamental em várias histórias. Uma delas se deu em uma visita da ACS para fazer levantamento em relação ao perfil epidemiológico da área. Havia um questionário com várias perguntas e uma delas abordava tentativas de suicídio. Frente a isso, a usuária do SUS responde que no exato momento em que a agente a chamava na porta de casa ela estava prestes a cometer suicídio. A agente então faz um acolhimento, escuta a história e oferece ajuda. Ao retornar à UBS fala com a enfermeira que faz uma visita e ambas a convidam para participar do grupo de escuta na UBS. Ela aceita, participa, isso ocorreu há alguns anos, a usuária não fez mais tentativas de suicídio, e ainda mantém vínculo com essa agente, sempre que se encontram agradece por ter lhe salvado a vida. Outra mais recente trata-se de uma mãe que foi pedir ajuda à agente para a filha que estava com depressão há alguns anos e não queria sair de casa. A agente faz contato com a psicóloga que telefona para que a jovem compareça na UBS para acolhimento, mas ela não vem. Então agente e psicóloga fazem visita domiciliar em conjunto, a agente apresenta a psicóloga para a usuária, que muito espantada por receber duas profissionais interessadas em saber como ela estava sentindo-se, consegue se abrir, confessa que gostaria de morrer, mas aceita frequentar a UBS para acompanhamento psicológico, e assim segue recebendo escuta para as dores emocionais. **Considerações finais:** as agentes são importantes para melhoria e ampliação do acolhimento em saúde mental, afinal elas são as profissionais que tem maior contato com a população. Isso colabora para tornar a atenção básica mais resolutiva e abrangente ao atingir um número maior de usuários. Com as ACS os usuários podem receber acolhimento, o que pode atender à demanda do momento, além de detectar casos que necessitam do acompanhamento especializado. Também colocam em prática algumas das premissas do SUS como a atenção baseada no território e multiprofissional.



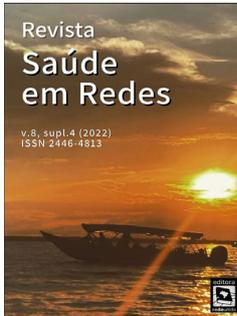
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

TEMA: CONTRIBUIÇÃO DA ARTETERAPIA NA QUALIDADE DE VIDA DA PESSOA COM ESQUIZOFRENIA

MARINA MONTEIRO FERNANDES, MUNISE PAULA CARDOSO ALMEIDA, RAFAELLE SCARPIM ALVES, TALISSA THAYNÁ GONÇALVES PERUCCI, ANA LÚCIA DE GRANDI

Apresentação: A arteterapia é uma forma benéfica no tratamento da esquizofrenia, abordando um método que ajuda a pessoa a se libertar do isolamento social e, nas alterações de comportamento, como nas alucinações, desenvolve formas e estratégias para uma melhoria na qualidade de vida. Este estudo visa investigar a contribuição da arteterapia como estratégia no tratamento de pessoas com esquizofrenia, para uma melhoria na qualidade de vida. **Desenvolvimento:** Este trabalho apresenta uma revisão integrativa de literatura com publicações entre os anos de 2010 a 2020, cuja coleta de dados ocorreu em fontes disponíveis online. Foram utilizados os indexadores Esquizofrenia, Qualidade de vida e Arteterapia, tendo como pergunta norteadora: “De que modo a arteterapia têm influenciado na qualidade de vida das pessoas com Esquizofrenia? A busca dos estudos ocorreu por meio da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), nas bases de dados da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs); Base de Dados de Enfermagem (BDENF). O total de resumos artigos foram 74, sendo 49 na base de dados Lilacs, 20 na BDENF, cinco no Medline. Foram excluídos 66 artigos por não atenderem ao tema e incluídos oito artigos. No entanto, dentre eles descartamos quatro por repetição, ou seja, publicação idêntica. O total de artigos que atenderam ao critério de inclusão foram quatro artigos. **Resultado:** Relatou-se que a arteterapia tem ajudado pessoas a suportarem o sofrimento que a psicose lhes causam, sendo um processo terapêutico em que a pessoa pode se expressar, sentindo-se acolhido. Os estudos demonstraram que a arteterapia é um processo eficaz e necessário no tratamento da esquizofrenia, tendo melhora em sua qualidade de vida. Um dos artigos selecionados relatou a importância da arteterapia correlacionada ao tratamento medicamentoso, pois o tratamento geral tem se mostrado mais eficaz do que apenas o tratamento com fármacos, se configurando em um importante instrumento de cuidado. Os trabalhos relatam que a arteterapia tem um resultado positivo no quadro psíquico, sendo que a arte veio para ajudar a pessoa com esquizofrenia a ter uma reintegração social e uma melhor conexão com a realidade, propiciando mudanças no campo afetivo. **Considerações finais:** O estudo possibilitou uma análise da importância da arteterapia no tratamento da esquizofrenia, sendo uma forma fundamental de acolhimento da pessoa.



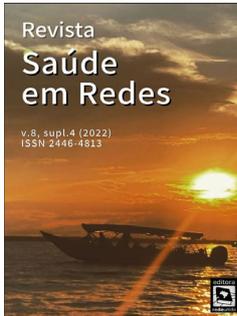
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

OS ANIMAIS COMPANHEIROS DOS VIVENTES DA RUA: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA CENA CARTOGRÁFICA

LUIZ GUSTAVO DUARTE, KARINA DA SILVA PRESSER, SARA GLADYS TONINATO, FLÁVIA MARIA ARAÚJO, MAIRA SAYURI SAKAY BORTOLETTO

Apresentação: A relação que os viventes da rua possuem com seus animais já é reconhecida, de certo modo, até mesmo pelas próprias políticas públicas, quando em alguns projetos de Centros de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP) aparece um espaço destinado para acolher estes animais enquanto o usuário é atendido. Partindo desta verificação, durante a realização de uma cartografia em um Consultório na Rua (CnaR) em um município de grande porte no sul do país, o pesquisador em seus encontros vivenciou com a equipe um acontecimento que tensionou a relação entre o CnaR e a vivente da rua com seu animal companheiro. Uma vivente da rua, que chamaremos aqui de M.V., necessitou de um internamento em ambiente hospitalar devido a crises epiléticas aliadas a uma infecção do trato urinário, contudo ela vivia em um viaduto de um trilho de trem, com seu companheiro atual e sua cachorra, chamada Menina, que a acompanha há mais tempo que seu próprio companheiro. Além das outras situações e condições que M.V. enfrentava em sua vida, acabou aceitando o internamento para uso da medicação devido a infecção, entretanto, Menina não tinha com quem ficar, pois o companheiro de M.V. estava em uso de drogas constantemente, o que não garantia a confiança de M.V. para ele cuidasse de Menina. O que sucedeu para garantir a manutenção do internamento de M.V., além de inúmeros outros condicionantes e situações, foi o acolhimento do animal por um profissional do serviço de abordagem social durante o período que a usuária esteve internada. Após retornar ao lugar onde habitava, em uma visita do CnaR, ela questionava sobre o retorno de sua cachorra. Apesar de ser informada que logo ela seria trazida, sua ansiedade perante a uma possível perda de sua companheira reinava. No final desta cena as afecções do acontecimento persistiram, provocando estranhamentos e reflexões. Apesar de no Centro POP do município haver um espaço destinado para um canil, este não funciona, e a rede criada para o acolhimento de Menina no momento do internamento de M.V. foi uma rede informal, pautada na ação pessoal do agente da abordagem que dispunha de meios, disponibilidade e desejo para tal. Isto demonstrou que não há um fluxo estabelecido para possíveis cuidados e acolhida dos animais durante o período que os viventes da rua, precisam acessar certos equipamentos, como hospitais, abrigos, Unidades de Pronto Atendimento, entre outros. Portanto, diante da reflexão apresentada, vê-se que o vínculo afetivo que o vivente da rua possui com seus animais, precisa ser levado em consideração na hora de proposições de ações com estes, caso contrário tais ações correm o risco de serem infrutíferas tanto para o vivente da rua como para o serviço proponente, pois parte delas estarão pautadas num rompimento de vínculo afetivo alegre entre vivente da rua e o animal companheiro.



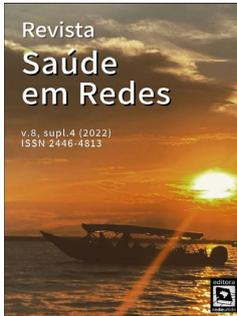
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

ANÁLISE DE MODELOS DE ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA COVID-19: MACAÉ, SÃO FIDÉLIS, SÃO FRANCISCO DE ITABAPOANA E SÃO JOÃO DA BARRA

ADELAIDE RODRIGUES DE MOURA, FLÁVIO VISENTIN PECCI MADDALENA, MOEMA MONTEIRO BATISTA, KATHLLEEN TEREZA DA CRUZ

Apresentação: Em 18 meses de pandemia, o estado do Rio de Janeiro, que é um dos epicentros da crise no Brasil, está com 1282592 casos confirmados e 38984 mortes (dados do dia 29/09/2021). Nos primeiros meses da pandemia as medidas adotadas eram as medidas não farmacológicas, isso porque ainda não existiam vacinas para o novo vírus da família coronavírus, essas eram baseadas em distanciamento social, uso de máscaras, entre outras. Com isso, considerando a diretriz de regionalização do SUS e reconhecendo que dentro de uma mesma região de saúde há iniquidades o interesse deste trabalho é entender como os municípios do Norte Fluminense vêm adotando medidas não farmacológicas como forma de enfrentamento da pandemia. Pretende-se identificar a realidade dos planos de ação que estão em curso na região. Esse trabalho faz parte da pesquisa Enfrentamento do covid-19 na Região Norte Fluminense e Baixada Litorânea: Ações, perspectivas e impactos. Analisa os modelos de ação realizados nos municípios de Macaé, São Fidélis, São Francisco de Itabapoana e São João da Barra, utilizando-se como referência a modelagem das ações de medidas não farmacológicas sugeridas nos estudos do Imperial College. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cuja análise dos dados coletados será realizada por meio da análise de documentos municipais obtidos através dos sites oficiais. Essas informações extraídas serão cruzadas com os dados epidemiológicos disponibilizados pelos municípios que expressam os resultados das medidas na evolução da pandemia. Atualmente, estamos na fase de coleta de dados e categorização dos documentos, que ocorre concomitante ao levantamento de literatura relacionada ao tema



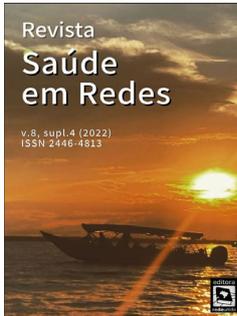
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

IMPLANTAÇÃO DE UM PROGRAMA DE TREINAMENTO FÍSICO PARA PACIENTES PÓS-COVID19 NO AMBULATÓRIO MUNICIPAL

SANDRA CRISTINA CAVALLI MOISES, ANNE CRISTINE BECCHI, NATÁLIA SERRA LOVATO, WELLINGTON BERBEL, RENATA SILVA ROSA, KÁTIA SANTOS DE OLIVEIRA, VANIA CRISTINA DA SILVA ALCÂNTARA

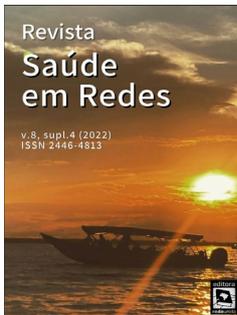
Apresentação: A síndrome pós-covid-19 é uma recente demanda do Sistema Único de Saúde, caracterizada por um conjunto de sequelas que persistem mesmo após o término da infecção aguda, podendo ser dividida em sintomático contínuo, quando os sintomas perduram de quatro a 12 semanas ou síndrome crônica quando os sintomas estão presentes além das 12 semanas. Entre os sintomas mais comuns estão, fadiga, dificuldade respiratória aos esforços, dores musculares e articulares, tonturas, vertigens, ansiedade e irritabilidade. Com o intuito de promover a plena recuperação destes pacientes, a Secretaria Municipal de Saúde de Londrina (PR) implantou em maio de 2021, o ambulatório de reabilitação pós-covid-19, contando com equipe multiprofissional, inicialmente formada por profissionais de educação física e fisioterapeutas. **Desenvolvimento:** em outubro de 2020 foi criado um grupo de trabalho para discutir o processo de atendimento ambulatorial para pacientes que haviam sobrevivido à covid-19, composto por profissionais da secretaria de municipal de saúde, enfermeiros, médicos, educadores físicos, fisioterapeutas e psicólogos. Em maio de 2021, foram elaborados os fluxos para encaminhamento e critérios de regulação dos pacientes, ocorrendo o matriciamento de toda equipe das Unidades Básicas de Saúde (UBS), por meio de plataforma remota. Os profissionais de educação física que atuam nas UBS participaram de capacitação para atualização das mais recentes recomendações sobre o programa de exercícios para pacientes que foram acometidos pela covid-19. O atendimento ambulatorial é composto por duas etapas principais, a primeira sendo reabilitação fisioterápica, e a segunda o treinamento físico. Especificamente na segunda etapa, estão sendo ofertadas 22 vagas atualmente, distribuídas entre seis profissionais de educação física. Antes de iniciar o programa de treinamento, é realizada uma avaliação física, para verificar os possíveis déficits nas capacidades de força muscular, aptidão aeróbica, flexibilidade e equilíbrio, além de algias e sintomas que ainda persistem. A prescrição do treino é elaborada de acordo com as necessidades individuais, priorizando exercícios para ganho de força muscular e capacidade cardiorrespiratória. As sessões são ofertadas duas vezes por semana até que seja atingida a condição de alta, que ocorre quando o paciente alcança ao menos os parâmetros mínimos das capacidades de força e aptidão aeróbica, esperados para a idade e/ou condições de retornar as duas atividades da vida diária e laborais. **Efeitos percebidos no decorrer da experiência:** os primeiros pacientes apresentaram ganhos significativos nas capacidades físicas relacionadas à saúde, redução de artralguas e mialguas e condições para retorno das atividades domésticas e laborais, estes efeitos foram alcançados entre dois e três meses do programa. **Considerações finais:** A síndrome pós-covid-19 pode ser altamente incapacitante,



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

impactando na rotina diária, o programa de exercícios prescrito e orientado de forma individualizada e segura, pode ser um grande aliado para a redução ou mesmo remissão dos sintomas, proporcionando o retorno de todas as atividades.



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

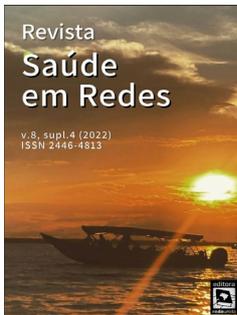
Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO CUIDADO DE CRIANÇAS PORTADORAS DE CARDIOPATIA CONGÊNITA NA ATENÇÃO HOSPITALAR: UMA REVISÃO DE LITERATURA

ROSERLAINE PRISCILA MOTA, ANTÔNIA EVIL NNIA CAVALCANTE MACIEL, ANTÔNIA EVIL NNIA CAVALCANTE MACIEL

Apresentação: A cardiopatia congênita é uma patologia que afeta o coração, causando deformidades a sua estrutura, uma vez que os cardiopatas encontram-se em uma categoria de alto risco, e 30% dos cardiopatas apresentam-se em estado crítico, necessitando de intervenção cirúrgica ainda nos primeiros meses de vida. O diagnóstico é realizado no decorrer do pré-natal onde o exame de ecocardiografia identifica a anomalia no feto, podendo ser detectado até na primeira semana ou no primeiro mês de vida. Tendo em consideração que as cardiopatias congênitas são anomalias que afetam as condições de vida e de desenvolvimento da criança e que a enfermagem está incluída em todos os estágios de cuidado a pacientes neonatais e pediátricos portadores de cardiopatias, mesmo em setores não especializados, como as unidades neonatal e pediátrica, há necessidade de aprimorar a prática clínica desse profissional, com o intuito de desempenhar os cuidados seguros e embasados em evidências científicas. A SAE é uma ferramenta que viabiliza ao enfermeiro exercer seus conhecimentos técnicos e científicos durante o cuidado ao cliente. Considerando a sua importância, tal como os coeficientes que provocam e atestam os obstáculos identificados no momento de sua implementação, é fundamental que aconteça debates e qualificações sobre o assunto, a fim de que o processo se torne efetivo em todos os serviços de saúde, sendo que sua importância está evidenciada onde a sua implementação foi aplicada. O presente estudo teve por objetivo geral: Identificar e relatar processos de Sistematização da Assistência de Enfermagem para o cuidado de crianças com cardiopatia congênita em unidade hospitalar e como objetivos específicos: Demonstrar a importância de implementar o Processo de Enfermagem na assistência a crianças com cardiopatia congênita hospitalizadas; Descrever os métodos de criação e implementação da SAE em hospitais pediátricos que admitem crianças cardiopatas a luz da literatura; Relacionar a utilização de práticas lúdicas no cuidar em enfermagem pediátrica enfatizando a importância da participação familiar para melhor aceitação dos procedimentos pelas crianças.

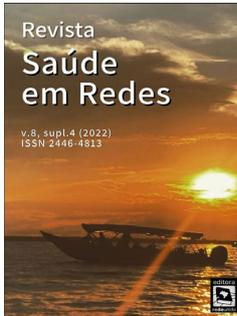
Desenvolvimento: O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva, de caráter bibliográfico. A pesquisa descritiva integra um estudo observacional, sendo que o processo descritivo tem como objetivo a identificação, registro e análise das características, fatores ou variáveis que se associam com o acontecimento ou processo. A grande contribuição da pesquisa descritiva é propiciar novas perspectivas sobre uma realidade já conhecida. A coleta de dados para a pesquisa bibliográfica foi realizada em bibliotecas eletrônicas, como: Portal de periódicos Capes, Google Scholar e SciELO. Os artigos utilizados nessa pesquisa, foram os publicados nos últimos seis anos, sendo então, artigos



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

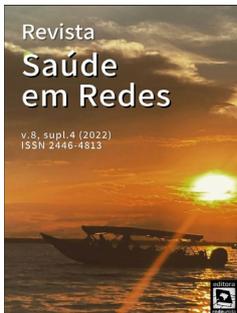
que foram publicados entre os anos de 2015 a 2021. Neste estudo entraram em critério de exclusão, os artigos que não exibirem o texto na íntegra, artigos que os temas, títulos e objetivo não se introduzam a proposta, artigos com a publicação que não estejam dentro do período determinado ou que não correspondam aos objetivos da pesquisa. No decorrer da pesquisa, foram utilizadas publicações relacionadas ao atendimento hospitalar da enfermagem pediátrica prestado a crianças com cardiopatia congênita, estabelecendo como conteúdo de busca o título e as palavras-chave como “enfermagem pediátrica”, “cuidados de enfermagem”, “cardiopatias”. A pesquisa bibliográfica fez parte de todo o trajeto, desde o início até final do trabalho. Os resultantes da pesquisa foram retratados de forma textual, submetendo-se a uma sistemática no sentido de atingir as finalidades propostas neste tema. O propósito da realização desta etapa foi de organizar os dados compreendidos nas fontes e seguir a seguinte proposição: ü Leitura exploratória completa do conteúdo escolhido (leitura rápida); ü Leitura excludente (leitura aprofundada); ü Registro dos dados retirados das fontes (autores, ano, metodologia, resultados e conclusões). Tratando-se de uma revisão de literatura, este trabalho não foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), conforme resolução nº 466/12. Resultado: O estudo exposto, em sua etapa primária, empenhou-se em identificar e relatar processos de Sistematização da Assistência de Enfermagem no Cuidado de Crianças Portadoras de Cardiopatia Congênita na Atenção Hospitalar, bem como, compreender tais processos e sua contribuição para o quadro clínico do paciente. Já na sua etapa secundária, teve-se a pretensão de realizar um levantamento quantitativo direcionado a temática que encontram-se classificadas no portal de periódicos Capes, no banco de dados Google Scholar e na biblioteca digital de livre acesso SciELO. No decorrer da etapa inicial da pesquisa com a utilização dos descritores “enfermagem pediátrica”, “cuidados de enfermagem”, “cardiopatias” obteve-se os resultados de 8.066 artigos, no qual com o seguimento da pesquisa, aplicando a filtragem no período de 2015 a 2021, resultou na totalidade de 3.933 artigos, sendo Capes (135 artigos), Google Scholar (3.793 artigos), SciELO (cinco artigos). Após leitura, utilizou-se os critérios de inclusão e exclusão que resultou na seleção de 14 artigos relacionados ao tema. O PE agregado à teoria de Travelbee viabiliza uma assistência mais próxima às necessidades do cliente infantil em clínica pediátrica. O vínculo pessoa-pessoa viabiliza que o indivíduo deixe o estado passivo para contribuir com a evolução do cuidar. A relevância da vinculação do PE com a referida teoria auxilia no desenvolvimento de um cuidado de enfermagem humanizado, científico e tecnologicamente avançado, considerando a criança de acordo com sua fase de crescimento e desenvolvimento. O estudo realizado permitiu evidenciar a importância de integrar o brinquedo terapêutico no processo de cuidar da enfermagem pediátrica, mostrando seu iminente poder terapêutico no cuidado, bem como apresentou-se também de que maneira essa tecnologia de cuidado colabora para a redução da tensão concernente ao procedimento que será realizado. Ademais, os resultantes colaboram para o ensino por meio da conscientização e reflexão acerca da relevância e eficiência dessa terapia. A literatura preconiza que a família ideal foi retratada como aquela que é capaz, ao longo da internação,



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

obter informações acerca do quadro clínico da criança e a intervenção terapêutica realizada, dividir os cuidados ao paciente infantil com a equipe de enfermagem e enfermagem, dispor sua particularidade e especificidade na assistência. A equipe de enfermagem deve mostrar empatia com os familiares, compreendendo sua presença como uma prerrogativa da criança, sendo que essa traz a vantagem de reduzir o estresse do paciente e do seu familiar em um local diferente e possibilita o envolvimento da família no cuidado que já é oferecido em casa. Considerações finais: Foi alcançada a dimensão na qual o estudo conseguiu atingir o seu propósito no tocante às expectativas colocadas ao longo de sua construção, no qual pode-se compreender a necessidade da implementação da SAE, com seus respectivos métodos e processos a luz da literatura em hospitais que admitem crianças cardiopatas. Propor a inclusão do lúdico criando ambientes confortáveis e divertidos, promovendo assim a humanização do cuidado e a participação familiar dentro dessa sistematização de assistência ofertada as crianças cardiopatas hospitalizadas e por fim criar uma cartilha junto a equipe multidisciplinar de forma que traga orientação a saúde dessa população, para que os familiares tenham acesso a conhecimentos baseados em evidência de forma clara, o que enfatizará a importância da linha de cuidado.



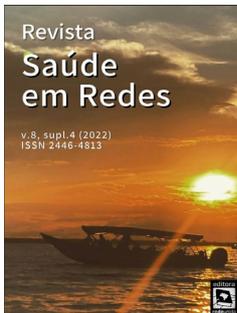
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

VIGILÂNCIA EM SAÚDE NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ: RELATO DE EXPERIÊNCIA

ANTÔNIO FRANCISCO JACÓ RODRIGUES, CELINI MEDINA VICENÇO DA SILVA, EDNA MAIA FUZIE, CAMILA LAÍS GONÇALVES RIBEIRO, ANA BEATRIZ CALDERON DE ABREU, PAMELA FERNANDES DA PAIXÃO, EMANUELLE MENEZES FOLMANN, MARIA RITA TELMA

Apresentação: Este trabalho pretende relatar as atividades de vigilância em saúde desenvolvidas na Universidade Federal do Paraná. **Desenvolvimento:** a pandemia de covid-19 trouxe inúmeros desafios para as instituições de ensino, dentre eles, o de garantir um ambiente seguro para a comunidade acadêmica. Neste contexto, foi criado o Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão (Nepes), no ano de 2020, na Universidade Federal do Paraná (UFPR). O Nepes é composto por cinco docentes do curso de Enfermagem, uma Enfermeira e vinte e três discentes, bolsistas e voluntários dos cursos de Enfermagem, Medicina, Medicina Veterinária, Terapia Ocupacional e Nutrição. Possui dois grandes grupos, um desempenha atividades de monitoramento, rastreamento e preenchimento da notificação de casos de covid-19 detectados por meio do teste RT-PCR. O teste é realizado nas dependências da UFPR. Os casos são acompanhados por meio do telemonitoramento, onde respondem um questionário sobre seu estado de saúde e são registrados no sistema Notifica Covid, do Estado do Paraná, ocorre o esclarecimento de dúvidas e orientações de saúde. O outro grupo desenvolve ações de promoção à saúde nas mídias sociais do Instagram e Facebook, assim como, desenvolvem vídeos com medidas de prevenção à covid-19, cartazes e guias de orientação à comunidade da UFPR. Deste modo, o projeto integra pesquisa, ensino e extensão em saúde, disponibilizando informações de cunho científico. **Resultado:** O Nepes telemonitorou mais de 650 pessoas, entre discentes, docentes, servidores e terceirizados da UFPR. As principais orientações foram em relação às medidas de isolamento e quarentena, vacinas e repetição de teste para covid-19. Caso seja necessária assistência médica, a pessoa é orientada sobre o funcionamento da rede de serviços de saúde local. Os cartazes desenvolvidos pelo grupo, em parceria com outros setores da universidade, reforçam as medidas de prevenção da doença covid-19 e estão sendo afixados nos locais de maior circulação de pessoas. **Considerações finais:** Para além do papel educativo e epidemiológico, o Nepes tem promovido a educação interprofissional, a integração entre teoria e prática e a propagação de informações baseadas na ciência.



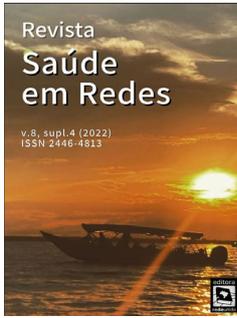
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

ANÁLISE DE ABSENTEÍSMOS DAS CONSULTAS PRESENCIAIS AGENDADAS NO AMBULATÓRIO DA LINHA DE CUIDADOS DE HIPERTENSÃO E DIABETES MELLITUS NO CONSÓRCIO INTERMUNICIPAL DE SAÚDE DO MÉDIO PARANAPANEMA-CISMEPAR

JULIANA CAMILLA DOS SANTOS TOMIOTTO GIULIANI, HUGO MARCOS CONTE SILVA PENHA, DENISE MARQUES GUIMARÃES GALVÃO, CRISTINA MARA SASSIOTTI DALBERTO, BEATRIZ MAKIYAMA, CELIA HITOMI ARAI DE FREITAS

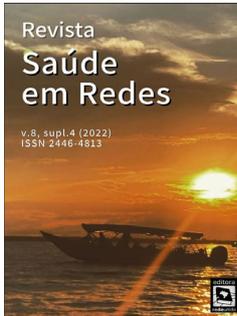
Apresentação: O Ambulatório da Linha de Cuidados de Hipertensão e Diabetes Mellitus no Consórcio Intermunicipal de Saúde do Médio Paranapanema foi implantado em 2015. Com o avanço da pandemia do covid-19, houve a suspensão dos atendimentos presenciais dia 27/03/2020, sendo os pacientes atendidos por teleatendimento. Em 01/10/2020, houve a retomada dos atendimentos presenciais de acordo com a Resolução SESA/PR nº 1268/2020 no Art. 18 retomaria atendimentos ambulatoriais em 75% das agendas. Neste relato, será realizada uma análise quantitativa dos atendimentos no ambulatório e o absenteísmo no período de 01/10/2020 à 01/07/2021, considerando que a consulta é igual ao número de usuários que acessaram o ambulatório para a equipe multiprofissional com 8 integrantes. Resultado: dos 21 municípios que faz parte do CISMEPAR, apenas usuários de 12 foram agendados para consulta, foram ofertadas 311 consultas, sendo 68 primeiras consultas (PC) e 243 retornos (RT). Em estudo comparativo destas, proporcionalmente 34%, 25%, 14% do total de consultas são respectivamente Rolândia, Cambé e Ibiporã, tiveram seu municípios agendados. Rolândia teve 40 primeiras consultas agendadas do total de 67(60%), lembrando que para o acesso as consultas, são ofertadas por estratificação de risco e não proporção populacional. Ou seja, são agendadas consultas aqueles que tiverem critérios de acordo com estratificação do Risco Cardiovascular Global e foram inserido na fila do sistema informatizado SOLUS. Já a agenda de retornos são os pacientes que já estão acompanhados no ambulatório, totalizando 244 consultas, sendo 67(27%), 64 (26%) e 38 (16%) retornos agendados dos municípios dos respectivas cidades Rolândia, Cambé e Ibiporã. A média de oferta de consultas são 36 por mês, somente em dezembro a oferta diminui devido às férias coletivas no CISMEPAR. Realizando a análise de faltas em comparativo do ápice de transmissão comunitária e aumento de números de internações por covid-19, nos meses de janeiro a abril ocorreram 62 (20%) faltas. Obviamente, sendo os municípios apresentaram o maior índice foram Rolândia 36 (11,6%), Cambé 28 (9%) e Ibiporã 15 (4,8%). Sendo 73% do total de faltas (105) são das consultas de retorno. Nota-se que apesar do avanço da pandemia o índice de absenteísmo foi significativo perfazendo cerca de 1/3 do total de consultas agendadas. As medidas adotadas para controlar as faltas foram busca ativa, verificando o motivo de falta junto as unidades de saúde com pouco retornos das mesmas, porém proporcionando reagendamentos dos usuários. Mesmo frente à essa realidade, o programa tem prosperado em sua missão, ainda que não plenamente mas seguimos trabalhando para ajustar e executar as metas propostas, mantendo um olhar otimista tanto no presente quanto



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

para o futuro e com muitos desafios à serem superados, mas com certeza de estar fazendo a diferença na vida de cada paciente atendido pelo ambulatório.



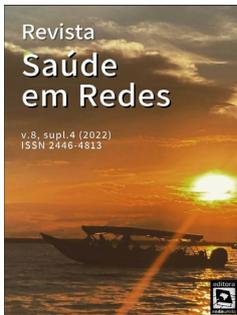
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

O CUIDADO ESPECIALIZADO EM PEDIATRIA - A COMUNICAÇÃO NA TELEMEDICINA DE UM AMBULATÓRIO INTERMUNICIPAL DE SAÚDE NA REGIÃO DO MÉDIO PARANAPANEMA

VERUSHKA APARECIDA SILVERIO TERESA OLIVEIRA, MARIA HELENA MUSSI, ROSANA HASHIMOTO

Apresentação: A proposta de Cuidado Materno Infantil em um Consórcio Público de Saúde prevê assistência a gestações de médio e alto risco e crianças que apresentem riscos biopsicossociais para o desenvolvimento global, residentes e domiciliadas nos municípios pertencentes a região de saúde do médio Paranapanema. Com o avanço da pandemia do covid-19, o teleatendimento semipresencial e o home office foram estratégias adotadas para a continuidade do acompanhamento/atendimento desse grupo populacional. Para tanto, houve uma reorganização do processo de trabalho e a inclusão de novas tecnologias, dentre elas, a telemedicina. A mobilização/envolvimento da médica pediatra, da técnica de enfermagem, da equipe de atenção básica e especialmente dos responsáveis pelo cuidado das crianças que demandavam atendimento. Além de capacidade técnica, os integrantes desta nova modalidade de cuidado necessitaram desenvolver habilidades como escuta empática e proatividade. Nesta nova dinâmica, a gestão do processo ficou a cargo da técnica de enfermagem que realizava o pré e pós atendimento médico: busca ativa dos usuários, acolhimento das famílias, orientação detalhada da modalidade atendimento-telemedicina e, diante do aceite do usuário, realiza o agendamento no sistema. No pós atendimento, quando necessário realizava um novo contato telefônico com o usuário para encaminhamentos e/ou reforço das orientações do atendimento. Neste processo destacou-se a “Comunicação e o Cuidado compartilhado, onde o obvio precisa ser dito e também escutado. Trocas como, deixar combinado previamente que será necessário deixar o celular com carga completa; a conexão de internet precisa ser suficiente pra a realização do atendimento (por vídeo chamada quando possível); o ambiente tranquilo, sem ruídos excessivos para não atrapalhar o atendimento; o trocar da fralda (quando for o caso), alimentar o bebê/criança, a hora do soninho um pouco antes do atendimento, e principalmente, orientar que a profissional médica realiza vários atendimentos no mesmo dia e que ela entrará em contato em determinado período (tarde/manhã), e não em um horário específico. De modo geral, este diálogo tem proporcionado uma conexão entre os usuários e o serviço, um atendimento tranquilo e efetivo para ambas as partes. Diante desta experiência, é possível refletir que o cuidado em saúde necessita de tempo de qualidade com: acolhimento, escuta, respeito às individualidades de cada caso, e uma comunicação clara, objetiva e consensual entre o usuário/responsável e a equipe de saúde. Sugerimos na medida do possível, a reorganização dos processos de trabalho e a implementação deste modelo de atendimento para as demais áreas da atenção ambulatorial especializada.



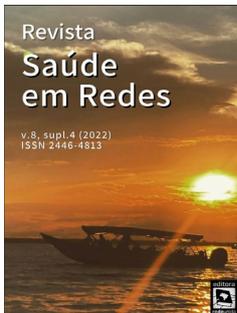
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

ATENDIMENTO EM UBS E VISITA DOMICILIAR DURANTE A PANDEMIA DO SARS-COV-2 EM MANAUS: DIFICULDADES DOS USUÁRIOS NA BUSCA POR SAÚDE E VIVÊNCIA DOS ACADÊMICOS NA PRÁTICA.

ISADORA COSTA NOVO CABRAL, BIANCA LETÍCIA PINTO DE SOUZA, CHARLIE SMITH ROJAS RODRIGUEZ, FERNANDA POSSIMOSER SANTOS, GABRIELLA DE FREITAS SANTIAGO, JULIANA FEITOSA LUZ, ANTÔNIA EVIL NNIA CAVALCANTE MACIEL

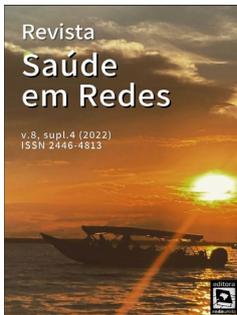
Apresentação: Diferente do que muitos pensam ou esquecem, a pandemia não extinguiu outras doenças. O medo de uma possível infecção mascarou outras comorbidades que poderiam afetar em massa a população. Profissionais da saúde estavam constantemente se pondo à frente do medo, doenças, inseguranças e incertezas para promover algo único e universal: a saúde. As UBS em Manaus não pararam de funcionar mesmo diante do caos em que o mundo se encontrava. As visitas domiciliares passaram a tomar uma nova forma, a fim de prestar a mesma assistência que antes prestara. Os acadêmicos de Medicina da Universidade Nilton Lins vivenciaram esse momento da pandemia, mesmo que em uma fase branda dela, podendo presenciar de perto as marcas deixadas por ela, tanto nas visitas domiciliares, quanto nas consultas rotineiras nas UBS. A teoria só é entendida quando se existe a prática. **Objetivo:** Relatar a vivência dos acadêmicos em uma Unidade de Saúde da Família em tempos de pandemia; descrevendo as visitas domiciliares, atendimentos na unidade de saúde, realizando uma análise reflexiva de como esse período tem afetado os usuários e como essas percepções podem influenciar na práxis acadêmica. **Método:** Trata-se de um relato de experiência do que foi visto, ouvido e vivenciado pelos acadêmicos da Universidade Nilton Lins, somado aos seus pensamentos, objetivos e análises. Os focos principais do estudo foram as UBS Ajuricaba, localizada na Av. Leste, Alvorada, Manaus-AM e a UBS Nilton Lins, localizada na Av. Professor Nilton Lins, Manaus-AM. Primeiramente, a unidade foi apresentada aos acadêmicos, logo mais foi feita a territorialização. Toda semana, os alunos eram designados a tarefas diferentes na UBS, a fim de adquirir experiências em diversas áreas e o mais importante, de promover saúde. A coleta das informações foi feita a partir de um diário, onde iria se relatar todas as atividades realizadas e a visão dos alunos sobre cada uma delas e como aquilo iria influenciar na sua formação acadêmica. Nos dias selecionados, eram feitas as visitas domiciliares, contando com o apoio dos profissionais da unidade (ACS- Agentes Comunitários de Saúde). Somado a essas atividades, eram feitas feiras de promoção de saúde, seguindo o calendário dos meses de campanhas, como setembro amarelo, outubro rosa, etc. Nessas feiras, o principal foco era a educação em saúde, com propostas bem dinâmicas e explicativas. **Resultado:** A partir da interação dos acadêmicos em diversas áreas da Unidade Básica, foi possível enxergar como a pandemia afetou cada cliente. A necessidade de mudança nas UBS para atender a demanda na pandemia revelou a dificuldade dos clientes em agendar exames, fazer consultas e muitas vezes, a baixa divulgação decorrente da tomada das mídias pelas notícias do coronavírus fez



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

com que muitos não soubessem que a UBS estava em funcionamento ou o que cada uma oferecia, levando a uma negligência muito grande para com a saúde de muitos usuários. As necessidades dos usuários ficaram ainda mais evidentes nas visitas domiciliares, onde era possível ver, com veracidade, como a pandemia afetou as famílias. Como as comorbidades pré e pós covid-19 foram desencadeando desastres na vida de muitos clientes. Foi possível analisar também a falta de informação das pessoas com outras questões de saúde, como as saúdes sexual, mental e física. A pandemia não só deixou rastros na saúde, mas também pelos corpos, por meio das agressões entre pessoas de uma mesma casa (não é à toa que a agressão contra mulher aumento exponencialmente neste período). Os incessantes pré-natais e a busca de muitas mulheres pelo planejamento familiar ou métodos contraceptivos. A precocidade de muitas mulheres na vida sexual ativa e a busca de muitos homens pelos testes rápidos das ISTs. Nas feiras, era possível obter uma participação grande das pessoas, principalmente de mulheres entre 20 a 60 anos. A grande demanda de clientes que, no momento mais complicado da pandemia, abdicaram de sua saúde em prol dela, em busca do “tempo perdido”. Foi possível perceber também que a única doença de alguns era a necessidade de atenção, uma palavra de apoio ou um acolhimento que deixou-se a desejar dentro de seu lar. Na territorialização, foi possível observar a deterioração das academias à céu aberto pelo mau uso ou pela negligência governamental. Percebeu-se que, juntamente com as doenças físicas, aumentaram as taxas de doenças mentais e a busca por ajuda psicológica, devido ao isolamento social, crise econômica e alta taxa de desemprego, desencadeando processos como depressão, síndrome do pânico, ansiedade crônica, fobia social, anorexia, bulimia, entre outros distúrbios mentais. Muitas pessoas se acomodaram na questão de não sair de casa, deixando a prática de esportes ou caminhadas de lado, acarretando em doenças como Diabetes e Hipertensão Arterial, Sedentarismo e Obesidade, Compulsão Alimentar, etc. Considerações finais: É possível concluir que, a pandemia deixou rastros em todos os âmbitos possíveis: físicos, mentais, sociais. Na saúde, as taxas de doenças mentais aumentaram exponencialmente, em consequência do período de isolamento. Somado a isso, uma alta demanda de exames e consultas, para suprir o tempo em que se negligenciou a saúde. A precocidade de muitas pessoas para muitas atividades e a mudança em muitas residências por conta da crise econômica que a pandemia trouxe. Ver de perto as atrocidades que uma só doença causou na sociedade foi importante para a vida acadêmica dos alunos, pois só reforçou a ideia de que a medicina não é nobre pelo seu nome e sim, pelo que se carrega: ajudar ao próximo, sem esperar nada em troca. Esse período mostrou quais médicos os acadêmicos devem se tornar. Deve-se saber acolher a todos, pois às vezes, uma simples palavra pode mudar completamente o dia de alguém ou sua saúde. Entender que a equidade, integralidade e universalidade são requisitos não só teóricos e que quando aplicados, causam mudanças significativas dentro da Unidade Básica e na vida de cada um, usuário ou profissional.



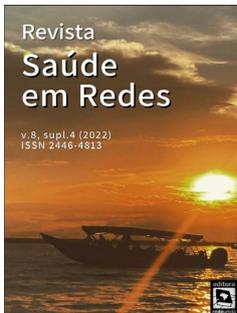
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

SEMINÁRIO VER-SUS VIAMÃO (RS): ATIVAÇÃO DE MUDANÇAS NOS MOVIMENTOS ESTUDANTIS À FAVOR DA FORMAÇÃO VOLTADA PARA O SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE (SUS)

CARLOS ALBERTO RODRIGUES MORRUDO FILHO, RODRIGO DORNELAS

Apresentação: Este relato de experiência faz parte do Projeto de Intervenção (P.I) referente à conclusão parcial do curso de Especialização em Ativação de Processos de Mudança na Formação Superior em Saúde, realizado na Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Auroca (ENSP) e Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). O P.I chama-se Seminário VER-SUS VIAMÃO (RS): Ativação de mudanças nos movimentos estudantis à favor da formação voltada para o Sistema Único de Saúde (SUS). No Brasil há projetos da sociedade civil que intensificam um percurso à favor do direito à saúde e do SUS, é o caso do Projeto Vivência e Estágio na Realidade do Sistema Único de Saúde (VER-SUS), cujo dispositivo de aprendizagem abrange diferentes atores e atrizes da sociedade civil em conjunto com a comunidade acadêmica somada aos trabalhadores e trabalhadoras da saúde, afim de problematizar o contexto do SUS e seus diferentes cenários de atuação. No VER-SUS existem duas modalidades de ação, uma delas é a vivência que se dá pela imersão de diferentes alunos/as, de diferentes universidades e cursos de graduação num determinado município, a fim de viver a realidade em relação ao SUS. O Seminário VER-SUS é uma modalidade mais condensada, tem sido utilizado para problematizar temas regionais emergentes. O VER-SUS consiste na potencialização dos movimentos estudantis na atualização da formação voltada para o mundo do trabalho no SUS, considerando seus aspectos históricos e políticos. O objetivo desta P.I é ativar os movimentos estudantis da cidade de Viamão (RS) para as devidas mudanças na formação para o SUS. Os objetivos específicos do P.I são: Conhecer os movimentos estudantis de Viamão; Estimular discussões referente a formação voltada para o SUS; debater os rumos dos movimentos estudantis para a mudança na formação para o SUS. A metodologia utilizada nesse Seminário VER-SUS será a Educação Permanente em Saúde (EPS), pois se tem a intenção em possibilitar colocar em análise a relação ensino e aprendizagem na educação em saúde, a fim de problematizar a complexidade que se dá nessa área do conhecimento. Nesse seminário alguns temas serão abordados: Da importância em entender o SUS: um pouco da história e impacto de melhoria na saúde; Conhecendo as artimanhas contrárias aos princípios e diretrizes do SUS; Vamos conhecer os Movimentos estudantis em Viamão? A relação entre a formação voltada para o SUS e a realidade do mundo do trabalho; Quais alianças possíveis entre os movimentos estudantis e a formação voltada para o SUS, para a cidade de Viamão? Deseja-se que participe desse Seminário diferentes representantes da sociedade civil. Espera-se como resultado que esse Seminário VER-SUS seja impulsionado ao fortalecimento dos movimentos estudantis para as questões relativas à formação voltada para o SUS, assim como o planejamento de um VER-SUS, na modalidade Vivência a ser realizada na cidade de Viamão.



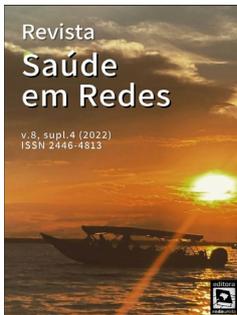
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

EDUCAÇÃO COMO POTÊNCIA TRANSFORMADORA DO CENÁRIO DA SUBNOTIFICAÇÃO DAS INTOXICAÇÕES EXÓGENAS CAUSADAS PELOS AGROTÓXICOS AGRÍCOLAS EM RONDA ALTA.

CARLA AGOSTINI, VANDA GARIBOTTI, GUILHERME BARBOSA SHIMOCOMAQUI

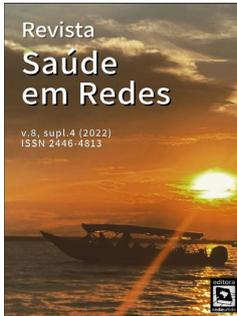
Apresentação: Este resumo foi elaborado a partir do Projeto de Intervenção Metamorfose no processo de enfrentamento aos agrotóxicos agrícolas, com ênfase nas notificações por intoxicação exógena causada por agrotóxico agrícola, em Ronda Alta: Um projeto de intervenção, sendo este, um dos requisitos para obtenção do título de Especialista em Saúde Pública. Este projeto foi construído baseado na análise situacional, tendo como território o município de Ronda Alta (RA), além do levantamento de dados: total de área plantada, tipo de cultura, modo de plantio, quantitativo do consumo de agrotóxicos agrícolas (AA) além do número de notificações para este agravo, com o objetivo de abordar a temática dos AA pelo conceito da saúde, reconhecido como um problema de saúde pública, com a possibilidade de transformação deste cenário pelos processos de educação voltados para a saúde. Quando se trata do assunto “agrotóxicos agrícolas”, ainda não há consenso pelos dois principais setores que tratam deste assunto: agricultura e saúde. Se para a agricultura, cultivada no modelo convencional, os AA são considerados um produto essencial e necessário para a produção agrícola, amplamente utilizados e, indispensáveis para o controle das pragas da lavoura, para a saúde é a exposição causada por estes produtos e seus efeitos na saúde humana e no meio ambiente que são motivos de preocupação já que, AA têm sido amplamente difundidos e seus traços têm sido detectados em todas as áreas do meio ambiente, como ar, água e solo. Em nosso país os AA são utilizados em larga escala e, desde 2008, o Brasil é o líder mundial no consumo de AA. Em RA, esta realidade não é diferente, com características de clima e solo que favorecem as atividades agrícolas, neste município, destacam-se as atividades agrícolas, com predomínio de cultivo da monocultura da soja e, conseqüentemente, com grande consumo de AA. Em 2018, o volume de AA comercializados em RA foi de 144.870,078 litros, mais 53.626,426 quilos de ingrediente ativo de diferentes AA. O número estimado de habitantes para RA no ano de 2019, foi de 10.601, representando um quantitativo de 13,66 litros de princípio ativo de diferentes AA/habitante. Enquanto na agricultura os números de comercialização de AA crescem assustadoramente, na saúde, o motivo de atenção são as intoxicações exógenas causadas pelos AA, já que, a exposição aos agrotóxicos causa efeitos diretos na saúde humana. As intoxicações exógenas são o principal agravo à saúde humana relacionado ao uso dos AA e, todo episódio suspeito de intoxicação é de registro obrigatório no Sistema de Agravos de Notificação (SINAN) do Ministério da Saúde (MS), sendo que, o monitoramento do impacto do uso dos AA na saúde da população exposta é um dos mais importantes objetos da vigilância epidemiológica relacionada aos AA. A Vigilância em Saúde nas intoxicações por agrotóxicos tem por objetivo principal reduzir a morbimortalidade por este agravo nas populações expostas. Porém, apesar do Brasil ser o



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

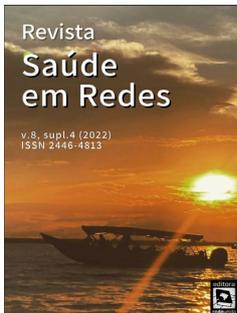
líder mundial no consumo de AA, os registros nacionais e estaduais referentes às intoxicações exógenas causadas por AA são insignificantes e, em RA este aspecto não é diferente. Apesar de RA fazer uso em larga escala dos AA, este município não possui, no período de 2011 a 2017, nenhuma notificação por intoxicação exógena causada por AA registrada no SINAN, fato este que caracteriza RA, como um município silencioso para este tipo de agravo. O fato de não haver notificações registradas não significa que as intoxicações não aconteçam. Uma estimativa do MS aponta que, todos os anos, no Brasil, mais de 400 mil pessoas são contaminadas por AA causando cerca de quatro mil mortes em consequência destas intoxicações. Em razão da pesquisa realizada nas referências bibliográficas para elaboração deste Projeto, compreendeu-se que existe a possibilidade de intervenção do cenário identificado em RA, através da educação já que, os processos do trabalho em saúde devem estar centrados, além da atenção, na gestão e na educação e que, desde a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), a educação é entendida também como uma área da saúde. Para haver impacto na superação deste tipo de subnotificação é necessário duas frentes de atuação: uma destinada aos profissionais de saúde dos principais serviços de saúde pública do município, já que, estes, são os responsáveis por receber, tratar e notificar no sistema de registro oficial essas intoxicações e a segunda: para à população exposta, para que, esses usuários saibam dos riscos à saúde ao utilizar estes produtos, bem como, sejam capazes de reconhecer os sinais e sintomas das intoxicações, além da importância em acessar os serviços de saúde caso uma intoxicação aconteça. População Exposta são os grupos populacionais que sofrem os efeitos dos agrotóxicos, seja ela rural ou não. Partindo da realidade identificada em RA, o objetivo geral deste Projeto de Intervenção é propor ações de educação permanente em saúde e de educação popular em saúde para transformar o cenário referente à prática das notificações por intoxicação exógena causada por AA em RA. Trata-se de um projeto de intervenção baseado na análise situacional, descritivo e exploratório, com utilização de dados secundários que busca implementar processos de educação voltados para a saúde, já que a educação é também uma dimensão das práticas de saúde, pois os mecanismos utilizados na saúde não deixam de ser, práticas educativas, porque, se constituem como um processo de trabalho. E um processo de trabalho considera, permanentemente, a transformação de um objeto em um novo objeto, esse objeto por sua vez, nem sempre é físico ou concreto, podendo ser, sim, material, da mesma forma que pode ser uma ideia, um conceito, a consciência, a mentalidade ou até mesmo um valor, característica essa que pode oportunizar a possibilidade de transformação de uma determinada situação de saúde em uma nova situação. Este Projeto busca utilizar da potência dos processos de educação voltados para a saúde, através das ações de: sensibilizar as entidades municipais que atuam com os agricultores acerca da importância em adotar ações integradas que busquem encontrar estratégias para a minimização dos riscos relacionados ao uso dos AA, desenvolver ações de Educação Permanente em Saúde para os profissionais de saúde da Atenção Básica, Atenção Especializada da Secretaria Municipal de Saúde/Policlínica Ronda da Saúde e do Hospital conveniado Porta Aberta/Urgência e



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

Emergência, além de realizar ações de educação popular em saúde para a população exposta, principalmente para os agricultores. Como principal resultado espera-se a transformação do atual cenário referente à subnotificação das intoxicações exógenas causadas por AA em RA, além da consolidação dos indicadores epidemiológicos do município, para que estes possam representar de fato a realidade epidemiológica deste território, além de minimizar os riscos que os AA oferecem à saúde humana/ morbimortalidade em decorrência do uso desses produtos. O conceito que norteou a proposta de intervenção é o pensamento Freiriano de que: A democracia é, como o saber, uma conquista de todos. Toda a separação entre os que sabem e os que não sabem, do mesmo modo que a separação entre as elites e o povo, é apenas fruto de circunstâncias históricas que podem e devem ser transformadas. Acreditamos que este cenário encontrado em RA pode ser transformado pela educação, tendo em vista que, ele também, é uma circunstância histórica à ser transformada.



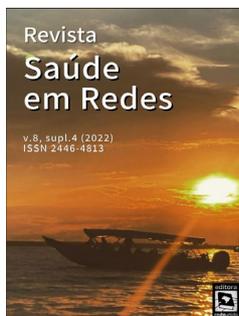
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

ACESSIBILIDADE DE DEFICIENTES FÍSICOS EM ACADEMIAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA INVESTIGATIVA NA GRADUAÇÃO

BRUNA DE OLIVEIRA, VIRGINIA DE MENEZES PORTES, ROBSON PACHECO

Apresentação: Trata-se de um relato de experiência acerca da elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso de uma acadêmica de Educação Física na região sul do Brasil. O objetivo do trabalho é investigar a acessibilidade nas academias da região, verificando se tais espaços estão aptos para receber com conforto e segurança indivíduos com deficiência física. Assim, pretende-se analisar a acessibilidade das academias da região no que se refere à inclusão de alunos com deficiência física. A iniciativa apresenta inovação e exclusividade por trata-se de uma iniciativa investigativa que nunca foi realizada na localidade. A proposta de produção teórica no Trabalho de Conclusão de Curso situa-se na concepção de que a deficiência não é um conceito neutro que somente se descreve como corpos frágeis impedidos de qualquer função, mas sim, como resultado da interação do corpo com impedimentos dentro dos ambientes, nas práticas e valores discriminatórios, resultando em exclusão e discriminação social. A experiência da acadêmica está em andamento e em fase de coleta dos dados da pesquisa. Para tanto, elaborou-se um formulário online, por meio da ferramenta Google Forms, e enviou-se para 15 educadores físicos que estão atuando em academias na região do estudo. O instrumento de coleta foi composto por questões que abarcam a capacitação e atuação dos profissionais com alunos deficientes físicos, a identificação do interesse dessa população nas academias e, por fim, questões acerca dos desafios dos profissionais que atuaram com estes alunos. O instrumento de coleta é composto por 12 questões, cujas respostas são fechadas, de múltipla escolha e abertas. Diante da conclusão da coleta de dados, objetiva-se descrever os achados a partir de frequências absolutas e relativas que traduzam os achados em consonância com os objetivos e problema de pesquisa. Os resultados e impactos do estudo ainda não podem ser apontados, uma vez que a pesquisa está em andamento, no entanto, a acadêmica identifica previamente que os educadores físicos reconhecem a acessibilidade de deficientes físicos em academias como um relevante problema, assim como, a implicação da temática na promoção de saúde a partir de espaços inclusivos e seguros. Neste sentido, pretende-se que os resultados da pesquisa forneçam subsídios capazes de promover a autonomia na utilização de espaços públicos, garantia de equipamentos urbanos, acesso as academias, entre outros espaços, para pessoas com deficiência física ou uma movimentação reduzida. Tais concepções apresentam-se como fatores importantes para a promoção da saúde e, portanto, relevantes no campo da saúde coletiva, das práticas nos serviços e para a formação e atuação do profissional de educação física.



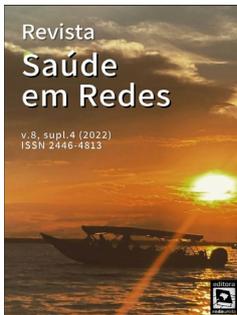
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

A ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS NACIONAIS PELA UNIÃO DE LIGAS ACADÊMICAS FRENTE A PANDEMIA DO COVID-19

MARIANA ARANTES E SILVA, AMANDA CURIEL TRENTIN CORRAL, TAINÁ RUAS COSTA, LETÍCIA DA FONSECA ANACLETO MOREIRA, GYLCE ELOISA CABREIRA PANITZ CRUZ

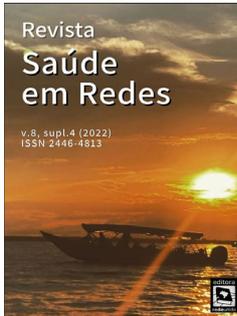
Apresentação: O eixo pedagógico clássico, caracterizado pela relação aluno-professor, tem coexistido durante a formação acadêmica com propostas que colocam o estudante como protagonista em um processo ativo de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, as ligas acadêmicas surgem como uma organização formal criada e regida por alunos, sob orientação docente. O objetivo central da liga é o aprofundamento sobre um determinado tema, considerando para isso as demandas da população. No que se refere ao tema eleito para abordagem na liga acadêmica, destaca-se a saúde do idoso como uma questão de grande relevância em função do atual cenário sociodemográfico vivenciado no Brasil. Assim, não apenas é importante a formação de ligas acadêmicas voltadas à geriatria e à gerontologia, como também é necessário que tais organizações sejam capazes de estabelecer contato para aprimoramento de suas atividades, reunião de demandas e compartilhamento de experiências que possam enriquecer a crescente necessidade de abordagem à saúde do idoso. É nesse sentido que surgiu a Comissão Nacional da Ligas de Geriatria e Gerontologia (CONLIGG). Fundada em 2020, em meio à pandemia de covid-19, a CONLIGG trouxe tal interação como proposta, em um contexto no qual vários desafios foram colocados em função das restrições exigidas pelo cenário epidemiológico. Dentre as atividades almejadas pela CONLIGG estava a realização de eventos capazes de reunir discentes, docentes, profissionais, alunos de pós-graduação, para a discussão de assuntos relacionados ao cuidado com o idoso. Com base na nova possibilidade de realização de eventos de forma online, fortificada pela pandemia, essa proposta pode ser explorada de forma ampla. Desse modo, o objetivo deste trabalho é relatar a experiência vivenciada pela Comissão em dois eventos online e gratuitos realizados junto a ligas acadêmicas com foco na promoção da saúde do idoso, um com enfoque nacional e outro de abordagem regional. Desenvolvimento: Na ocasião da fundação da CONLIGG, sete professores universitários e dez acadêmicos de cursos de diferentes cursos e Instituições de Ensino Superior da saúde se reuniram para compartilhar ideias e experiências. Nesse contexto, foi construído um espaço de contato repleto de ligas acadêmicas e de profissionais interessados na elaboração de eventos na área da geriatria e da gerontologia. Assim, foi discutida a possibilidade de ser realizado um evento de alcance nacional que contasse com a participação das ligas acadêmicas em sua elaboração. Somado a isso, era pretendido que tal evento fosse capaz de abranger temáticas variadas que gerassem discussões relevantes ao aprendizado em geriatria e gerontologia, além de propiciar a troca de experiências entre ligantes, especialistas e pesquisadores da área. Desse modo, procedeu-se à organização do I Congresso Nacional Multidisciplinar em



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

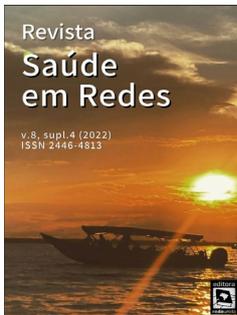
Saúde do Idoso (CONAMSI). Para tanto, foram iniciados uma série de contatos, intermediados pelas redes sociais, com vistas a reunir um painel de ligas acadêmicas das cinco regiões brasileiras para a integrar a organização do congresso, palestrantes em potencial e instituições que pudessem apoiar e auxiliar na construção do evento. Em 2021, após a realização e boa aceitação do I CONAMSI pelo público, foi iniciado um movimento semelhante com o objetivo de levantar o debate sobre a abordagem do idoso a nível regional, trazendo, dessa vez, temas voltados à região nordeste. Assim, surgiu o I Encontro da Regional Nordeste-CONLIGG: Vozes nordestinas: vulnerabilidade na velhice em debate. Resultado: Entre os dias 01, 02 e 03 de outubro de 2020, foi realizado o I CONAMSI. O evento foi realizado de forma online e contou com 20 ligas em sua organização, além de 8 ligas parceiras e o apoio da CONLIGG. O I CONAMSI foi organizado a partir de quatro módulos que abrangeram temas como saúde mental do idoso, sexualidade do idoso, violência à terceira idade, abordagem do idoso na Atenção Primária à Saúde (APS), iatrogenia e polifarmácia, fragilidades, cuidados paliativos e espiritualidade, terapia ocupacional. Para a abordagem de tais conteúdos, foram convidados profissionais de áreas diversas, incluindo professores universitários, psicólogos, médicos, enfermeiros, fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais. Além disso, o evento contou com a realização do I Encontro da CONLIGG, que discutiu a construção do estudante de geriatria e gerontologia a partir de uma mesa redonda com professores fundadores da CONLIGG. Já em 2021, ocorreu nos dias 9 e 10 de abril, o I Encontro da Região Nordeste-CONLIGG. Este evento foi organizado pela CONLIGG em parceria com cinco ligas acadêmicas da região nordeste e contou com seis mesas redondas. Dentre os temas abordados estiveram o envelhecimento na zona rural e urbana, a vulnerabilidade social do idoso, a relação socioambiental do idoso nordestino, um panorama da institucionalização no nordeste e o envelhecimento na população negra. Para tanto, também foi convidado um painel variado de especialistas da área, em sua maioria naturais ou atuantes na região nordeste. Ademais, o evento contou com um encontro entre as ligas acadêmicas, no qual representantes das ligas organizadoras expuseram suas experiências e discutiram sobre ideias futuras. Somado a isso, foram realizados momentos culturais com a apresentação de artistas da região. Tais apresentações basearam-se em reflexões sobre o envelhecimento a partir da abordagem cultural de raízes nordestinas, com literatura de cordel e repentes. Considerações finais: A participação da CONLIGG na organização desses eventos permitiu vivências de grande valia. Em um primeiro plano, cabe salientar o enriquecimento do conhecimento técnico ao experienciar reflexões práticas colocadas por profissionais atuantes na área, bem como aspectos do cotidiano dos especialistas no cuidado ao idoso. Somado a isso, nota-se uma contribuição importante ao permitir a formação de uma rede de contatos com outros acadêmicos, docentes e profissionais das várias partes do Brasil. Ademais, cabe destacar o ganho obtido a partir da organização de plataformas digitais, redes sociais e gestão de pessoas, necessários à estruturação de um evento, especialmente quando organizado por diversas pessoas e envolvendo a distância geográfica como um fator desafiador à comunicação, o que promoveu a integração e a interlocução de diversas regiões



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

do país, utilizado a tecnologia como um facilitador. A realização desses eventos tornou evidente a demanda da comunidade acadêmica pelo contato com temáticas relevantes ao cuidado com a pessoa idosa, por muitas vezes pouco abordado nas grades curriculares das universidades. Somado a isso, vê-se também o anseio por conhecimentos cada vez mais próximos da realidade do profissional e do paciente, evidenciado no evento da regional Nordeste, a fim de agregar cientificidade ao cuidado em saúde. Por fim, conclui-se que ambas as experiências foram enriquecedoras e colocaram luz sobre demandas das ligas acadêmicas e dos profissionais em formação, possibilitando a valorização e o benefício do aprendizado tanto para os ouvintes, quanto para a comissão organizadora. Isso, por sua vez, atua como fator propulsor à organização de eventos cada vez mais completos, acessíveis e voltados às necessidades da geriatria e da gerontologia.



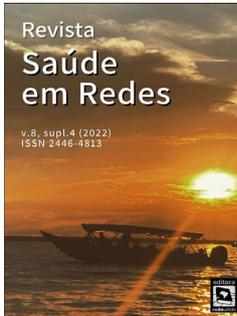
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

MULHERES EM REVISTA: A PRODUÇÃO DE SABERES, FAZERES E CUIDADOS A PARTIR DA FABRICAÇÃO DE UM FANZINE NA PENITENCIÁRIA FEMININA DA CAPITAL EM SÃO PAULO.

VALÉRIA MONTEIRO MENDES, LUMENA ALMEIDA CASTRO FURTADO, NANA SILVA FOSTER, OLÍVIA FELIX BIZETTO, JULLIANA LUIZ RODRIGUES, STELLA ANDRADE BASSETTO

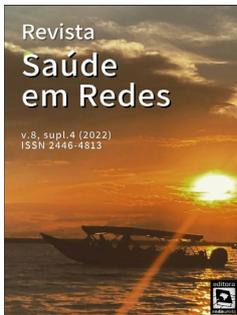
Apresentação: Este relato tem como propósito compartilhar as experiências desenvolvidas no projeto de extensão “Oficina de Criação de Revista” realizado por integrantes do Laboratório de Saúde Coletiva da Universidade Federal de São Paulo (Lascol/Unifesp) na Penitenciária Feminina da Capital, município de São Paulo, a partir de parceria estabelecida com a Comissão de Política Criminal e Penitenciária da OAB de São Paulo. A proposição desta oficina se inscreve no contexto dos debates sobre segurança e garantia de direitos da população privada de liberdade. Neste sentido é importante considerar que o Brasil ocupa a quarta posição em termos de população prisional (e neste caso majoritariamente negra), atrás de Estados Unidos, Rússia e China. E no caso das mulheres, a quem se destina nossa experiência, os dados evidenciam um importante crescimento (567%) em comparação à população masculina (220,20%), explicitando a intersecção entre raça, gênero e classe. Especificamente em relação às prisões paulistanas, as mulheres negras perfazem um total de 67% das mulheres privadas de liberdade. Neste contexto, a produção da Oficina de Criação de Revista junto às mulheres em situação prisional tem como objetivos: contribuir para momentos de vivência, de compartilhamento e de expressão entre e para cada mulher, que possibilite também entrar em contato e refletir sobre os efeitos do aprisionamento; escutar e dar visibilidade às experiências das mulheres, em suas singularidades; fortalecer e garantir espaços de escuta e compartilhamento de suas trajetórias e experiências; possibilitar a partilha de experiências entre as mulheres em situação prisional e as pessoas envolvidas no projeto. Assim, buscamos construir encontros que possibilitem mitigar o isolamento social e dar espaço para processar as experiências emocionais em decorrência do processo de privação de liberdade, ofertando dispositivos de reflexão às mulheres encarceradas através de atividades com as quais não tiveram oportunidade de vivenciar ou deixaram de ser vividas após a prisão. **Desenvolvimento:** A metodologia consiste na realização de oficinas, de aproximadamente duas horas, a partir do levantamento, de modo compartilhado, de temas-chave, com as integrantes do projeto. O segundo momento da oficina volta-se à expressão individual e coletiva pelas participantes em folhas de papel através de colagens, desenhos, escritas sobre um tema escolhido para cada encontro. No final de cada grupo a produção é apresentada e iniciamos um processamento coletivo. Deste modo, as produções realizadas ao longo das oficinas ganharão corpo na forma de uma revista/fanzine. As oficinas foram iniciadas em 2019. Com a explosão da pandemia, os momentos presenciais foram suspensos. Contudo, os encontros prosseguiram. Um delicado processo, pois a proposição



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

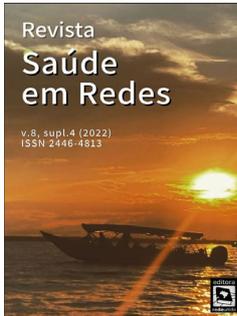
partiria de nós (de nossas apostas, implicações, vivências dentro e fora da universidade) e do que começamos a tecer com as mulheres nos encontros presenciais. Assim, criamos o kit fanzine. Elaboramos atividades a partir da escolha de temas que dialogassem e reconhecessem as questões e potencialidades das participantes seguindo a ideia de propor experimentações de diferentes linguagens (escritas, colagens, desenhos, pinturas) para que manifestassem o que emergia no encontro com o que era proposto. As atividades do kit fanzine passaram a chegar mensalmente impressas para as participantes acompanhadas de um cartão em que reafirmamos nosso compromisso juntas. Mesmo à distância, seguimos privilegiando o sensível no processo de elaboração deste novo momento para todas nós, o que inclui considerar as atividades com as quais as participantes possuem mais afinidade (pintura de mandalas em paralelo à paulatina oferta de outras imagens, como a de mulheres negras) e atentar para a extensão e o conteúdo de atividades de leitura (poesias e textos), justamente porque seriam realizadas sem nosso apoio como nos encontros presenciais e considerando que cada mulher tem uma possibilidade de leitura e escrita. Este foi um período de germinações. Houve a ampliação de nosso coletivo com a entrada de mais duas participantes e mais mulheres manifestaram interesse em participar da atividade – no mês de agosto passamos de 30 para 70 kits fanzine e no mês de setembro para 140 kits. E, neste novo momento da oficina, iniciamos a abordagem de um tema muito caro para um trabalho com mulheres encarceradas: o corpo. Assim, propusemos atividades que, tomando o corpo como tema, possibilitem a ampliação do olhar e a experiência com o sensível na relação consigo mesma e com o mundo, tendo em vista o histórico processo de múltiplas violências e de reinvenções que atravessam e compõem estas existências. Entre as atividades, citamos um momento voltado para experimentações de corpo, a partir de práticas de cuidado, por exemplo, pela respiração e pelo toque. Impactos e considerações finais: Cada oficina é vivida como uma produção coletiva que é processada como um espaço de encontro com as emoções, vivências, sentimentos, lembranças, sonhos, dando voz àquilo que emerge em cada uma. Momento de se olhar, pensar, falar, ouvir. Mesmo quando realizado à distância a Oficina é vivida como um encontro, uma partilha, trazendo a produção de cada mulher para a cena. Uma delas escreveu no material enviado: “é com alegria que recebo cada trabalho que vocês me envia... minha filha virou uma estrelinha lá no céu e com as mandalas que estão me mandando consigo me manter firme e forte na busca de sair daqui... vivo como uma rede de solidariedade...” A construção e vivência dos encontros e o rearranjo da proposta em decorrência da pandemia, põem em evidência um processo micropolítico permeado pelo sensível e no qual se inscrevem as tecnologias leves, relacionais. Outra percepção é a de que parece haver um movimento de construção de vínculos com a oficina e com quem as oferta, bem como uma produção de sentidos em relação à entrada e participação nas oficinas, levando-nos a refletir que a Oficina é um potente dispositivo para a constituição de cuidados, especialmente nestes tempos pandêmicos. Nos rastros espinosanos e de autoras/autores decoloniais, compartilhamos algumas questões: “O que podem os corpos encarcerados, sobretudo considerando os marcadores sociais da diferença



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

como raça, gênero, classe, orientação sexual, idade?”, “O que podemos com essas existências na produção de uma vida possível em situação de privação de liberdade a partir da fabricação de um produto coletivo que permita visibilidades e dizibilidades sobre o que atravessa e compõe estas vidas?” É nesta trilha que seguimos agenciadas pela produção de novas interrogações, implicadas com a defesa e o cuidado das singularidades dos modos de existir e habitadas pelos saberes-fazer-cuidados construídos com estas mulheres ante a urgência de construções coletivas em oposição às concepções racistas, sexistas, classistas que aprofundam experiências de injustiça social como o encarceramento da população feminina negra.



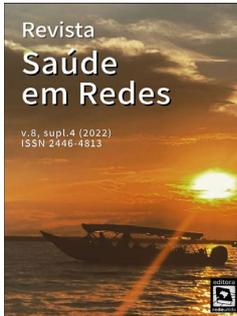
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

VIVENTES DE RUA COM TUBERCULOSE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

YASMIN DO CARMO LIMA, KATHLEEN TEREZA DA CRUZ

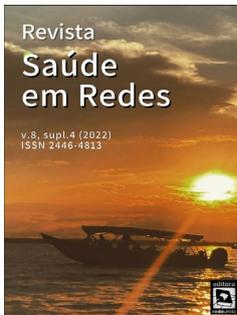
Apresentação: A tuberculose (TB) é considerada um problema de saúde pública que afeta consideravelmente as pessoas em situação de rua, as quais apresentam uma taxa de incidência entre 37 e 60 vezes maior em comparação à média nacional da população em geral. Sob a ótica biopsicossocial, observa-se que as pessoas em situação de rua apresentam mais chances de contrair a doença, pois encontram-se em situação de vulnerabilidade, o que interfere no processo de cura e de controle da doença. Um dos aspectos que corrobora para essa situação está na dificuldade do acesso a serviços de saúde pelos viventes de rua, seja pelo preconceito que sofrem pelos profissionais da área da saúde, seja pelo excesso de burocracia presente nesses estabelecimentos. Dessa forma, o atendimento a essas pessoas, quando há, fica restrito apenas ao primeiro contato, visto que elas não conseguem ter acesso continuado aos serviços de saúde. O principal objetivo deste estudo é entender as problemáticas que dificultam o tratamento da tuberculose nas pessoas em situação de rua, por meio de uma revisão sistemática, bem como as adversidades encontradas na vida nas ruas que contribuam para os índices aumentados da doença e seus agravos nessa população. A revisão sistemática realizou-se por meio de pesquisa nas bases de dados Medline e Lilacs, utilizando os descritores “pessoas em situação de rua and tuberculose” e restringindo os resultados aos idiomas português e inglês, ao intervalo do ano de publicação entre 2016 e 2021 e ao local de realização dos estudos, sendo, neste caso, o Brasil. Além disso, utilizou-se, como critério para a seleção dos artigos a análise minuciosa dos resumos, considerando as principais problemáticas que envolvem as pessoas em situação de rua com tuberculose. Essa pesquisa foi realizada nos encontros tutoriais semanais sobre “Pessoas em Situação de Rua” que aconteceram entre 21 de junho e 20 de setembro de 2021 na disciplina de Saúde da Comunidade do 2º período do Curso de Medicina. Inicialmente, foram encontrados 78 artigos, mas somente 9 atendiam aos critérios utilizados. A literatura mostrou que, além dos índices de incidência para tuberculose aumentados entre a população de rua em comparação a população em geral, têm-se maiores chances de desfechos negativos para a doença, pois a vida nas ruas não garante condições adequadas para o tratamento, uma vez que a falta de moradia dificulta o acesso aos serviços de saúde pelas pessoas em situação de rua, as quais estão, muitas vezes, distantes dos estabelecimentos de saúde. Constatou-se, também, que essas pessoas têm o acesso à informação dificultado e sofrem alguns empecilhos na hora do atendimento, como o preconceito, a estigmatização e a exigência de documentação para cadastro na Atenção Primária à Saúde. Profissionais da saúde que trabalham em Consultórios na Rua relataram o preconceito sofrido pelos viventes de rua nos serviços de saúde, os constantes deslocamentos, o uso abusivo de álcool e outras drogas, a falta de perspectiva para o futuro e a inexistência de um projeto de vida como as principais dificuldades encontradas para que as pessoas em situação de rua possam



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

continuar o tratamento. Além disso, os viventes de rua, em um estudo aqui descrito, relataram que a ausência de escuta qualificada, de adequação do tratamento à realidade do paciente e de informação sobre a doença e as condutas adotadas contribuem para o rompimento do vínculo entre o profissional e o paciente. Notou-se, também, que muitos hospitais não praticam a política de redução de danos aos usuários de álcool e outras drogas, impondo a abstinência aos mesmos, mesmo que a Política Nacional de Álcool e Drogas preconize a redução de danos como sendo mais eficaz. Esse conjunto de fatores podem contribuir para a desistência do tratamento, antes mesmo de iniciá-lo. Por fim, muitos profissionais da área da saúde afirmaram que desconhecem completamente ações que podem ser desenvolvidas para a população em situação de rua e/ou simplesmente não as realizam. Outros profissionais afirmaram, ainda, não realizar ou não conhecer algum tipo de capacitação destinada ao cuidado da população de rua, ao mesmo tempo que desconhecem a existência ou a disponibilidade de manuais sobre o cuidado à saúde nessa população. Tal fato contribui para que uma série de profissionais realizem com os viventes de rua os mesmos critérios destinados a população geral, dificultando a implementação de um projeto terapêutico singular. Muitas literaturas trazem como principal empecilho para a cura da tuberculose o abandono do tratamento por parte das pessoas em situação de rua (PSR). Entretanto, é interessante ressaltar que dar nome às coisas é carregá-las de significado. Dessa forma, cunhar o termo “abandono” ao invés de “interrupção” culpabiliza o outro de seu próprio desfecho em relação à doença, isentando a equipe de saúde e o Estado de suas responsabilidades no cuidado com o outro. Além disso, tal fato perpetua a vulnerabilização dessas pessoas, ou seja, os viventes de rua não são vulneráveis, mas sim vulnerabilizados, uma vez que são cada vez mais marginalizados da sociedade. De modo geral, deve-se buscar combater essa vulnerabilidade por meio da escuta para a criação de vínculos, ou seja, humanizar o encontro com o paciente, compreendendo sem julgar, respeitando e estabelecendo limites, e da educação em saúde, ou seja, promover o ensino dos sintomas da tuberculose, da prevenção dessa doença e do funcionamento dos serviços de saúde, para que os viventes de rua participem ativamente do processo saúde-doença-cuidado. Dessa maneira, o indivíduo torna-se protagonista de sua vida, podendo contribuir para o diagnóstico precoce da tuberculose e, conseqüentemente, para o início rápido do tratamento, o que tem influência direta com o aumento das chances de cura e de controle da doença. A TB é uma doença relacionada à pobreza e à desigualdade social. Portanto, os profissionais da área da saúde devem buscar adequar os tratamentos ao contexto em que as PSR estão inseridas, por meio do vínculo e da escuta. Dessa maneira, deve-se buscar a implementação de um projeto terapêutico singular aos pacientes, para que os viventes de rua possam receber um cuidado integral que se adeque ao contexto em que estão inseridos e, conseqüentemente, possam atuar ativamente no processo saúde-doença-cuidado, uma vez que a não compreensão do contexto em que o paciente está inserido pode ser prejudicial para o tratamento.



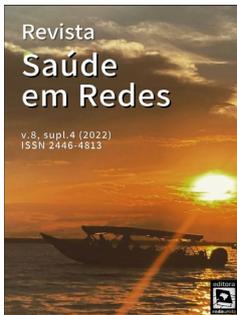
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

O USO DA TUTORIA COMO FERRAMENTA DE SENSIBILIZAÇÃO PARA A IMPORTÂNCIA DO CUIDADO EM SAÚDE DAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA COM TRANSTORNOS MENTAIS, NA FORMAÇÃO MÉDICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

LUIZA SOARES DE MIRANDA LINO, KATHLEEN TEREZA DA CRUZ

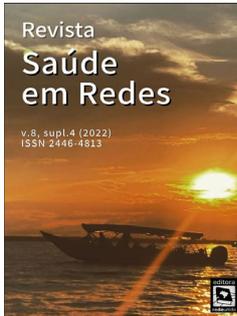
Apresentação: A partir de uma percepção reducionista, o imaginário social enxerga a população em situação de rua como um grupo homogêneo, imerso na pobreza, o qual utiliza os espaços públicos para dormir, se alimentar, fazer necessidades fisiológicas e usar drogas. Por consequência, essas pessoas não são reconhecidas como dignas dos mesmos direitos, estando, portanto, mais suscetíveis a diferentes formas de violência, incluindo a institucional, visto que as instituições também são atravessadas pelas construções sociais. Contudo, os viventes de rua constituem um coletivo heterogêneo, caracterizado por múltiplas complexidades, oriundas da convergência de diferentes eixos de opressão. Sob a óptica da interseccionalidade, percebe-se a acentuação da vulnerabilização de pessoas em situação de rua com transtornos mentais, uma vez que, ao analisar as políticas públicas que tratam as questões de saúde dessa população, observa-se a predominância na discussão do uso problemático de álcool e outras drogas. Desse modo, portadores de transtornos mentais diversos – a exemplo da esquizofrenia e da depressão – que vivem na rua, apresentam-se ainda mais invisibilizados, evidenciando a necessidade e o desafio de se pensar uma linha de cuidado mais singular para esse grupo. Como toda mudança genuína necessita ser construída em bases sólidas, não há como discutir, portanto, a desconstrução de estigmas sociais e a reconstrução de políticas de promoção e cuidado em saúde para populações negligenciadas, sem trazer esse debate para a educação. Consoante ao exposto, o presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência do uso de grupos tutoriais voltados para o estudo das particularidades e complexidades do cuidado em saúde de grupos vulnerabilizados pela sociedade, como a população em situação de rua com transtornos mentais. Além disso, espera-se demonstrar a relevância de trazer para a formação médica um espaço de discussão heterogêneo, que vá além do biologicismo, capaz de contribuir com diferentes pontos de vista na construção de práticas de assistência centradas na integralidade dos indivíduos, a partir de uma visão multidimensional da saúde. O contexto da experiência foi a disciplina de Saúde da Comunidade II, do 2º período do curso de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), campus de Macaé. O grupo foi composto por dez discentes do 2º período e uma docente, no papel de tutora. Foram realizados 12 encontros semanais, no período de 21 de junho a 20 de setembro de 2021. A metodologia utilizada baseou-se na problematização como estratégia de ensino-aprendizagem. As tutorias foram organizadas a partir da lógica do Arco de Maguerez, cumprindo cinco etapas: 1. observação da realidade, na qual foi realizada uma tutoria inicial com a apresentação da temática de trabalho (cuidado em saúde das pessoas em situação de rua) e a proposição da escrita de um diário dos discentes, no qual deveriam ser relatadas as impressões e reflexões



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

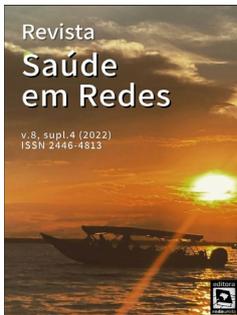
individuais, ao final de cada encontro; 2. identificação de pontos-chave, na qual foram promovidas rodas de conversa com convidadas cujas experiências se aprofundaram em diferentes recortes da temática geral, permitindo, a partir de uma análise crítica, a identificação dos pontos essenciais para a compreensão do problema; 3. teorização, na qual o grupo recorreu às bases de dados de publicações em saúde, a fim de pesquisar e selecionar na literatura existente os trabalhos e artigos mais relevantes e congruentes com o recorte escolhido para leitura e fichamento; 4. hipóteses de solução e 5. aplicação à realidade, as quais foram cumpridas em conjunto, a partir da redação de dois trabalhos que sintetizassem e propusessem intervenções para as problemáticas levantadas, sendo um individual e um em grupo. Ao final da experiência, foi possível constatar que os profissionais de saúde estão sujeitos às mesmas construções sociais que marginalizam os viventes de rua. Sob essa lógica, não se pode entender a sociedade como uma entidade dissociada de seus indivíduos. Estes, não apenas estão sob a sua influência, como também são responsáveis por construí-la na forma como ela se apresenta. Desse modo, quando se fala no preconceito institucional sofrido pelas pessoas em situação de rua, o fato é que, muitas vezes, a própria equipe impõe barreiras de acesso, sendo este um dos desafios de gestão nos serviços de saúde que compõem portas de entrada para o sistema. Ademais, verificou-se que o estigma em torno das pessoas em situação de rua, especialmente aquelas com transtornos mentais, muitas vezes também é responsável por uma falha no cuidado ofertado, visto que, sinais como histeria e confusão mental, por exemplo, costumam ser associados à condição de adoecimento mental, desconsiderando diversas condições clínicas que poderiam desencadear episódios semelhantes. A partir disso, é possível perceber a ocorrência de um fenômeno "acesso-barreira", no qual o direito de acesso à saúde está aparentemente sendo cumprido, uma vez que o indivíduo chega ao serviço, porém não é efetivado, uma vez que o usuário não encontra o acolhimento e a resolutividade para a sua demanda. Não se pode contestar, ainda, que a intersecção de alguns eixos de opressão é convergente nas populações negligenciadas no Brasil, sendo os marcadores de raça, gênero e social os mais prevalentes. Na população em situação de rua não é diferente. Sob esse aspecto, é necessário pontuar que, quando o viver na rua é cruzado também por uma condição de adoecimento mental, a construção de vínculo entre profissional e usuário torna-se especialmente importante, pois permite que o paciente se abra para a escuta e para o processo de cuidado, potencializando a chance de adesão ao tratamento. Além disso, enquanto parte de um coletivo, que é a sociedade, é preciso reconhecer que todos estamos sujeitos a reproduzir preconceitos. Enquanto cidadãos, é, portanto, responsabilidade individual a busca pelo esclarecimento necessário à desconstrução e à reconstrução do olhar acerca da população com transtornos mentais em situação de rua, de modo que a vivência dessas pessoas não seja resumida à rua e ao adoecimento mental. No entanto, enquanto futuros profissionais de saúde, é indispensável que pensemos também institucionalmente, a fim de que a linha do cuidado para esses indivíduos não seja pensada restringindo-os a tais condições. Para isso, ações de educação em saúde voltadas a essa temática, ainda na



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

formação médica, constituem o caminho mais sólido, uma vez que a universidade não é apenas estrutural, mas também, estruturante. Nesse sentido, o uso da metodologia ativa baseada na problematização possibilitou aos estudantes identificar os diferentes problemas no cuidado em saúde da população vivente de rua, e, a partir deles, buscar lógicas de causa e consequência que fornecessem um melhor entendimento da problemática. Além disso, ao longo do processo, os alunos enfrentaram a responsabilidade individual e coletiva na proposição de melhores práticas de intervenção, sendo protagonistas da sua formação. Portanto, revela-se, a partir dessa experiência, que o uso das tutorias e da problematização possui amplo potencial na formação médica, sendo capaz não apenas de ampliar a noção de cuidado em saúde para além da biologia e de sensibilizar os estudantes para realidades frequentemente negligenciadas, como também de transformar suas próprias vivências e relações ao longo do processo de aprendizagem. Por fim, a principal relevância dessa experiência ultrapassa a remodelação do ensino e se constitui no espaço dado ao invisível, possibilitando a formação de profissionais mais conscientes do seu papel social, capacitados para lidar com demandas complexas, de forma humana e responsável.



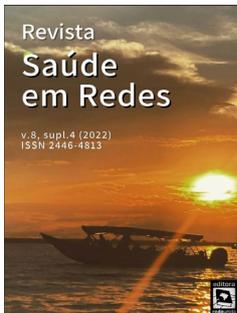
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

CONSULTA PUERPERAL: PROMOÇÃO E PREVENÇÃO EM SAÚDE COMO PROCESSO FORMATIVO NO EMPODERAMENTO DE MULHERES ATENDIDAS NA UBS

THAIS BEDNARCZUK DA SILVA, ANTONIA EVILLANIA CAVALCANTE MACIEL, MARIA EDUARDA CASTRO, CAROLINA ABRAHIM, JOSE ANTONIO KARAM, VINICIUS NEGREIROS, REBECA MAIA

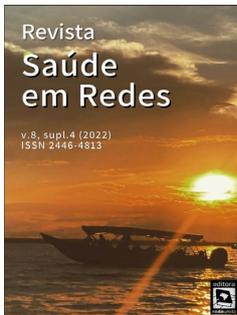
Apresentação: É fundamental para a saúde materna e neonatal uma atenção especial ao binômio materno-infantil no pós-parto imediato e ao longo do puerpério. No plano de alta a puérpera deve ser orientada quanto o acompanhamento do período puerperal na Unidade Básica de Saúde. Na UBS, a equipe de saúde realizará a promoção da saúde, prestação de cuidados e realizará medidas preventivas por meio da educação em saúde, orientando e sanando as dúvidas da puérpera e acompanhante. Uma das dúvidas mais frequentes é concernente ao uso de contraceptivos, os riscos de engravidar após o puerpério, amamentação, cuidados com o coto umbilical, o aconselhamento especializado com o médico da família e enfermeiro gera empoderamento e qualidade de vida para o binômio materno-infantil. Na consulta puerperal a avaliação do estado de saúde materno-infantil, as orientações, apoio para amamentação e cuidados básicos com o recém-nascido, além de avaliar a interação da mãe com o RN e orientar o planejamento familiar, tem sido um dos papéis fundamentais e de grande importância na Atenção Básica. **Objetivo:** Relatar a importância do cuidado prestado às puérperas na APS no período pós-parto; elencar a qualidade e a frequência das informações que tem sido repassada a essas mulheres. **Método:** Trata-se de uma pesquisa descritiva, de caráter bibliográfico. A pesquisa dos artigos foi realizada nas bases de dados da Lilacs, PubMed e BVS, utilizando os descritores: Puerpério; Atenção Primária a Saúde e Materno-infantil. Após a filtragem foram selecionados 18 artigos em português, publicados nos anos de 2016 à 2021. Os artigos selecionados foram lidos na íntegra, realizou-se fichamento, tabulação das informações coletadas e analisadas para posterior discussão dos resultados encontrados. **Resultados e discussão:** A consulta puerperal ocorre até 42 dias do dia do nascimento do bebê. Caso a paciente e o bebê já tenham comparecido a primeira semana de saúde integral, nesse segundo momento iremos realizar avaliação das condições de saúde da mulher e do recém-nascido, registrar possíveis alterações, investigar e registrar a amamentação, informar sobre o retorno da menstruação e atividade sexual, realizar ações educativas e conduzir para possíveis intercorrências. Nesse momento iremos focar na mulher e escuta-la, verificar como ela se sente, realizar uma avaliação clínico-ginecológica, incluindo o exame das mamas, avaliar o estado do seu aleitamento. As orientações que serão passadas a elas abrangem vários campos e são de extrema importância. As orientações mais importantes que não podem deixar de serem passadas são: A importância de uma boa higiene, alimentação e atividades físicas, como estado global de bem-estar; Atividade sexual sempre de forma segura com uso de preservativos, informando sobre prevenção de DST/AIDS; Cuidado com as mamas,



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

reforçando a orientação sobre o aleitamento; Todos os cuidados que devem ser percebidos com o recém-nascido; Direitos da mulher nos campos reprodutivos, sociais e trabalhistas e orientá-la sobre a importância de um planejamento familiar e ativação do método contraceptivo. Esse ponto merece destaque pois é uma dúvida muito frequente de puérperas que procuram o serviço de saúde, a maioria delas já possuem mais de um filho e pretendem não ter mais nenhum, muitas vezes chegam desinformadas e bastante preocupadas por não conhecer quais são os métodos que possam atender a ela de uma forma que seja eficaz, mas sem trazer nenhum risco ao bebê. Então é bastante importante informar: Os métodos que podem ser usados no pós parto e mais do que isso disponibilizar o método escolhido, e passar as instruções para uso, os possíveis efeitos adversos e instruções para o seguimento. O uso do anticoncepcional durante o aleitamento é uma das dúvidas mais frequentes das puérperas. A escolha desse método deve ser sempre personalizada para cada paciente. Existem algumas considerações que devem ser notadas para a escolha do método: o tempo pós-parto, o padrão de amamentação, o retorno ou não da menstruação, os possíveis efeitos dos anticoncepcionais hormonais sobre a lactação e a lactante. Nos primeiros seis meses pós parto, devido a amamentação exclusiva pode ter ligação com a amenorreia e diminuição da fertilidade. O efeito do anticoncepcional deixa de ser eficiente quando as menstruações voltam a ocorrer ou/e quando o leite materno deixa de ser o único alimento ofertado ao bebê. O efeito que inibe a fertilidade, que o aleitamento exclusivo com a amenorreia tem pode ser utilizado como método comportamental de anticoncepção, quando este deixar de ser eficiente, ou quando a mulher desejar associar outro método, é preciso escolher um que não vá interferir na amamentação, nesse caso deve-se primeiro considerar os métodos não hormonais – DIU e métodos de barreira. O DIU é hoje ofertado pelo governo e pode ser inserido imediatamente após o parto, ou marcadas quatro semanas pós-parto, ele está contra indicado em casos que cursaram com infecção puerperal. O uso de preservativo tanto masculino quanto feminino deve ser sempre incentivado. Se caso a puérpera opte pelo anticoncepcional hormonal oral, este deve conter apenas progesterona para que possa ser utilizado pela mulher que está amamentando, seu uso deve ser iniciado após seis semanas do parto. O anticoncepcional injetável trimestral também pode ser utilizado pela mulher que esteja amamentando. Está contraindicado a combinação de anticoncepcional hormonal oral com o injetável mensal. Os métodos comportamentais só devem ser utilizados após a regularização do ciclo menstrual. Considerações finais: Visto detalhadamente, todas as informações e orientações que devem ser repassadas as puérperas tanto da primeira semana de atenção à saúde quanto na consulta puerperal, concluímos que estas sejam de suma importância para qualidade de vida, saúde e bem-estar tanto da mãe quando da criança. Devido a isso essas visitas as unidades de saúde não podem deixar de serem realizadas. A existência e importância desse acompanhamento deve ser repassado pela equipe de saúde multidisciplinar a gestante desde o acompanhamento pré-natal até o dia do nascimento do filho.



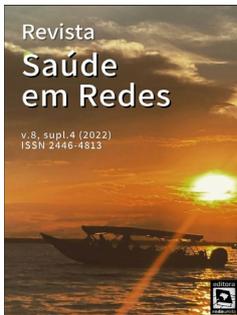
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

CIÊNCIA E DANÇA: MOVÊNCIAS E INSURGÊNCIAS NO COMPARTILHAMENTO E NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO.

VALÉRIA MONTEIRO MENDES, ALANNA DAHAN MARTINS, CARLA ALMEIDA, NATALIA SANT'ANNA

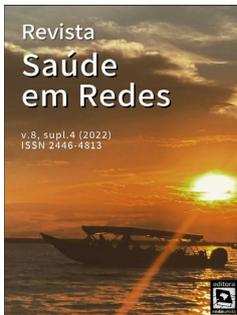
Apresentação: Em experiências pandêmicas, como a que vivenciamos com a covid-19, o “isolamento social” é uma das medidas recomendadas por órgãos internacionais e por cientistas do campo da saúde como um meio para evitar a disseminação da doença. O termo é problematizado por pensadores do campo das ciências humanas e sociais ao discutirem a impossibilidade de sua efetivação em uma sociedade. Esta é uma entre as várias questões relacionadas aos sentidos e às repercussões do dito “isolamento social” que nos atravessaram sobretudo no início da pandemia e que compõem estes tempos de “doenças emergentes - que tendem a se tornar cada vez mais frequentes nos próximos anos, como discutido pelo campo da saúde global. Ante a disseminação de um ser que não respeita fronteiras e do agravamento da crise sanitária, as casas se tornaram cenários dos encontros cotidianos pelas vias virtuais e os corpos, no trabalho remoto e na educação à distância, se reduziram a olhos, ouvidos, bocas e mãos que se conectam às telas de computadores e celulares para se comunicarem. Em algumas situações, quem está do outro lado sequer é visto à medida que os corpos-letras se multiplicam, seja por impossibilidade de dispor de uma webcam, seja por opção de ocultarem seus corpos. Cabe lembrar, que tais experiências virtuais são diversas, vivenciadas por uma parcela privilegiada da população, que dispõe de meios para cumprir parcial ou totalmente a quarentena, bem como por outras vidas menos privilegiadas, que se desdobram para estarem conectadas mesmo com distintas dificuldades materiais, como as tecnológicas e habitacionais. E no plano imaterial também são muitas as repercussões desse isolamento físico. As relações sociais tiveram que se adaptar a esse momento em que as pessoas encontram-se limitadas em sua coreopolítica urbana, na perspectiva de que a ocupação das ruas e a possibilidade de ir e vir nos espaços urbanos foram limitadas. Para além do discurso hegemônico funcionalista-tecnicista-medicalizante-privatista-mercadológico, que dissemina (não sem contrapontos) a ideia de que a atividade física por si é promotora de saúde e que, neste tempo pandêmico, foi tomado como justificativa para que, por exemplo, academias de ginástica fossem consideradas um serviço essencial, no contexto de uma suposta proteção imunológica contra o SARS-CoV-2, a restrição corpórea que vivenciamos põe em evidência uma urgência sobre os encontros produzidos conosco e com outros corpos. Esta crise sanitária mundial, que em muitos países foi alçada à crise humanitária (no caso do Brasil, em decorrência de ações deliberadas do governo federal), coloca-nos a possibilidade de interrogar os movimentos que temos constituídos de modo individual e coletivo. Aqui nos referimos à produção de um corpo que se põe vivamente em movimento, que se abre a todos os sentidos, que se move na perspectiva do sensível, que não está subsumido a normatizações e ao controle neoliberal,



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

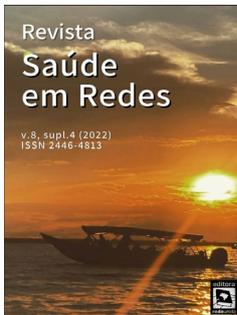
que experimenta modos de tecer saúde e cuidados, de si e de outros corpos, como um ato constitutivo de sua existência. São movimentos que se conectam a outros corpos a partir de uma perspectiva que é ético-política-estética-artística. Mover-se como um caminho para a ativação e o cultivo de porosidades e de percepções sobre o que pode um corpo, na perspectiva de que pode mais um corpo quanto mais ele experimenta composições com outros corpos, animados ou inanimados, pois tudo é corpo e todos estão em conexão. E o dançar, a partir do reconhecimento de sua dança, do que pode um corpo ao dançar, inscreve-se como uma saída revolucionária. Dançar por prazer, por desejo, por necessidade, para conhecer e para resistir. Explorar a dança como arte, linguagem e caminho e sua interlocução com a ciência, a tecnologia e a saúde faz parte do propósito desta pesquisa, inserida no campo interdisciplinar da divulgação científica. Desenvolvimento: Este relato de experiências traz as ações produzidas no final de 2020 orientadas pela ideia de confabular um grupo de estudos que reunisse pesquisadoras e pesquisadores do campo da divulgação científica, da dança e da saúde, dando origem, em janeiro de 2021, ao LAB Ciência e Dança. Naquele momento, algumas questões básicas, porém complexas, nos instigavam: O que é dança? O que é ciência? O que é divulgação científica? Como esses universos podem dialogar? Como produzir saúde em nossos corpos no cenário pandêmico? Entre muitas dúvidas, uma certeza: a necessidade de constituir um espaço plural, aberto a novas experiências e olhares, no qual nem a dança nem a ciência fossem vistas de forma meramente instrumental e utilitária, mas que ambas as áreas pudessem canalizar seu potencial, de forma colaborativa, para a divulgação científica. Cabe aqui declarar nossa filiação a uma concepção de divulgação científica dialógica, de via de mão dupla, que busca conectar indivíduos, valorizar saberes e promover a inclusão social em uma sociedade altamente e desigualmente impactada pela ciência e tecnologia. Assim formou-se um grupo que segue em uma processual constituição e que atualmente é composto por corpos com distintas formações e experiências profissionais e de modos de existir. A cada quinze dias nos encontramos de modo virtual para pensar, discutir e interrogar o instituído que nos atravessa e nos compõe na academia e fora dela, partindo sobretudo da dança, em suas diferentes linguagens. Juntos compartilhamos saberes, práticas e vivências que produzem na micropolítica de nossos cotidianos (como docentes, pesquisadoras/es, integrantes de coletivos e movimentos artísticos, profissionais de saúde, artistas, dançantes...) modos de estar no mundo mais instituintes e menos isolados. Considerações finais: Promover o diálogo entre dança, ciência, tecnologia e saúde de diversas formas, por exemplo, ocupando espaços físicos e virtuais; produzindo novos conhecimentos e publicações na interseção dessas áreas; organizando eventos; e, sobretudo, dançando. Sem encerrar, seguimos coletivamente. Que tempo é esse que nos atravessa? Tempo de distâncias Tempo de mortes Tempo de lutas Tempo de luto Tempo de nascimentos Tempo de dor Tempo da fome Tempo das artes Tempo da necropolítica Tempo do imprevisível Tempo da inconstância Tempo da tormenta Tempo da resistência Tempo do sensível Tempo da escuta... temores, valores, enunciados, sentidos, vivências Tempo de outros possíveis O que-quem nos ocupa? Do que-de quem nos ocupamos? Tempos de



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

encontros em tela Experiências com múltiplos corpos Nos fluxos das resistências, encontros com corpos que dançam a seus modos] Ciência + Dança + Produção de Vida Ciência + Insurgências Movências em persistências Uma rede... saberes+viveres+cuidados Um singular-comum com as artes Tempo! Tempo? Tempo! Tempo? O que cabe neste tempo? Movências para a fabricação de outros sentidos Perceber o não visível, escutar o não dizível Qual o tempo da experiência? Tempo do entre... Entrecorpos Entremundos Entretempos Contagem fora do relógio Um estar-entre Não medicalizante Não normatizante Não moralizante Qual o tempo da experiência? Desmedidas Que tempo é esse? Tempo de travessias Tempo de pontes Tempo de portas Tempo de encruzilhadas Tempo de deixar viver, de fazer-viver Tempo-espaco outro Na roda de jongo... na escola pública... nos rodopios na praia... nos passos pelo museu, no alto da perna de pau, nas leituras com a comunidade, no pulso do tambor, na horta coletiva, no compasso da escola de samba, nas escritas individuais-coletivas, na liberdade do cultivo aos orixás, na pesquisa-produção de conhecimentos outros, na dança silenciosa, no cuidado de si e do outro, na gira de ciência+artes. Que tempo é esse? Tempo de: (sobre)viventes e modos de existir-resistir.



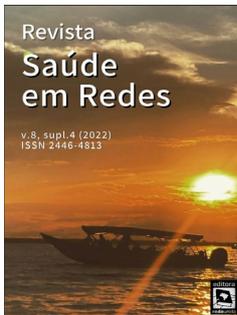
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

CUIDADOS DE ENFERMAGEM ÀS GESTANTES DE ALTO RISCO: VIVÊNCIAS E PERCEPÇÕES DE ACADÊMICAS

JULIA MILENA GRANDO CARNIEL, KEROLI ELOIZA TESSARO DA SILVA, JOICE MOREIRA SCHMALFUSS

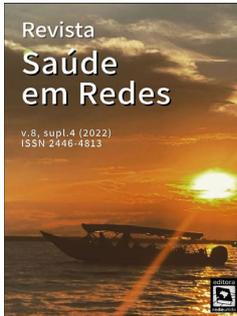
Apresentação: O período gravídico trata-se de um momento de grandes transformações na vida da mulher, tanto por questões fisiológicas, quanto psicológicas. Muitas mulheres que vivenciam a gravidez não apresentam complicações, no entanto, algumas gestantes podem ser classificadas como de alto risco, gerando maiores chances de ocorrência de eventos desfavoráveis a elas, seus fetos e/ou seus recém-nascidos. Sendo assim, algumas das complicações que caracterizam uma gestação de alto risco incluem síndromes hipertensivas gestacionais, diabetes melito gestacional, infecções recorrentes do trato urinário, anemias, ruptura prematura das membranas amnióticas, dentre outras condições. Nesse sentido, a realização de um pré-natal de qualidade é fundamental para a obtenção de desfechos positivos durante o ciclo gravídico-puerperal, além de proporcionar o bem-estar do binômio mãe/feto. Portanto, a identificação de condições gestacionais condizentes com fatores de risco faz com que a assistência profissional direcionada às gestantes seja mais criteriosa e assertiva, possibilitando o devido encaminhamento aos serviços secundários ou terciários de saúde. Tal assistência visa prevenir complicações que poderiam ser amenizadas e/ou resolvidas com condutas adequadas e em tempo hábil. Nesse contexto, o enfermeiro possui um importante papel no que tange a educação e promoção da saúde deste público e, conseqüente, prevenção de agravos durante o período gestacional. Diante do exposto, objetiva-se relatar as vivências e percepções de duas acadêmicas sobre os cuidados de Enfermagem a gestantes de alto risco internadas em um serviço de atenção terciária à saúde. Trata-se de um relato de experiência vivenciada no segundo semestre de 2021, durante inserção de seis dias em uma maternidade referência para alto risco gestacional, com a realização de atividades teórico-práticas desenvolvidas por uma disciplina curricular vinculada a um curso de graduação em Enfermagem de uma universidade pública localizada no sul do Brasil. A partir da aproximação com o campo prático, observou-se um expressivo número de mulheres que apresentavam diagnósticos compatíveis a quadros gravídicos classificados como de alto risco. Nesse ínterim, por meio da leitura dos prontuários e conseqüente atendimento e avaliação do quadro clínico destas mulheres, realizou-se o levantamento de 13 casos, sendo possível detectar que duas possuíam diabetes melito gestacional, três apresentavam alguma síndrome hipertensiva gestacional, uma teve o diagnóstico de ruptura prematura das membranas amnióticas e oito delas estavam internadas por apresentarem duas ou mais das condições mencionadas. Quanto à nacionalidade, foi possível observar que dez eram brasileiras, duas eram haitianas e uma era venezuelana. Vale destacar que, com o expressivo número de imigrantes no Brasil, os atendimentos a populações estrangeiras vêm crescendo de maneira significativa. Com isso, nota-se que os



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

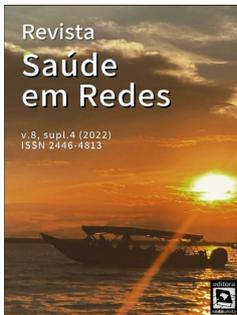
serviços de saúde brasileiros não se encontram totalmente preparados para receber estas pessoas, tendo em vista que existe uma grande dificuldade na comunicação entre usuárias e profissionais da saúde, gerando repercussões negativas no cuidado prestado. Ademais, no que tange às idades das gestantes, foi possível observar que grande parte tinha extremos de idades e por meio dos relatos destas mulheres, foi possível concluir que, majoritariamente, não estavam planejando uma gravidez. É perceptível que as estratégias de planejamento reprodutivo ainda se apresentam fragilizadas em relação ao repasse de informações compreensíveis ao público feminino, principalmente no que tange às diferentes possibilidades de métodos contraceptivos, assim como seu uso correto, o que acarreta gestações não planejadas e maiores riscos à saúde da mulher. A análise dos prontuários também permitiu observar que a maioria das gestantes acompanhadas realizaram a primeira ecografia precocemente, no primeiro trimestre gestacional. Além disso, as idades gestacionais destas usuárias variaram de 28 semanas a 36 semanas e quatro dias. No que tange a referência e contrarreferência nos serviços de saúde, uma vez que a gestante é encaminhada à atenção secundária ou terciária de saúde, ressalta-se que esta precisa seguir seu acompanhamento pré-natal na atenção primária, com atendimentos intercalados entre médicos e enfermeiros. A continuidade da assistência nas Unidades Básicas de Saúde possibilitará que tais profissionais possam repensar estratégias e intervenções que visem não só reduzir as repercussões à gestante e/ou feto/recém-nascido, mas também, evitar situações potencialmente fatais. Nesse sentido, salienta-se a importância de um acompanhamento pré-natal qualificado, com foco na prevenção de agravos e promoção da saúde, quando se tratar da atenção primária à saúde, bem como redução de condições desfavoráveis no período gravídico-puerperal. Outro fato que chamou a atenção foi que a maioria das gestantes atendidas estavam acompanhadas por familiares ou conhecidos, sendo um sinal positivo em relação à presença de uma rede de apoio, que se configura primordial, tendo em vista que as questões psicológicas são essenciais para a recuperação e estabilização do quadro apresentado durante o período gestacional. Além disso, uma das principais características da maternidade em questão é a alta rotatividade das usuárias, fato que pode ser considerado positivo devido à estabilização do quadro e conseqüente alta, na maioria dos casos, quanto negativo, com dificuldade na formação de vínculo com as pacientes e seus familiares. Ainda, foi possível observar algumas dificuldades em relação ao planejamento, direcionamento, e organização do setor, visto que algumas gestantes de alto risco dividiam o quarto com puérperas e seus recém-nascidos, sendo necessário pensar num adequado realojamento por se tratarem de períodos diferentes e com variadas especificidades de vida e de cuidado. As vivências relatadas no decorrer do acompanhamento das gestações classificadas como de alto risco proporcionaram inúmeras inquietações e estas estiveram relacionadas à origem dos diagnósticos, bem como os fatores que levaram a tal situação de agravamento do período gravídico, questionando-se sobre a efetividade dos pré-natais realizados na atenção primária à saúde. Tais vivências possibilitaram um olhar ampliado acerca da atuação da enfermeira frente a essas complicações, mostrando-se nítida a sua importância, tanto na atenção



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

primária, quanto na terciária à saúde, a fim de profissional com potencial e qualificação para trabalhar com aspectos da redução de riscos, prevenção e promoção da saúde. Ademais, a possibilidade de inserção em campo prático numa maternidade referência para atendimentos de gestantes de alto risco resultou em experiência muito valiosa para a formação acadêmica das estudantes e para a compreensão da importância como futuras profissionais da Enfermagem, com importante papel na redução de danos. Vale destacar que, embora as atividades tenham sido relativamente breves, foi possível identificar potencialidades e fragilidades no referido serviço. Dessa maneira, sugere-se a realização de momentos de educação continuada com os profissionais que trabalham nesse setor, tendo em vista que é de extrema importância devido às atualizações frequentes no processo do cuidado.



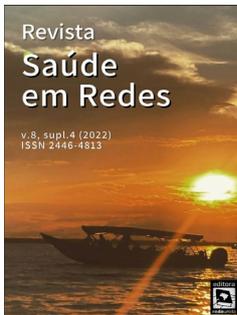
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

DIALOGANDO SOBRE A COVID-19 COM CRIANÇAS NA ESCOLA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

CAROLINE SOUZA SOARES, MARIA JULIA VENTURIN, LUIZA LIMA DALEPRANE, JANDESSON MENDES COQUEIRO

Apresentação: A Política Nacional de Educação Popular em Saúde (PNEP) que foi implementada em 2013 tem como objetivo o diálogo, a participação popular, o cuidado e a troca de saberes com a comunidade. A Educação Popular em Saúde (EPS) é um jeito de pensar os processos educativos de forma a fortalecer o Sistema Único de Saúde (SUS) e combater as desigualdades e injustiças sociais, reconhecendo o ponto de vista popular para chegar à discussão do que é ter saúde. Em momento de pandemia, como a de covid-19, a EPS se mostra ainda mais importante, já que evidencia as vulnerabilidades sociais, as maiores necessidades e demandas na troca de saberes em prol da qualidade de vida das populações. **Desenvolvimento:** Trata-se de um relato de experiência sobre a EPS realizado pelo projeto de extensão Cuidar Rizomático da Universidade Federal do Espírito Santo. Foi feito um planejamento das ações junto à unidade básica de saúde e as escolas. Participaram das ações estudantes engajados no projeto de cinco diferentes cursos da universidade. Nos dias das ações foi feito o uso de cartazes com imagens sobre medidas preventivas a covid-19 para estimular o debate com as crianças de forma livre e espontânea. **Resultado:** O uso de metodologias ativas para o estímulo do processo ensino-aprendizagem das crianças mostra resultados importantes em momentos delicados de pandemia. As crianças foram ativas nas ações, participando de todas as trocas propostas e levantamentos de perguntas, argumentos e relatos sobre a doença. Além disso, demonstravam ter a maior parte das informações sobre a doença já bem consolidadas. **Considerações finais:** As ações de EPS em combate a covid-19 são importantes pela necessidade de compartilhar informações coerentes sobre a doença. Ter o contato e troca direta com as crianças se mostrou relevante por proporcionar um espaço mais aberto de diálogo sobre o assunto. Dessa forma, faz-se necessária a implementação de mais ações de EPS sobre a covid-19 a fim de atingir mais crianças e manter o diálogo sempre atualizado sobre o assunto.



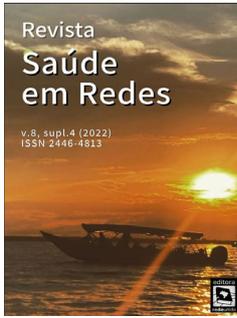
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

DESAFIOS PARA O CUIDADO DE CARDIOPATAS EM SITUAÇÃO DE RUA

ANA CLARA BASTOS SILVA, KATHLEEN TEREZA DA CRUZ

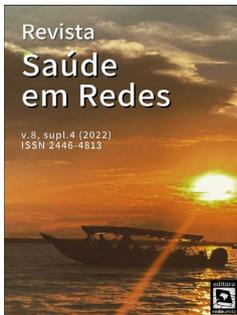
Apresentação: O estudo da saúde dos viventes de rua se faz extremamente necessário no âmbito da saúde pública, contudo, até sua contabilização censitária apresenta-se como um desafio, sendo a estimativa mais recente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, que em 2020, contabilizou cerca de 220 mil brasileiros nas ruas. É essencial compreender como o contexto em que estas pessoas vivem influencia o surgimento e agravamentos de doenças. Contudo, o modo de vida deste grupo impõe diversos desafios para seu cuidado. Fatores que vão desde o desconhecimento dos serviços de saúde até a violência institucional, impedem o acesso desta população à prevenção e promoção da saúde. No atual contexto epidemiológico do Brasil, a maior causa de mortalidade são as doenças cardiovasculares, e que tem como exemplos de fatores de risco como dieta hipersódica e estresse. Tais fatores são agravados na situação do viver na rua, visto a dificuldade de acesso a alimentação suficiente e adequada nutricionalmente. Também a exposição a diferentes violências inclui sobre essas vidas, que vivem constante sobre tensões e estresses. Assim, essa população encontra-se cotidianamente exposta a aspectos sociais que os tornam ainda mais susceptíveis à doenças do sistema cardiovascular (DCVs). Buscou-se entender como viver nas ruas é vivenciar um contexto de adoecimento, que impede a prevenção e promoção de saúde, em especial nas DCVs. Por meio de uma pesquisa bibliográfica realizada nas principais bases de dados virtuais, como a “BVS” e “Google Acadêmico”, utilizando-se os descritores “saúde da população em situação de rua”, “cardiopatias”, “cardiopatias em pessoas em situação de rua”, “doenças crônicas em pessoas em situação de rua” e “doenças cardiovasculares em pessoas em situação de rua”, Essa pesquisa foi realizada nos encontros tutoriais sobre “Pessoas em Situação de Rua” que aconteceram entre 21 de junho e 20 de setembro de 2021 na disciplina de Saúde da Comunidade do 2º período do Curso de Medicina. O estudo permitiu compreender como os viventes de rua estão expostos a fatores que agravam DCVs já existentes, e que estes também impõem desafios para seu cuidado, como a exposição a estressores, tabagismo, alcoolismo, falta de acesso à informação, provocando o desconhecimento deste público sobre fatores que podem agravar sua saúde as práticas de autocuidado, bem como dos serviços aos quais podem acessar. Dentre os desafios encontrados, destaca-se a violência institucional, que se expressa de várias formas: invisibilidade de suas situação, julgamentos a priori de que eles não se interessam em sair da rua ou em fazer tratamento, ou que são perigosos e agressivos. Outras vezes criam critérios de acesso impraticáveis como a exigência de comprovantes de endereço para serem atendidos. Tais práticas prejudicam ainda mais o acesso dessa população aos serviços de saúde, o diagnóstico e o acompanhamento da DCV se impedem. Portanto, é perceptível que a saúde dos viventes de rua está diretamente relacionada à situação de vulnerabilização social em que estes vivem, e assim, é fundamental enfrentar essas barreiras, visando garantir



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

a integralidade, universalidade e principalmente a equidade, fazendo com que os princípios básicos do SUS se realizem para todes.



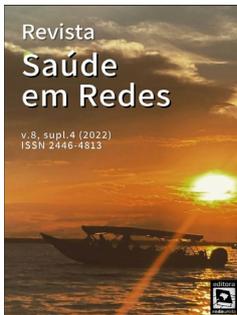
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

(RE)CONSTRUINDO HISTÓRIA: A INVISIBILIDADE ATRAVESSADA POR RELAÇÕES DE RAÇA, GÊNERO E LOUCURA.

LILIANE MARCELA MORCELLE, BERNARDINO ALMEIDA LIMA

Apresentação: O presente trabalho trata-se da reflexão do binário mulher- loucura, disparado através do caso clínico de uma usuária de um serviço de Atenção Psicossocial. Margarida, 48 anos, mãe, preta, nascida no estado de Minas Gerais e atualmente moradora de uma Residência Terapêutica no Município do Rio de Janeiro. Esta história, assim como de muitas mulheres é atravessada por inúmeras opressões de gênero, classe e raça. Ainda jovem, Margarida apaixona-se por um homem branco e diante de uma traição, quebra o carro do companheiro em ato de fúria, sendo levada contra sua vontade à uma emergência psiquiátrica onde ocorre sua primeira internação. Quando recebeu alta, voltou para a casa de seus pais e descobriu que estava grávida. Recebida a notícia, foi viver em situação de rua e assim sua primeira filha, Pétala nasceu e ficou nessa condição com a mãe por dois anos até o pai da criança solicitar a guarda. Apesar de conviver em situação de rua, pessoas que conheciam Margarida, diziam que ela era uma mãe muito zelosa e carinhosa. Três anos depois, ainda em situação de rua em Minas Gerais, engravidou novamente e teve sua segunda filha Flor. A partir daí, Margarida começou a ingerir bebida alcoólica de uso providencial de quem habita na rua, mas esse uso não era abusivo mais uma vez, devido a condição em que se encontrava, Margarida perdeu a guarda da criança, que foi morar com o pai de sua primeira filha. E assim, Margarida veio para o Rio de Janeiro e aqui permaneceu em situação de rua onde teve uma crise, tendo sido recolhida para o Hospital Municipal Manfredine, ficando internada por quatro anos. Essa discussão suscita estruturas opressoras sociais que atravessam os corpos femininos e marcam histórias de vidas. Através de um olhar interseccional é possível pensar o cuidado para além do diagnóstico, considerando sua subjetividade e a estrutura social. Portanto, essa é mais uma história feminina marcada por estigma, violência e segregação que resultam em sofrimento psíquico. Defendemos que nossa luta é por uma sociedade sem manicômios, sejam eles físicos, mentais e culturais. Garantir a cidadania é fortalecer os laços sociais e apostar na vida. Que possamos sempre questionar os manicômios e suas expressões, fomentar a temática loucura e mulheres frente as opressões, caminhando para um debate amplo, garantindo direitos e condições dignas de vida a essas mulheres estigmatizadas por seus sofrimentos psíquicos.



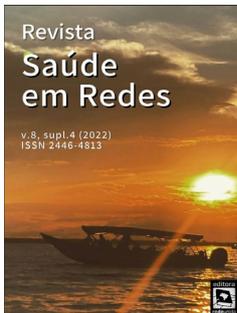
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

DIALÉTICA DA PRECEPTORIA: AFETOS ATIVOS COMO COMPOSIÇÃO DE EDUCAÇÃO PERMANENTE

GUILHERME SILVA DE FARIAS, ELIANDRE SOZO DE ABREU, MARIA ANTONIA HECK

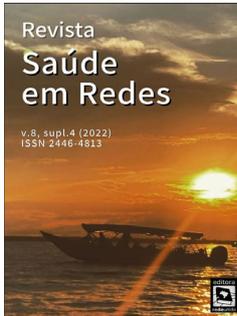
Apresentação: A preceptoria é um elemento central na prática do residente. Tem a atribuição de acompanhar as atividades e ser a referência no seu percurso formativo. Assim, a relação estabelecida entre residente e preceptoria define substancialmente o desenvolvimento do percurso e a possibilidade de reflexão sobre o processo de trabalho. Contudo, costumamos entendê-la como algo restrito à prática e a sua discricionariedade, quando o encontro entre dois ou mais trabalhadoras e trabalhadores, no espaço da residência configura um lócus privilegiado de Educação Permanente. Neste sentido, o objetivo deste relato foi apresentar as subjetividades do meu campo de formação, a Escola de Saúde Pública do RS, e como ele tem afetado o meu percurso dentro da residência. Desde o primeiro contato com as preceptoras, fui acolhido com muito respeito e afeto. Por ser uma experiência nova para nós, optamos por construir esse espaço conjuntamente, numa constante troca de informações e saberes. Creio que acertamos no método. Visualizo minha experiência com a preceptoria de tal maneira: há, num primeiro plano, uma referência sem equivalência quando se trata do domínio político administrativo da residência. Nesse ponto, é muito qualificado o debate sobre o cotidiano da gestão do ensino na prática da gestão institucional. Na outra ponta, tenho uma interlocução enriquecedora com a curiosidade e a vontade de saber, o gosto por analisar o cotidiano com a acidez indispensável às análises institucionais. Meus recorrentes exercícios de síntese, em aula e no trabalho (“...meu delírio é a experiência com coisas reais...”) sempre encontraram uma escuta atenta e muito qualificada, que me auxilia muito na reflexão diária sobre o campo de prática e as dinâmicas que nos circundam e moldam, em seu conjunto, a cultura institucional da escola. Este processo, como aponta Merhy, pode ser considerado educação permanente em movimento, pois acontece no dia a dia, conforme o cotidiano vai acontecendo. Alguns destes processos podem ser intencionais, porém muitos outros não. Pode ser só um ir acontecendo de encontros que por si agenciam novos processos coletivos, não dados antes e nem buscados antes. Considerações finais: A proposta da Educação em Saúde foi construída junto à esteira da Reforma Sanitária Brasileira, ou seja, sua intenção e objetivo se inserem dentro de um escopo político, que implicam algumas premissas enquanto razão de ser. Essas perspectivas orientaram em 2005 a criação da lei que instituiu os programas multiprofissionais em saúde. Contudo, não é possível olhar para o desenrolar dessa história sem situá-la na temporalidade das transformações sociais de lá pra cá. Já se vão 15 anos da concepção deste projeto enquanto diretriz nacional e a forma como a educação, a saúde e a educação em saúde são vistas mudaram radicalmente. Estas transformações aconteceram a partir de dois lócus: o externo, nas macro transformações, ajustes estruturais que reorienta(ra)m a lógica da máquina pública e subverte(ra)m suas funções, e, o interno, as micro transformações, os rearranjos institucionais que esvazia(ra)m



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

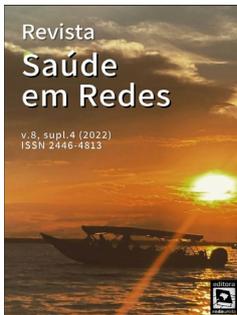
o sentido dos processos de trabalho e aliena(ra)m os servidores de suas atividades-fim. No primeiro caso, mais simples de ser descrito, trata-se das modificações ideológicas pelas quais a concepção do papel do Estado de Direito passou. A configuração do neoliberalismo como um arranjo institucional necessário à nova fase do capitalismo criou uma disputa ideológica violenta e completamente antagônica à vigente ideia do Estado de Bem Estar Social. A configuração solidária do pós-guerra, que tinha o Estado como o principal indutor, garantidor, do que chamamos de direitos sociais, não cabia na lógica do mercado que entrava em ascensão. Assim, desde que Margareth Thatcher, em 1973, anunciou que “a economia era só um método, a disputa era por corações e mentes”, a razão neoliberal entrou por meio dos discursos gerencialistas da administração moderna nas instituições públicas. Dessa forma, internamente, a configuração do serviço público foi sendo modificada, por meio de sucessivas reformas administrativas (pós-década de 90) que nos seus escopos não trouxeram nenhum benefício ou melhoria para o trabalhador estatutário, tampouco para a sociedade em geral. Os discursos de enxugamento da máquina pública como uma necessidade para a eficiência dos serviços prestados não condizem com a realidade. As constantes privatizações dos anos 90 (uma faceta do neoliberalismo estatal) e a criação de agências reguladoras não sanaram a lacuna da entrega razoável de serviços públicos, pelo contrário, tornaram as agências reguladoras arenas de negociação entre empresas privadas e Estado. As reflexões acima contextualizam algumas questões que surgiram a partir dos encontros com a preceptoria e que perpassam o campo de prática. O caráter formativo em serviço é antes de tudo entender as dinâmicas do trabalho e como a tarefa é executada por aquele conjunto de trabalhadores e trabalhadoras. Quando falamos no Estado, abstraímos o fato de que a concretude, a sua operacionalização, é performada pelos servidores. O Estado existe na atividade cotidiana dos seus/suas trabalhadoras e trabalhadores, fora disso ele é apenas um ente abstrato. Dessa forma, a percepção do servidor sobre i) a finalidade do seu trabalho, ii) a razão de ser da sua atividade e iii) a responsabilidade do Estado em usar a força de trabalho para a execução de uma atividade, modela, em absoluto, a ideologia, a matriz teórica de sua vida. Um trabalhador alienado de sua função/finalidade é um trabalhador morto. E a morte subjetiva de um trabalhador é a morte paulatina da utopia da equidade, da crença na possibilidade de uma vida com sentido real, é o fim da vontade de resistência. Trabalhar no SUS pode ser um ato de resistência, pode ser. Quais as possibilidades desse vir a ser? É a partir dessa elucubração que penso a atividade da Escola de Saúde Pública. Se a Educação em Saúde é um caminho para este vir a ser, o papel da ESP enquanto instituição responsável por tal tarefa dentro de uma secretaria de Estado, é central. É uma arena em disputa. Assim, minha questão norte, enquanto residente deste espaço é, estamos hoje construindo de que forma este caminho? Estamos conscientes deste caminho? Estamos no caminho? Considerações finais: O aprendizado na ESP-RS tem sido muito positivo. Cabe ressaltar a importância do acolhimento que tive. As relações de equipe foram construídas com muita doação de todos os membros, o que facilitou muito minha inserção na área, com a devida tranquilidade para me apropriar e aprender, paulatinamente, as questões que envolvem a gestão do ensino. O programa de



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

residência multiprofissional tem por objetivo a formação complementar em saúde pública, para formar profissionais capacitados sempre levando em consideração os princípios e diretrizes do SUS. Trata-se de um programa de cooperação da ESP-RS para favorecer a inserção qualificada dos profissionais da saúde no mercado de trabalho em áreas prioritárias do Sistema Único de Saúde. A ESP é um campo qualificado e com grande potencial para receber residentes de diversas áreas e formações, devido a multidisciplinaridade e a intersectorialidade que a educação em saúde pressupõe, o que possibilita as reflexões aqui apresentadas. A residência tem proporcionado um importante aprendizado, pelas atividades que venho desenvolvendo e também pela possibilidade de expansão do olhar para além do meu campo profissional e de minhas experiências até então vividas, me proporcionando pensar a saúde de diferentes formas.



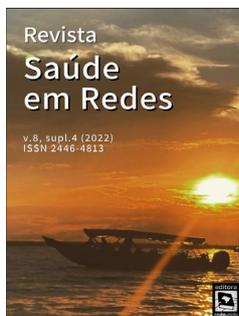
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

VISITA DOMICILIAR COMO UM INSTRUMENTO DE CUIDADO EM SAÚDE PARA A FONOAUDIOLOGIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

FERNANDA CORNELIUS LANGE, GABRIELA THAIS DA SILVA

Apresentação: Ser fonoaudiólogo(a) residente em Atenção Básica/Saúde da Família, é ser uns dos agentes da luta no Sistema Único de Saúde (SUS), possibilitando problematizar, transformar e potencializar mudanças no modo de pensar e fazer saúde inserido num processo de ação-reflexão-ação, e de construir novas concepções de cuidado na Atenção Básica com os seus dispositivos, como a visita domiciliar. **Objetivo:** Relatar a vivência de fonoaudiólogas residentes em Saúde da Família/Atenção Básica durante visitas domiciliares em um município de Santa Catarina. **Método:** O relato advém da experiência de duas fonoaudiólogas residentes em um município do litoral norte de Santa Catarina. Entre uma das estratégias de cuidado, eram realizadas visitas domiciliares juntamente com profissionais das Estratégia da Saúde da Família (ESF). As mesmas ocorriam com a participação destes profissionais das ESFs devido ao vínculo que já possuíam com a família e/ou usuários. Todas as visitas domiciliares eram agendadas com antecedência e duravam aproximadamente uma hora. No momento do cuidado, era realizada a escuta e acolhimento dos usuários, ações de educação em saúde, e se necessário, avaliação e intervenção fonoaudiológica. **Resultado:** As visitas domiciliares propiciaram maior vínculo entre os profissionais com os usuários, a compreensão de todas as dimensões do processo saúde e doença, das demandas, a construção de um cuidado em conjunto com os usuários, de maneira integral e horizontal. Em situações em que necessitavam de continuidade do cuidado em domicílio, era acordado com os familiares, o dia e horário para as intervenções, orientações e acompanhamento da rotina familiar e das atividades de vida diária. Este modelo em saúde, também, possibilitou a (re)construção de uma Fonoaudiologia além da aplicação de protocolos e diagnóstico clínico. Uma Fonoaudiologia dos sujeitos, com um olhar ampliado, mais próxima dos usuários e territórios. **Considerações finais:** Os dispositivos das visitas domiciliares como forma de cuidado, é realizado periodicamente, pelos profissionais das ESF, porém para a fonoaudiologia, a visita se coloca como uma nova maneira de pensar e fazer o cuidado em saúde dos usuários. A experiência como fonoaudióloga residente, permitiu romper o modelo hegemônico de saúde, através do diálogo entre teoria e prática, bem como desconstruir e (re)construir as práticas na Fonoaudiologia, com um cuidado voltado para os sujeitos e territórios, na clínica ampliada, na humanização, na territorialização, na escuta e no vínculo. Neste sentido, observa-se a necessidade de qualificar a formação dos fonoaudiólogos para o SUS e Saúde Coletiva.



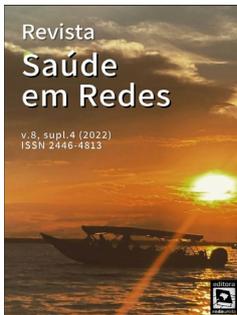
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

DIAGNÓSTICO SITUACIONAL DE UM DISTRITO DE PORTO ALEGRE

MARINA SOARES BURALDE, ALINE VIEIRA MEDEIROS

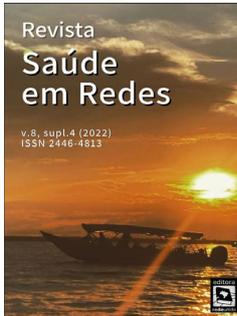
Apresentação: Os serviços ofertados pelo Sistema Único de Saúde do Município de Porto Alegre estão distribuídos em 17 Distritos Sanitários, que compõem as oito Gerências Distritais (GD), sendo uma delas a Centro. As GD são responsáveis pela gestão dos serviços de Atenção Primária à Saúde, além dos Centros de Especialidades e Serviços Especializados Ambulatoriais e Substitutivos de seus territórios. O planejamento das ações em saúde a serem desenvolvidas no território é feito através de Diagnóstico Situacional do Distrito, pois entende-se que esta é uma ferramenta essencial para analisar as necessidades dos usuários e assim planejar, propor estratégias, refletir e reorganizar os processos de trabalho nos serviços de saúde do território para atender as demandas da população. Este resumo relata e reflete sobre as características e especificidades dos serviços de saúde, assim como os indicadores relacionados à saúde da população residente do Distrito Centro (DC), utilizando do Diagnóstico como ferramenta para a composição de metas para a elaboração do Plano Municipal de Saúde (PMS). O DC abriga 276.799 habitantes, representando 19,64% da população do município, com área de 26,0km², representando 5,46% da área do município, sendo a densidade demográfica de 10.646,12 habitantes por km². A taxa de analfabetismo é de 0,51% e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 8,81 salários mínimos. No território, há três Unidades de Saúde (US). A US Modelo, com sete Equipes de Saúde da Família (ESF), cinco Equipes de Saúde Bucal (ESB) e dez Equipes de Atenção Primária (EAP). A US Santa Cecília, que conta com 3 ESF e a US Santa Marta, composta por três ESF, duas ESB e seis EAP. O DC possui também uma modalidade de serviço de atenção primária voltada para o atendimento da população em situação de rua com abordagem multiprofissional, o Consultório na Rua Centro (CnR) que possui duas Equipes de Consultório na Rua, compostas por profissionais médicos, enfermeiros, psicólogos e assistentes sociais, além de técnicos de enfermagem. Além disso, o Distrito conta com serviços de atendimento especializado na área de especialidades médicas, saúde bucal, saúde da criança, saúde mental, além de farmácias distritais e práticas integrativas e complementares. Em relação ao ensino-serviço, o Distrito possui vínculo com 16 instituições de ensino para a realização de estágios de nível técnico, graduação e também vivência de Residências Médica, Uniprofissional e Multiprofissional. Em 2020, recebeu mais de 200 alunos para diversas atividades, respeitando a capacidade dos serviços de acordo com as orientações de distanciamento social. Referente à mortalidade, o DC apresenta 19,55% dos óbitos do município em 2020. Estima-se que as causas de mortalidade estejam relacionadas a doenças associadas à idade avançada, sendo as maiores causas de mortalidade doenças por vírus, neoplasias malignas dos órgãos digestivos e doenças degenerativas do sistema nervoso. Em 2019, as principais causas de mortalidade foram neoplasias malignas dos órgãos digestivos, doenças degenerativas do sistema nervoso e doenças cerebrovasculares. Com a pandemia



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

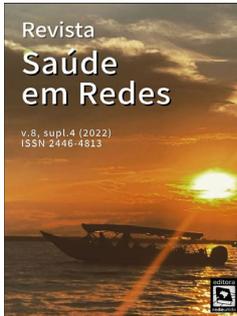
de covid-19 houve um aumento na mortalidade, especialmente para mulheres acima de 80 anos, considerando o início da vacinação somente em 2021. Entende-se que as medidas de isolamento social fizeram com que os usuários, principalmente os idosos, deixassem de procurar as unidades de saúde, onde os atendimentos eram prioritariamente de sintomáticos respiratórios, ocasionando agravamento de algumas condições de saúde. O DC registrou 12 óbitos infantis no ano de 2020, 8 em 2019 e 16 em 2018. Considerando que o principal grupo são causas associadas às condições maternas relacionadas a complicações da gravidez, do trabalho de parto e do parto, existe a necessidade do acompanhamento multiprofissional das gestantes, puérperas e recém nascidos de forma a fortalecer a linha de cuidado materno infantil. Em relação ao número de casos de covid-19 em residentes do território, o DC notificou 2.985 casos positivos em um único mês e total acumulado de 18.191 casos positivos diagnosticados desde o início da pandemia até junho de 2021, sendo a taxa de infecção de 15% em relação a população total do Distrito. A região Centro possui mais de 20% de sua população com mais de 60 anos, sendo diretamente afetada pela pandemia, o que ocasionou numerosos óbitos e internações, além do agravamento de condições prévias e sequelas pós-covid. As US do DC são de fácil acesso e uma delas tem atendimento até as 22h. Todas atendem sintomáticos respiratórios, a maioria da região central, ou população flutuante, que trabalha ou estuda próximo e acessa os serviços de saúde, o que gerou uma sobrecarga no fluxo de atendimento e coleta de testes de covid-19. Outra demanda da população, se expressa em uma extensa lista de espera para atendimento de oftalmologia, seguido de cirurgia geral, dermatologia, ortopedia e saúde mental, considerado um dos nós críticos. Embora não seja a maior demanda é um atendimento que necessita acompanhamento, o que implica em menor abertura de vagas. Com a pandemia, aumentaram os transtornos mentais, além do agravamento dos já existentes, somando-se a violências. O afastamento da população dos serviços de saúde e educação ocasionou a diminuição das notificações no Brasil inteiro e se refletiu nas notificações de violência e acidentes. Após aumento em todos os tipos de violência do ano de 2018 para 2019, em 2020 houve queda nas notificações para valores inferior 2019 a de tentativa de suicídio, violência sexual, violência física, violência psicossocial e negligência. As consequências refletem diretamente nas demandas recebidas pelos serviços de saúde, que acolhem usuários em alto grau de fragilidade e que necessitam de uma equipe qualificada, com propriedade de manejo de questões de saúde mental. Para tanto é importante a adoção de estratégias como o fortalecimento da atenção primária, a ampliação das equipes mínimas, além da capacitação dos profissionais de saúde para a produção de saúde mental nos territórios, com uso de recursos como grupos de terapia comunitária, matriciamento com equipes especializadas e uma rede de saúde mental mais consolidada, com equipamentos dentro do território e o uso de terapias alternativas em saúde mental. É fundamental a retomada e potencialização do trabalho intersetorial, intensificando as interlocuções com outras políticas em espaços como microrredes. A criação de um Centro de Convivência e Cooperativa (CECCO), um espaço para a convivência das mais diversas pessoas, principalmente pessoas com transtornos mentais, idosos, crianças e adolescentes,



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

promove saúde através de oficinas com atividades artísticas, culturais, culinária e também o desenvolvimento de PICS. Além disso, a criação de novas US dentro do território ampliaria o acesso dos moradores aos serviços de saúde e qualificaria os atendimentos. Também se aponta uma ampliação da Rede de Atenção Psicossocial, seja através de novos serviços ou com a habilitação de Equipes Multiprofissionais de Atenção Especializada em Saúde Mental, para matriciamento e atendimento conjunto com profissionais da APS e qualificando o cuidado em saúde mental, mais próximo ao território onde o usuário reside. A elaboração deste diagnóstico, enquanto instrumento de gestão para a composição do PMS, permitiu um olhar ampliado em relação às demandas dos usuários que acessam os serviços, além das complexas necessidades da população, que ultrapassam a questão médico-paciente e apontam para ações intersetoriais com efeitos a médio e longo prazo. Desta forma, se constrói uma rede de atenção integral à saúde, conforme os princípios e diretrizes do SUS.



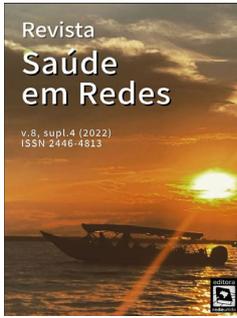
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

PANDEMIA DA COVID-19: RELAÇÃO ENTRE VENTILAÇÃO MECÂNICA INVASIVA E ÓBITO

TICIANE FREIRE GOMES, ANDRÉ RIBEIRO DE CASTRO JÚNIOR, FRANCISCO JADSON FRANCO MOREIRA, CAMILA CAMPOS COLARES DAS DORES, ANA PAULA MATOS PORTO, FRANCISCO AISLAN DA SILVA FREITAS, IOHANNA ARAGÃO DE PAIVA, TAYNÁ ALBUQUERQUE TABOSA

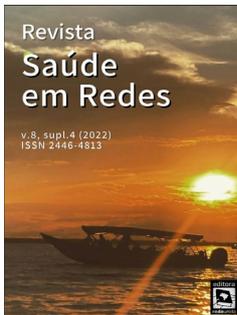
Apresentação: A doença covid-19 provocada pelo SARS-CoV-2 rapidamente evoluiu para uma pandemia. A forma grave da doença possui como uma de suas complicações a insuficiência respiratória. Grande parte dos casos de covid-19 que necessitam de internação em unidades de terapia intensiva (UTI) por insuficiência respiratória evoluem com necessidade de intubação orotraqueal (IOT) e ventilação mecânica invasiva (VMI). Tendo em vista o alto risco de complicações pós- intubação como por exemplo pneumonia, tromboembolismo pulmonar, entre outras, a ventilação mecânica invasiva em pacientes com covid-19 está associada a altas taxas de mortalidade. Este trabalho teve como objetivo apresentar o uso de ventilação mecânica invasiva com desfecho óbito em pacientes internados pela covid-19 no Ceará. **Desenvolvimento:** Trata-se de um estudo descritivo, retrospectivo, de análise documental com abordagem quantitativa, realizado em cinco hospitais da rede pública da secretaria de saúde do estado do Ceará. O período de coleta corresponde ao período de novembro de 2020 a setembro de 2021. O total de pacientes internados pela covid-19 foi de 2655, para a amostra foram selecionados 812 pacientes que utilizaram ventilação mecânica invasiva durante o período de internação, sendo excluídos os pacientes com tempo de internação inferior a 24 horas. Os dados foram obtidos por meio de prontuário eletrônico dos pacientes e armazenados através da plataforma exclusiva de coleta, “Rescovid”. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Saúde Pública do Ceará, sob o parecer número 3.948/100. **Resultado:** Um total de 30% (812) dos pacientes hospitalizados com infecção confirmada por SARS-CoV-2 foram submetidos à ventilação mecânica invasiva, destes 64 % (522) possuíam idade igual ou superior a 60 anos, 53% (432) eram do sexo masculino, 35% (283) diabéticos, 54% (440) hipertensos e 20% (159) obesos. Os pacientes que evoluíram para o desfecho do óbito durante o uso de ventilação mecânica representaram um total de 89% (725) dos casos, destes 61% (438) tinham idade igual ou superior a 60 anos. A síndrome da angústia respiratória aguda por covid-19 possui como uma de suas complicações a insuficiência respiratória hipoxêmica aguda. A utilização de ventilação mecânica invasiva decorrente desta complicação está associada à uma pior sobrevida do paciente pela maior exposição a riscos à saúde assim como necessidade de maiores gastos. **Considerações finais:** Os resultados encontrados mostram que pacientes internados pela covid-19 em uso de ventilação mecânica invasiva apresentaram um maior número de desfechos de óbito. O presente estudo abre caminhos



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

para novas investigações relacionadas ao manejo da ventilação mecânica invasiva buscando ações de prevenção para suas complicações e melhoria da sobrevida do paciente.



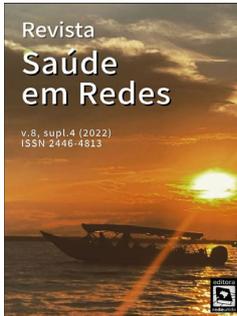
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

PRÁTICAS COLABORATIVAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA: UMA PROPOSTA DE CURADORIA

ALINE VIEIRA MEDEIROS, PAULA ALANA HOLZ FENNER, LORAINE DA ROSA MACHADO, VIVIANE DURIGON, ELOISA DA SILVEIRA AZAMBUJA SIMAO, THIAGO HESSEL, NÚBIA BARBOSA ELEUTÉRIO DUARTE, MAICON DANIEL CHASSOT

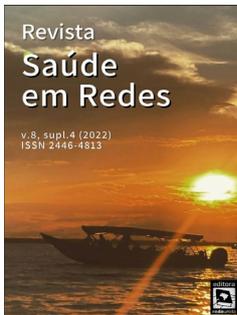
Apresentação: Situações de emergência exigem uma organização rápida e coordenada das equipes para seu enfrentamento. Em março de 2020 a Organização Mundial da Saúde declarou pandemia de covid-19. Frente a isso, os profissionais têm se organizado das mais diferentes formas. As práticas colaborativas, ações integrativas entre profissionais de saúde, com diferentes experiências profissionais, pacientes, comunidades, entre outros, para prestação de serviços, conquistando os objetivos de saúde locais, são uma importante ferramenta para enfrentamento às adversidades impostas. Profissionais preparados para o trabalho interprofissional possuem habilidades para coordenar a prestação de assistência, com mais qualidade, como as vivenciadas nesta pandemia. Levando em conta o contexto pandêmico e da cibercultura, em que existe muito conteúdo disponível online, a curadoria de conteúdo material relevante de maneira organizada, com lógica de apresentação ao leitor. Este trabalho apresenta a curadoria de informação como proposta de ferramenta do processo de ensino aprendizagem na disciplina de Gestão do Trabalho e da Educação Permanente em Saúde do Mestrado Profissional em Ensino na Saúde da FAMED/UFRGS, no tema a gestão do trabalho coletivo em saúde. Em discussão, os discentes relataram suas experiências e desafios de gestão do trabalho coletivo em saúde no contexto pandêmico, com tutoria do Prof. Ricardo Kuchenbecker, durante aula síncrona da disciplina, evidenciou-se o uso das práticas colaborativas como ferramenta de enfrentamento à situação imposta pela covid-19. Definido o tema, iniciou-se a construção de um projeto de curadoria. A comunicação se fez através de grupo de WhatsApp e em encontros online. Foi organizado um perfil coletivo no Google sites e Google Docs para que todos pudessem contribuir na construção do produto. Houve busca por informações sobre o tema que eram postadas no grupo, para posterior adição ou diretamente nos documentos construídos coletivamente. Finalmente, em encontro para elaboração e discussão do produto: um site de curadoria sobre as práticas colaborativas em saúde no contexto pandêmico. Este é um produto da atividade proposta na disciplina de Gestão do Trabalho e da Educação Permanente em Saúde do Mestrado Profissional em Ensino na Saúde da Faculdade de Medicina da UFRGS na qual os discentes elaboraram um projeto de curadoria de conteúdo do tema selecionado. A curadoria é uma ferramenta importante geradora de informação e suporte técnico, que agrega qualidade e integralidade na assistência, soma ao autoconhecimento dos discentes/trabalhadores da saúde. Portanto, permite a construção do aprendizado, reflexão e trocas interativas que impactam no cotidiano dos profissionais e na saúde mental dos mesmos. Através das discussões do grupo e da literatura levantada, criou-se um quadro no padlet e um site



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

([https://sites.google.com/view/práticas colaborativas e pandemia/in%C3%ADcio](https://sites.google.com/view/práticas_colaborativas_e_pandemia/in%C3%ADcio)) sobre a temática, com material selecionado, marcos referenciais, artigos, palestras. O desenvolvimento da curadoria de informação proporciona conhecer e compartilhar informação com os discentes da disciplina, de forma ampliada, organizada e construtiva. Assim o conteúdo estará disponível para outros profissionais através do site, possibilitando que esta ferramenta auxilie os processos de educação permanente. Além de multiplicar as práticas colaborativas como metodologia essencial para o efetivo trabalho em equipe.



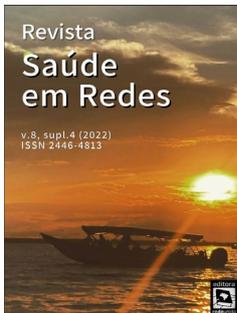
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

PERSPECTIVAS DO ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO SISTEMA DE SAÚDE BRASILEIRO

PAULA SOUZA RIBEIRO, ARTHUR RIBEIRO SEGATTO, GIAN NATHANIEL ANAYA BISOGNIN, SAULO PIVETTA MARIN, LEINON DIAS DA SILVA, HELENA DA SILVA WALDRAFF, LISIANE BÔER POSSA

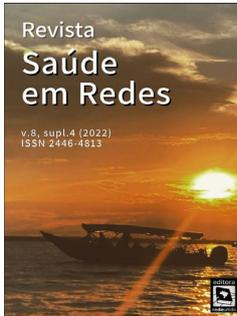
Apresentação: Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconheceu a covid-19 como uma pandemia. Com o surgimento dos primeiros casos da doença no Brasil, iniciou-se uma união de esforços em busca do controle da doença no território nacional. Após meses de combate à pandemia no país, a análise da atuação pública permite a identificação de aspectos relevantes da atuação adotada pelo Brasil. Assim, um dos pontos mais importantes no controle e prevenção de covid-19 tem sido as medidas de distanciamento social e a imunização populacional. Entretanto, o enfrentamento brasileiro apresenta fatores deletérios que dificultam o combate ao vírus, tais como instabilidade política, crise socioeconômica e desfinanciamento histórico do Sistema Único de Saúde (SUS). Dessa forma, este trabalho objetiva destacar os pontos positivos e negativos do enfrentamento da pandemia de covid-19 no sistema de saúde brasileiro, com enfoque no papel da equidade entre os grupos prioritários no processo inicial da vacinação e no amparo da legislação frente a falta de cooperação entre as esferas administrativas. **Desenvolvimento:** O presente trabalho caracteriza-se como uma revisão narrativa realizada com base na literatura científica e na legislação vigente, com o intuito de estudar um ponto positivo e um ponto negativo do enfrentamento da pandemia de covid-19 no Brasil no âmbito do SUS. Os pontos analisados foram o empenho pela equidade no processo inicial de vacinação, como ponto positivo, e a falta de cooperação entre as esferas governamentais federais, estaduais e municipais na coordenação do cuidado durante a pandemia, como ponto negativo. **Resultado:** No combate ao novo coronavírus no Brasil, o processo de vacinação foi organizado por meio do Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a covid-19 (PNO), elaborado em acordo entre as representações das Secretarias Municipais e Estaduais e o Ministério da Saúde. Este plano estabeleceu que a vacinação ocorreria exclusivamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS), bem como definiu os critérios para a determinação dos grupos prioritários. Tais critérios foram estabelecidos com base na análise de resultados de pesquisas realizadas no decorrer da pandemia, que demonstraram que o risco de desenvolver a forma grave de covid-19 e ir a óbito se manifestou de forma diferente nos grupos populacionais com certas características sociodemográficas e com diferentes questões de saúde. Essa priorização nas campanhas de vacinação, possível pela exclusividade da oferta pelo SUS, necessitou considerar inúmeras variáveis, como fatores sociais, culturais e econômicos, além de ser equitativa, altamente contextualizada e baseada nas propriedades de cada vacina. Desse modo, as campanhas de imunização iniciaram-se por aqueles que apresentavam os maiores riscos, seguindo, desta forma, o princípio da equidade. A equidade é considerada um dos



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

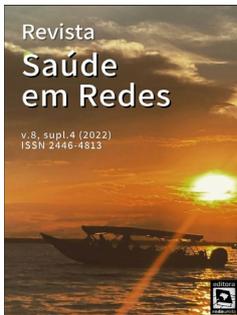
princípios e pilares do SUS e, apesar de não ser abordada de forma direta na legislação brasileira, é tratada em duas perspectivas, como a equidade de oportunidade, se referindo ao acesso universal e igualitário, e como a equidade de condições, em que leva em conta diferentes determinantes de saúde. No caso de priorizar um determinado grupo específico de risco, buscam-se critérios apoiados na clínica e na epidemiologia, seguindo o risco de adoecer dos indivíduos. Assim, o primeiro grupo imunizado, após os profissionais da saúde atuantes na linha de frente, foram os idosos acima de 60 anos de forma decrescente. Tal estratégia foi empregada visto que as doenças respiratórias, particularmente as infecções, têm-se revelado importante causa de morbimortalidade na população idosa. Diversos fatores contribuem para essa realidade, dentre eles a imunosenescência, a imunobiografia e as alterações na capacidade de resposta inflamatória. Além dos idosos, os portadores de comorbidades também foram um dos grupos priorizados na campanha. Ademais, a imunização contra a covid-19 não levou em conta apenas aspectos biológicos e clínicos da população, mas também históricos e culturais. Dessa forma, indígenas aldeados e quilombolas figuraram entre os grupos prioritários da campanha, uma vez que a prevalência de covid-19 nessa população pode ser até cinco vezes maior em comparação com indivíduos brancos da mesma localidade, mas mais estudos ainda devem ser realizados para definir as causas dessa diferença. Priorizar esse grupo populacional, portanto, foi uma importante estratégia do Estado no intuito de controlar os impactos da pandemia no país. Além disso, a importância da cooperação entre as esferas do poder mostrou-se imprescindível para um eficiente direcionamento e manejo da saúde durante a pandemia de covid-19 no país. A Constituição Federal Brasileira assegura a descentralização da gestão e da atenção à saúde com direção única em cada esfera de governo, no entanto, isso não significa o isolamento dos entes federados, pois é possível afirmar que a administração fragmentada e desarticulada não deve existir em uma federação, mas sim deve acontecer uma associação com a cooperação entre as diversas esferas administrativas que atuam em conjunto. No caso da saúde, a responsabilidade para a execução dos serviços é da União, com o apoio dos estados da federação. Desse modo, a relação entre os entes federados deve basear-se na comunicação fluida que articule as diferentes unidades produtivas da rede de atenção à saúde, ou seja, os serviços federais, estaduais, municipais e privados, lucrativos e não lucrativos, visando-se atingir resultados que respondam às necessidades de saúde da população, principalmente em um momento tão conturbado e árduo como o vivenciado atualmente pelo mundo. Todavia, a não reciprocidade entre os entes federados no combate à pandemia de covid-19 esteve e continua presente nas tomadas de decisões, nas quais não há um esforço a favor de um consenso quanto às medidas a serem adotadas e, sim, decisões dos mais variados tipos, em especial adotados pelo governo federal à revelia das negociações e pactos com os demais entes federados, comprometendo o diálogo e prejudicando as respostas para solucionarem os problemas decorrentes da pandemia no país. Desse modo, gera-se, assim, uma ruptura no processo de coordenação à saúde, uma vez que as medidas adotadas tendem a não serem empregadas em conjunto, afetando o



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

resultado final. Considerações finais: Frente aos transtornos provocados pela pandemia de covid-19 no sistema de saúde, a exclusividade da oferta de vacinas pelo SUS e a eleição de grupos prioritários no processo de vacinação contra a covid-19 evidenciaram-se não apenas como uma estratégia, mas sobretudo uma garantia para a equidade. Isso porque, a campanha de imunização, frente à grande heterogeneidade nacional, trouxe um tratamento equânime para a população ao garantir a primazia daqueles em maior risco de complicações relacionadas à infecção pelo novo coronavírus. Contudo, a ausência de diálogo entre os entes federados no combate à pandemia esteve e continua presente nas tomadas de decisões, que ocorrem sem a produção de consensos sobre as medidas a serem adotadas. As posições negacionistas e anticientíficas acarretaram dissensos que resultaram no atraso na vacinação da população brasileira, bem como em mortes que poderiam ser evitadas. Assim, políticas públicas de controle, auxílio técnico, financeiro e ações de prevenção, caso tivessem sido aplicados da maneira apontada pelo conhecimento científico e em comum acordo com todos os poderes, poderiam ter salvo a vida de inúmeros brasileiros, vítimas da falta de equilíbrio estrutural do federalismo.



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

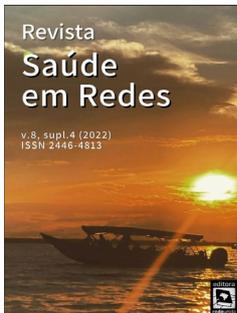
Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

DESENVOLVIMENTO DE REFERÊNCIAS TÉCNICAS EM GESTÃO DA EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE: UMA EXPERIÊNCIA VIRTUAL DE ENSINO-EXTENSÃO.

KÁTIA FERREIRA COSTA CAMPOS, VANESSA DE ALMEIDA GUERRA, ANA PAULA DE LIMA BEZERRA, FERNANDA GONÇALVES DE SOUZA, MARINARA JESSICA BRANDÃO DE AZEVEDO, MARCIA LUCIA DO SOCORRO TEIXEIRA ROCHA, MARILIA BRUZZI AUAD

Apresentação: A realidade dos serviços de saúde, no Sistema Único de Saúde (SUS), traz consigo vários desafios que envolvem desde a prestação de assistência às necessidades até o cotidiano da gestão de processos, recursos e pessoas. Estes desafios podem ser tratados com a Educação Permanente em Saúde (EPS). Entendemos a EPS como a prática de ensino-aprendizagem com a produção de conhecimentos pautados no cotidiano da saúde e a utilização da realidade vivenciada pelos atores envolvidos. Assim, na EPS, o contexto e as experiências tornam-se base para a problematização e a busca por mudança e soluções aos problemas. A Educação Permanente em Saúde pode ser aplicada nos territórios para a transformação dos cenários a fim de alcançar a melhoria da assistência e gestão na saúde. Apesar da relevância da EPS, nota-se que, por diversos motivos, as práticas de aperfeiçoamento ficam em segundo plano em detrimento dos enfrentamentos cotidianos na saúde. Entretanto, cabe citar que quando a EPS é interligada aos desafios diários, soluções e mecanismos podem ser desenvolvidos, amenizados os impasses. Para que a prática da EPS seja efetiva na melhoria dos serviços, é necessária sua estruturação e gestão e deve-se estar contida em todo o planejamento uma vez que é o caminho para as mudanças. É necessário o estabelecimento de referências técnicas municipais que responsáveis principais pela EPS possam estimular e propor ações para educação continuada. Estima-se que o desenvolvimento e sensibilização de profissionais gestores das práticas da Educação Permanente seja uma alternativa para consolidar e efetivar as práticas contínuas de educação, conforme os pressupostos da Política Nacional de EPS. Nesse sentido, as Universidades como propagadoras de conhecimento podem estimular a associação ensino-serviço. Na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), foi desenvolvida uma atividade com vistas a incentivar referências técnicas municipais na área. Por isso, o objetivo do presente trabalho é relatar a experiência de ensino-extensão na modalidade virtual, no desenvolvimento de referências técnicas em gestão da Educação Permanente em Saúde.

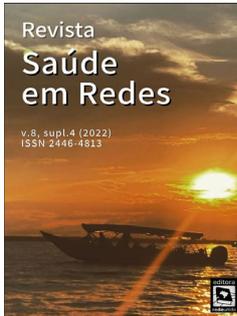
Desenvolvimento: Trata-se de um relato de experiência de caráter descritivo, produzido a partir das vivências de uma disciplina optativa do curso de graduação em Gestão de Serviços de Saúde da UFMG, denominada “Tópicos em Saúde III- Gestão da Educação Permanente em Saúde (GES 034), ofertada pelo Departamento de Gestão em Saúde (GES), com a parceria da Superintendência Regional de Saúde de Belo Horizonte (SRS/BH). Participaram da disciplina oito municípios, representados por profissionais dos serviços de saúde, além de 18 discentes do curso de Gestão de Serviços de Saúde. Por meio da disciplina houve a realização de rodas de conversas e alinhamentos teóricos, visando incentivar a prática da



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

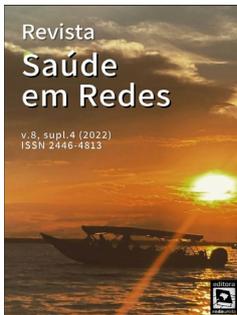
EPS e seus benefícios nos serviços de saúde. Houve um contexto de imersão e construção de referências de EPS, possibilitando a compreensão dos acontecimentos e suas consequências mediante o contato permanente e direto. Ao final da disciplina, houve a realização de um diálogo e percepção com a avaliação dos profissionais e discentes participantes. Resultado: Para relatar a experiência, primeiro optou-se em apresentar a ementa e, em seguida, expor os resultados da construção e planejamento da disciplina, que foi ofertada para os discentes no formato optativa e então oferecida às referências técnicas de Educação Permanente Municipal, e na falta dessas, um profissional dos serviços de saúde designado pelo gestor municipal. A disciplina foi oferecida aos municípios que, por adesão, participaram dos grupos de trabalho, mesclando profissionais e alunos, numa interação que resultou em aprendizado coletivo acerca do conceito de EPS e sua aplicação junto aos serviços. A disciplina teve carga horária de 45 horas teóricas e 15 horas práticas, acontecendo uma vez por semana, com uso da ferramenta Microsoft Teams, com métodos ativos de aprendizagem, como rodas de conversa, problematização da realidade, leituras e discussão em grupos. Com o intuito de integrar o ensino-serviço e, reconhecendo a necessidade do envolvimento das Universidades no processo de reflexão e mudança das práticas para um modelo de atenção centrado nas necessidades dos usuários, foi proposto essa atividade de ensino-aprendizagem. Os alunos foram distribuídos em grupo envolvendo os municípios participantes. Cada grupo conseguiu analisar a realidade municipal, os instrumentos de planejamento e ouvir a experiência dos municípios. Como resultado do processo de análise, foram desenvolvidas oficinas e rodas de conversas tendo em vista lacunas que ainda devem ser trabalhadas para o fortalecimento da EPS. Um teste piloto para futuros desdobramentos surgiu com a idealização e aplicação de oficinas nos municípios, que se deu conjuntamente por alunos e profissionais, com o objetivo de implementar e desenvolver as práticas e estratégias de EPS nos mesmos. Além das oficinas, movimentos de incentivo à EPS foram consolidados em quatro dos oito municípios participantes, o que representa um ganho de qualidade para esses, com continuidade no projeto de extensão, com solicitação de assessoria dos professores da disciplina e técnicos da SRS/BH. Como continuidade da disciplina, o projeto de extensão Educação Permanente em Saúde: desenvolvimento de equipes municipais de EPS desenvolvido na UFMG irá dar prosseguimento aos frutos da atividade de ensino, estimulando a universidade a oferecer resposta à sociedade e o aprendizado dos alunos com a interação com a realidade dos municípios. Acerca do uso da ferramenta Microsoft Teams, essa foi bem aceita e manuseada pelos participantes, com recomendação do seu uso pelos profissionais. A ferramenta online foi um importante mecanismo. Além disso, com as avaliações ao final da atividade, alunos e profissionais mostraram-se satisfeitos com a construção conjunta, mostrando que mais parcerias de ensino-serviço devem ser estimuladas. Considerações finais: A finalidade foi de proporcionar as referências técnicas de EPS e profissionais interessados, um espaço de troca, reflexão e construção do conhecimento a respeito da EPS nos seus municípios, por meio de estratégias que promovam o desenvolvimento dos trabalhadores da saúde e as



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

mudanças pretendidas no modelo assistencial. O objetivo foi alcançado, juntamente com a participação dos discentes como protagonistas, o que possibilitou a interação dialógica entre universidade e comunidade. Esses consolidaram os aprendizados relacionados a EPS e principalmente o seu uso como instrumento para a gestão do trabalho e de serviço de saúde, contribuindo para a futura formação dos discentes em Gestores.



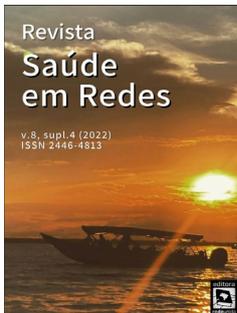
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

O AGIR TORTURADOR NO ENCONTRO COM CORPOS MARCADOS PELA DEFICIÊNCIA

DESIRÉE ARIANE MODOS FIGUEIRA, LIZ BÁRBARA ESTEVES ARAUJO, REGINA MELCHIOR, MAIRA SAYURI SAKAY BORTOLETTO

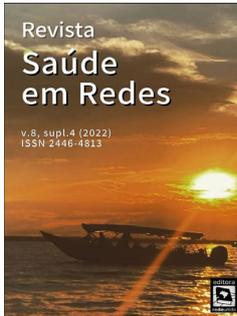
Apresentação: O enfrentamento das vulnerabilidades sociais é parte do nosso trabalho enquanto profissionais da saúde no Brasil, principalmente nos serviços públicos. Considerando a grande diversidade de usuários que frequentam estes espaços, é possível identificar, com certa frequência, ações punitivas e preconceituosas que partem dos trabalhadores. Na maioria das vezes essas atitudes de caráter depreciativo são direcionadas aos cidadãos que possuem traços comumente estigmatizados, ou aqueles que são tidos como ameaças para a sociedade e outros que fogem do padrão de normalidade esperado, como, por exemplo, os usuários de drogas ilícitas, as mães solteiras, os profissionais do sexo, pessoas que praticaram homicídio, pedófilos, presidiários, entre outros. Do mesmo modo, provocados pelas discussões levantadas no decorrer de uma pesquisa cartográfica, que objetivou conhecer as diferentes formas de cuidado às pessoas com deficiência, foi possível identificar aspectos punitivos na abordagem profissional em relação às pessoas que adquiriram alguma deficiência em consequência de suas escolhas de vida. A partir dessa vivência, buscou-se apresentar um relato de experiência a respeito do reconhecimento do agir punitivo sobre os corpos de pessoas com deficiência em ambiente hospitalar. O presente relato trata do encontro de uma das pesquisadoras-trabalhadoras com um jovem, de mais ou menos vinte e poucos anos, que após levar um tiro em uma abordagem policial, enquanto praticava um crime, precisou ficar hospitalizado por meses. Em consequência do ocorrido, não conseguiu se recuperar totalmente e adquiriu uma deficiência física permanente, a paraplegia, o que dentre outras complicações, comprometeu sua capacidade fisiológica de esvaziar a bexiga. Enquanto esteve internado, além de sua história, amplamente conhecida pelas equipes, apresentava uma tornozeleira eletrônica mantida que denunciava sua condição de preso monitorado. Este menino quase não conversava, e fazia cara de dor só de ver a equipe de enfermagem se aproximar do quarto. Ele necessitava de cateterismo vesical de alívio, e por isso, a pesquisadora-trabalhadora o encontrava várias vezes ao longo do plantão. Em um desses encontros, durante o procedimento, ela percebeu seu semblante de dor e perguntou o que estava acontecendo, na tentativa de compreender se ela o estava machucando ou se de repente, algo não estava bem. Ele disse que não, mas manteve o semblante. Certo dia ela o questionou se existia algum desconforto devido a sua presença, por ser uma jovem mulher, sugerindo-lhe que outro colega enfermeiro assumisse aquele cuidado. Foi então que ele fez um semblante repugnante e insistiu que o outro profissional não fosse chamado. Sua reação gerou na pesquisadora-trabalhadora certo constrangimento por ela não compreender claramente o que estava acontecendo. Tão logo ele perguntou por que ela utilizava aquele “gelzinho” (a lidocaína) antes do procedimento. Ela respondeu que aquilo era um anestésico utilizado para promover a lubrificação da uretra. Explicou ainda, que



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

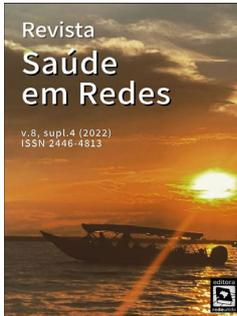
o procedimento poderia ser realizado sem aquele produto, mas que era importante utilizá-lo no preparo do canal antes de introduzir o cateter, e com isso poderia reduzir o desconforto do procedimento, além de ser um cuidado para evitar lesões devido às reabordagens necessárias ao longo do dia. Ele relatou que sentia a diferença, e percebeu que aquele cuidado era importante pois sentia menos dores quando a técnica era realizada desse modo. Intrigado e, em certa medida, chateado, contou que outros profissionais não realizavam esta etapa do procedimento. Além de não utilizarem o lubrificante, inseriam o cateter de forma brusca, com violência, e o machucavam. Na tentativa de amenizar a situação, a trabalhadora-pesquisadora disse que possivelmente havia ocorrido um descuido, por vezes ocasionados pela correria do dia-a-dia. No entanto, o rapaz reforçou seu descontentamento com a assistência prestada por outros profissionais e discordou dessa hipótese ao dizer que tinha a impressão de que os demais sabiam o que estavam fazendo e o faziam de propósito. Este usuário conseguiu identificar jeitos diferentes de realizarem o mesmo procedimento, no entanto comentou que ele se sentia refém pois era dependente daqueles (des)cuidados devido a sua condição física e mobilidade reduzida. Ainda, ao discutirmos com o coletivo sobre relatos como este, identificamos outras situações semelhantes nas quais os usuários também acabaram não conseguindo se posicionar contra o descuido e assim, continuaram tendo seus corpos violentados por repetidas vezes nos serviços de saúde, sobretudo aqueles corpos que são marcados pela deficiência, se tornando alvos, possivelmente, mais vulneráveis a esse modo de agir torturador. A partir dessas vivências tivemos a oportunidade de refletir que no cotidiano do trabalho, especialmente nos serviços de atenção terciária, onde existe uma alta rotatividade e a assistência é predominantemente curativista, pouco se exercita a aproximação entre os trabalhadores e os usuários e assim, acabam por desconsiderar suas existências, suas condições de vida, e os fatores que podem influenciar seus caminhos e escolhas. Não obstante, existe a prática de compartilhar por meio de conversas de corredores e passagens de plantão entre os profissionais, informações carregadas de julgamentos que reforçam algum aspecto negativo de comportamento ou de escolhas de vida dos sujeitos, e isto, em certa medida, pode influenciar o modo de agir dos trabalhadores envolvidos no cuidado dessas pessoas. A tomada de consciência sobre a violência institucional praticada às pessoas com deficiência, reforçou para nós o quanto um profissional pode ser atroz uma vez que se permite incutir seus julgamentos morais ao seu modo de produzir o cuidado. As práticas de produção do cuidado que desenvolvemos enquanto trabalhadores se apresentam como formas de governar nossas ações e a produção de vida acontece nos espaços onde as diferenças são valorizadas, logo, o caráter punitivo dado pelos profissionais em seu agir torturador aos diferentes modos de vida dessas populações, representam, para ambos, uma produção de empobrecimento da criação de redes existenciais, em outras palavras, a produção de morte. O agir torturador exerce influência sobre a definição das existências que devem ser vividas e as que devem deixar de existir. A ideia do torturador aparece a partir dos comportamentos profissionais que operam na direção de construção de vínculos dominadores, de momentos em que a fala do



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

trabalhador é soberana a do usuário e o direito ao cuidado se torna uma produção de impossibilidades de vida. O (des)cuidado se apresenta desde a falta de reconhecimento da manifestação do usuário, enquanto sujeito, o desapropriando do seu modo de viver e da sua subjetividade até a efetivação das práticas punitivas em si. Nessa perspectiva, fica para nós trabalhadores, o desafio de reconhecermos a singularidade de cada sujeito e que no encontro, podemos nos deparar com histórias de vida que nos causam incômodos. Tal reconhecimento é necessário para que possamos encontrar meios de processamento de nossas inquietações, para não cairmos no erro de desconsiderar diferentes modos de existir como resposta aos nosso desconfortos. Para tanto, salientamos a importância de dar visibilidade a essa temática ao passo que ressaltamos as nossas práticas para não reproduzirmos ações punitivas nas diferentes formas em que elas podem se apresentar.



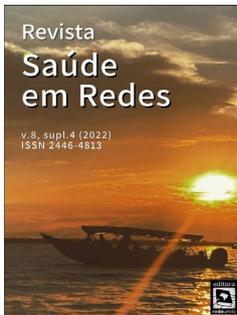
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

UMA CARTOGRAFIA NO ATENDIMENTO À GESTANTE EM SITUAÇÃO DE RUA: LIMITAÇÕES E POTENCIALIDADES

KARINA DA SILVA PRESSER, LUIZ GUSTAVO DUARTE, SARA GLADYS TONINATO,
FLÁVIA MARIA ARAÚJO, MAIRA SAYURI SAKAY BORTOLETTO

Apresentação: Este trabalho faz parte de um estudo maior que objetiva dar visibilidade às produções dos movimentos sociais, entre eles o movimento de viventes da rua. A abordagem metodológica de opção é a cartografia. Uma cena escolhida do diário cartográfico para esse momento foi uma visita do Consultório na Rua (CnaR), em que foi atendida J.H., 25 anos, mulher em situação de rua, usuária de crack e primigesta de poucos meses. A notícia da gestação havia chegado há poucos dias e a jovem se mostrava empolgada com a novidade, cobrando da equipe uma ultrassonografia para saber se se tratava de uma gestação única ou gemelar. Além disso, havia retomado contato com seu pai após a descoberta e estava em busca de uma casa para alugar com o companheiro. Ficou perceptível que a gestação trouxe uma nova significância para a vida dessa mulher, que, mesmo diante dos mínimos recursos, optou por seguir com a gestação e ainda procurar condições para criar seu filho. Mas, diante desse relato, é possível refletir sobre o contraste entre as expectativas de J.H. e a realidade que as mães em situação de rua enfrentam. Uma gestante em situação de rua tem como destino quase que determinado a perda da guarda de seu filho, visto que o serviço de saúde não conta com uma rede de apoio que atenda a essa criança após período pré-natal. Dessa forma, quando admitido um caso como o de J.H., mãe, usuária de crack e em situação de rua, já é tido como certo a perda da tutela de seu filho da maneira mais precoce possível, ainda na maternidade. Existe algo de muito perverso nisso, visto que todo o atendimento à gestante, em especial à gestante em situação de rua, é feito com certo afeto, que serve como ferramenta para conquistar a confiança da paciente e, assim, garantir a sua adesão ao programa pré-natal. No entanto, todo ânimo que é estimulado nessa mulher será frustrado ao final da gestação, quando lhe será retirado o seu filho. Para além de todo mal comprovadamente causado pela falta de criação do vínculo entre mãe e criança ainda nos primeiros meses pós-parto, essas mulheres em estado de vulnerabilidade extrema podem perder a confiança em um dos poucos pilares que ainda lhe apoiam, o serviço de saúde e, como no caso, o CnaR. Por isso, se faz necessário a criação de uma rede de apoio a esses casos. Como vimos, J.H. possui potência de vida que poderia ser aproveitada por um serviço de assistência que a auxiliasse nessa mudança, o que possibilitaria que essa mãe, de alguma forma, mantivesse um vínculo com o filho, ainda que não fosse possível mantê-lo nos moldes tradicionais.



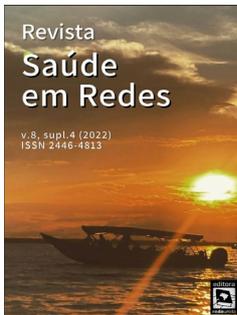
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

COVID-19 NO AMAZONAS: UMA ANÁLISE DAS POLÍTICAS DE ENFRENTAMENTO E O CENÁRIO EPIDEMIOLÓGICO NO ESTADO DURANTE A SEGUNDA ONDA.

LARA LOPES, PRISCILLA FARIAS NAIFF, GIANE ZUPELLARI DOS SANTOS-MELO, GLAUCIA MARIA DE ARAÚJO RIBEIRO, SHIRLEY MARIA DE ARAÚJO PASSOS, TÂNIA CRISTINA FRANÇA DA SILVA, ANGELA XAVIER MONTEIRO

Apresentação: A pandemia do novo coronavírus causou um imenso transtorno social, político, econômico e na saúde pública por todo o mundo. No Brasil, podem ser observadas algumas semelhanças e diferenças na natureza do surto e nas respostas políticas implementadas pelos estados brasileiros. O Amazonas, estado da região norte do país, apresentou desde os meses iniciais da doença uma crescente alarmante de casos e óbitos, protagonizando momentos catastróficos. Nesse sentido, o artigo discute o reflexo das políticas de enfrentamento e a situação epidemiológica como estratégia de contenção da pandemia no Amazonas durante a segunda onda de covid-19. Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem quantitativa e qualitativa, do tipo pesquisa documental com análise dos decretos do governo do estado do Amazonas e os boletins epidemiológicos do estado, representando os períodos da pandemia de outubro de 2020 a fevereiro de 2021. Por meio da análise dos documentos, verificou-se que apesar das ações realizadas que acompanhavam a situação epidemiológica momentânea no estado, o afrouxamento das medidas em cenários que ainda não havia controle do vírus, culminou em uma nova onda da doença e na falta de oxigênio disponível nos hospitais, provocando uma crescente nos óbitos. É nítido que se o governo tivesse introduzido restrições mais rígidas precocemente no Amazonas e cumprimento dessas medidas de enfrentamento pela população, a qual deveria ser mais consciente sobre a importância do distanciamento social e que é parte decisiva na resposta da doença frente ao comportamento coletivo, o número de casos e óbitos por covid-19 no Amazonas teria sido expressivamente reduzido. Diante do exposto pode-se presumir que se medidas restritivas de forma precoce com planejamento de ações de forma intersetorial tivessem sido implementadas pelo poder público, é provável que a segunda onda da doença tivesse sido melhor enfrentada, sem os efeitos catastróficos oriundos de falhas observadas durante o processo de prevenção ao contágio pelo coronavírus.. Palavras-chave: Pandemias, Políticas Públicas de Saúde, covid-19, Amazônia.



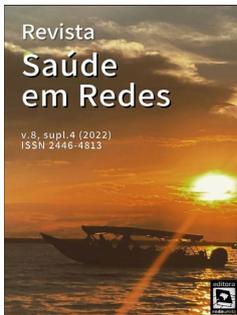
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

EDUCAÇÃO EM DIABETES NAS ESCOLAS PARA O DESENVOLVIMENTO DE CUIDADOS AO ALUNO COM DIABETES TIPO 1

DANIEL ANDRÉ GOMES JÚNIOR, THIFANY THAYNÁ OLIVEIRA PEREIRA, HIANKA SIMONE PEREIRA DOS REIS, ADRIANA DUARTE DE SOUSA

Apresentação: Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Diabetes Mellitus (DM) é uma condição patológica que ocorre quando o pâncreas não produz mais o hormônio insulina em quantidade necessária ou quando o organismo não pode utilizar com efetividade a insulina produzida. O DM é classificado em alguns tipos, destes, o tipo 1 (DM1) compreende aproximadamente 10% do total de casos de DM, acomete principalmente crianças e adolescentes, requer um tratamento complexo em sua orientação e execução, necessita da participação intensiva do paciente, que precisa ser educado para tal, e das pessoas do seu convívio. O tratamento de crianças e adolescentes com DM1 possui alguns itens principais: educação em diabetes, injeções diárias de insulina, automonitorização da glicemia capilar, orientação nutricional e execução monitorada de exercício físico. Este trabalho tem como objetivo descrever a importância da educação em diabetes nas escolas a fim de que profissionais de educação possuam conhecimentos em relação aos cuidados necessários de seus alunos com DM1 para que alunos e seus responsáveis tenham maior segurança em relação ao tratamento da doença durante o período escolar. **Desenvolvimento:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, que buscou descrever a importância da educação em diabetes nas escolas, a partir de publicações científicas indexadas nas bases de dados Scientific Electronic Library On-Line (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs) e PubMed, utilizando os seguintes descritores: Diabetes Mellitus, Educação em Saúde e Escolas. **Resultado:** Os trabalhos analisados para compor este estudo demonstraram o conhecimento limitado dos profissionais de educação sobre a doença, além dos cuidados e manejo adequado das intercorrências glicêmicas. Observou-se também a importância de capacitação nessa área para um melhor acompanhamento da criança e do adolescente com DM1 no ambiente escolar. **Considerações finais:** Verifica-se que os desafios no cuidado à alunos com DM1 no contexto escolar são numerosos, sendo necessário identificar e compreender as necessidades desses escolares. Diante disso, é essencial promover educação em saúde para profissionais de educação para um melhor cuidado com alunos portadores da doença.



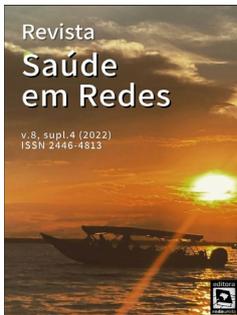
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

VIVENTES DE RUA E O CUIDADO ÀS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

LARA BARRETO CARDOSO, KATHLEEN TEREZA DA CRUZ

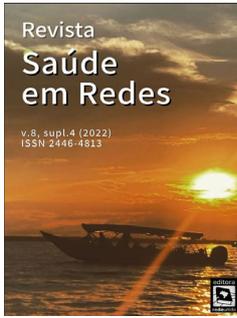
Apresentação: Este estudo analisa como a vulnerabilização existente para com viventes de rua (VR) impacta na incidência e prevalência de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) nesse segmento social, bem como os fatores que desencadeiam essa problemática e os cuidados de saúde necessários para atenuar a situação, circundada por estigma social. A reprodução de ditos conhecimentos referentes aos VR pela sociedade resulta em 'desvios de olhares' que culminam com o não pertencimento desse coletivo-repleto de singularidades no conceito de cidadania. Diante disso, a não garantia de direitos promovida pelo Estado, sustentada pelo corpo social, é expressivamente agravada quando o assunto é VR e ISTs, uma vez que o desconhecimento acerca do assunto é intensificado em grupos já marginalizados. Logo, a segregação dos VR é acentuada no próprio atendimento de saúde, envolvendo a não efetivação dos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) - a universalidade, a integralidade e a equidade- impedindo a inclusão de tais indivíduos no cuidado à saúde. Pretende-se analisar como a exclusão criada sobre as VR relaciona-se com a crescente incidência de ISTs nesse grupo. Foi realizada pesquisa bibliográfica com os descritores "Pessoas em situação de rua and doenças sexualmente transmissíveis" na base de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Foram obtidos 12 artigos no formato de texto completo e foram selecionados artigos na Língua Portuguesa e na base de dados Lilacs e da Secretaria Estadual do Estado de São Paulo, obtendo como resultado apenas seis artigos sobre a temática, sem duplicatas. Com base nisso, sob análise atenta do título e do resumo disponível, dois textos foram descartados, sendo um porque não respondia ao tema de estudo e outro sem disponibilidade do texto completo, o que resultou em quatro artigos sobre o assunto. Essa pesquisa foi realizada nos encontros tutoriais semanais sobre "Pessoas em Situação de Rua" que aconteceram entre 21 de junho e 20 de setembro de 2021 na disciplina de Saúde da Comunidade do 2º período do Curso de Medicina. São necessários para a abordagem das ISTs os cuidados básicos para a prevenção que envolvem o uso de preservativo (feminino ou masculino) em todas e quaisquer práticas sexuais, o não compartilhamento de seringas, além de visitas regulares ao SUS para testagem para ISTs. Os estudos indicam que os hábitos de vida, o número de parceiros, a escolaridade, a faixa etária e os tipos de práticas sexuais influenciam na maior ou na menor frequência de uso dos métodos de prevenção contra ISTs entre os VR. Percebe-se que o cenário de vulnerabilização das ruas resulta em fragilidades referentes às necessidades básicas, intensificadas conforme os hábitos de riscos à saúde. Todavia, risco à saúde está dissociado, por vezes, ao uso de entorpecentes e/ou drogas lícitas de maneira prejudicial, pois essa realidade não se refere a todos os viventes de rua, sendo um estigma social consolidado. Em contrapartida, apesar da pluralidade desse coletivo, a privação de direitos faz com que os VR estejam mais expostos às ISTs. Sob esse contexto, conforme os artigos analisados, grande



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

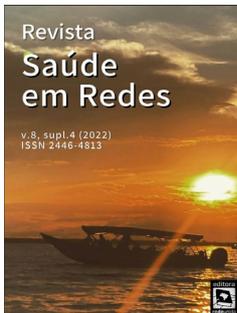
parte dos viventes de rua têm parceiros casuais, fator de risco notório, já que a cada nova relação sexual a chance de contato com novos tipos virais ressurgem. Outro ponto importante é a violência sofrida por aqueles que têm a atividade sexual como método de sobrevivência: descrevem atos de violência sexual e/ou medo de pedir a utilização de preservativo, aumentando a exposição às ISTs. No que se refere às práticas sexuais de usuários de drogas há o aumento de comportamentos que intensificam a exposição pela não utilização de métodos de segurança/prevenção e às vezes com múltiplos parceiros, além da chance do compartilhamento de seringas. Esse contexto se deve, muitas vezes, à atenuação da capacidade de percepção de risco. Sob a óptica sexualidade nota-se que mulheres VR que fazem sexo com outras mulheres justificam o não uso de preservativos, justamente por serem mulheres, fato explicado pela associação direta do preservativo ao órgão genital masculino. No que se refere aos homens, aqueles que sabem da disponibilidade de preservativos têm dificuldade de aderir ao uso durante as práticas sexuais, fator que faz com que algumas mulheres VR, em cenários de relacionamentos heteronormativos, recorram à abstinência sexual. Já no que tange aos VR sexualmente ativos de idade mais avançada, notou-se que o não uso de preservativos está associado ao fato desse método de prevenção advir após o início da vida sexual desse grupo, entretanto, é o segmento mais jovem sexualmente ativo que se mantém como detentor dos maiores índices de ISTs. Além disso, aqueles que têm conhecimento da indispensabilidade do uso de preservativos ressaltaram a dificuldade de adquiri-los, mesmo que tenham como comprá-los, situação que ocorre por conta da não associação de VR a um trabalho remunerado, sendo que na realidade a maioria exerce alguma função “rentável”. Outrossim, verificou-se a existência da crença de que a parceria única é motivo para dispensar o uso de preservativo, relacionando a monogamia à fidelidade. Por essa razão, a sintomatologia de algumas ISTs no parceiro relaciona-se diretamente ao fato do próprio indivíduo estar com determinada IST. Ademais, os preconceitos reproduzidos pelos profissionais da área da saúde com essa população, dificulta na criação de vínculo com esses pacientes, laço importante não somente para introduzir informações sobre os cuidados de prevenção contra ISTs, mas também para gerar a hospitalidade que é tão negligenciada aos VR, associando ao processo de adoecimento desencadeado por ISTs uma culpabilização dos viventes de rua. Desse modo, conclui-se que a incidência de ISTs, crescente em toda a população brasileira, atinge de maneira distinta o corpo social, sendo que os viventes de rua se tornam mais expostos ao processo do adoecimento devido a realidade que os circundam, uma vez que os marcadores sociais e dinâmicos da diferença, também são agentes inseparáveis do processo de adoecimento, agindo em conjunto com os fatores condicionantes e determinantes de saúde. Assim, a partir das literaturas percebe-se que o processo de vulnerabilização das pessoas em situação de rua é intensificado quando o assunto é somado à incidência de infecções sexualmente transmissíveis. Tal ponto é de extrema relevância porque expressa o quanto o cuidado em saúde deve estar atento aos “detalhes” escancarados e se desfazer das barreiras criadas a respeito dos vínculos entre profissionais da saúde-pacientes em situação de rua. Com base nisso, é necessária uma renovação em



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

todos os setores da saúde, a fim de distanciar-se do estigma social, possibilitando um atendimento em saúde cuidadoso e acolhedor, e que por consequência, contribui para atenuação da incidência e transmissão de ISTs.



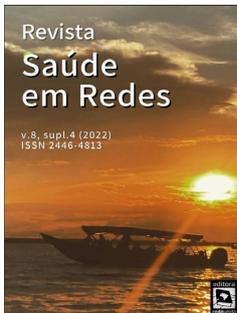
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

O MATRICIAMENTO COMO ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA ATENÇÃO BÁSICA

NICOLLY PAPACIDERO MAGRIN, FLORA MESTRE PASSINI, NOEMI SILVA PEREIRA, DANIEL DA SILVA CONSTANTE, TAINARA MARINA DA SILVA BORGES, THALITA DA ROCHA MARANDOLA

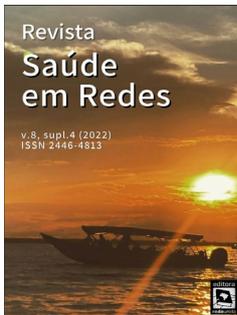
Apresentação: A luta pelos direitos das mulheres não é recente e, desde seu início em meados do século XVIII, o direito à vida é pautado como supremo. Contudo, através da observação empírica no contexto de covid-19, somado a estudos e dados recentes, têm-se apresentado alta e significativa incidência de violência doméstica no território brasileiro, ainda mais agravado com a presença da pandemia de covid-19 e da crise socioeconômica. Desse modo, fala-se de um direito primordial que é ferido todos os dias e, ainda que haja movimentos de conscientização e constantes comoções sociais em casos que ganham a mídia, o número de vidas subjugadas e tiradas pelo feminicídio são altos. Diversas são as manifestações de violência doméstica, sendo necessária a sensibilização para compreender que o termo não é exclusivo à violência física e sexual. Englobados em violência doméstica estão também os conceitos de violência psicológica e patrimonial, os quais, tendem a ser invisibilizados pela cultura patriarcal preponderante na sociedade atual. Por esse motivo, justificativas simplistas e centradas na superioridade masculina são usadas como meio para abafar expressões de descontentamento e sofrimento psicológico de mulheres. A Atenção Básica do Sistema Único de Saúde (SUS) tem como uma de suas atribuições a prevenção e promoção em saúde, sendo a Unidade Básica de Saúde (UBS) ambiente fértil para desenvolvimento de ações de conscientização e sensibilização coletiva, as quais são capazes de impactar em maior segurança e proteção à existência e à qualidade de vida das mulheres, tanto as trabalhadoras do serviço quanto às mulheres assistidas pertencentes ao território. Diante desse potencial identificado da UBS, faz-se necessário que os trabalhadores do serviço de saúde estejam instrumentalizados sobre o tema e sejam sensíveis à problemática cultural que propaga a violência doméstica. Fala-se em trabalhadores do SUS críticos e analistas da conjuntura social opressora de mulheres. Vale ressaltar que o vínculo longitudinal, da equipe da Estratégia Saúde da Família (eSF) com o cidadão, dispõe de características que viabilizam a comunicação efetiva e frutífera para temas tidos como sensíveis. O objetivo deste trabalho é relatar um matriciamento promovido pelos profissionais da Residência Multiprofissional em Saúde da Família (RMSF) da Universidade Estadual de Londrina (UEL), juntamente com os profissionais da Residência em Medicina de Família e Comunidade (RMFC), a quatro equipes da Estratégia Saúde da Família de uma UBS localizada em uma periferia urbana de Londrina, no norte do estado do Paraná. Tal ação visou qualificar as quatro eSF a fim de possibilitar reflexões sobre o tema, elucidar dados e apresentar referências técnico e teóricas; de modo a aprimorar a escuta ativa, o acolhimento, a validação de sentimentos, os fluxos e os processos resolutivos, o mapeamento de casos, a conscientização social e as intervenções



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

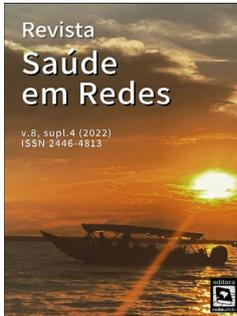
das equipes frente às diversas situações de violência contra a mulher. A construção do matriciamento ocorreu de forma coletiva e multiprofissional contando com a participação de 14 profissionais de diferentes áreas de conhecimento, que antes de levar a discussão para as equipes, estruturaram as atividades durante reuniões semanais, quando compartilharam o impacto da violência contra as mulheres presente em suas práticas e discutiram a necessidade material de conhecerem melhor o tema e multiplicarem a discussão para a eSF. Dessa forma, todos contribuíram com a coleta de informações a partir da pesquisa em materiais disponibilizados pela rede municipal, estadual e federal e contato com equipamentos sociais como setores da área da saúde e segurança pública voltados ao público em questão, sendo possível elaborar a partir desses momentos e troca de saberes e experiências um material didático como recurso de Educação em Saúde. Enquanto os encontros formativos foram conduzidos por cinco profissionais escolhidos por conveniência, sendo estes das seguintes profissões: psicologia, enfermagem, medicina e serviço social. O matriciamento foi realizado em três encontros por equipe, com duração de 30 minutos cada, e se deu no início das reuniões semanais das quatro eSF que compõem a UBS em questão. As equipes matriciadas eram compostas, necessariamente, por enfermeiras, médicos, técnicos de enfermagem e agentes comunitárias de saúde (ACS); os encontros tiveram presenças esporádicas de fisioterapeuta, profissionais de educação física, nutricionista, odontólogos e farmacêutico. A intencionalidade do primeiro encontro foi sensibilizar e apresentar informações elementares sobre violência contra a mulher, principalmente a violência doméstica, pontuando também a importância de compreender alguns grupos como possuindo maior vulnerabilidade, como mulheres negras e indígenas, meninas e adolescentes, mulheres com deficiência física, idosas, imigrantes, etc. No segundo encontro foi discutido o posicionamento do profissional de saúde diante de relatos de violência contra a mulher com vista à desenvolver e/ou aprimorar a escuta ativa, o acolhimento e o manejo da situação. Despendeu-se da técnica de role play (encenação) para aproximar o trabalhador da saúde do cenário e situação de acolhimento. Por fim, no terceiro encontro foram apresentados os fluxos e serviços especializados no apoio, proteção e segurança de mulheres vítimas de violência, do município de referência, com vistas a traçar estratégias para acompanhamento e resolutividade do caso, ressaltando a importância do preenchimento da ficha para o Sistema de Informações de Agravos de Notificação (SINAN). Ao longo do matriciamento, observou-se discussões entre os matriciados que apresentavam sensibilização à problemática e compartilhamento de casos vivenciados durante todo o tempo de trabalho, ressaltando as marcas dos encontros profissional/usuário do SUS, mas também relatos de vivências pessoais, visto que a grande maioria das trabalhadoras da unidade são mulheres. Após o término da sequência de encontros os servidores relataram sentir-se melhor preparados para acolher demandas relacionadas à violência doméstica e mais seguros nas orientações a serem feitas, tanto visando a proteção e segurança da mulher, quanto de cunho institucional sobre fluxos e serviços. Diante do exposto, dada a sensibilidade do tema e os princípios fundamentais de proteção à vida estarem sendo violados estruturalmente no que tange a



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

violência doméstica, faz-se necessário enfatizar a importância da educação permanente nos espaços do SUS sobre a temática, a fim de qualificar, atualizar e sensibilizar os trabalhadores dos serviços para que possam reconhecer e atender as demandas relacionadas. Dá-se notoriedade a potência do vínculo da eSF com a comunidade, como meio de identificação, acolhimento e direcionamento para os casos do território. Reforça-se a importância do trabalho em rede e da articulação ainda incipiente, mas necessária, com o próprio território da UBS, para incentivo a ações comunitárias que visem o combate à violência contra mulher.



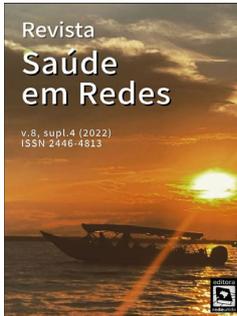
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ENFERMAGEM EM UM SERVIÇO REGIONAL DE SAÚDE: EXPERIÊNCIAS DE FAZER/VIVER O SUS

ELIANA SANDRI LIRA, ELIANA BUSS, IRANY ACHILES DENTI, DANIELY PILARES MIOLO, LARISSA DE MORAES, LETICIA CONCI, LUBIA D'AVILA OLIVEIRA, MARCOS VINÍCIO BATISTA DO NASCIMENTO

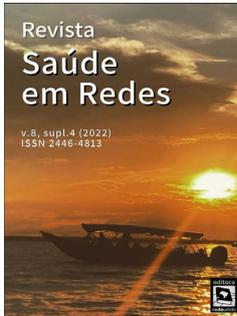
Apresentação: Este trabalho relata a experiência de aproximação e integração ensino e serviço no Sistema Único de Saúde (SUS), durante a realização de estágio supervisionado IIB do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) Campus Erechim, na 11ª Coordenadoria Regional de Saúde, Região de Saúde 16 Alto Uruguai Gaúcho, Norte do Estado do Rio Grande do Sul (RS) no período de 17 de agosto a 10 de setembro de 2021. O estágio supervisionado IIB objetiva, a partir da vivência em ambientes de trabalho em saúde, o desenvolvimento de habilidades e competências pertinentes à atuação do(a) enfermeiro(a) na integralidade do cuidado, planejamento e execução de atividades em gestão e gerenciamento no cotidiano do SUS. O objetivo deste relato é discorrer sobre esta experiência considerando os objetivos do estágio, vivências, percepções e movimentos de estudantes, professores e trabalhadores na construção de espaços colaborativos de aprendizagem e educação na saúde. Para a concretização deste estágio foi firmado um termo de cooperação técnica entre a instituição de ensino e a secretaria estadual da saúde deliberando sobre normas e atribuições do processo. A pedagoga do Núcleo Regional de Educação em Saúde Coletiva (NURESC) da 11ª Coordenadoria Regional de Saúde, juntamente com trabalhadores do serviço, acadêmicos e professores da instituição de ensino elaboraram o itinerário de estágio Ciclo de atividades e vivências no cotidiano do serviço regional de saúde no SUS, que contou com atividades na vigilância epidemiológica, imunizações, vigilância sanitária, regulação controle e avaliação, gestão em saúde, ações em saúde e educação permanente em saúde. Um ciclo de produção de conhecimento interessado, vivo e em ato por meio de rodas de conversa, vivências na estrutura do serviço e circulação de saberes. Participaram do estágio 20 trabalhadores, três professores e 15 acadêmicos de enfermagem. Para os trabalhadores o movimento de preparação de materiais, recepção e interação com os estudantes e professores provocou o reconhecimento do próprio trabalho como material produtor de conhecimento e a implicação do serviço na formação para o Sistema Único de Saúde (SUS). Para os(as) estudantes a experiência mobilizou a construção do processo ensino aprendizagem e a reflexão sobre as práticas já vivenciadas. Adicionalmente a vivência apontou caminhos, demonstrou espaços de trabalho ocupados por enfermeiros(as) assim como despertou o interesse na atuação profissional nas ações de gestão em saúde. Estreitar o vínculo entre ensino e serviço fortaleceu o processo de trabalho docente, qualificou o cuidado na enfermagem e instrumentalizou acadêmicos e acadêmicas para o processo de gestão e gerenciamento no SUS. A oportunidade de conhecer o funcionamento de um serviço



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

regional de saúde revelou entusiasmo, interesse e dedicação ao processo de aprendizagem. E, ainda, o trabalho coletivo, multidisciplinar, articulado, em redes dialógicas favorece o planejamento e a elaboração de ações em saúde. O processo de organização, vivência e avaliação desta experiência mobilizou uma postura acessível e interessada em que a aprendizagem constituiu-se rizoma, indicando novas parcerias e novas metodologias de ensino diante da multiplicidade de saberes e práticas do cotidiano do trabalho no SUS.



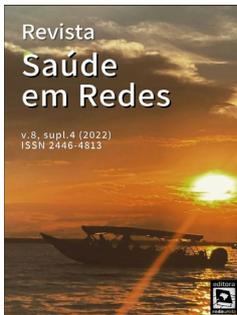
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

OS CUIDADOS DO PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM NO ATENDIMENTO ASSISTENCIAL À PESSOA COM DIABETES

DANIEL ANDRÉ GOMES JÚNIOR, THIFANY THAYNÁ OLIVEIRA PEREIRA, HIANKA SIMONE PEREIRA DOS REIS

Apresentação: O Diabetes Mellitus (DM) é um distúrbio metabólico caracterizado por elevados níveis de glicose sanguínea que resultam da deficiência na secreção e/ou na ação da insulina. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), havia 422 milhões de pessoas com diabetes no mundo em 2014, cerca de 8,5 % da população mundial. Esta doença está entre os mais graves problemas de saúde, devido à alta morbidade com incapacidades, mortalidade precoce e custos públicos envolvidos em seu tratamento e complicações. O relacionamento terapêutico enfermeiro-pessoa com diabetes ocorre de diversas formas: através da motivação; de uma comunicação eficiente; pela disponibilidade em atender e explicar suas dúvidas e questionamentos; educando-o sobre formas de autocuidado e manejo adequado da doença, entre outras. Este trabalho tem como objetivo escrever o papel do profissional de enfermagem no manejo adequado do DM de forma a garantir melhor qualidade de vida aos acometidos por essa doença, identificando os critérios de diagnóstico; diferenças entre os tipos em que se apresenta a doença; enfatizando a importância do tratamento e prevenção de complicações; discorrendo sobre a importância da monitorização glicêmica, terapias com insulina e outros antidiabéticos; a assistência em situações de hiperglicemia e hipoglicemia e cuidados com o pé e pele de pessoas com DM. **Desenvolvimento:** Trata-se de uma revisão de literatura onde os referenciais teóricos são: o livro publicado pela Sociedade Brasileira de Diabetes (SBD) elaborado para atender à profissionais de enfermagem que têm interesse em prestar assistência adequada e qualitativa à pessoas com DM, além de fazer propostas de intervenções de enfermagem de acordo com os temas abordados; e artigos publicados nos bancos de dados Scientific Electronic Library On-Line (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs). **Resultado:** Nos artigos pesquisados e estudados, observa-se que os profissionais de enfermagem atuam como educadores de pessoas portadores de DM, visando de forma contínua a prevenção e a promoção à saúde. Assim como foi possível verificar que tais profissionais contribuem significativamente com a diminuição de novos casos da doença e também das diversas complicações que essas pessoas encontram-se expostas. **Considerações finais:** Os profissionais de enfermagem são considerados fundamentais no cuidado às pessoas com DM segundo as literaturas estudadas. Deste modo, conclui-se que esses profissionais devem ser capacitados e ter conhecimento técnico-científico e prático para prestar uma assistência de qualidade no manejo adequado do DM a fim de garantir o bem-estar dos indivíduos portadores da doença.



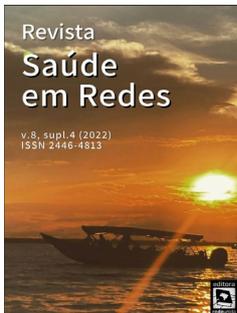
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

O ENSINO CORRETO DA TÉCNICA DE HIGIENE DAS MÃOS PARA ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

NÍNIVI PABLINE OLIVEIRA ABREU, LUCAS LIMA GUERREIRO, JOSÉ LIMA DE SOUSA JÚNIOR, RHANNA EMANUELA FONTENELE LIMA DE CARVALHO

Apresentação: A higiene das mãos é reconhecida mundialmente como a medida mais importante para a prevenção e o controle das infecções relacionadas à assistência à saúde (IRAS), incluindo aquelas decorrentes da transmissão cruzada de microrganismos multirresistentes. Todavia, a adesão dos profissionais de saúde à higiene das mãos ainda é considerada baixa, representando um risco à saúde dos usuários e dos profissionais dos serviços de saúde. Desta forma, a medida primordial para a segurança do paciente, continua sendo, enfatizar a importância da higiene das mãos por todos os profissionais de saúde, visitantes e acompanhantes para evitar a transmissão cruzada de infecções relacionadas à assistência à saúde nos serviços de saúde. De tal maneira, torna-se indispensável o ensino da técnica correta e das problemáticas acerca da não higienização das mãos para alunos de graduação em saúde. O objetivo do estudo foi apresentar aos alunos do terceiro semestre da graduação em Enfermagem a técnica de higiene das mãos. **Desenvolvimento:** Trata-se de um relato de experiência, no qual alunos da disciplina de Segurança do Paciente da Graduação de Enfermagem realizaram uma atividade de educação em saúde relacionada a técnica correta de higiene das mãos e sua importância para a prevenção de infecções relacionadas à assistência à saúde. O período de organização da atividade foi outubro de 2019, tendo como realização o mês de novembro do mesmo ano. A atividade foi realizada com um grupo de aluno do terceiro semestre da Graduação de Enfermagem da Universidade Estadual do Ceará (UECE), no qual foram utilizadas luvas e tintas para simular a higiene das mãos e entregue um folder educativo, no qual era ensinado a técnica atualizada e explicado a importância de sua realização. Inicialmente, a técnica foi apresentada e posteriormente foi solicitado que realizassem a higiene das mãos e verificado se estavam realizando de maneira correta. **Resultado:** Foram beneficiados, 20 alunos do terceiro semestre da Graduação de Enfermagem que tiveram o primeiro contato com a técnica e sua importância. Foi possível observar que todos os alunos conseguiram realizar, com êxito, a técnica e tiveram um aproveitamento de 100% de aprendizagem. **Considerações finais:** A experiência foi enriquecedora e benéfica tanto para os alunos que estavam participando da intervenção, quanto para os que a realizavam, uma vez que é de suma importância a execução correta da técnica de higiene das mãos. Tornando-se, assim, uma forma de aprendizagem para os dois grupos. A intervenção é relevante para todos os alunos da graduação, uma vez que tem por finalidade apresentar aos alunos maneiras na qual podem evitar que o paciente sofra um dano desnecessário no seu período de cuidados.



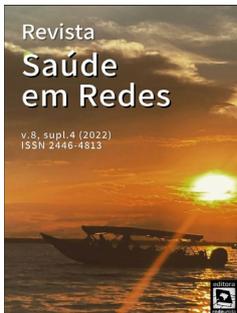
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

ATENÇÃO À SAÚDE DOS USUÁRIOS EM UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE DA ZONA LESTE DE MANAUS AMAZONAS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

VITÓRIA MONTEIRO DE SENA, SHIRLEY MARIA PASSOS DE ARAÚJO, MARCOS LIMA DO NASCIMENTO, LAUMARIS DE ARRUDA REGIS ARANHA, ADRIANA BEATRIZ SILVEIRA PINTO, ANGELA XAVIER MONTEIRO

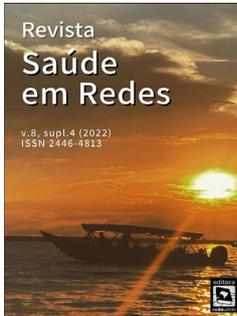
Apresentação: A doença identificada como covid-19, ocasionada pelo Coronavírus, intitulado como SARS-CoV-2, se alastrou rapidamente no mundo inteiro, tornando-se uma pandemia pouco após de dois meses do seu cenário epidêmico. As suas manifestações clínicas variam de leve, caracterizado por tosse, febre, coriza, anosmia, ageusia, à manifestações graves como pneumonia e insuficiência respiratória aguda, podendo levar o portador da doença a óbito. A transmissão ocorre por meio de aerossóis liberados pela pessoa contaminada, ao tossir, espirrar ou falar. A Estratégia Saúde da Família (ESF) buscou medidas para abrandar a transmissão do Coronavírus (covid-19), visando a sua atuação em áreas de população com vulnerabilidade. Estratégia estruturante da Atenção Básica, a equipe multidisciplinar inserida na Estratégia Saúde da Família (ESF) tem sido uma grande aliada para o combate ao covid-19 no Brasil, após o cancelamento de consultas não essenciais, realizando consultas ao ar livre, e executando ações de acordo com suas especificidades e UBS que atuam. A avaliação do usuário do serviço saúde é um instrumento essencial para o bom desempenho do acesso ao sistema e reorganização das políticas públicas de saúde. Dentre os resultados obtidos em alguns estudos, a variável mais importante para o julgamento do atendimento recebido pelo profissional inserido na ESF é a relação interpessoal. Portanto, há maiores chances de execução das orientações recebidas durante ao atendimento, quando os profissionais demonstram ternura, confiança, reparo, respeito e credibilidade. Tendo em vista que a região Norte ocupou, segundo o Ministério da Saúde, os maiores coeficientes de incidência da doença, esta pesquisa buscou identificar a percepção dos usuários referente ao atendimento dos usuários pelos profissionais de saúde das equipes da Estratégia Saúde da Família (ESF) no distrito Leste na cidade de Manaus, durante a pandemia do covid-19. Há necessidade de compreensão do ponto de vista do usuário sobre o sistema público de saúde, bem como suas queixas e problemas ao acesso do serviço à saúde durante a pandemia do Coronavírus, visando proporcionar informações que possam subsidiar um aprimoramento do serviço e elaboração de novas estratégias para ampliação do atendimento prestado à população. Esta pesquisa teve como objetivo identificar a percepção dos usuários referente ao atendimento dos profissionais de saúde das equipes da Estratégia Saúde da Família (ESF) no distrito Leste na cidade de Manaus, durante a pandemia do covid-19 e caracterizar o perfil econômico da população assistida pelas equipes de saúde da família. Foi realizado um estudo transversal observacional, descritivo, com delineamento quantitativo. Foram incluídos na pesquisa os usuários atendidos pelas equipes de saúde da família que tiveram ao menos uma consulta durante o período da pandemia, que estavam no momento da coleta no



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

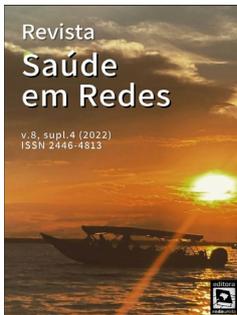
ambiente da unidade de saúde, de ambos os gêneros, maiores de 20 anos de idade e que concordaram em participar da pesquisa. O projeto de pesquisa foi submetido no Comitê de Ética em pesquisa da Universidade do Estado do Amazonas, com parecer aprovado número 4.408.650, financiado pela Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). A coleta de dados ocorreu no período de Dezembro de 2020, (com intervalo de 5 meses, devido ao agravamento da pandemia) a Agosto de 2021, utilizando dois instrumentos: o primeiro, para avaliação das condições econômicas dos participantes, o questionário Critério de Classificação Econômica Brasil da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP); e o outro questionário para avaliar a percepção dos usuários sobre o atendimento nas Unidades de Saúde da Família durante a pandemia do covid-19. Os dados obtidos foram tabulados utilizando o programa Microsoft Excel 2010, e foram calculadas as frequências absolutas e relativas. Participaram do estudo, 226 usuários que buscaram atendimento nas unidades de saúde do distrito leste da cidade. Dos participantes da pesquisa, 51,40% tinham ensino médio completo ou ensino superior incompleto, 90,65% possuíam água encanada em casa, assim como 92,99% residiam em bairros com rua pavimentada. De acordo com a classificação econômica da ABEP, verificou-se que 37,2% dos usuários entrevistados pertenciam à classe C2. Constatou-se que 80,5% dos usuários tiveram algum sinal ou sintoma de covid-19, assim como, a maioria das pessoas que conviviam na mesma residência (55,7%) também tiveram sintomas e 57,5% realizaram exames para confirmar o diagnóstico, dos quais 44,5% da população buscou atendimento na UBSF. No que tange ao acesso, 52,2% dos usuários não relataram dificuldades em conseguir atendimento na UBSF, sendo que em 63,27% dos usuários a consulta foi marcada indo à unidade para agendamento. Os principais atendimentos procurados foram a vacina (10,18%), e farmácia (15,5%). Elevado percentual da população (40,3%) alegou que conseguiu o atendimento desejado no mesmo dia e apenas 7% afirmaram não ter conseguido o atendimento procurado, porque não estava sendo ofertado durante a pandemia. Quanto à dinâmica do atendimento, 59,3% da população relatou ter passado pelo acolhimento com classificação de risco, com um tempo de espera superior a 30 minutos. Quando questionados sobre o repasse de orientações sobre medidas para evitar o contágio da doença, 30,53% não receberam nenhuma informação e 19,5% receberam do enfermeiro. Ainda, 84,5% não receberam visita domiciliar de agentes comunitários de saúde durante a pandemia. Em relação a avaliação sobre os serviços oferecidos, 34% avaliaram como bom, e no que tange ao tempo recebido para falar sobre as dúvidas durante o atendimento, houve 37,6% de aprovação. Ao final, 22,5% dos pacientes entrevistados avaliaram o atendimento fornecido na UBSF que buscaram, como bom. A presente pesquisa mostrou que a maioria dos usuários avaliados possui ensino médio completo/superior incompleto, água encanada em casa e rua pavimentada, e segundo a Classificação Econômica da ABEP, houve elevado percentual de usuários que pertencem à classe C2. Grande parte dos entrevistados tiveram acesso aos serviços de saúde nas unidades de saúde e conseguiram atendimento no mesmo dia, entretanto, percentual considerável não recebeu informações sobre medidas para evitar o



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

contágio da doença e a grande maioria não recebeu visita de agentes comunitários de saúde, trazendo à luz a reflexão sobre as equipes ampliarem o potencial que as equipes de saúde da família têm para vigilância da doença nos territórios, diagnóstico precoce, acompanhamento dos casos e acesso à informações sobre medidas preventivas à doença e promoção de saúde. Neste estudo, grande parte dos usuários e outras pessoas da família tiveram sintomas de covid-19 e pouco mais da metade dos usuários realizaram exame para confirmação do diagnóstico. Em relação a avaliação sobre os serviços oferecidos, os usuários consideraram bons. Pesquisas para investigar a perspectiva do usuário e interpretá-lo como um interlocutor é essencial e válido para avaliação da dinâmica, funcionamento e manutenção dos serviços da saúde. A avaliação em saúde é indispensável para servir como alicerce em quaisquer decisões no âmbito do Sistema de Saúde. Palavras-chave: Covid-19. Estratégia Saúde da Família. Atenção Primária à Saúde.



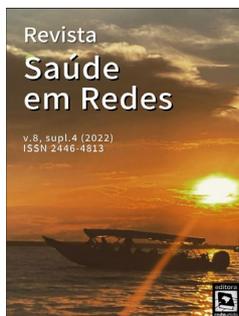
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

CUIDADO EM SAÚDE E PREVENÇÃO DE IST'S PARA A POPULAÇÃO JOVEM: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

CAROLINA ARAUJO LONDERO, REGINA CELIA DE CASTRO GOMES, LUCIANO SAMANIEGO ARRUSUL, CAMILA GONÇALVES

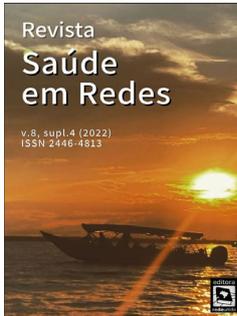
Apresentação: Conforme a Constituição Federal de 1988, saúde torna-se um direito de todos e um dever do Estado, qualificando-se como um direito social. Concomitante a esse contexto ocorria o primeiro caso de AIDS no Brasil. Discute-se que os Determinantes Sociais de Saúde (DSS) são as condições sociais e econômicas que podem afetar na busca dos serviços de saúde, com isso é preciso considerar as desigualdades sociais, pois elas dificultam o acesso a bens e serviços de saúde para o alcance de todos e todas. Assim, a descrição dos DSS pode ajudar na compreensão das complexidades nas interações sociais, em especial, quanto às opressões de gênero, classe, diversidade sexual, raça/etnia, no âmbito da saúde pública. O HIV é o vírus que interfere no sistema imunológico do organismo e dificulta o combate às demais infecções. O agravamento da infecção pode gerar a síndrome da imunodeficiência humana, a AIDS. Na década de 1980 a doença tornou-se uma epidemia, carregando consigo inúmeros preconceitos e estereótipos. A reforma sanitária contribuiu para a construção do Sistema Único de Saúde (SUS), assegurado pela Lei 8080/1990. Assim, o Brasil também começou a construir políticas públicas para o enfrentamento da epidemia, em 1996, pela Lei nº 9.313, assegurando a distribuição gratuita de medicamentos antirretrovirais. As práticas de prevenção e promoção à saúde, pautaram-se em parcerias com diversas Organizações Não Governamentais (ONGs), as quais tiveram um papel de alcançar populações mais vulneráveis, as quais perduram-se até os dias atuais, pois entende-se que a participação social é um marcador importante para a efetividade da educação em saúde, em cenários da saúde coletiva. A Política Nacional de Atenção Básica (PNAB), apresenta que Atenção Primária em Saúde deve ser preferencialmente a porta de entrada dos usuários dos serviços públicos de saúde, nessa construção ampliou-se também as territorializações, onde é possível conhecer as inquietações de saúde de uma determinada região, como analisar em quais localidades e também qual a população, por exemplo, têm maior vulnerabilidade à exposição ao HIV. Pesquisas recentes apontam que a população negra apresenta um maior indicador para o HIV/AIDS, o próprio Ministério da Saúde apresentou no ano de 2018 o Seminário de Saúde Integral da População Negra: enfrentando o racismo institucional e ampliando o cuidado, no qual debatia a necessidade da efetivação das ações de saúde, pautadas nas políticas. Reforça-se assim que o sexo e a etnia, podem vir a concomitantemente auxiliar na compreensão das demandas de saúde e bem como pode-se destinar o cuidado, pois como consta da Lei Orgânica do SUS a população deve ser atendida de forma humanizada, levando em conta a própria Política Nacional de Humanização, em consonância com os princípios de universalidade, equidade e integralidade. Quanto a população jovem, conforme dados do Ministério da Saúde de 2020 há a prevalência e



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

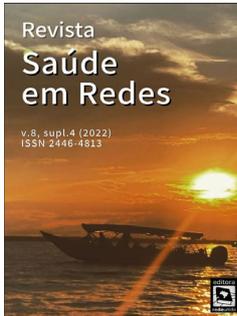
incidência de casos de iv em pessoas entre 20 e 30 anos. Contudo, a partir do exposto, o objetivo do trabalho é avaliar as estratégias das ações de saúde voltada para jovens na Atenção Primária no que tange a prevenção e cuidado diante das ISTs, especialmente ao HIV. A metodologia trata de um relato de experiência no contexto da Saúde Coletiva, no qual abordará as dinâmicas de acolhimento e efetivação de programas e ações de saúde. Para além disso, será apresentado um levantamento sobre as políticas direcionadas à população jovem e as interseccionalidades que compõem as condições de vulnerabilidade. Durante as atividades em campo de práticas percebeu-se o desafio na comunicação com jovens, em especial o que tange a sexualidade por ser um assunto tabu e muitos adolescentes terem pouco vínculo com a equipe para falar sobre esse tema. Sendo assim, quando esse busca os serviços de saúde para a realização dos testes rápidos, bem como aconselhamento de prevenção, deve-se realizar uma educação em saúde, a qual poderá facilitar a procura ao serviço, percebe-se que o acolhimento pode ser um ponto primordial para o vínculo, pois o adolescente que sente-se acolhido e escutado, tende a retornar ao serviço, desta forma, é possível acompanhar o processo saúde-doença desse. A APS é a porta de entrada aos serviços de saúde, sendo o campo que e objetifica suprir as demandas de um determinada população, essa cobertura pode ocorrer em Unidades Básicas de Saúde (UBS), como também em Estratégias de Saúde da Família (ESF). A análise dos dois locais têm como característica semelhante o vínculo, o qual a partir de estudos e vivências práticas percebe-se que facilita a interação, bem como o acolhimento e o incentivo ao tratamento medicamentoso com os antirretrovirais com os usuários, tais direcionamentos são a educação em saúde, essa deve ocorrer no processo de trabalho. Nesse contexto, a educação em saúde perpassa também aos profissionais dos serviços de saúde, os quais conforme diretrizes das políticas públicas devem acolher e prestar um cuidado humanizado aos usuários, sendo que conforme os DSS, deve-se compreender o contexto social, econômico e sociocultural, para além disso torna-se imprescindível o sigilo profissional. A efetivação desses preceitos em uma prática clínica poderá incentivar o uso dos antirretrovirais, atrelado ao acompanhamento desse indivíduo nos serviços de saúde. Cabe reforçar também que em detrimento ao estigma social este pode manifestar-se de diversas maneiras, o diagnóstico, por vezes, torna-se restrito ao ambiente familiar ou amigos próximos, com isso o incentivo às atividades de lazer é imprescindível para as relações sociais. Os DSS, conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS), contemplam-se as variáveis sociais, que atreladas ao HIV/AIDS influenciaram na busca aos serviços de saúde e na adesão ao tratamento. Outrossim, esses são compreendidos como um coletivo e não apenas de forma individual, estudos apontam que a incidência da doença é maior em regiões que apresentam vulnerabilidade social e econômica, levando isso em conta, retoma-se como as diretrizes e portarias trabalham essas demandas na prevenção e promoção da saúde chegam até essas populações. A Política Nacional de Promoção da Saúde, amplia as formas de estruturação e fortalecimento do sistema, a partir de ações, nas quais buscam as dimensões sociais encontradas no País, como a ênfase nas necessidades dos serviços e a partir das capacitações com os profissionais. A articulação



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

dessas estratégias, poderiam fortalecer a inclusão das vulnerabilidades, conforme os princípios do SUS, equidade, integralidade e universalidade. Com o exposto, foi possível analisar que existem políticas públicas e ações para a prevenção e promoção à saúde direcionada para a população jovem, e para a pessoa que vive com HIV. Contudo, a comunicação com a população jovem ainda impõe barreiras sociais que dificultam o acesso aos bens e serviços, como também a emergência de uma política na qual fundamenta-se os preceitos dos DSS.



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

TECNOLOGIAS EM SAÚDE DESENVOLVIDAS PARA A MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA EM PACIENTES COM DIABETES MELLITUS TIPO 1

DANIEL ANDRÉ GOMES JÚNIOR, JULIANE LOPES SENA, THIFANY THAYNÁ OLIVEIRA PEREIRA, CAROLINA OLDEMBURG BARROSO

Apresentação: O presente estudo terá a finalidade de especificar as tecnologias em saúde desenvolvidas e utilizadas para a melhoria da qualidade de vida em pacientes com Diabetes Mellitus tipo 1. **Desenvolvimento:** O estudo trata-se de uma coleta de dados realizado por meio de um levantamento bibliográfico, realizando assim uma revisão integrativa da literatura nas bases de dado Lilacs, BDNF, por meio da consulta à BVS, Medline, acessada por meio do portal PubMed e Science. Foram incluídos artigos em português e inglês. Os descritores utilizados para a pesquisa são: Diabetes Mellitus tipo 1, Tecnologia Biomédica e Qualidade de Vida, descritores controlados e não controlados, cruzados através do operador booleano AND dentro de cada conjunto de termos da estratégia PICO. Após esses critérios foram selecionados sete artigos para este estudo. **Resultado:** Todos os estudos metodológicos utilizados foram da base de dados PubMed, as abordagens dos estudos utilizados foram qualitativas e quantitativas. **Considerações finais:** A análise sobre as tecnologias em saúde desenvolvidas para a melhoria da qualidade de vida em pacientes com Diabetes Mellitus tipo 1 foi de grande importância para o desenvolvimento do tema proposto neste estudo, pois, percebeu-se que as tecnologias em saúde têm se mostrado ser a base do gerenciamento do diabetes desempenhando um papel central nos cuidados dessa doença, influenciando assim na qualidade de vida de pacientes com DM1.



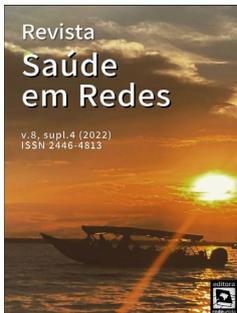
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

O TRABALHO INTERSETORIAL NO COMBATE À VIOLÊNCIA SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: EXPERIÊNCIA NO TERRITÓRIO

LETÍCIA MARTINS FONSECA, HELOÍSA CARLI, RAFAEL AUGUSTO DE JESUS TIMOTE, MARIA EDUARDA ROMANIN SETTI, KÉCIA COSTA

Apresentação: Esse trabalho trata-se do relato de uma experiência vivenciada pelo coletivo de Residentes do programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família, vinculado à Universidade Estadual de Londrina, que atua em uma Unidade Básica de Saúde localizada na região Sul do Município de Londrina – PR, em parceria com um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, equipamento vinculado à Política de Assistência Social, que atende adolescentes de 14 a 18 anos. A ação foi realizada no dia 18 de maio de 2021, dia Nacional de Combate ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, tendo como objetivo promover um espaço de educação em saúde reprodutiva voltado aos adolescentes referenciados no Centro de Convivência. Destaca-se a importância de ações em âmbito intersectorial uma vez que, partindo de um conceito ampliado de Saúde, não limitando-a enquanto ausência de doenças e entendendo a violência enquanto questão de saúde pública, é imprescindível a participação do Sistema Único de Saúde, a partir da Atenção Básica (AB), em ações territorializadas que objetivam a prevenção e a promoção de saúde conjuntamente a outros equipamentos e atores que vivenciam o cotidiano desse mesmo território. **Desenvolvimento:** Foram realizadas durante o mês de abril quatro encontros entre o coletivo de Residentes e as trabalhadoras e educadoras sociais do Centro de Convivência para discussão sobre o tema da violência sexual contra adolescentes e identificação das demandas de nosso território no que se diz respeito a essa temática. Destacou-se a necessidade de educação em saúde reprodutiva voltada aos adolescentes. Em roda de conversa, foram apresentados os diferentes métodos contraceptivos existentes no Sistema Único de Saúde (SUS), bem como os métodos de prevenção às Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), demonstrando como usá-los através de protótipos. Foram também tangenciados aspectos importantes a respeito da violência sexual através do diálogo, destacando o papel da rede intersectorial de proteção à criança e adolescente como referência para o acolhimento e acompanhamento de casos confirmados ou de suspeita de violência sexual. **Resultado:** A ação de educação em saúde reprodutiva possibilitou que 15 adolescentes participantes da atividade pudessem sanar suas dúvidas relacionadas à sexualidade, uso de contraceptivos e preventivos, fortalecendo o vínculo entre o serviço de saúde e a comunidade. **Considerações finais:** O trabalho intersectorial em rede apresenta-se como importante dispositivo para o cuidado ampliado em saúde, articulando os diversos serviços e atores sociais na prevenção de agravos em saúde e potencializando o fortalecimento de vínculos entre os usuários dos serviços das diferentes Políticas Sociais e seus estabelecimentos.



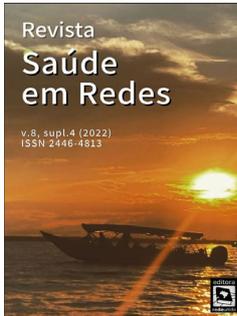
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

GESTÃO DE CASO NA UNIDADE DA MAMA DO CISMEPAR

JULIANA CAMILLA DOS SANTOS TOMIOTTO GIULIANI, ANTONIO CARLOS INACIO, INACIO, ANDREIA AIRES ALEIXO RIBEIRO

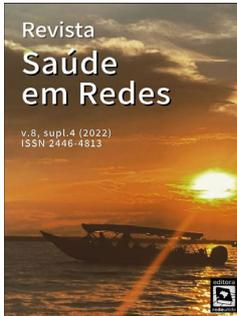
Apresentação: A Unidade da Mama (UM) foi implantada em 05 de maio de 2015 tendo parceria da SESA, com a finalidade de detecção precoce e encaminhamento para tratamento especializado Câncer de Mama em hospital terciário. Desde a implantação do serviço até agosto/2021, foram atendidos 2121 pessoas que apresentaram lesões de mama. Neste 90% dos casos foram encaminhados para tratamento na referência terciária.. Neste, será retratado de fluxo de processos de trabalho que garantem qualidade e agilidade ao acesso adequado a serviços especializados no Tratamento de Câncer e outras alterações benignas da Mama. O objetivo é descrever desde a captação dos exames alterados até os encaminhamentos para garantia de tratamento e definição tratamento. A captação dos exames acontecem através da comunicação por e-mail para a UM dos laudos dos laboratórios credenciados SUS que realizam mamografia e ultrassom de mamas os quais são classificados como BIRADS 4 e 5. Nesta são triados e encaminhados para departamento de regulação através da ferramenta informatizada – SOLUS, onde a enfermeira estratifica o risco e já comunica a UM. O técnico administrativo agenda as consultas e comunica o município/UBS de origem através de e-mail informando a data e a hora da consulta, também em alguns casos faz contato por telefone com o usuário. Na primeira consulta especializada, conforme conduta médica, o usuário tem acesso rápido a exames de USG mamas, core biopsy e PAAF, realizados na própria unidade. Com resultado dos exames realizados podem seguir para 4 tipos de encaminhamentos/seguimentos: ao Hospital do Câncer de Londrina (HCL) – serviços de Oncologia e Mastologia, acompanhamento na unidade da mama, consulta com a mastologista e acompanhamento na atenção primária (APS). Após definição do caso, ao encaminhar ao HCL, os exames para o estadiamento são realizados antes da data de agendamento do paciente promovendo agilidade na conduta e instituição do tratamento. Nos dois primeiros encaminhamentos os casos são acompanhados através de busca ativa até a alta do paciente, os dois últimos são contrarreferenciados para os serviços para seguimento. A gestão do caso visa a redução de tempo de espera entre a realização dos exames até os encaminhamentos, sendo um dos resultados mais sensíveis, o outro são os encaminhamentos qualificados para o serviço terciário que é agilizado entre o tempo de espera e a realização dos exames para o estadiamento dos pacientes, dessa forma a maioria dos casos os tratamentos são instituídos na primeira consulta com a Oncologia e na Mastologia. Cumprindo com vários objetivos em advogar as necessidades e as expectativas de pessoas usuárias em situação especial, prover o serviço certo à pessoa certa, aumentar a qualidade do cuidado e diminuir a fragmentação da atenção à saúde. Como as alterações de mamas tem um impacto biopsicossocial na vida das mulheres, a gestão de casos é



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

eficiente em termos de agilidade, encaminhamentos e resultados, trazendo um tratamento individualizado e humanizado.



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

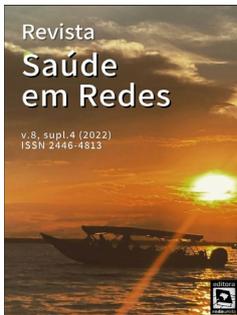
Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

EXECUÇÃO DE AÇÕES DE ASSISTÊNCIA À SAÚDE EM CUMPRIMENTO DE AÇÕES EMERGENCIAIS NUMA ALDEIA INDÍGENA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

MAREMA DE DEUS PATRICIO

Apresentação: Trata-se de um relato da experiência de coordenação e gestão de saúde, vinculada a uma estrutura de cumprimento de determinação judicial de uma empresa mineradora com uma comunidade indígena atingida pela tragédia do rompimento de barragem em Minas Gerais, no período de 13 de janeiro a 21 de fevereiro de 2020. Dia 25 de janeiro de 2019, a barragem I da mina Córrego do Feijão se rompeu em Brumadinho (MG) e a informação, à época, foi que 12 milhões de metros cúbicos de rejeitos de mineração foram liberados, deixando 249 mortos, a destruição de aproximadamente 300 hectares e a lama tóxica atingiu o rio Paraopeba. A 22 km de distância da mina Córrego do Feijão, os Pataxó e Pataxó há há hãe da comunidade indígena Nahô Xohã foram duramente atingidos com a tragédia e a morte do rio. A comunidade teve todo seu modo de vida afetado, sem acesso regular à saúde, água, pesca, além da horta, frutas, pequenos animais e passaram a viver da venda de artesanatos e da indenização emergencial no valor de um salário-mínimo, cestas básicas e o fornecimento de água potável através da Companhia de Saneamento de Minas Gerais (COPASA). A comunidade se organizou através de suas lideranças para reivindicar as demandas prioritárias junto ao Ministério Público Federal (MPF), em Belo Horizonte, e assim foi acordado com a empresa responsável a implantação de uma equipe de saúde visando cobertura de assistência médica, psicológica e de enfermagem na comunidade.

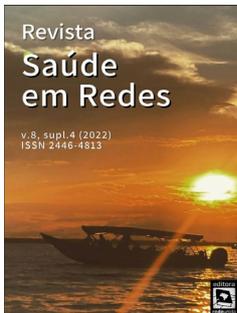
Desenvolvimento: A empresa mineradora terceirizou, por processo seletivo, outra empresa com a competência de contratar a equipe de saúde, garantir a implementação dos atendimentos, insumos e transporte necessários ao cumprimento da determinação judicial que a mineradora deveria cumprir dentro de um plano emergencial de atendimento à saúde. Portanto, não se vinculava à gestão da saúde do sistema local. A população de 211 pessoas, 60 famílias, ocupava um terreno com uma escola (em construção), banheiros públicos, tanques e chuveiros com água potável. Todas as casas com encanamentos para recepção da água e a caixa d'água providenciada pela COPASA, conforme determinação legal. Essa conjuntura desordenava a rotina da comunidade. Além da irrigação das hortas, a água do rio era usada para banho, rituais, lavagem de roupas e utensílios de cozinha, e o peixe era o principal alimento para sobrevivência. Passaram a consumir água clorada na torneira para todos os afazeres incluindo banhos. A alimentação através de cestas básicas, em prejuízo à tradicional e os rituais na beira do rio foram interrompidos. Com a demora do plano de reparação por parte da mineradora, algumas famílias deixaram a aldeia e se estabeleceram em um bairro periférico de Belo Horizonte. Outro impacto sobre os laços familiares da aldeia. A equipe de saúde iniciou os trabalhos a partir de cadastros por família instalada na aldeia e, em seguida, das famílias estabelecidas em bairro de Belo Horizonte. O cadastro trazia as informações da família, as casas foram numeradas por ordem do cadastramento, nomes do



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

chefe e membros familiares, respeitando a indicação de nomes indígenas conforme preferência do entrevistado. Além disso, aspectos relacionados à dinâmica familiar, socioeconômicos, histórico de saúde referido de cada pessoa, hábitos e fatores de risco e histórico patológico sobre uso de medicamentos ou tratamentos naturais, moradia e renda familiar, condições de saúde das mulheres e, por fim, um espaço para a percepção daquela família sobre o rompimento da Mina do Feijão e os impactos sobre a saúde das pessoas. Resultado: Considerando o início dos trabalhos e sua complexidade, os impactos eram mensuráveis sob dois aspectos. Primeiro pelo lado dos indígenas, a ansiedade pela atenção centrada nas queixas individuais e coletivas que já se acumulavam desde a tragédia. E de parte da mineradora responsável, o cumprimento do plano emergencial de saúde conforme era chamada essa estratégia de levar saúde à população adscrita. O segundo impacto, estabelecer processo de trabalho a partir de janeiro de 2020, com a equipe de saúde realizando a identificação da situação à época com o levantamento dos residentes na Aldeia e dos residentes em um bairro periférico de Belo Horizonte. Após o cadastro, ações de atendimento passaram a ser programadas com as consultas – médicas, psicologia e de enfermagem-sob dois critérios: por grupo das famílias cadastradas e por urgência apontada através das anamneses ou dos relatos de casos pelas famílias. E o acompanhamento, através de uma matriz com medidas de acompanhamento no sentido de mensurar itens exequíveis num tempo e espaço associados ao período acompanhado e sobre os processos necessários: 1. Planejamento e sua execução – articulações no território e governança, considerando a viabilidade política das propostas x atores em questão. 2. Processos técnico e político considerados no acompanhamento, monitoramento e seus desdobramentos. Considerações finais: Havia instabilidade nos processos de trabalho, a equipe atuava em espaços improvisados, com insegurança sobre demandas da comunidade. A perspectiva das ações era desenvolver a proposta da mineradora no cumprimento das decisões pactuadas com o Ministério Público. A coordenação atuava sobreposta por uma empresa contratada com baixa estrutura de execução, atuando sob a demanda diária, com processos de vigilância sobre a atuação da equipe contratada no sentido de planilhar os relatórios exclusivos para a prestação de contas. O cotidiano desse trabalho de levar saúde em meio a um mix empresarial e saúde pública, confrontado a uma população indígena com aporte legal de legislação e garantias de atenção via Ministério da Saúde/União, merece uma avaliação no contexto das atividades realizadas. A reflexão estabelece-se entre a circunstância de envolvimento econômico e social de uma comunidade indígena e uma empresa mineradora de grande porte, responsabilizada no rompimento da barragem e sob determinação do ministério público para cumprimento de ações emergenciais. Nessa perspectiva, a disposição de resistência dos indígenas na defesa do espaço ocupado pela aldeia, a vida das pessoas frente à qualidade das ações, o dimensionamento entre o demandado e a qualificação dos profissionais consolidada nas experiências do SUS, superaram a infraestrutura precária disponibilizada para o trabalho de toda a equipe.



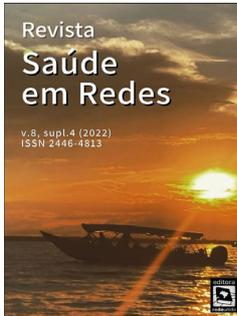
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

A LIGA ACADÊMICA DE SAÚDE MENTAL PIAUIENSE: PROTAGONISMO ESTUDANTIL NA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA

LOURDES VITÓRIA DESIDÉRIO MACAMBIRA, ERIKA CARLA DE SOUSA RAMOS, MARIA DOS REMÉDIOS DA CONCEIÇÃO FERREIRA

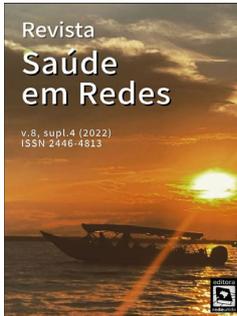
Apresentação: A formação em Saúde Mental é parte do currículo acadêmico dos cursos de saúde e envolve desafios para sua concretização. Dentre eles, temos a superação de um modelo biologizante em favor de uma atenção psicossocial, que leve em conta determinantes de gênero, raça e classe na construção de estratégias de enfrentamento para a promoção e prevenção em saúde. Sendo assim, este resumo tem como objetivo descrever o processo de institucionalização da Liga Acadêmica de Saúde Mental Piauiense (LASMENPI) enquanto dispositivo de protagonismo estudantil na formação acadêmica e na luta pelo cuidado em liberdade. O projeto se propõe a ser multidisciplinar e conta com alunos dos cursos de Psicologia, Medicina e Enfermagem, de diferentes instituições de ensino superior da cidade de Parnaíba-PI, tendo como coordenadores professores ligados ao departamento de Psicologia da Universidade Federal do Piauí, com atividades iniciadas em 2 de Agosto de 2019. Embora a existência de ligas acadêmicas tenha se iniciado nos cursos de Medicina, é inegável a importância delas nos demais cursos da saúde; as ligas podem ser espaços onde os estudantes, além de terem a oportunidade de autogerir sua aprendizagem, podem firmar o compromisso social de garantir promoção saúde à comunidade. Idealizado pelos discentes, suas ações baseiam-se nas demandas que estes enxergam como obstáculos para a concretização do ensino em saúde; sendo assim, trabalha-se para a aproximação universidade/comunidade, e para um ensino crítico que coloque em análise questões políticas e sociais. **Desenvolvimento:** A LASMENPI luta em defesa da Saúde Pública e por uma sociedade sem manicômios e suas ações trazem a aproximação com os dispositivos de saúde, dentro dos pressupostos da Atenção Psicossocial. Através de aulas abertas, oficinas, grupos de estudos, rodas de conversa e contato com o cotidiano dos serviços e comunidade são trabalhados os princípios e práticas da redução de danos, educação em saúde, arte e saúde mental, promoção da saúde, gênero, sexualidade e políticas de prevenção combinada em HIV/AIDS. Estas ações são pensadas e planejadas pelos discentes com acompanhamento dos coordenadores do projeto. Além disso, a liga conta com coordenações diversas em que alunos assumem as tarefas com a função de organizar o processo de trabalho, sendo assim, as coordenações de Comunicação, responsável pela divulgação das ações da liga e da movimentação de suas redes sociais; Ensino, Pesquisa e Extensão, formada para tratar do planejamento de aulas abertas, grupo de estudos, temas a serem desenvolvidos no projeto e ações junto a comunidade, e a de Assuntos gerais, que trata da organização das reuniões de planejamento, assinaturas e parcerias com outros projetos e instituições; proporcionam divisão de tarefas que facilita o bom funcionamento da liga. Sendo assim, cabe exemplificar ações da liga realizadas no contexto universitário e fora dele. A



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

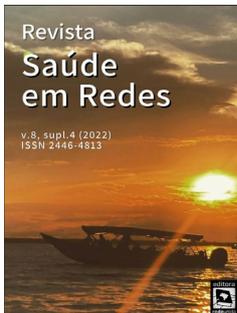
primeira delas foi uma oficina de redução de danos em contexto universitário através da produção de Zines (produção não profissional de folhetos e revistas com função de compartilhamento de informação). A proposta foi divulgada pelas redes sociais da liga e circulou entre os espaços de comunicação virtual acessados pelo público alvo. Sendo assim, o encontro ocorreu em uma sala climatizada da universidade. Logo, houve compartilhamento de materiais produzidos por coletivos de redução de danos com informações para diminuir riscos no consumo de drogas como álcool e maconha e sobre sexo seguro. Além disso, as integrantes responsáveis pela atividade ficaram com a mediação da discussão proporcionada a partir do contato dos participantes com o tema. A produção de Zines contou com a participação de uma artista local. Foram disponibilizados folhas de papel, revistas, cola tesoura e pincéis para a confecção do material. Ao final do encontro foram compartilhadas as produções e houve divulgação e agradecimento aos participantes via redes sociais da liga. Dando continuidade às atividades neste eixo de estudo e atuação, foi realizada a redução de danos em contexto de festa em uma calourada de psicologia. Nesse contexto, foi montado um espaço para distribuição de insumos de prevenção de riscos, preservativos internos e externos, bala e sedas, além da distribuição de informações sobre a diminuição dos riscos durante o consumo de álcool e outras drogas e acerca de sexo seguro. Essa atividade contou com o apoio do Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA), que disponibilizou os preservativos e folhetos informativos sobre a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis. Outra atividade organizada pela Liga de Saúde Mental Piauiense, foi a criação de um espaço de descanso em um “espaço verde” da universidade, com árvores, silêncio e pouco movimento de pessoas, a fim de promover um momento de acolhimento e relaxamento com os alunos no fim do período acadêmico. Com o apoio do Serviço Escola de Psicologia (SEP), da Clínica de Fisioterapia e do Centro Acadêmico de Psicologia, que disponibilizaram mantas, colchonetes e rolos de espuma para criar uma ambientação que trouxesse conforto aos participantes. O momento foi divulgado nas redes sociais da liga e aberto a todos os estudantes da universidade. As atividades foram pensadas de forma conjunta entre discentes e professores coordenadores e se basearam através de referencial teórico trabalhado no projeto e experiência de coletivos de redução atuantes no território nacional. Resultado: A participação na liga tem trazido aos discentes contato com temas que são vistos superficialmente na graduação e que dão contribuições para a construção de práticas contextualizadas. Além disso, os benefícios não se restringem aos integrantes do projeto, já que a comunidade geral é público alvo dos eventos e capacitações que possibilitam ampla discussão das temáticas atingindo alunos de outras instituições, no caso das atividades presenciais e até pessoas de outros locais do país, por meio dos eventos realizados de maneira remota. Além disso, a construção do projeto traz para os discentes a importância do trabalho em grupo para uma boa atuação e organização do processo de trabalho. Estas questões potencializam a formação de profissionais engajados no processo de saúde e com o compromisso de fornecer um bom atendimento e acolhimento dos usuários da saúde. Outro resultado importante se dá através das atividades realizadas, em que se fortalecem os



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

objetivos da universidade pública, através da atuação juntos aos três pilares propostos: ensino, pesquisa e extensão. O trabalho realizado em equipe interdisciplinar contribui para tirar o foco da saúde mental como preocupação exclusiva de psicólogos e psiquiatras, vistos como únicos responsáveis por esse campo da saúde, tão presente no pensamento coletivo e que contribui para a fragmentação do cuidado nos serviços. Nesse sentido, a liga se propõe a atuar com corresponsabilização, compreendendo o cuidado em saúde mental compartilhado, em que diferentes saberes dialogam, se complementam e consideram o protagonismo do usuário, sendo assim, espaço potente para a experimentação do pensamento e da prática que deve fazer parte da realidade dos serviços de atenção psicossocial. Considerações finais: Destarte, a iniciativa da construção da liga contribui para a significação do aprendizado teórico e prático, superando hierarquias de ensino e entendendo a saúde mental de forma multidimensional, pautando a importância de se transversalizar os diversos saberes para a construção de profissionais que direcionam um olhar singular para as diversas manifestações do sofrimento psíquico.



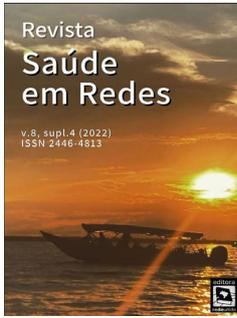
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

O USO DE ANALGÉSICOS E ANTI-INFLAMATÓRIOS EM ODONTOLOGIA

BRUNA FERON, KATHEEN ELIZABETH ZIMMER, MÁRCIA HELENA WAGNER, MAGDA DE SOUSA REIS

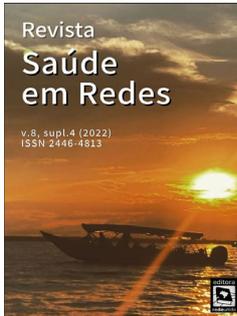
Apresentação: Os analgésicos são fármacos que auxiliam no controle da dor, através de ação periférica (não-opioides) ou de ação no sistema nervoso central (opioides). Já os anti-inflamatórios atuam amenizando os sinais cardinais da cascata de inflamação e são classificados como anti-inflamatórios esteroides (AIEs) e não esteroides (AINEs). Ambos os agentes farmacológicos têm sido utilizados frequentemente para controle da dor e inflamação em tratamentos odontológicos, tais como endodontias, exodontias, restaurações extensas e profundas, casos de hiperalgesia e controle de edema. A administração destes medicamentos deve ser bem indicada a fim de evitar reações adversas ao organismo, por exemplo intoxicação hepática, neutropenia, problemas gastrointestinais, entre outros. Diante do exposto, buscou-se investigar o uso e a prescrição de analgésicos e anti-inflamatórios por acadêmicos do Curso de Odontologia da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) e por cirurgiões-dentistas de clínicas privadas e de serviços públicos de Santa Cruz do Sul. Esta pesquisa corresponde a um segmento de um estudo transversal sobre o uso de fármacos na Odontologia, realizado por meio de um questionário elaborado na plataforma Google Forms. Os dados foram coletados entre junho e setembro de 2021 e, após, estes foram analisados de forma parcial no Microsoft Excel. Este trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNISC. Participaram desta pesquisa 114 indivíduos, sendo 46,5% acadêmicos e 53,5% cirurgiões-dentistas. Dos entrevistados 78,1% prescreveram analgésicos aos seus pacientes e 65,8% prescreveram anti-inflamatórios. Os analgésicos de primeira escolha entre os participantes foram: Paracetamol (83,1%), Dipirona (14,6%) e Ácido Acetilsalicílico (1,1%). Já os fármacos de segunda escolha foram: Dipirona (61,8%), Paracetamol com Codeína (18%), Paracetamol (12,4%), Tramadol (5,6%) e Ácido Acetilsalicílico (2,2%). Os anti-inflamatórios de eleição foram: Ibuprofeno (58,7%), Nimesulida (36%), Diclofenaco (4%) e Cetoprofeno (1,3%). Quanto a segunda opção destes medicamentos, encontrou-se: Nimesulida (40%), Ibuprofeno (26,7%), Diclofenaco (10%), Dexametasona (8%), Trometamol Cetorolaco (6,7%), Cetoprofeno (4%), Prednisolona (2,7%) e Arcoxia (1,3%). Ainda, estes sujeitos relataram receitar analgésicos e anti-inflamatórios para os seguintes procedimentos odontológicos, respectivamente: cirurgia simples (92,1% e 49,3%), cirurgia complexa (71,9% e 73,3%), remoção de tártaro supra-gengival (1,1% e 1,3%) e sub-gengival (11,2% e 4%), tratamento endodôntico (36% e 42,7%), restauração pouco profunda (2,2% e 1,3%) e muito profunda ou exposição pulpar (38,2% e 36%), instalação ou troca do arco ortodôntico (4,5% e 0%). Também foram citados tratamento de abscessos, disfunção temporomandibular, clareamento dental, cirurgia de implantes e urgências. Pode-se concluir que a maior taxa de prescrição de analgésicos e anti-inflamatórios é feita em procedimentos cirúrgicos, seguida por tratamento endodôntico. O Paracetamol foi o analgésico de primeira escolha e a Dipirona



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

foi considerada a segunda opção. Além disso, o Ibuprofeno foi o anti-inflamatório de eleição, seguido pela Nimesulida.



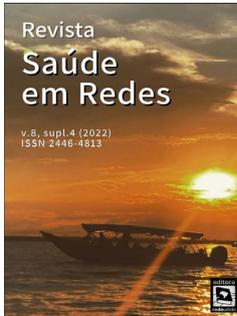
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

PROPOSTA DE PROTOCOLO PILOTO PARA INTÉRPRETE REMOTO CULTURAL EM UM HOSPITAL PÚBLICO DE PORTO ALEGRE

LUIZ CARLOS ESPINDOLA JR., DÉBORA BITENCOURT FÉL, LETÍCIA FELIPE DOMINGUES, SANDRA CORRÊA DA SILVA

Apresentação: Esse trabalho tem como objetivo relatar a experiência de constituição de um Grupo de Trabalho (GT) para implementação do Projeto Intérprete Cultural Remoto (ICR) no hospital. O projeto propõe o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no acionamento de intérpretes culturais remotos para o atendimento de usuários que não falem ou não dominem a língua portuguesa. Além disso, visa propiciar a realização da assistência em saúde através de TICs, para mediação cultural e linguística qualificada e humanizada, de forma virtual, abrangendo as mesmas etapas características e responsabilidades do atendimento presencial. No ano de 2020 em decorrência da pandemia, o uso das TICs na assistência em saúde entrou em evidência -, o projeto foi apresentado à direção do hospital a partir da iniciativa de residentes multiprofissionais do hospital. As questões éticas envolvidas na criação desse dispositivo, como o sigilo, a confidencialidade e o consentimento, assim como a proteção dos dados, foram amplamente discutidas no GT, em parceria com o Comitê de Bioética Clínica do hospital. A partir desses debates, foram elaborados dois documentos: o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE), destinado ao usuário; e o Termo de Compromisso de Sigilo das Informações (TCSI), remetido ao intérprete. No momento, o projeto conta com uma sugestão de um protocolo piloto, indicando etapas para a utilização do ICR e um texto informativo para sua divulgação à população atendida no hospital, que deve ser traduzido para outras línguas. Com esse projeto, pretende-se contribuir para a equidade e humanização da assistência em saúde, em especial à população indígena e imigrante, que enfrenta diversos impasses no acesso e na qualidade dos serviços de saúde prestados.



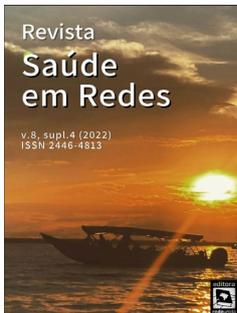
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

SITUAÇÃO VACINAL DOS SERVIDORES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL: UMA PROPOSTA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE DO TRABALHADOR.

GISLAINE THOMPSON DOS SANTOS, MARIANA BELLO PORCIUNCULA

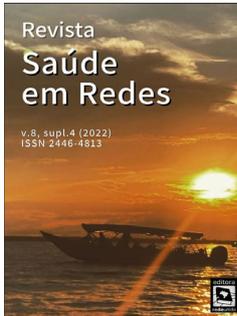
Apresentação: Considera-se o trabalho um fator que interfere nas condições de vida das pessoas, tanto proporcionando satisfação e dignidade, quanto sofrimento e adoecimento. O perfil de morbimortalidade dos trabalhadores está caracterizado pela coexistência de agravos que têm relação direta com condições de trabalho e as doenças comuns ao conjunto da população. Após a publicação da Consolidação das Leis do Trabalho, diversas normas e regulamentações foram publicadas visando estabelecer parâmetros e definições de ações e medidas de promoção, proteção e recuperação da saúde dos trabalhadores no Brasil. Entre elas, a Política Nacional de Segurança e Saúde do Trabalhador, que tem por objetivos a promoção da saúde e a melhoria da qualidade de vida do trabalhador e a prevenção de acidentes e de danos à saúde. No âmbito da esfera federal, em 2010 é publicado o Subsistema Integrado de Atenção à Saúde do Servidor (SIASS), com o objetivo coordenar e integrar ações e programas nas áreas de assistência à saúde, perícia oficial, promoção, prevenção e acompanhamento da saúde dos servidores da administração federal direta, autárquica e fundacional, de acordo com a política de atenção à saúde e segurança do trabalho do servidor público federal. Em atendimento à normativa e diretrizes de saúde do trabalhador, a UFRGS, através do Departamento de Atenção à Saúde-DAS, tem atuado ao longo do tempo buscando a melhoria das condições de saúde da comunidade universitária, em especial dos servidores da universidade. Nesse sentido, este estudo visa relatar a experiência do processo de formulação e implementação de um projeto de vigilância da situação vacinal dos servidores docentes e técnico-administrativos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O mesmo ocorreu entre os meses de outubro de 2020 e abril de 2021 em sua etapa de formulação e no momento encontra-se em fase de implementação do projeto piloto. Destaca-se que um dos serviços anteriormente disponível, era o de vacinação, existente há mais de duas décadas, e que atuava na aplicação de vacinas do calendário adulto nos servidores, em uma parceria com a prefeitura de Porto Alegre. Devido a necessidade de reestruturação das salas de vacinas, este serviço encontra-se paralisado. Ainda que sem as salas de vacinas, a equipe continuou o acompanhamento da situação vacinal dos servidores, mas com um novo ponto central na agenda: o fato do sistema informatizado da universidade não permitir o registro das vacinas feitas externamente à UFRGS. A falta do registro dessas vacinas ou doses, por sua vez, impedia que a equipe pudesse analisar a real situação vacinal dos servidores. Buscando a solução do problema apresentado, a equipe iniciou um processo de formulação de um projeto estruturado de implementação e institucionalização do acompanhamento da situação vacinal dos servidores. Para tanto, foi utilizado o modelo de análise ex-ante. Como passo inicial, buscou-se efetuar o diagnóstico do problema, com a identificação clara do mesmo, no caso o desconhecimento



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

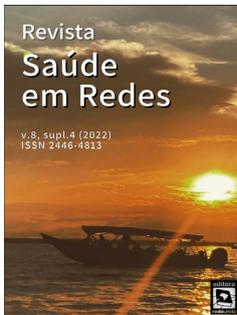
da real situação vacinal dos servidores, a quantificação do problema e as possíveis causas. Para o levantamento de possíveis causas, a equipe efetuou um brainstorm, e posteriormente as mesmas foram hierarquizadas em uma árvore de problemas. A análise da árvore de problemas permitiu a definição das causas críticas: o serviço de vacinas com foco na imunização e não no acompanhamento epidemiológico; a UFRGS não possuía o registro da real situação vacinal dos seus servidores, e a inexistência de uma cultura de vacinação do adulto. Após a modelagem do problema, a próxima etapa foi de identificar o alinhamento da busca de soluções para este problema, com metas e compromissos nacionais e internacionais. Neste sentido, a proposta alinha-se com a Agenda 2030, pelo atendimento de algumas metas de diferentes Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), como o ODS 3 Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todas e todos, em todas as idades e o ODS 8 Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo, e trabalho decente para todos e todas. Observou-se também não haver relato na literatura de iniciativas similares no que se refere às instituições federais de ensino. Quando analisado quanto à justificativa de intervenção no problema, a vigilância da situação vacinal dos servidores se justifica, entre outros motivos, pelos seguintes aspectos: o não adoecimento por doenças imunopreveníveis; a diminuição do absenteísmo; a responsabilidade social da UFRGS; evitar surtos e propagação de doenças anteriormente controladas; o apoio e responsabilidade no controle e superação da baixa cobertura vacinal e a Educação em Saúde-como multiplicadores de conhecimento e formadores de opinião. A partir da análise feita durante o diagnóstico do problema, em específico a identificação das causas críticas, foram traçados os objetivos do projeto: como objetivo geral, promover a vigilância da situação vacinal dos servidores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; como objetivos específicos: formular e implementar o registro institucional da situação vacinal dos servidores; promover uma cultura de valorização da imunização como estratégia de promoção da saúde e prevenção de doenças. Para definição do público alvo, entendeu-se que o público potencial seria toda a comunidade universitária da universidade; o público elegível, os servidores ativos, docentes e técnico-administrativos; o público prioritário, definiu-se que devido ao cenário atual do país, com enfrentamento à pandemia de covid-19, bem como considerando as unidades elencadas para a realização dos exames médicos periódicos, elegendo-se como grupo prioritário os servidores ativos (docentes e técnico-administrativos) de unidades acadêmicas e serviços da UFRGS que estivessem relacionadas à área da saúde; e, para o projeto piloto, optou-se pelo Instituto de Ciências Básicas da Saúde (ICBS) – unidade com diversas ações e laboratórios, com um grande número de servidores expostos à riscos biológicos e químicos. Soma-se a estas características o fato de a unidade estar atuando no enfrentamento à pandemia de covid-19, com a realização de testagens RT-PCR como suporte ao SUS. Na etapa de identificação dos meios e instrumentos, foi debatido e construído um modelo lógico de operacionalização do projeto, com os seguintes componentes: causa, objetivo, inter-relações (outras causas inter-relacionadas), insumos, ações, produtos, resultados esperados e impacto esperado. Posteriormente, foi elaborado um



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

quadro de acompanhamento das ações, com identificação dos responsáveis e estabelecimento de prazos. O projeto encontra-se dentro do cronograma previsto, atualmente em fase de implementação do piloto junto ao ICBS. Considera-se que o mesmo se encontra em consonância com as ações de vigilância em saúde que estão previstas na Política de Atenção à Saúde e Segurança do Trabalho do Servidor Público Federal, em seu eixo de promoção, prevenção e acompanhamento da saúde. Espera-se que, ao longo do desenvolvimento das etapas do mesmo, seja possível sensibilizar os servidores da UFRGS para a importância da imunização como estratégia de promoção da saúde, bem como prevenção de doenças imunopreveníveis, além de favorecer uma cultura de valorização da temática na Universidade.



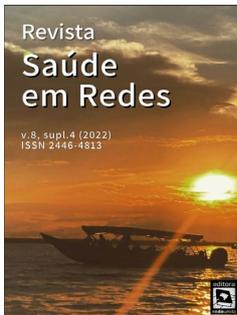
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

O CUIDADO DE ENFERMAGEM NA ATENÇÃO PRIMÁRIA

SAULO ABREU ANDRADE, JOSÉ LIMA SOUZA JUNIOR, FRANCISCA DALILA PAIVA DAMASCENO DE LIMA, RHANNA EMANUELA FONTENELE LIMA DE CARVALHO

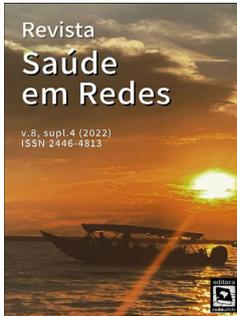
Apresentação: O cuidado de enfermagem é entendido como um zelo ao paciente em um momento no qual ele, e a humanização está diretamente vinculada à assistência holística do ser humano. Pode ser entendido também como uma assistência ao paciente em um período que ele não pode ou não sabe como realizar, e a partir disso cabe ao profissional de enfermagem trabalhar de uma forma eficaz para auxiliar na qualidade de vida da pessoa. Contudo, o enfermeiro deve ter a humanização como guia de seu trabalho ao salientar pontos como a escuta ativa do paciente, a demonstração de interesse pelas necessidades do usuário, a preocupação com a sua individualidade para assim contribuir com a concretização da atenção primária à saúde (APS). Essa assistência holística deve ser incentivada desde a graduação, para que o estudante possa amadurecer sua visão de forma ética e humanizada, entendendo a importância desses tópicos e da união da teoria para com a prática. Ademais, a atenção primária à saúde possui como um dos eixos as unidades básicas de saúde (UBS), que é válido ressaltar a importância do Sistema Único de Saúde (SUS) para existência e efetividade desses locais, e assim possibilitar o acolhimento universal da população, permitindo que o enfermeiro atue como protagonista e possa manter contato com a comunidade, desenvolvendo um cuidado com qualidade e com assistência terapêutica humanizada. O objetivo do estudo é analisar a atuação de enfermagem de forma humanizada na atenção primária à saúde. **Desenvolvimento:** O estudo de revisão narrativa surgiu a partir da seguinte questão norteadora, quais os aspectos que levam a humanização no cuidado de enfermagem? Após esta delimitação ocorreu-se a coleta de dados realizado no período de agosto a setembro de 2021 nas bases de dados Lilacs, BVS e SciELO, utilizando os descritores “Humanização da Assistência” AND “Cuidados de Enfermagem” AND “Atenção Primária”. Foram encontrados 22 artigos no total e após uma seleção feita pela leitura contínua do título e do resumo foram selecionados 17 artigos para leitura completa, e que após passar pelo processo de leitura e releitura exaustiva, pela verificação do atendimento aos critérios de inclusão e exclusão foram escolhidos cinco artigos para alicerçar a escrita deste trabalho. Foram adotados como critérios de inclusão estudos dos últimos 5 anos, para que se possa ser analisada a literatura científica mais atual, bem como estudos que respondessem ao objetivo e questão norteadora proposto pelo trabalho, artigos em português e os critérios de exclusão, artigos duplicados, literatura cinza e artigos incompletos. **Resultado:** Após a leitura dos artigos, foram encontradas inúmeras questões que auxiliam na concretização da humanização na enfermagem no âmbito da atenção primária à saúde, no que se refere a enxergar o paciente de um ponto de vista integrado e completo, e não apenas para as questões clínicas. Sendo assim, foi notório que um dos assuntos mais citados é o acolhimento do paciente, o qual é iniciado a partir do momento em que o usuário procura



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

as UBS e se dá até o momento de sua saída, para isso é ressaltado a escuta e a total atenção ao paciente, pois assim o enfermeiro pode iniciar o seu conhecimento sobre o indivíduo, como suas emoções no momento, espiritualidade e seus aspectos sociais facilitando sua condução para a resolução do problema. Além disso, outro tópico bastante citado para a execução de um cuidado de enfermagem mais humanizado é a colaboração com as instituições de ensino para que essas possam trabalhar aquela visão desde o início da graduação do profissional, uma vez que existe uma supervalorização da prática em cima da teoria, além de uma visão ainda muito regrada no processo saúde-doença, a qual ignora o paciente como um ser humano com suas individualidades e que necessita de uma visão mais particular, além de sempre se atentar a ética que envolve a profissão. Com isso, os efeitos desses resultados mostram que quanto mais próximo o enfermeiro se encontra do paciente, maior é a adesão do mesmo para o tratamento. Consequentemente, tal fato gerou resultados positivos e uma satisfação de ambos no que tange o acolhimento e um atendimento humanizado. Ademais, é levantado nos estudos que a ao mesmo tempo que o SUS permite essas ações da equipe de enfermagem, em conjunto dos pacientes, a falta de valorização que o serviço sofre além da não adesão de gestores geram barreiras que dificultam tais atos, provocando uma sobrecarga nos profissionais, pois para uma efetivação completa do trabalho humanizado é necessário uma total adesão de todos. O presente estudo gera oportunidades para maiores indagações sobre a valorização da humanização no atendimento ao paciente, e a respeito de ser oferecido ao profissional em formação constante mais estudos e investimentos na formação integral para uma assistência mais completa, podendo assim concretizar melhor o trabalho de unir a teoria com a prática, o que é essencial e deve ser incentivado. Considerações finais: O estudo foi produzido a fim de promover uma formação mais plena acerca do cuidado de enfermagem na APS, tendo como foco a humanização desse trabalho, uma vez que é necessário que seja repassado aos estudantes dos cursos de saúde em formação, os quais ainda possuem lacunas em sua graduação no ensino da ética e do acolhimento com os pacientes, principalmente na APS, pois, após a pesquisa realizada, é visível a importância para a comunidade em que estão inseridos, e aos profissionais de saúde maneiras que possibilitem realizar o seu trabalho humanizado e com isso educar e repassar seus conhecimentos ao público geral para que os mesmos venham promover o seu próprio bem estar, visto que é uma das diretrizes do SUS, um atendimento de qualidade e que atenda as demandas do usuários de maneira ética, respeitosa e responsável, entretanto, é válido destacar a necessidade de uma completa adesão dos funcionários e pacientes, na medida em que um trabalho vindo apenas dos enfermeiros pode levar a uma sobrecarga dos profissionais e a não concretização total do serviço proposto. A fim de que assim os profissionais de enfermagem possam atuar diretamente na linha de cuidado com o ser e seu corpo social a importância da humanização na assistência, e na atenção primária à saúde.



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

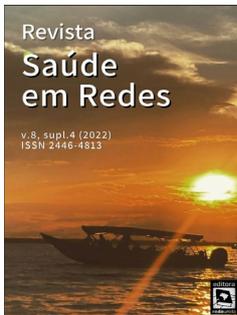
Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA RODA DE CONVERSA SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A PESSOA IDOSA REALIZADA POR UMA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES DE MEDICINA

JULIANA VIEIRA SARAIVA, SAMARA SANTOS NASCIMENTO, KALINE DE SOUZA VIANA, PAULA KATHARINE CORRÊA NASCIMENTO, GUSTAVO DE ALBUQUERQUE BARROS, GEOVANA DOS SANTOS MAGALHÃES, ANDREZZA TORRES ALBÉFARO

Apresentação: A violência contra a pessoa idosa é definida como “um ato único ou repetido ou falta de ação apropriada, ocorrendo dentro de um relacionamento de confiança e que cause danos, sofrimento ou angústia para a pessoa idosa”. Trata-se de um problema global que afeta, não apenas a saúde física, mas também psicológica, sexual e financeira de milhões de pessoas. Diante disto, há uma necessidade de discutir o tema durante a formação acadêmica, visando dar visibilidade e conscientização aos futuros profissionais acerca dessa temática. A roda de conversa Conscientização da violência contra a pessoa idosa: um ato de amor, cuidado e respeito, realizada por uma associação de estudantes de medicina da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), teve como objetivo promover reflexão e nortear os acadêmicos e profissionais a reconhecer, lidar e prevenir essa forma de violência.

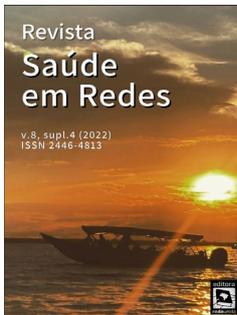
Desenvolvimento: A atividade ocorreu na plataforma Google Meet com a contribuição de um convidado com experiência na área e formação em geriatria, que explanou, de maneira minuciosa, todos os detalhes a respeito do tema proposto. O convidado escolhido abordou não apenas os diferentes tipos de violência contra o idoso, mas também todos os aspectos relacionados a este tipo de violência, bem como possíveis motivações dos agressores, consequências destes atos e qual o papel do médico ao enfrentar situações como essas. Ao final da reunião, foi aplicado um questionário para avaliar o impacto da atividade. **Resultado:** O objetivo geral da ação de debater e conscientizar o público participante a respeito da violência praticada contra a pessoa idosa foi plenamente cumprido, já que 77,7% dos participantes nunca tinham participado de um evento acadêmico que se tratava da temática de violência contra a pessoa idosa e 96,3% consideraram importante a abordagem dessa temática no meio acadêmico. A maioria dos participantes (74%) alegaram que se consideram preparados, após o evento, para atender pacientes idosos vítimas de violência como futuros profissionais da área de saúde, ou seja, o evento cumpriu o objetivo de orientar os acadêmicos acerca do tema. Dentre os resultados esperados, o debate a respeito das formas de violência contra esses indivíduos e da identificação de sintomas foi alcançado, visto que todos os participantes alegaram que a palestra contribuiu muito-deram notas de 8 a 10 na escala de 0 a 10-a reconhecer um idoso vítima de violência. O evento, porém, não conseguiu abranger os profissionais da área da saúde, pois dentre os participantes apenas 3,7% foram de profissionais. Dessa forma, os objetivos e resultados esperados para a ação foram majoritariamente cumpridos e os participantes tiveram a oportunidade de debater e ampliar os seus conhecimentos acerca da temática. **Considerações finais:** o intuito da atividade foi



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

atingido ao trazer notoriedade a um tema, muitas vezes pouco abordado no ambiente acadêmico. Após avaliação posterior, foi possível notar que os resultados obtidos foram satisfatórios e a maior parte dos discentes participantes conseguiram não apenas aprender mais sobre o assunto, como também se sentiram estimulados a buscar mais conhecimento sobre o tema.



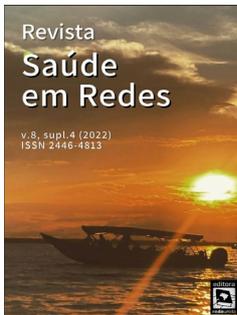
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

CONSELHOS LOCAIS DE SAÚDE E MOBILIZAÇÃO COMUNITÁRIA NO ENFRENTAMENTO AO COVID-19 EM PORTO ALEGRE/RS

PATRICIA AIROLDI KOLODSIEJSKI, CAROLINE BASTOS DA SILVA, FREDERICO VIANA MACHADO, LEOCIR MULLER RIBEIRO MULLER RIBEIRO, GUILHERME DE ALMEIDA NICHES, SAMUEL SANTOS DA ROSA

Apresentação: A participação comunitária compõe o conjunto de princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde, se organizando institucionalmente em conselhos e conferências para o controle social das políticas públicas de saúde. O Conselho Local, como parte da estrutura institucional de participação do SUS, está presente nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), e atua junto ao território cumprindo um papel importante para a responsividade efetiva das políticas públicas às necessidades e emergências de saúde da população. O objetivo inicial deste trabalho consiste em investigar a participação social em saúde no contexto da pandemia de covid-19 em Porto Alegre-RS, a partir da perspectiva da Saúde Coletiva. Por meio deste enfoque, a pesquisa se desdobrou na produção de um mini documentário e na análise de dois aspectos relacionados: 1) o impacto da pandemia sobre a estrutura e dinâmica de funcionamento dos conselhos locais de saúde no município e 2) a atuação da mobilização comunitária acerca das necessidades e emergência de saúde local. O método empregado foi a pesquisa qualitativa em quatro etapas: 1) leitura e fichamento de artigos para apreensão do tema; 2) leitura e síntese dos 5 volumes da série Lutas e realizações no exercício do controle social do SUS, do CMS/POA para apreensão histórica; 3) coleta de entrevistas semiestruturadas em vídeo, realizadas com atores sociais atuantes na participação social em saúde; 4) tratamento, categorização e análise qualitativa dos dados coletados e publicação das informações obtidas por meio de um mini documentário. Os resultados parciais apontam para uma significativa precarização dos conselhos locais no contexto da pandemia, fragilizando a atuação comunitária no mecanismo institucional de participação do Sistema Único de Saúde, o que impede um enfrentamento efetivo à pandemia da covid-19 em Porto Alegre-RS. Como considerações finais observamos que, além da precarização dos conselhos locais no contexto da pandemia, fragilizando a atuação comunitária nos órgãos colegiados, destaca-se também a rearticulação do Conselho Municipal de Saúde durante a pandemia, com reuniões online em um contexto bastante avesso a atuação do conselho por parte do executivo municipal. Dessa forma o mini documentário que constitui o primeiro episódio da Série Documental Controle Social na Comunidades Periféricas, realizado em parceria com o Programa de Educação Tutorial Conexões em Saúde-Participação e Controle Social em Saúde (PET Conexões-PCSS), também foi pensado como forma de evidenciar as ações desenvolvidas pelo controle social em saúde. Na ocasião do lançamento da série documental, foi realizada uma live de lançamento e todo o material foi acompanhado de interpretação de libras para garantir a acessibilidade.



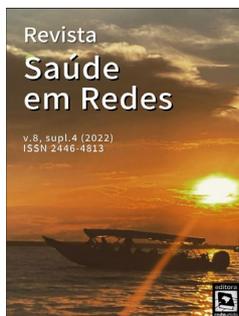
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

EDUCAÇÃO PERMANENTE NA ATENÇÃO BÁSICA: POPULAÇÃO LGBTQIA+ EM FOCO

MURILO CAMILO CHAGAS CARDOSO, ANA PATRÍCIA NALESSO PIRES NALESSO

Apresentação: O cotidiano do trabalho na Unidade Básica de Saúde – UBS traz muitos desafios, uma vez que é permeado por todos saberes, vivências e relações que compõem o cotidiano dos territórios. A equipe de saúde, na produção do cuidado, precisa estar atenta e preparada para construir projetos de atenção democráticos que levem em consideração toda a diversidade vivida pelos sujeitos que habitam a UBS, profissionais e usuários. Nesse sentido, entendendo que muitas questões são vividas pela equipe de profissionais da UBS de forma estranhada, o que por vezes geram posturas preconceituosas e até mesmo sofrimentos, identificamos a necessidade de propiciar espaços de discussão e superação de questões muitas vezes incomodadas ao coletivo dos profissionais. Partindo do vivido, identificamos que a questão da identidade de gênero e orientação sexual, recorrentemente gera burburinhos e até comentários pejorativos, reações associadas a um desconhecimento do assunto por parte da equipe da UBS, dificuldade no uso das terminologias e pouca apropriação sobre o tema. Frente a isso, tendo como objetivo favorecer o diálogo sobre temáticas que compõem o cotidiano da unidade de saúde propusemos a realização de um conjunto de oficinas como metodologia para discutir esses temas, tendo como primeira temática a população LGBTQIA+. Importante destacar que essa oficina teve a participação de profissionais da própria Unidade de Saúde e foi composta de três momentos: o primeiro se compondo como disparo aleatório de falas sobre a questão; o segundo exposição técnico-social-política sobre e terceiro discussão e aprofundamento e desconstrução de algumas dúvidas e até preconceitos para como a população LGBTQIA+. Durante a oficina foram pontuadas questões referentes à forma correta de referir à pacientes Transexuais e Travestis, a relevância para o cuidado em saúde quanto ao conhecimento sobre orientação sexual, e a apresentação sobre a Política Nacional de Atenção Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais de 2013. Discutir Identidade de Gênero e Sexualidade na Atenção Básica condiz com a perspectiva do cuidado ampliado à saúde entendendo os determinantes sociais, econômicos, políticos e culturais presentes no cotidiano individual e coletivo da população, que afetam o processo saúde doença, principalmente, da população LGBTQIA+. A desmistificação e explicação da nova nomenclatura dessa comunidade permite alcançar os profissionais de saúde na busca pelo respeito à individualidade dos usuários e efetivação de ações com cunho de promoção, proteção e recuperação da saúde, na perspectiva integrada das ações, não só assistenciais, como também, atividades preventivas. Nesse sentido, concluímos que essa proposta espera através da discussão e diálogo contribuir para a qualidade de vida dos trabalhadores e usuários, e assim contribuir para a qualidade do trabalho na UBS, efetivando a Educação Permanente de profissionais do SUS.



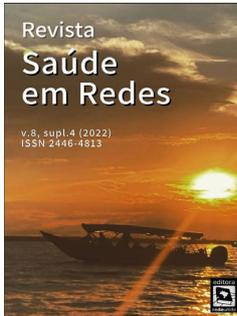
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

PROJETO SAFETY: INFORMAÇÃO, DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E COMBATE ÀS FAKE NEWS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

MARSELLE NOBRE DE CARVALHO, SARAH BEATRIZ COCEIRO MEIRELLES FÉLIX

Apresentação: Há mais de um ano, o mundo enfrenta uma pandemia sem precedentes na modernidade. Desde o início, o novo coronavírus tem se mostrado um desafio para a ciência e, sobretudo, para os governos. Inúmeras pesquisas, recomendações e orientações foram e são publicadas diariamente. **Justificativa:** Diante da circulação de todo tipo de informação sobre o vírus e a covid-19, a produção, a disseminação e a divulgação de informações corretas para gestores, profissionais de saúde e comunidade em geral são estratégicas na contenção do espalhamento do vírus, e na redução do contágio. **Objetivo:** Ofertar informações úteis, corretas, confiáveis, acessíveis, atualizadas e baseadas nas melhores evidências científicas disponíveis sobre as recomendações de proteção e segurança, visando a prevenção, o controle da pandemia e o combate as fake news. **Desenvolvimento:** O projeto é composto por docentes, pós-graduandos e graduandos de Enfermagem, Medicina, Farmácia, Jornalismo, Design Gráfico, Direito etc., organizados em grupos de trabalho (GT) sobre temas relevantes. Cada GT tem uma coordenação e a produção é semanal, de acordo com uma escala de trabalho definida e pactuada entre os membros. O projeto completou um ano de atividades no dia 31 de março de 2021 e as produções são veiculadas pelo site e redes sociais. O projeto já produziu mais de 200 cards para postagem em redes sociais e 35 vídeos entre lives, rodas de conversa, websérie e duas cartilhas. O principal produto do projeto é o boletim informativo semanal sobre a covid-19, que traz o compilado da situação epidemiológica no mundo, Brasil, Paraná e Londrina, as principais notícias da semana, uma seção com orientações jurídicas e as dicas para profissionais e comunidade em geral, e hoje está na edição número 45. **Considerações finais:** Trata-se de um projeto extensão que ultrapassa 50 membros, totalmente virtual e eletrônico, que se mantém ativo e produtivo há mais de um ano, sempre se reinventando e refletindo sobre a realidade da pandemia. Embora seja cadastrado como extensão acadêmica, o projeto cotidianamente contribui para o ensino e a pesquisa. Docentes e estudantes trocam experiências, propõem, pactuam, negociam, planejam e executam pequenos e grandes projetos dentro dos GT. Exercitam a autonomia, a responsabilidade, o compromisso e o respeito, desenvolvem habilidades de comunicação e refletem sobre suas próprias vivências, medos, angústias, dificuldades e vitórias durante a pandemia.



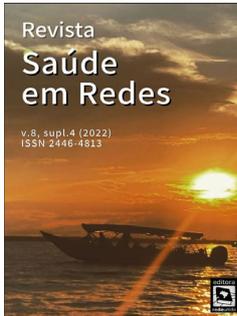
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

RELATO DE EXPERIÊNCIA: APLICAÇÃO DA AVALIAÇÃO DO PÉ DIABÉTICO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA.

ROSIANI GOMES DE SOUZA, BRUNA ALVES MENDONÇA

Apresentação: Estima-se que 12 a 13 % da população adulta brasileira convive com a Diabetes Mellitus (DM), e suas complicações ocorrem em torno de dez anos após diagnóstico, considerando que parte desses pacientes serão idosos e poderão estar acometidos por outras doenças e suas comorbidades. O pé diabético é uma das causas mais frequentes das complicações, e se caracteriza como infecção, ulceração e/ou destruição de tecidos profundos associados a graus diferentes de doença vascular periférica, deformidades osteoarticulares e alterações neurológicas (Oliveira et al, 2014). **Objetivo:** Relatar a importância da aplicação da avaliação do pé diabético nos pacientes acometidos pela doença atendidos pela atenção primária do Sistema Único de Saúde. **Desenvolvimento:** Este relato originou-se através dos atendimentos domiciliares realizados na Residência Multiprofissional em Saúde da Família, sendo que as atividades ocorreram em uma Unidade Básica de Saúde de Campo Grande-MS, sob a orientação de uma preceptora da Fiocruz. A escolha do paciente ocorreu durante visita domiciliar por intermédio da Agente Comunitária de Saúde, com intuito de realizarmos intervenções que mudassem a realidade encontrada. Sendo assim foi realizado anamnese, aplicação da avaliação do pé diabético, confecção de cartaz ilustrativo com informações como alimentação saudável, calçados adequados e posições de conforto, além de encaminhamento para consulta médica para tratamento das ulcerações presentes e confecção de palmilha na sapataria do pé diabético. **Resultado:** os efeitos percebidos decorrentes da experiência ou resultados encontrados na pesquisa: A partir do cuidado realizado através da avaliação do pé diabético, foi possível conscientizar o paciente que o seu autocuidado e conhecimento absorvido na educação em saúde prestada, reflete nos bons resultados do seu processo de saúde-doença. Com as mudanças em seu hábito de vida, a terapia medicamentosa e o cuidado com os pés, é possível conviver com essa condição sem agravamentos, reduzindo os riscos de ulcerações ou amputações de membros. **Considerações finais:** Estudos apontam que em torno de 85% dos pacientes que sofreram amputação de membro apresentavam ulcerações previamente. Esta experiência nos levou a compreender que a aplicação da avaliação do pé é eficaz na inspeção de possíveis lesões e nos direciona nas intervenções para a prevenção de agravos, e promoção da saúde dos pacientes acometidos pela doença.



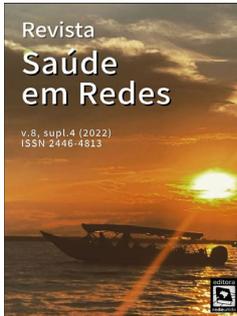
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

A VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA COMO FATOR CONTRIBUINTE PARA OS EVENTOS ADVERSOS NAS PLATAFORMAS DE MÍDIA DIGITAL

VANESSA CRISTINA FELIPPE LOPES VILLAR, JULIANA LOUREIRO DA SILVA DE QUEIROZ RODRIGUES

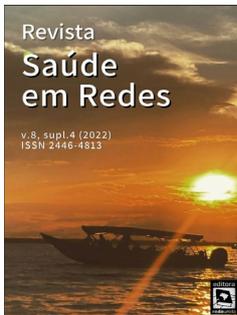
Apresentação: A Violência Obstétrica é reconhecida e legitimada como um problema de saúde pública dado os desafios impostos no que tange à imprecisão nas definições de violência obstétrica, e à incipiência na formulação de políticas públicas voltadas para mitigar o sofrimento decorrente dos atos de violência imposto às mulheres durante a assistência ao parto. Ainda que o Brasil tenha avançado nesta discussão através da produção de movimentos sociais em prol de uma assistência ao parto segura e da formulação de políticas públicas como a Rede Cegonha, voltadas para melhoria a qualidade do cuidado materno-infantil no âmbito da Rede de Atenção à Saúde, a prevalência da violência obstétrica ainda é elevada, variando de 18,3% a 44,3% no país. A violência obstétrica é definida como toda ação ou omissão direcionada à mulher durante a assistência ao pré-natal, parto ou puerpério capaz de causar danos ou sofrimentos desnecessários à mulher, com ausência do seu consentimento explícito e/ou desrespeito à sua autonomia. Neste sentido, os atos que caracterizam a violência obstétrica: abusos verbais; procedimentos sem consentimento; impedimento à presença do acompanhante; falta de privacidade durante a assistência ao parto e o uso de práticas obstétricas cientificamente não recomendadas são fatores contribuintes para os eventos adversos, uma vez que, podem corroborar para a ocorrência de desfechos obstétricos desfavoráveis. Neste contexto, as redes sociais surgem como espaços alternativos aos modos tradicionais de comunicação e expressão entre pacientes e profissionais, e são cada vez mais acessadas pelos usuários de serviços de saúde. O objetivo deste estudo é discutir como os usuários dos grupos de Facebook compreendem a violência obstétrica e como esta contribui para a ocorrência de eventos adversos, **Desenvolvimento:** trata-se de um estudo qualitativo que utilizou a rede social Facebook como fonte de coleta de dados. Foram selecionados três grupos abertos relacionados a “erros médicos”. A coleta de dados foi realizada nos meses de setembro e outubro de 2019, utilizando-se a postura de “lurker” (observador). A escolha pelo Facebook recaiu devido à abrangência da rede no Brasil com mais de 136 milhões de contas ativas em 2019 e pela conformação da rede com a possibilidade de interação entre os usuários por meio de grupos e comunidades. **Resultado:** foram coletadas 1609 postagens de forma manual, sendo a coleta interrompida pela saturação de dados. Apenas 55 postagens foram relacionadas à assistência ao parto, sendo agrupadas em três categorias de análise: comunicação/ informação; condutas e práticas obstétricas; e direitos das gestantes. Dentre os eventos adversos suscitados destacam-se problemas emocionais, morbidades maternas e neonatais e óbitos materno, fetal e neonatal. **Considerações finais:** a violência obstétrica é um problema complexo capaz de impactar negativamente a saúde do binômio mãe-bebê, podendo acarretar problemas físicos,



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

emocionais e sociais. Apesar de sua importância ainda é pouco discutida no âmbito da academia e na sociedade, o que refletiu na baixa quantidade de postagens relacionadas ao tema. A discussão da temática deve ser incentivada nos serviços de saúde e redes sociais de modo a fomentar o enfrentamento e mitigação do problema.



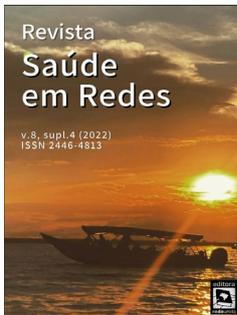
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ATENÇÃO À SAÚDE EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE EM MANAUS AMAZONAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

VITÓRIA MONTEIRO DE SENA, MAYRA TAÍS ARRUDA DE ALMEIDA, ANGELA XAVIER MONTEIRO, ARLIETE DE MELO FRANCO DE MELO FRANCO, ADRIANA BEATRIZ SILVEIRA PINTO, LAURAMARIS DE ARRUDA REGIS ARANHA, SHIRLEY MARIA DE ARAÚJO PASSOS

Apresentação: O noviciado enriquece a construção do perfil curricular, beneficiando a proximidade entre as academias de ensino e a população local, gerando um pensamento crítico e embasado cientificamente para as problemáticas de saúde pública. O objeto desse relato consiste na exposição de experiências adquiridas durante o processo de integração do Estágio Supervisionado em Atenção à Saúde do Curso de Odontologia da Escola Superior de Ciências da Saúde da Universidade Estadual do Amazonas (ESA-UEA), em uma Unidade Básica de Saúde Frank Rosemberg Calderon, no município de Manaus-AM. A experiência foi desenvolvida junto à Equipe de Saúde da Família ESF 425, localizada no bairro Raiz, Zona Sul de Manaus, localizada no Distrito de Saúde Sul, que assiste a população local. O desenvolvimento das práticas ocorreu a partir da proposta da disciplina de Estágio Supervisionado em Atenção à Saúde, que dispôs de um cronograma no qual os acadêmicos realizaram atividades curriculares nas Unidades Básicas de Saúde, orientados pelas docentes da Universidade e preceptor local, objetivando aprimorar o aprendizado profissional dos discentes. As atividades desenvolvidas foram: palestras educativas, e orientação em saúde, visitas domiciliares, ações sociais e procedimentos odontológicos: restaurações, raspagens, exodontias. Foram identificadas dificuldades quanto à ausência de alguns materiais e manutenção dos equipamentos odontológicos, os quais comprometem os serviços prestados pelos profissionais. A inserção dos discentes nas práticas em Atenção Básica em Saúde leva ao acréscimo do conhecimento e enriquecimento do desempenho clínico, a partir da troca de experiência entre acadêmicos e profissionais da rede pública de saúde. Essa interação entre os alunos e a atenção básica contribui para a humanização no atendimento odontológico, bem como para a formação dos futuros profissionais, estimulando o comprometimento com o bem-estar da sociedade e a prática responsável de ações que visam a evolução do setor da saúde. Essa experiência contribuiu para o fortalecimento do exercício clínico odontológico e oportunizou experimentar o profuso funcionamento das diretrizes do SUS, estimulando os discentes a mergulharem na atenção básica, formando profissionais qualificados para atender a população e revigorar a promoção, proteção e prevenção da saúde de forma integral. Descritores: Atenção Primária à Saúde. Saúde Bucal. Ensino. Recursos Humanos em Saúde.



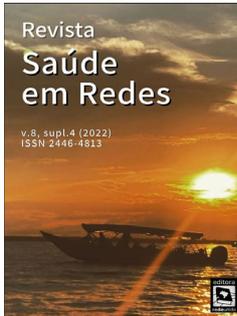
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

LINHAS DE CUIDADO DE PESSOAS HIPERTENSAS ASSISTIDAS NA UBS

MARIA TEREZA SANTOS DE SOUZA, ANTÔNIA EVIL NNIA CAVALCANTE MACIEL, DAYNA ARAGÃO BENCHIMOL, ISABEL DE ARAUJO LIMA NADAF, JOÃO PEDRO DE CARVALHO MENEZES, RAQUEL CARVALHO COSTA, SAMMYA CASSIANO DA SILVA PEREIRA

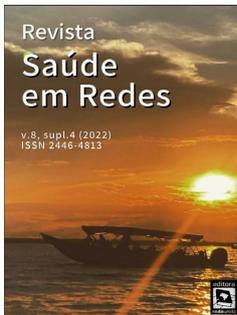
Apresentação: O presente artigo foi concebido com o escopo de proceder a uma análise da doença com maior incidência no Brasil, a Hipertensão Arterial (HA). Principalmente entre os idosos e, há uma porcentagem de indivíduos que não possuem o conhecimento da doença, por ser uma doença silenciosa. Uma vez que, dificilmente procuram fazer exames de rotina e atendimento médico. À vista disso, ocorre o descontrole da doença, causando problema de saúde pública. Por conseguinte, os brasileiros possuem a Atenção Primária à Saúde (APS), que através dela é possível realizar orientações sobre a prevenção, diagnóstico e tratamento. A falta de adesão aos tratamentos oferecidos pela Atenção Primária incentivou a criação do protocolo para a Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS), com procedimentos que facilitam a aceitação do tratamento. **Objetivo:** o objetivo desse estudo é relatar a dinâmica e o protocolo para a consulta e acompanhamento do paciente hipertenso arterial atendido na atenção básica. **Método:** Concebe-se de uma revisão da literatura da base de dados SciELO dos anos 2019-2020. **Desenvolvimento:** A hipertensão arterial é o aumento anormal da pressão que o sangue faz ao circular pelas artérias do corpo. O indivíduo é considerado hipertenso quando sua pressão fica maior ou igual a 14X9mmHg na maior parte do tempo. A partir desse limite é aumentado o risco de se desenvolver doenças cardiovasculares e outros agravos como infarto agudo do miocárdio (IAM) e acidente vascular encefálico (AVE). A hipertensão afeta mais de 30% da população adulta em todo o mundo, ou seja, mais de um bilhão de pessoas. A hipertensão é na maioria das vezes diagnosticada na atenção primária a saúde (APS), e apesar de ser facilmente tratável e controlável ainda ocorre uma alta taxa de internações e agravos por conta de diversos fatores, como a baixa taxa de controle e adesão ao tratamento e a pouca satisfação com a consulta realizada na APS. A Estratégia Saúde da Família (ESF) é um protocolo que busca constantemente garantir a qualidade e humanização das equipes no atendimento às famílias, ampliando a resolutividade em saúde das pessoas e coletividade, reiterando princípios e diretrizes da Atenção Primária, atua também em grupos específicos da população como os portadores de hipertensão arterial sistêmica (HAS), a ESF realiza acompanhamento de hipertensos através de consultas mensais, aferimento de peso e pressão, orientação e prescrição de tratamento medicamentoso e não medicamentoso promovendo a educação em saúde. Seguir um estilo de vida saudável, ter a pressão medida regularmente e entender o significado dos números, criar uma rotina e monitorar a medicação manter-se conectado com os profissionais de saúde são as três estratégias usadas na APS para acompanhamento e controle do paciente hipertenso. **Resultados esperados:** compreender o funcionamento das linhas de cuidados acerca do funcionamento da APS.



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

Considerações finais: Diante dos fatos citados entendemos que em toda consulta e acompanhamento é imprescindível o registro das intervenções e/ou ações realizadas, pois ele é condição essencial para o conhecimento da evolução clínica do paciente, monitoramento e tomada de decisão. Palavras-chave: Hipertensão; Atenção Primária à Saúde; Estratégia Saúde da Família.



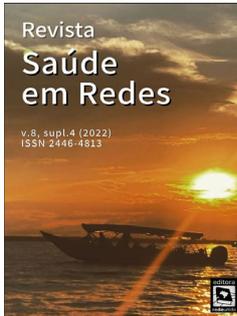
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

O DIREITO MATERNO EM NÃO AMAMENTAR EM UM HOSPITAL INICIATIVA AMIGO DA CRIANÇA: POSSIBILIDADES MULTIDISCIPLINARES

VANESSA FELIPE DE DEUS, MARINA MEDEIROS POMBO

Apresentação: A Iniciativa Hospital Amigo da Criança (IHAC) é uma estratégia global proposta pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e UNICEF focada na promoção e proteção do aleitamento materno no âmbito hospitalar. Este trabalho tem como objetivo problematizar o aleitamento materno (compulsório) nos casos em que a nutriz sinaliza seu desejo sobre a possibilidade de interromper a amamentação e os desdobramentos de sua decisão perante a atuação multidisciplinar no que diz respeito ao direito feminino sob seu corpo. O relato de experiência baseia-se em casos de atendimentos de mulheres em um hospital materno-infantil em que foi constatado o não desejo pela amamentação e um prejuízo no vínculo entre a díade mãe-bebê baseado na manutenção desta forma de nutrição. A ideia, por parte da equipe, da mãe (aquela que gestou e pariu) como elemento insubstituível no cuidado com os filhos torna-se prejudicial à dupla. Uma avaliação integrada de proteção alimentar da criança com uma intervenção que possibilite à mulher falar do seu (não) desejo pela amamentação permitiria o desenvolvimento de um vínculo mais saudável do ponto de vista nutricional, afetivo e constitutivo. É cartografando essas vivências a partir do princípio da integralidade que se anuncia a importância de pensar a respeito da invisibilidade das mulheres (cuidadoras/mães) nas políticas de proteção e cuidado da criança. Destaca-se a atuação multidisciplinar entre Psicologia e Fonoaudiologia como forma de garantir o bem-estar da nutriz diante do processo de amamentação do lactente, uma vez que o corpo é o cenário da inter-relação de questões nutricionais e emocionais. A ideia é fomentar a sobreposição do direito à alimentação e da (não) amamentação, procurando não reproduzir as opressões dadas pelo laço social vigente: patriarcado, misoginia, racismo, entre outros, que impõem à mulher uma forma de exercer sua maternidade.



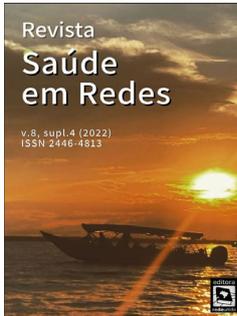
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE O USO DE TECNOLOGIAS NÃO INVASIVAS PARA ALÍVIO DA DOR NO TRABALHO DE PARTO

ROSIANI GOMES DE SOUZA, BRUNA ALVES MENDONÇA

Apresentação: No Brasil, a atenção à mulher no ciclo gravídico-puerperal vem passando por transformações, a qual busca por um modelo de assistência humanizado, pautado em evidências científicas e no resgate da autonomia das mulheres. Neste contexto a enfermagem vem buscando desenvolver tecnologias não invasivas de cuidado, sendo estas configuradas essencialmente pelo estabelecimento de vínculo entre profissional e cliente, através da comunicação efetiva, acolhimento e formação de uma rede de atenção mais humana de atendimento a parturiente. **Objetivo:** Relatar a experiência de educação em saúde para gestantes sobre as tecnologias não invasivas de cuidado para alívio da dor no trabalho de parto. **Desenvolvimento:** Este relato originou-se através dos atendimentos às gestantes durante a Residência Multiprofissional em Saúde da Família, em uma Unidade Básica de Saúde de Campo Grande-MS. A escolha do tema ocorreu através das consultas de enfermagem de pré-natal, e assim foi criado um grupo onde os encontros acontecem mensalmente. Utilizou-se painel de fotos, roda de conversa, sorteio de brindes e lanche. **Resultado:** os efeitos percebidos decorrentes da experiência ou resultados encontrados na pesquisa: Durante o encontro com o grupo de gestantes abordamos as tecnologias não invasivas para alívio da dor no parto. Sendo assim, destacamos a massagem lombar, exercícios com a bola suíça, deambulação com auxílio, mudança de posição, aromaterapia, banho morno de aspensão e exercício respiratório. Através da discussão compreendemos que através da utilização desses métodos é possível proporcionar a parturiente um ambiente confortável e preservar sua autonomia, tornando a mesma protagonista de seu parto. Além disso, garantimos um pré-natal de qualidade, onde a gestante fosse preparada para o momento do trabalho de parto e nascimento. **Considerações finais:** Esta experiência contribuiu para que percebêssemos a relevância da prática da educação em saúde por parte da enfermagem, considerando que estes profissionais dispõem das habilidades necessárias para transformar a realidade da comunidade, através da transmissão de informações, possibilitando assim a transformação das atitudes e desta forma proporcionar melhoria da qualidade de vida e da assistência. Nesta perspectiva, no âmbito da saúde da mulher, a dimensão educativa contribui para o enriquecimento do conhecimento que as pacientes possuem a respeito do próprio corpo, valorizando suas experiências e histórias de vida, além de permitir que elas se tornem sujeitas desses eventos fisiológicos como a gravidez e parto.



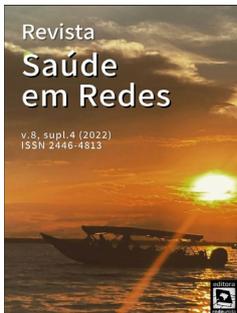
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

SONHO (R)EXISTÊNCIA: O VIRTUAL NO VIRTUAL

MONICA ROCHA, DENISE MATTOS, VICTORIA PASQUAL, MARINA ATHILA, PILAR ROCHA, GISELE OLIVERIA

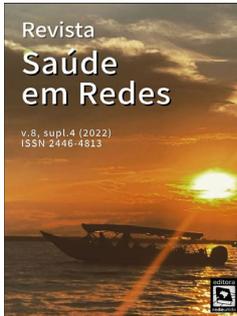
Apresentação: A possibilidade da ocorrência de uma pandemia em futuro próximo era bola cantada. Afinal, vivemos o tempo da catástrofe climática, da invasão de biomas nativos pelos modos de cultivo e criação animal predatórios do meio ambiente, das imensas concentrações urbanas e da circulação acelerada de populações a nível global. A máquina-homem-Mundo capitalista massacra o organismo-viventes-Terra em ritmo acelerado na era do Antropoceno. Embora anunciada, a pandemia de SARS-CoV-2 tomou nossas vidas de assalto naquele março de 2020. Incredulidade, espanto, medo, solidão, morte. De início, até pareceu que peste tão violenta geraria pane na tal máquina-homem-Mundo, dando fôlego para um escape de todas as formas viventes. E tempo de um rearranjo a terranos em simpoiesis. Ilusão. A máquina nem claudicou. Acelerou. Deixando seu rastro de escombros. E nos empurrando para os vãos, os recantos, os refúgios. Como nossos corpos operam em refúgio? Produzindo histórias... Tecendo sonhos...refúgios de mundos possíveis...reativação de memórias quando o melhor seria esquecer-las.... No entanto, quando alguém sonha, todos nós sonhamos juntos. Um dia, em uma de nossas reuniões das segundas-feiras pela manhã, fomos tomadas de assalto pelo sonho de uma de nossas coordenadoras. Mal sabíamos que penduradas no limiar de uma nova era, a era pandêmica. A pandemia de covid-19 nos lançou no inimaginável isolamento físico. No exercício cotidiano da distância. Onde a liberdade que nos é dada é o lugar do sonhar. Nós somos o Laboratório de Sensibilidades e Devires, projeto de extensão da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O LSD. Um lugar de encontros, de ações que se dão na forma de interferências como processo de produção de fricção, feridas mútuas, necessárias entre corpos que se dispõem à experiência. Sem expectativa de qualquer reação ou desdobramento pré-definido. É devir. Operamos no afrouxamento das bordas do sensível, envolvendo extensionistas e nosso público-alvo de eleição: os passantes na rua, nas praças, nos espaços públicos mais diversos. Com as medidas de contenção do Coronavírus veio o isolamento social. E a rua desapareceu como possibilidade para nossas ações. A rua se esvaziou de toda gente. O que faríamos? Sonhar. Trabalhar com sonhos era nosso projeto recorrente. Rondávamos, rondávamos e nunca chegávamos a eles. Decidimos. Começamos a recolher sonhos por meio de um formulário divulgado nas redes sociais. – Apanhador de sonhos. Recolhemos e lemos cada um dos sonhos enviados nos perguntando inicialmente: em tempos em que a vida, tal como conhecemos, foi colocada em suspenso, e a falta de sentido parece gritante, como isso estaria aparecendo nos sonhos? Intuímos que a sua potência vem por se darem em um espaço-tempo corpóreo de criação, de invenção por parte da pessoa sonhante. Lemos os sonhos pela experiência de ler, nos tornamos sonhantes juntas, não desejamos interpretar, apenas experienciar aquela leitura, cujas as descrições das cenas oníricas misturavam



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

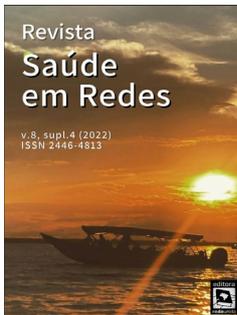
mundo e produziam outros. Nossa colheita dos sonhos vem na ideia de uma cartografia: estamos aferindo os seus efeitos em nós e mapeando os processos de subjetivação nos sonhos, pensando como as angústias do contemporâneo aparecem. À medida que vamos lendo os sonhos percebemos que, muitas vezes, o sonho ofertado foi vivido como lugar de cuidado, ao ser descrito. Aquilo que era somente compartilhar o sonho tinha como desfecho, sentir-se cuidado. Nós abrimos o espaço, como quem desbasta um matagal para fazer caminho, interferimos nos espaços fragmentados das telas infinitas e pudemos chegar até algumas pessoas que nos ofereceram suas experiências. Nós colhemos essas experiências e, então, muitas outras vêm sendo vividas e reatualizadas. Não sabíamos ao certo o que queríamos, mas sabíamos que desejávamos saber o que as pessoas estavam sonhando – era uma aposta. Não poderíamos saber o que iria emergir dali nem buscávamos responder a uma pergunta específica. Muito menos queríamos validar qualquer teoria sobre os sonhos. Tínhamos algumas curiosidades sobre como a pandemia de covid-19 aparecia nos sonhos e como estava agenciando as pessoas sonhantes. Chegamos aos sonhos com uma dedicação aberta e atenta, disponíveis à experiência desta colheita. Aos poucos fomos conectando a operação sensível da leitura e o sonhar, integrando nossas experiências e aquele novo território que vem sendo apresentado a nós, sendo ativas na construção de uma prática que pouco a pouco está ganhando consistência, forma e nos reafirmando o desejo de seguir adentrando múltiplos territórios oníricos. Os relatos dos sonhos se transmutaram do campo semântico do narrador para dispositivos agenciadores de manifestações de alteridade em nossos próprios corpos. Sonho não mais limitado à noite e a restos diurnos do sonhante mas expandido em aproximações/apropriações entre seres postos em comunicação sensível pela experiência a contrapelo carregada pelo choque da pandemia. Os sonhos se atualizaram em outro conjunto de relações entre nós. No LSD vivemos intensamente a experiência onírica de produzir corpo no virtual, ao longo de meses de distanciamento social. Cartografar a oferta de sonhos é uma operação efetivamente em acontecimento, que vem se fazendo em fluxo no nosso coletivo, e se materializa em diferentes elementos nesses corpos. Uma encruzilhada de muitas afecções descobertas. Polissêmicas, polifônicas, sinestésicas, lisérgicas. O sonho como alteridades em contágio por puro encantamento, no sentido que nos traz Luiz Antonio Simas, quando diz que “encantar é...o canto que enfeitiça, inebria, cria outros sentidos para o mundo.” Uma pessoa sonhante afirmou, em nossa interferência-formulário, pensar no que sente saudade antes de dormir para matar esta saudade nos sonhos. Sonhos e nossas experiências coletivas nos levam a pensar também em como, no momento pandêmico, eles podem ser o instante de contato com o que não vivenciamos mais e de que sentimos saudades. Estamos imersas na construção de dizibilidade para o trabalho de nos abrimos ao campo de afecção, buscando avizinhamentos. Trabalhamos sempre com aproximação com a arte, ela tem sido um campo fértil para nós, na medida que nos oferta um fazer cuja finalidade não é outra a não ser a de experimentá-la. Nesse sentido nem nos interessa defini-la. Mas temos a convicção de que ao fazê-la também estamos experimentando algo de nós mesmos, coletivamente. Assim tem sido nossas propostas de interferência. Nos sonhos



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

estamos nessa mesma direção, em certo sentido, uma vez que não tratamos o sonho como objeto de análise. Se ele é um refúgio para o sonhante, para a nossa colheita é uma roda viva de mundos enunciados polifonicamente, visto que entre o sonho/imagem, a narrativa descrita do sonho e o sonhador há enunciações diferenciadas e pontualmente localizadas em uma mesma descrição do formulário-interferência; ora a descrição da imagem sonhada, ora o afeto identificado no sonho pelo sonhador. Ora sonhador, por um lado e, por outro, no mesmo sonho, a aparição de muitos outros sonhos, igualmente singulares, embora tivessem os mesmos temas, e nos servindo como espécies de espelhos, ora côncavos, ora convexos. Portanto, de um jeito ou de outro, o sonho é sempre um olho mágico para dentro de nós mesmos. Nosso convite é para um compartilhamento dessa experiência onírica, conformando corpos coletivos uma vez que as reverberações das diversas narrativas nos encarnam de maneira tão sutil quanto brutal e habitarmos juntos as ruínas, na busca de outros modos de estar no mundo.



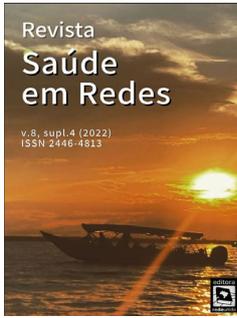
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

O SABER, INTERESSADO, VIVO E EM ATO: UMA METODOLOGIA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ENFERMAGEM EM UM SERVIÇO REGIONAL DE SAÚDE

ELIANA BUSS, ELIANA SANDRI LIRA, IRANY ACHILES DENTI, ANGELA MARIA BRUSTOLIN, MARCIANE KESSLER, CIBELE SANDRI MANFREDINI

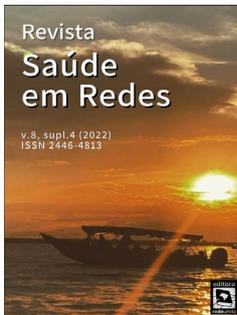
Apresentação: Este trabalho relata a construção coletiva de uma metodologia de ensino para a formação dos acadêmicos de Enfermagem da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) Campus Erechim, Rio Grande do Sul, durante o estágio supervisionado IIB na 11ª Coordenadoria Regional de Saúde (CRS), Erechim, Rio Grande do Sul, no Sistema Único de Saúde (SUS), no período de 17 de agosto a 10 de setembro de 2021. Este curso de Enfermagem possui, no último semestre, a disciplina de Estágio Supervisionado IIB com carga horária de 405 horas de atividades práticas nos serviços de saúde coletiva do SUS. Visa proporcionar aos(as) educandos(as) a oportunidade de vivenciar situações da profissão, para desenvolver, aprimorar e consolidar habilidades e competências, inerentes a atuação do(a) enfermeiro(a), no cuidado integral ao ser humano, planejando e executando atividades de gestão e gerência nos serviços de saúde. Para a realização dessas práticas o serviço de saúde e a instituição de ensino firmaram um termo de cooperação técnica, deliberando sobre normas e atribuições do processo de estágio e construíram, de forma participativa, uma proposta metodológica para vivenciar o cotidiano do trabalho. O objetivo deste relato é discorrer sobre essa experiência de construção de uma metodologia, que entendemos ser emancipadora, despertando nos acadêmicos o transitar da consciência ingênua para a consciência crítica, conforme orienta Paulo Freire. Essa metodologia, que pudesse dar conta das necessidades do ensino e do serviço e aproximar esses contextos se deu por meio de diálogos constantes entre a Pedagoga do Núcleo Regional de Educação em Saúde Coletiva (NURESC) da 11ª CRS, os trabalhadores do serviço, os(as) acadêmicos(as), os(as) professores(as) do estágio e a Professora Coordenadora do curso de Enfermagem. Destes diálogos concretizou-se o itinerário de estágio ciclo de atividades e vivências no cotidiano do serviço regional de saúde no SUS, envolvendo a gestão das ações em saúde nos setores de vigilância epidemiológica, imunizações, vigilância sanitária, regulação controle e avaliação e educação permanente em saúde. Inicialmente a Pedagoga dialogou com os trabalhadores da Coordenadoria para definir algumas situações problema a serem discutidas com os discentes e possibilidades de práticas no serviço. Após, desenvolveu um momento com os docentes e discentes para compreender as expectativas do estágio e o desenho da proposta metodológica. Dentre as expectativas no processo de formação destes(as) acadêmicos(as) ficou evidente o interesse em conhecer a gestão viva do SUS no serviço regional de saúde. Conclui-se que essa construção coletiva propiciou a produção de saber interessado, vivo e em ato, as rodas de conversa, a valorização da aprendizagem coletiva e o diálogo despertou a consciência crítica discente e a circulação de saberes também entre profissionais e acadêmicos. Participaram do estágio 20 trabalhadores, três professores e 15



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

acadêmicos. A metodologia emancipadora permitiu multiplicidades de ideias e conceitos, efetivação da práxis da enfermagem compondo mosaicos de experiências nas diferentes formações e experiências no cotidiano do SUS.



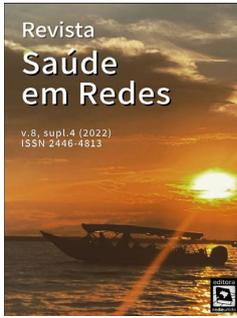
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

AÇÃO COLETIVA E COOPERAÇÃO: POR UMA NOVA REGIONALIZAÇÃO

SILVIA KARLA AZEVEDO VIEIRA ANDRADE

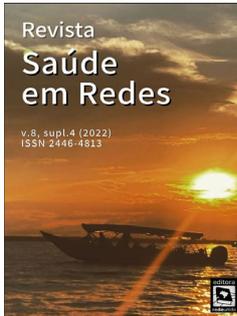
Apresentação: O SUS abarca uma forte construção que atribui significativos passos vinculados ao processo de redemocratização, não medindo esforços para uma sólida estruturação de desenhos regionalizados, considerando sua potência para alterar diretamente a distribuição do poder e as relações federativas. Uma vez que as diferentes intencionalidades permeiam a estruturação de políticas públicas, há uma demanda por alinhamento da regionalização aos princípios originários do SUS. **Desenvolvimento:** O referencial teórico do estudo contempla a triangulação dos conceitos do federalismo, dos modos de exercício do poder e da ação coletiva, considerando que o federalismo trata das relações de um povo e exalta a autonomia e a interdependência entre os entes federados, que se expressam por meio dos modos de exercício do poder, dentre os quais se destaca o modo democrático, podendo ser forjado a partir da ação coletiva e, contudo, converge para uma construção pactuada da unidade, favorecendo o planejamento regional e impulsionando uma nova experiência de regionalização. Esse estudo tem o objetivo de identificar ações, instrumentos e estratégias de cooperação por meio da ação coletiva, além de limitações e potencialidades para o processo de regionalização na relação federativa e sua atuação nos demais organismos desse processo em suas competências. Trata de um estudo qualitativo classificado como pesquisa-ação. O local de estudo é uma região de saúde do norte do Paraná. O caminho metodológico contemplou três etapas: diagnóstico, imersão e interposição. A análise dos dados seguiu a metodologia de análise do discurso, por meio da análise ideográfica e nomotética. Este trabalho se integra a um estudo maior denominado Estratégias de Cooperação para a regionalização em saúde: os casos do Paraná, submetido e aprovado sob parecer nº 4.074.080 pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual de Londrina. **Resultado:** Os resultados enfocaram os impasses na coordenação e cooperação a partir das competências dos entes, impasses no planejamento regional, os modos de exercício do poder e o apontamento para um novo campo potencial para a regionalização a partir da ação coletiva e a construção de um senso de compromisso coletivo. Dentre as potencialidades estão a identificação das necessidades comuns dos territórios locais a partir da pactuação de esforços e a construção de espaços dialógicos, culminando em um contrato da ação pública em cada território regional, no âmbito tripartite, que antecedam a contratualização dos serviços e ações na prestação de serviços. **Considerações finais:** A regionalização pode ser reinventada a partir da dialogia, do debate aprofundado, da continuidade e da capacidade de construção de novos conflitos, podendo essas experimentações ser aplicadas em outros territórios regionais e macrorregionais, considerando suas realidades e especialidades, de forma que a forte e reiterada intenção de suprimir as autonomias dos entes no exercício do diálogo, da pactuação e da contratação da



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

ação pública seja superada no país. Dessa forma, a partir da ação coletiva, um novo processo de regionalização é possível.



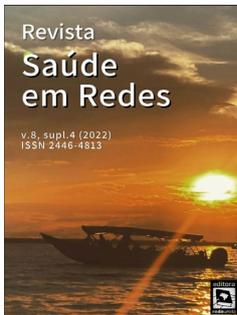
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

CAMPANHA DE INCENTIVO À VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19 E AMPLIAÇÃO DA COBERTURA VACINAL DE GESTANTES E PUÉRPERAS EM UM HOSPITAL

ANA CAROLINA BRONDANI, LUIZ CARLOS ESPÍNDOLA JÚNIOR, VANESSA GÖRNIK DE OLIVEIRA

Apresentação: Este trabalho tem como objetivo apresentar o processo de construção e implementação da campanha de incentivo e conscientização da vacinação contra covid-19 para gestantes e puérperas realizada no Hospital Materno Infantil Presidente Vargas (100% SUS) de Porto Alegre. A finalidade da campanha foi promover equidade em saúde ao enfrentar as fake news sobre as vacinas, oferecer informações baseadas nas evidências científicas sobre o tema para auxiliar na tomada de decisão de gestantes e puérperas sobre a vacinação e diminuir barreiras de acesso. A iniciativa partiu do diagnóstico de que uma quantidade considerável de gestantes e puérperas atendidas pelo hospital apresentavam relato de recusa vacinal, baseadas em informações sensacionalistas divulgadas em meios de informação sem credibilidade científica e em uma superestimação de risco dos efeitos colaterais. Considerando 1) as altas taxas de mortalidade de gestantes e puérperas por covid-19 no ano de 2021, 2) a insuficiência de campanhas promovendo o estímulo à vacinação para este grupo a nível federal, estadual e municipal e 3) a percepção de que a orientação do Ministério da Saúde sobre a necessidade de avaliação e prescrição médica para gestantes e puérperas sem comorbidades dificultou acesso destas mulheres à vacinação contra covid-19; identificou-se a necessidade de realizar uma ação com trabalhadores e usuárias do SUS. A campanha partiu da iniciativa de residentes do programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde da Criança-violência e vulnerabilidade UFRGS e de uma residente do programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Criança e do Adolescente PUCRS. A campanha consistiu na sensibilização das gestões de enfermagem e ginecologia dos setores que atendem gestantes e puérperas no hospital e na produção de material gráfico (banners) com informações científicas de segurança e eficácia das vacinas para divulgar nas unidades de atendimento ambulatorial e internação. A partir da sensibilização, foi implementado nas rotinas destas equipes o questionamento sobre situação vacinal de covid-19 e a entrega de prescrição médica para as que não haviam se vacinado. Os materiais gráficos foram afixados na entrada do hospital e nos corredores das unidades alvo. Após o início da campanha, foi observada uma mudança significativa na situação vacinal das gestantes e puérperas atendidas nas unidades, indicando maior adesão à vacinação. Avaliamos que o diálogo suscitado a partir da campanha com as gestantes e puérperas permitiu uma maior adesão à vacinação, bem como a sensibilização das equipes permitiu quebrar barreiras de acesso às vacinas de usuárias do SUS. Observou-se que a iniciativa explora possibilidades de intervenção dentro da Política Nacional de Educação Permanente e da Política Nacional de Humanização do SUS.



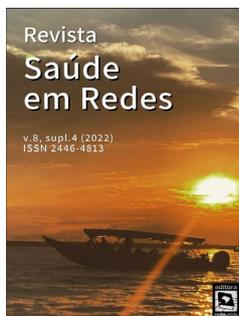
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

AS POSSIBILIDADES DA METODOLOGIA ATIVA FRENTE ÀS IMPOSSIBILIDADES DE ESCUTA DA CRÍTICA

MARINA MEDEIROS POMBO, VANESSA FELIPE DE DEUS

Apresentação: As Residências Multiprofissionais em Saúde foram promulgadas pela Lei nº 11.129 de 2005, orientadas pelos princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS) em consonância com as realidades de cada território. Sendo um processo de formação em serviço, é necessário que o profissional residente receba do programa em que se encontra inserido, as condições para desenvolver suas habilidades práticas, suas atitudes e obter maior conhecimento teórico acerca de seu fazer. Para tanto, há vários papéis desempenhados pelos servidores dos campos de atuação no intuito de contribuir para construção e o alinhamento entre prática e formação do residente, além da construção de um pensar crítico a respeito das políticas públicas durante este percurso. Diante disso, a figura do preceptor fica responsável por dois momentos importantes na formação dos profissionais residentes; a supervisão e orientação da prática profissional e o desenvolvimento de competências profissionais e organizacionais em sua atuação. Ao longo dos últimos anos das residências multiprofissionais nesse espaço de alta complexidade foi possível notar uma mudança no perfil dos profissionais que buscam essa formação profissional, sendo tal modalidade encarada como uma segurança empregatícia em detrimento dos movimentos de militância pela política pública. Logo, a partir de experiências de preceptoria e dos impasses frente às devolutivas aos residentes, buscam-se novas formas de avaliação que permitam uma reflexão sobre o aprimoramento da prática profissional do sujeito em formação tendo como horizonte o atendimento integral ao usuário do SUS. Considerando as metodologias ativas como estratégias político-pedagógicas de educação permanente em saúde e, frente às dificuldades encontradas neste processo de devolução de deficiências e limitações na formação dos trabalhadores, este trabalho aponta possibilidades frente aos impasses de comunicação na relação preceptor-residente. A retomada de um fomento por práticas de acolhidas em conjunto-multiprofissionais-e as discussões onde preceptores e residentes atuem juntos nos ambientes de internações mostraram-se como possibilidades ainda pequenas, mas potentes na reflexão dos residentes a respeito de seu saber-fazer para além de suas especificidades. Além disso, notou-se que os espaços das Comissões de Ensino podem servir como suporte ao preceptor em momentos cujos contornos éticos e especificidades do mundo do trabalho são negligenciados pelos residentes. Tal processo ressalta a importância de garantirmos que o preceptor não seja o único responsável pela totalidade de um processo tão complexo quanto uma formação em serviço.



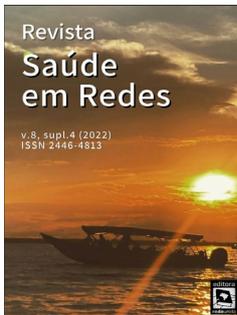
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

MATERNIDADE NA RUA: UMA ANÁLISE BIOPSISSOCIAL DA SAÚDE DAS MULHERES QUE GESTAM EM SITUAÇÃO DE RUA

LARA BARRETO CARDOSO, LUIZA SOARES DE MIRANDA LINO, YASMIN DO CARMO LIMA, DÉBORA GUIMARÃES DE SOUZA, JÚLIA MARTINS LAGE, KATHLEEN TEREZA DA CRUZ

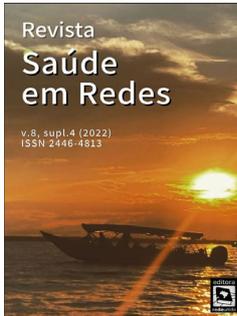
Apresentação: A rua possui significados e representações distintas a depender do indivíduo, podendo ser definida como um ambiente vivo, de construção dinâmica e coletiva. Consiste em espaço de transição, que pode ser ocupado para expressão de sentimentos, locomoção, trabalho e, também, moradia. Nessa conjuntura, ao mesmo tempo em que a rua é um território rico em singularidades de vivência, também é um espaço hostil, que escancara as desigualdades e submete os que vivem nela a diferentes formas de violência, sociais e institucionais. Dessa forma, é possível descrever a rua como um ambiente anômico, na medida em que nela os limites sociais encontram-se, muitas vezes, frágeis ou inexistentes, relativizando o que é justo ou injusto, legítimo ou ilegítimo, a depender das construções sociais em torno dos atores envolvidos. Sob essa perspectiva, é necessário pontuar que, no Brasil, os diferentes eixos de opressão que guiam essas construções convergem para pontos muito bem definidos, sendo os marcadores sociais de raça, gênero e território os mais marcantes na produção das vulnerabilidades. Logo, não é difícil imaginar que a vivência das mulheres que gestam na rua é atravessada por múltiplas camadas de complexidade, as quais impõe sobre elas o estigma da incapacidade de serem mães. Dessa forma, evidencia-se a necessidade de um olhar mais atento e singular para a maternidade na rua e seus desdobramentos em saúde, sendo o objetivo deste trabalho desenvolver uma análise crítica-reflexiva acerca dos enfrentamentos que atravessam a vivência dessas mulheres, a partir de uma dimensão biopsicossocial da saúde. Além disso, visa-se contribuir para a construção de conhecimento, descrevendo as principais falhas institucionais reproduzidas para com essa população. O artigo apresenta os resultados de pesquisa desenvolvida no período de 21 de junho a 20 de setembro de 2021, durante os encontros tutoriais que ocorreram na disciplina de Saúde da Comunidade II, do 2º período do curso de Medicina, nos quais realizaram-se rodas de conversa com convidadas que possuem experiência profissional e/ou pessoal na temática “Pessoas em Situação de Rua”, tendo sido aqui citadas com nomes fictícios. Tais discussões despertaram o interesse no grupo de pesquisa para a escolha do recorte desta revisão de literatura, a qual trata sobre maternidade na rua. A busca dos artigos científicos foi realizada nas bases de dados Lilacs, SciELO, BVS, PubMed e Google Acadêmico, utilizando os descritores: “pessoas em situação de rua”, “gravidez”, “gestantes”, “mulher” e “pré-natal”. Além disso, o critério de seleção dos artigos envolveu a restrição dos resultados aos idiomas inglês e português e ao Brasil como local de realização do estudo. Não houve restrição do intervalo do ano de publicação. Dessa forma, foram selecionados dezesseis artigos que compõem esta revisão, os quais abordam a temática das mulheres gestantes em situação de



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

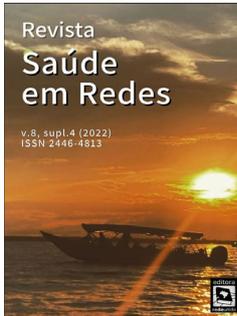
rua. A partir da revisão, percebeu-se que apesar do estigma social descartar as singularidades das viventes de rua (VR) e do atravessamento individual de marcadores sociais, a maioria das mulheres vivem na rua possuem experiências em comum que resultaram nessa condição: as violências as quais foram submetidas no decurso da vida. Entretanto, a rua é um local de exposição intensa quando se é mulher, devido à crença de dominação sobre os corpos femininos. Com isso, em busca de proteção, há a procura da construção de laços afetivos, geralmente com companheiros, sendo relacionamentos que, por vezes, resultam em novas violências, majoritariamente sexuais, podendo culminar na maternidade, sonho de algumas, mas não de todas. Assim, o foco deste trabalho voltou-se para as “mães de rua”- aquelas que desejam a maternagem e tentam exercê-la com a idealização de um futuro com a criança, perspectiva nem sempre concretizada, configurando uma problemática intergeracional. Nesse sentido, em sincronia com a gestação emerge o sentimento de insegurança, relacionado às inconstâncias de sustento, à ausência de contato familiar e, comumente, da figura paterna, mas principalmente à incerteza da permanência ou não da criança consigo. Desse modo, essas mulheres são julgadas como incapazes de serem mães, apenas por se distanciarem do modelo social hegemônico. No caso de mulheres cujo meio de subsistência é a prostituição e que fazem uso de drogas, a privação do direito à maternidade é frequentemente imposta, sem qualquer oferta de assistência, emocional ou jurídica. No que se refere à dependência química, tal situação pode desencadear um processo de “gravidez de repetição”- relacionado ao planejamento de ser mãe atravessado pela retirada sequencial das crianças de suas mães, por parte do Estado. Ademais, o desejo da maternidade mostra uma “mudança de postura” nas mães de rua que são usuárias, por meio da redução do uso de drogas durante a gestação. Além disso, foi possível constatar que a maioria das mulheres VR é negra, pobre, usuária de substâncias psicoativas e portadoras de algum transtorno de ordem psicológica. Frente à convergência de tais marcadores sociais, a construção social considera as viventes de rua como mulheres sem valor, não dignas dos direitos mais básicos, incluindo o da maternidade. Nesse aspecto, é possível observar, ainda, que a negligência dos direitos básicos da mulher justificada na defesa dos direitos da criança, constitui prática insensível e nada resolutive, tendo em vista que, após o afastamento do infante, geralmente, não há preocupação a longo prazo das instituições para com o futuro desses menores. Por consequência dessa ação arbitrária e violenta, muitas mulheres VR não procuram os serviços de saúde para o devido acompanhamento pré-natal, com medo de perderem suas crianças. Portanto, o modelo de maternidade construído a partir de critérios como estabilidade financeira, moradia, emprego e presença da figura paterna, não só exerce poder sobre os corpos e as escolhas das mulheres VR, como também restringe o acesso delas a uma rede de assistência adequada para a gestação e a vivência da maternidade. Compreende-se, portanto, que a maternidade na rua é atravessada por múltiplas complexidades, evidenciando, ainda, que o estigma construído em torno dos viventes de rua age como forte instrumento de marginalização, afastando-os de sua cidadania, uma vez que impõe barreiras institucionais para a efetivação de direitos básicos, como o acesso à saúde.



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

Assim, no caso das mulheres gestantes, a imagem preconceituosa e reducionista de suas vivências é também utilizada para privar-lhes do direito à maternidade. Ao contrário, o aparelhamento das instituições é comumente utilizado para condená-las, a partir de um julgamento autoritário, o qual coloca os Direitos da Criança acima dos Direitos da Mulher, quando deveriam ser complementares. Por fim, é imperativo que o cuidado em saúde seja entendido em uma dimensão biopsicossocial, de modo que as subjetividades sejam consideradas, a fim de que a autonomia dessas mulheres seja restaurada. Sob essa lógica, entende-se que, apesar de haver um crescente olhar para as necessidades da população VR, ainda são muitos os desafios para a concretização da promoção de um cuidado integral a essas pessoas, os quais se amplificam quando a análise é feita a partir de uma lente interseccional, como a escolhida pelo grupo. Assim, acredita-se que os dados e discussões aqui levantados contribuem para um melhor enfrentamento das demandas complexas que um olhar multidimensional da saúde apresenta, somando para a construção de uma geração de profissionais mais preparada para constituir as redes de apoio necessárias a essas mulheres e suas crianças.



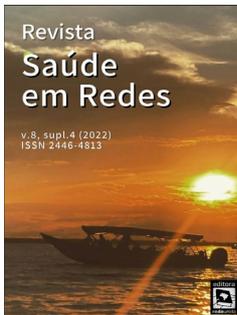
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE DIREITO DAS MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA

ROSIANI GOMES DE SOUZA, BRUNA ALVES MENDONÇA, FABIANE VICK

Apresentação: A violência contra a mulher incide em um problema que consiste em um fenômeno de transição demográfica que vem crescendo indiscriminadamente no Brasil e no mundo, e que aumentou ainda mais neste período de pandemia. A violência afeta mulheres de todas as classes sociais, etnias e regiões. Atualmente a violência contra as mulheres é entendida não como um problema de ordem privada ou individual, mas como um fenômeno estrutural, de responsabilidade da sociedade como um todo. Apesar dos números relacionados à violência contra as mulheres no Brasil serem alarmantes, muitos avanços foram alcançados em termos de legislação, sendo a Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006) considerada pela ONU uma das leis mais avançadas de enfrentamento à violência contra as mulheres do mundo. **Objetivo:** Abordar sobre os tipos de violência praticados contra a mulher e quais os direitos garantidos a essa população. E orientar a população da importância de denunciar qualquer situação de violência contra as mulheres. **Desenvolvimento:** A ação foi realizada na sala de espera da Unidade de Atenção Primária que é campo de prática da Residência Multiprofissional em Saúde da Família. O público-alvo foram os pacientes que aguardavam por consultas e demais atendimentos, para que conhecessem sobre o tema e soubessem intervir caso presenciem alguma situação de violência. Também foi possível esclarecer que a APS oferece serviços que auxiliam nestes casos de controle social e não somente nas condições de saúde. **Resultado:** os efeitos percebidos decorrentes da experiência ou resultados encontrados na pesquisa: Participaram dessa educação em saúde enfermeiros, dentistas, farmacêuticos, médicos e profissional da educação física. Pode-se afirmar que a roda de conversa foi muito esclarecedora sobre os direitos das mulheres que sofrem algum tipo de violência e quais atitudes podemos tomar tanto a população quanto os residentes, futuros profissionais frente a essa problemática. **Considerações finais:** Esta experiência contribuiu para que percebêssemos a relevância do tema nos dias atuais e lançássemos novos olhares sobre as estratégias de prevenção e promoção à saúde, a serem desenvolvidas na comunidade e nos serviços de saúde diante do tema proposto. Nesta perspectiva, a formação em saúde destaca a importância de atividades que contemplem a abordagem do tema “Violência” nas variadas formas lúdicas, objetivando um ambiente de aprendizagem capaz de suscitar nos residentes e na população o despertar para a solução de problemas. Considera-se, ainda, que esta metodologia de ensino colaborou para a construção de conceitos e experiências importantes no auxílio da formação profissional crítica e reflexiva dos profissionais.



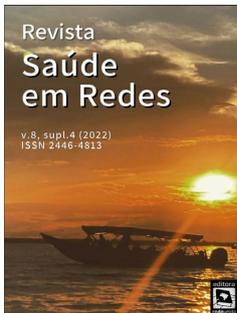
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

SAÚDE BUCAL E QUALIDADE DE VIDA DOS IDOSOS COM DIABETES MELLITUS E HIPERTENSÃO ARTERIAL SISTÊMICA MATRICULADOS NA FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ABERTA DA TERCEIRA IDADE EM MANAUS AMAZONAS

TANIA CRISTINE LIBORIO PEREIRA, ADRIANA BEATRIZ SILVEIRA PINTO, ANGELA XAVIER MONTEIRO, MARIA DE FÁTIMA RIBEIRO RODRIGUES, LAURAMARIS DE ARRUDA REGIS ARANHA, SHIRLEY MARIA DE ARAÚJO PASSOS

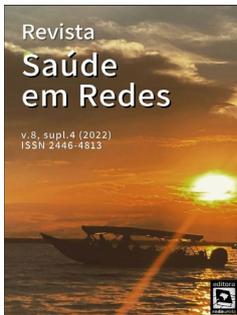
Apresentação: Mundialmente, tem se observando mudanças quanto ao aumento da população idosa. Estudos estimam que de 2010 a 2050 a população idosa duplicará, esse aumento será maior nos países em desenvolvimento. No Brasil, a população idosa vem crescendo bruscamente, espera-se que para 2050 a população idosa ultrapassará os 22,71% da população total. Esses dados nos mostram que a rápida elevação desses números evidencia a necessidade de melhorias na área da saúde com esse novo perfil epidemiológico. A saúde do idoso merece atenção, em especial no aspecto da saúde bucal, visto que estes carregam a herança de um modelo assistencial centrado em práticas mutiladoras e curativas com pouca resolubilidade. O aumento da população idosa vem se refletido num significativo aumento na prevalência de doenças crônicas Não Transmissíveis (DCNT). É possível destacar a Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS) e o Diabetes Mellitus (DM), ambas atingem cerca de 1,5 bilhões de pessoas no mundo e 50 milhões no Brasil. Existe uma relação direta da HAS e DM com a saúde bucal, associados a fisiopatologia das doenças ou ao seu tratamento medicamentoso. O objetivo desta pesquisa foi avaliar as condições de saúde bucal e qualidade de vida dos idosos com Diabetes Mellitus e Hipertensão Arterial Sistêmica matriculados na Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade no município de Manaus – Amazonas. Foi realizado um estudo transversal, utilizando o questionário GOHAI, índice CPO-D e o índice uso e necessidade de prótese e exames clínicos utilizando a ficha SB2010. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de ética em pesquisa da UEA, com parecer número: 3.391.607. Participaram da pesquisa idosos com idade acima de 60 anos com Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS) e o Diabetes Mellitus (DM) de ambos os sexos, matriculados na FUNATI no Município de Manaus-AM com idosos que consentirem a participação mediante a assinatura do TCLE, que estavam dentro dos critérios de inclusão. No questionário GOHAI, o idoso tem como opções as respostas ""sempre"", ""às vezes"" e ""nunca"". O resultado de cada voluntário pode variar de 12 a 36. Esses valores permitem classificar a autopercepção em ótimo (> 34), regular (30 a 33) e ruim (< 30). Para análise dos dados foi utilizado o software SPSS versão 20.0 para Windows. Participaram desta pesquisa 76 idosos matriculados nos cursos da Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade-FUNATI, sendo 64 % do gênero feminino e 27% masculino. A maioria dos idosos tinha idade entre 60 a 69 anos. Quanto ao grupo étnico, a maior porcentagem se deu na raça parda 42%, seguida por branca 35,5% e apenas um participante era indígena representando cerca de 1,3% da pesquisa. Quanto ao grau de escolaridade a maioria 41% dos idosos concluiu o ensino médio,



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

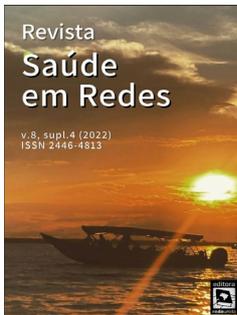
seguido pelo ensino fundamental 19,7% e apenas 7,8% afirmaram não ter escolaridade. Poucos possuem nível superior cerca de 11,8%. Com relação a Hipertensão Arterial Sistêmica e Diabetes Mellitus, todos os idosos participantes da pesquisa apresentavam alguma das duas comorbidades, Hipertensão Arterial Sistêmica e Diabetes Mellitos. 46 (60%) dos idosos apresentavam Hipertensão Arterial Sistêmica, 19 (25%) apresentavam Diabetes Mellitos e 11 (14%) apresentavam as duas comorbidades. Quanto ao uso e necessidade de prótese dentária, estudo foi encontrado que 55% dos idosos avaliados utilizam prótese superior e 42% dos idosos utilizam prótese inferior, 45% dos idosos não necessitam de prótese dentária superior e 34% dos idosos não necessitam de prótese inferior. Em relação a prevalência de cárie foi encontrado um CPO médio igual a 25,3, sendo o componente Perdido (extraído + indicação de extração) o mais prevalente 82% seguido por 11% cariado e 5% obturado. Quanto ao índice GOHAI, obtido por meio do questionário, percebeu-se uma variação de resultados de 19 à 30 pontos, com média de 25,28 pontos, o que é considerada “ruim” de acordo com este índice utilizado. 53,4% dos idosos apresentaram uma autopercepção em saúde bucal ruim e 46,6% tem autopercepção em saúde bucal considerada regular. Envelhecer é um processo natural e heterogêneo que tornam frequentes patologias como lesões orais e infecciosas, resultantes principalmente da relação de diversos fatores com uso de próteses, microrganismos, nutrição, alterações hormonais e redução do fluxo salivar. Fatores como educação, renda, sexo, apoio social e depressão também estão correlacionados a saúde bucal do idoso, aumentando a necessidade de tratamento odontológico. A prevalência do sexo feminino na presente pesquisa é coincidente com outros estudos epidemiológicos, essa prevalência pode ser justificada devido a uma população maior do sexo feminino usuária dos serviços públicos de saúde e ao fato da realização da pesquisa ter ocorrido em um centro de convivência, onde as mulheres são mais ativas e têm mais interesse em participar de atividades, quando comparadas aos homens. Quanto ao CPOD dos idosos, o grande número de dentes perdidos nos participantes dessa pesquisa, corrobora com estudos epidemiológicos em saúde bucal semelhantes no País, que mostram que ausência de dentes entre os idosos é ainda alarmante e um reflexo de uma odontologia pautada em práticas curativas, com foco principalmente em extrações e reabilitações com prótese dentária. A maioria dos idosos desta pesquisa utilizavam prótese, o que pode ser atribuído a uma maior utilização de prótese pelos idosos, devido a metas traçadas pela OMS em 2010 e a implantação dos Centros de Especialidades Odontológicas. A satisfação do paciente quanto ao uso de prótese está intimamente ligada a qualidade e funcionalidade que a prótese total proporciona. A média do índice GOHAI obtida nessa pesquisa foi 25,28 pontos, caracterizando uma autopercepção de saúde bucal dos idosos “ruim”. Outras pesquisas realizadas no Brasil, apontando escore semelhantes ao da pesquisa. A precária condição dentária muitas vezes não é percebida pelo idoso pois grande parte não apresenta sintomatologia dolorosa, o que não foi o caso dos idosos participantes dessa pesquisa, e o número exacerbado de dentes extraídos é tido como um processo natural consequente do envelhecimento. Os idosos participantes desta pesquisa possuem condições de saúde bucal



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

precária. Em um estudo sobre multimorbidade levanta a hipótese da influência do acúmulo de doenças crônicas na de piora das condições de saúde bucal, quando ocorre o acometimento do paciente por mais de uma doença ao mesmo tempo, somadas a diabetes e hipertensão, ocorre uma grande probabilidade de declínio funcional o que predispõe a piora com os cuidados com a saúde bucal, como consequência as condições clínicas bucais precárias. A percepção do idoso quanto a sua saúde bucal é um critério fundamental para elevar a adesão a práticas saudáveis, as quais agregam impactos positivos na qualidade de vida. Os levantamentos epidemiológicos são fundamentais para o planejamento e promoção da saúde bucal dos idosos. É necessário continuar a fornecer orientações aos idosos, principalmente idosos com condições crônicas (diabetes e hipertensão). A autopercepção do idoso quanto a sua saúde bucal é fundamental para adesão a práticas saudáveis, que visem a melhora na qualidade de vida, é um grande passo para salientar políticas públicas que visam a melhoria do estado de saúde e bem-estar. São necessárias mais pesquisas que visem a percepção da condição da saúde bucal pelo idoso relacionadas ao seu bem-estar e felicidade. A Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade em Manaus/AM tornou-se um espaço primordial para a construção de um envelhecimento ativo e saudável, e com idosos interessados no autocuidado. Palavras-chave: Atenção Integral à Saúde. Múltiplas Afecções Crônicas. Odontologia Geriátrica.



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

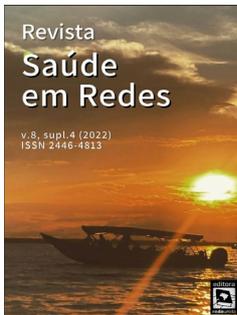
Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

FORTALECIMENTO DO SUS POR LIGAS ACADÊMICAS POR MEIO DE UM CONGRESSO ONLINE

EDUARDA LUIZA MACIEL DA SILVA, ANA BELL NYLAND KAISER, FELIPE COMIN, CINTHIA DE FÁTIMA MACHADO, DÉBORA CECCATTO, CLÁUDIO CLAUDINO DA SILVA FILHO

Apresentação: As ligas acadêmicas são voltadas para a promoção à saúde, educação e pesquisas, auxiliando no desenvolvimento científico e aprimoramento das diversas áreas da saúde, favorecendo assim a mobilização de grupos e também contribuindo para o aprofundamento e exploração de temáticas, com o propósito de integrar atividades de ensino, pesquisa e extensão. Com base nisso, o objetivo deste estudo é analisar o impacto de um Congresso Online no fortalecimento e na divulgação de conhecimento acerca de conteúdos vinculados ao Sistema Único de Saúde (SUS). O 2º Congresso Online da Associação Brasileira de Ligas Acadêmicas de Saúde da Família (ALASF) foi realizado nos dias 13,14 e 15 de julho no ano de 2021, sendo organizado pela diretoria da associação e 55 de suas ligas, como, também, por seus colaboradores. Esse possuiu como tema central “ALASF: Ligados no fortalecimento do SUS”, sendo apresentado por meio de palestras e oficinas, garantindo acesso a fatos, temas, fenômenos e experiências vivenciadas no SUS. Os processos avaliativos foram embasados em metodologias de ensino ativas como a realização de perguntas e preenchimento de questionários entregues ao final das palestras e oficinas. Pautado nos três pilares universitários de pesquisa, ensino e extensão, o congresso online promoveu práticas multidisciplinares de fortalecimento do SUS, tendo em vista a produção científica, a promoção diferenciada em saúde, a reflexão crítica, a propagação de conhecimento, bem como a integração entre ensino-comunidade.

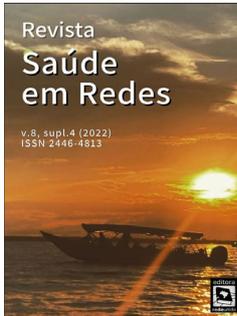
Desenvolvimento: Trata-se de um relato de experiência de natureza descritiva do 2º Congresso Online da ALASF, organizado por ligas acadêmicas que são associadas à Associação Brasileira de Ligas Acadêmicas de Saúde da Família (ALASF), a qual conta com mais de 140 ligas associadas, que abrangem temáticas como a Medicina de Família e Comunidade, Saúde Coletiva, Atenção Primária à Saúde, entre outros. O Congresso ocorreu nos dias 13,14 e 15 de julho de 2021 com palestras magnas ocorridas nos três dias com a presença de convidados renomados. O evento, por sua vez, ocorreu de maneira online e teve como público-alvo todos os participantes das ligas associadas à ALASF. Além disso, houve a oferta de vinte e sete oficinas distribuídas entre os dois primeiros dias, todas em modo on-line e gratuito, relacionadas com o lema do congresso, o qual baseou-se em três eixos: Ligados no Fortalecimento do SUS; Controle Social em Saúde e Educação Popular em Saúde e Mídia. Além disso, o Congresso proporcionou ao público alvo a submissão de artigos e apresentações orais. As ligas acadêmicas configuram-se como importantes instrumentos para abranger o tripé de ensino, pesquisa e extensão, o qual constitui o eixo fundamental das universidades brasileiras, visto que, são instituições que proporcionam aos acadêmicos maior



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

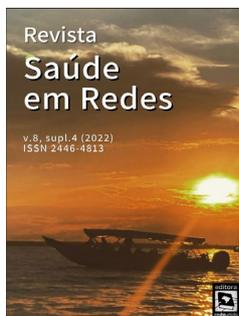
contato com a sociedade/comunidade promovendo saúde e transformação social, além de serem importantes para o desenvolvimento dos conhecimentos teórico-práticos adquiridos ao longo da graduação. Visando promover saúde e fortalecer o atendimento prestado pelos futuros profissionais de saúde em formação atualmente, a Liga Acadêmica de Saúde Coletiva (LASC), da Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Chapecó participou da organização do 2º Congresso Online da ALASF (CONA), atuando nas comissões de oficina e patrocínio, com o objetivo de contribuir para a formação dos estudantes sobre a atenção primária brasileira, através de compartilhamento de informações, experiências e vivências entre as ligas participantes que obtiveram o lema sobre a luta pela saúde pública do Brasil. Resultado: As Ligas Acadêmicas na área da saúde são instrumentos fundamentais no processo de fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS), uma vez que possibilitam uma formação acadêmica crítica-reflexiva através da construção de saberes e conhecimento entre docentes, profissionais da área e alunos. Ademais, as ligas no geral possibilitam que os acadêmicos desenvolvam um olhar mais ampliado e voltado à realidade, identificando necessidades e portanto, criando modos de enfrentamento das mesmas através do trabalho interprofissional. A partir disso, surge a ALASF, a qual tem por objetivo promover a integração de ligas acadêmicas em nível nacional relacionadas à medicina de família e comunidade e Atenção Primária em Saúde, e que no ano de 2021 promoveu o 2º Congresso Online da ALASF (CONA II), com a intenção de ampliar discussões acerca do Sistema Único de Saúde debatendo coletivamente temas, a fim de vislumbrar problemáticas e resoluções em saúde. Ainda sobre isso, a Liga Acadêmica de Saúde Coletiva (LASC), da Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Chapecó participou ativamente através da organização de uma oficina intitulada “Teoria Freiriana: como suas contribuições podem auxiliar a formação do profissional de saúde”, abordando os principais conceitos de Freire. Ademais, em relação ao impacto e contribuições das ações realizadas no Congresso, pode-se citar o fortalecimento do senso crítico de futuros profissionais da área da saúde, além de auxiliar no reconhecimento dos mesmos às reais vulnerabilidades e potencialidades da comunidade, fortalecendo portanto, o SUS e construindo um cuidado mais humanizado e abrangente. Considerações finais: Pode-se observar com a realização do Congresso Online um impacto positivo aos participantes do evento e conseqüentemente para a sociedade, uma vez que potencializou habilidades importantes como a comunicação, a prática e a integração. Dessa forma, tanto no processo de criação, quanto na apresentação das palestras e realização das oficinas, foi possível perceber o protagonismo dos estudantes, bem como os interesses desses pelas temáticas relacionadas ao Sistema Único de Saúde. Em relação ao processo de fortalecimento do SUS, cabe ressaltar o grande desmonte que ocorre nos últimos anos, permeado pelo subfinanciamento, pelas Fake News e pela aprovação de projetos que demonstram ser um grande retrocesso. Ademais, a colaboração entre as ligas para a realização de congressos é fundamental para propagar informação de qualidade, garantindo subsídios de orientação na luta contra o aniquilamento do SUS, a fim de garantir uma saúde pública integral e de qualidade, além de permitir a formação de discentes com práticas



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

discursivas, pensamentos críticos e participação social. Isto posto, concluímos que as Ligas Acadêmicas, mesmo de forma online, serviram como pontes de acesso às informações e à realização de práticas, atingindo os objetivos esperados. Todavia, por ser um ambiente recente de realização de congressos, enfatiza-se a necessidade de mais investimentos, para que se possa aumentar o alcance e garantir maior participação da comunidade, a fim de alterar o cenário atual.



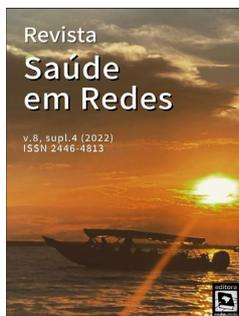
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ENFERMARIA PSIQUIÁTRICA DO CENTRO DE DETENÇÃO PROVISÓRIA DE MANAUS (CDPM)

THIFANY THAYNÁ OLIVEIRA PEREIRA

Apresentação: O presente trabalho visa relatar a vivência do acadêmico de enfermagem no âmbito da Saúde Mental e Psiquiátrica, com a População Privada de Liberdade que estão cumprindo medida de segurança e apresentam algum transtorno mental. A enfermagem desenvolve o cuidado na prática social, oferecendo o compromisso para uma assistência integral nos mais diversos âmbitos de saúde. Tem como objetivo identificar as principais linhas de cuidados na assistência de enfermagem em psiquiatria, na visão do acadêmico. **Desenvolvimento:** Trata-se de um relato de experiência vivenciado durante o estágio extracurricular na Enfermaria Psiquiátrica do Centro de Detenção Provisória de Manaus (CDPM), sob a responsabilidade da Secretaria de Estado de Administração Penitenciária (SEAP), no período de setembro de 2019 a fevereiro de 2020. **Resultado:** Durante a atuação da equipe, observou-se a importância do profissional enfermeiro no desenvolvimento das atividades, a fim de proporcionar a assistência e tratamento mais adequado para os pacientes, mesmo com a escassez de recursos. A enfermeira responsável do plantão, desempenha também o papel de gerência, organizando a unidade e sendo resolutiva nas possíveis eventualidades, no que diz respeito aos internos e à equipe. Nas atividades assistenciais, é notório a necessidade do conhecimento teórico-científico nas intercorrências de surtos psicóticos, avaliações diárias, controle e administração de medicamentos psicotrópicos prescritos pelo psiquiatra, planos de cuidados para cada indivíduo e/ou grupo. O acolhimento é fundamental para um melhor acompanhamento, demonstrando preocupação com o bem-estar, adquirindo a confiança, e oferecendo o cuidado holístico, para que cumpram a medida de segurança em tempo hábil. **Considerações finais:** Verifica-se ao decorrer da experiência, que o papel do enfermeiro na unidade é essencial para o fortalecimento do vínculo entre a equipe e os pacientes em internação, assim como os diversos desafios que a área abrange, proporcionando a capacitação dos profissionais e reuniões para o planejamento do cuidado multidisciplinar, qualificando o tratamento e obtendo êxito nos resultados. **Descritores:** Enfermagem Psiquiátrica; População Privada de Liberdade; Equipe Multiprofissional.



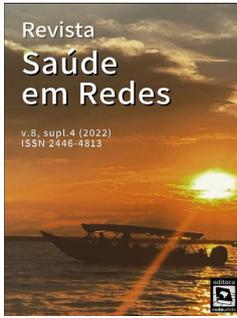
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

IMPACTO DA PANDEMIA DA COVID-19 NAS PRÁTICAS CLÍNICAS DOS ACADÊMICOS DO CURSO DE ODONTOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

TANIA CRISTINE LIBORIO PEREIRA, ADRIANA BEATRIZ SILVEIRA PINTO, ANGELA XAVIER MONTEIRO, MARIA DE FÁTIMA DE FÁTIMA RIBEIRO RODRIGUES, LAURAMARIS DE ARRUDA REGIS ARANHA, SHIRLEY MARIA DE ARAÚJO PASSOS

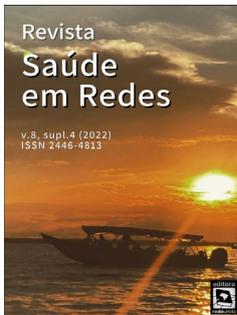
Apresentação: A pandemia de covid-19 gerou grandes impactos na odontologia, uma vez que o cirurgião dentista é submetido diversas vezes ao contato direto com a saliva e aerossóis que ficam submersos no ambiente durante o atendimento, sendo estas as principais formas de contaminação. Com a retomada gradual das atividades em consultórios e centros universitários, o objetivo desta pesquisa foi avaliar o impacto da pandemia de covid-19 entre os acadêmicos de odontologia na Universidade do Estado do Amazonas e saber de que forma os acadêmicos foram atingidos. O estudo em questão torna-se relevante, uma vez que Manaus foi uma das cidades do Brasil que entrou em rápido colapso com os casos de covid-19, sendo conhecida como uma das piores situações de todos os estados. Foi realizado um estudo descritivo de forma transversal. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em pesquisa da Universidade do Estado do Amazonas, e aprovada com parecer número 4.525.486. A coleta de dados foi realizada no período de fevereiro a junho de 2021. Participaram da pesquisa os discentes maiores de 18 anos, matriculados e cursando disciplinas no curso de Odontologia da ESA/UEA, que consentirem a participação mediante assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, respondendo o questionário na plataforma Google Forms. Os dados foram tabulados utilizando o programa Microsoft Excel 2010 e submetidos à análise estatística utilizando o software SPSS versão 20.0 para Windows. Participaram da pesquisa 93 acadêmicos, 75,3% feminino, com a média de idade de 25,5. 94,6% dos discentes entenderam o motivo da paralisação, 34,4% consideraram que a covid-19 gerou condições negativas nas suas atividades. 72% dos pacientes cancelaram suas consultas de retorno ao tratamento. 59,1% dos discentes pensaram em trancar ou conheceram alguém que trancou o curso, 64,5% mudaram seus EPI com a pandemia, 72,2% passaram a usar máscara N95, dupla camada de luva, face Shields, jaleco descartável e óculos de proteção. 81,7% dos discentes revelaram ter dificuldade em encontrar EPI's para comprar. 60,2% dos acadêmicos estão extremamente preocupados em contrair covid-19, 63,4% perderam um parente ou conhecido por covid-19. 40,9% responderam que a pandemia foi um problema que os incomodou por vários dias, 50,5% estão extremamente preocupados com seu futuro e o que preocupa 90,3% é não saber quando essa situação emergencial vai acabar. Sobre as emoções quando pensam em covid-19, 59,1% sentem medo, 57% ansiedade, 75,3% preocupação, 54,8% tristeza e 41,9% raiva. Uma acadêmica relatou ter tido crise de ansiedade quando respondeu o questionário. A pandemia de covid-19 afetou diretamente a prática clínica o cotidiano dos acadêmicos entrevistados, foi necessária a adaptação ao novo normal, como a utilização de novos EPIs, e houve uma maior



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

preocupação por parte dos acadêmicos com o futuro. É de grande relevância pesquisas que busquem analisar as mudanças ocorridas nas atividades acadêmicas devido a pandemia de covid-19, principalmente relacionadas às práticas acadêmicas dos estudantes de odontologia que precisaram se adaptar aos novos protocolos para o atendimento odontológico. Palavras-chave: Covid-19; Contaminação; Assistência odontológica.



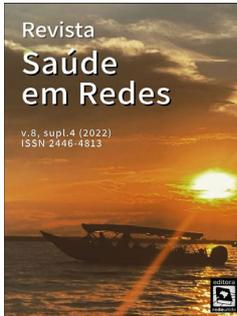
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

EXPERIÊNCIA DO FISIOTERAPEUTA NO ENFRENTAMENTO DA COVID-19 EM AMBIENTE AMBULATORIAL

CÉLIA MARIA DA ROCHA MARANDOLA, CRISTIANE GOLIAS GONÇALVES, SABRINA CANHADA FERRARI PRATO, GISELE YURI DA SILVA, GISLAINE NAZÁRIO DE LIMA HAYASHI, ADRIANA TIE SASSAKI, FERNANDO HAYASHI

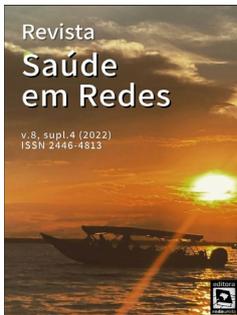
Apresentação: A fisioterapia tem sido reconhecida a nível mundial como parte fundamental na reabilitação devido à diversidade de sequelas deixadas pela covid-19. Tal profissão requer iniciativa e coragem no enfrentamento dos riscos visando uma melhora no quadro de saúde do usuário. O objetivo é relatar a experiência vivenciada nos atendimentos dos pacientes acometidos pela covid-19 no ambiente ambulatorial. **Desenvolvimento:** estudo qualitativo de caráter descritivo na modalidade relato de experiência realizado por profissionais de saúde de um Centro de Reabilitação e Promoção à Saúde do município de Cambé-PR. Os atendimentos dos pacientes pós-covid-19 iniciaram-se após um rigoroso protocolo de segurança e adaptação do ambiente. Nas reuniões de equipe surgiam questionamentos que revelavam sentimentos de angústia, medo e insegurança frente às sequelas, as possibilidades de cura e de reabilitação. Assim, a equipe iniciou um processo de readequação do ambiente com protocolos de segurança e medidas de proteção como: triagem realizada na porta de entrada, aferição de temperatura, uso de álcool gel nas mãos, uso obrigatório de máscara, distanciamento dos assentos na sala de espera e utilização de EPIs visando à proteção dos pacientes e profissionais de saúde. As sessões de fisioterapia realizadas duas vezes por semana com duração de 45 minutos são compostas por: exercícios de alongamentos, fortalecimento e aeróbicos. Neste período de incertezas a equipe buscou atualizações científicas sobre a doença e suas possíveis sequelas. **Resultado:** As adequações realizadas no serviço possibilitaram um atendimento mais seguro. O uso dos equipamentos de proteção individual (EPI) e outras medidas de segurança garantiu a proteção dos profissionais e pacientes, sem prejuízos ao tratamento. Buscando atender as normas estabelecidas pelos protocolos de segurança o número de atendimento por horário foi reduzido, favorecendo um atendimento mais direcionado na reabilitação individual. Percebemos que após dez sessões em média de fisioterapia os principais sintomas relatados no início do tratamento foram amenizados, e embora, os pacientes não tenham verbalizado houve melhora significativa dos quadros de dispneia, fadiga, força muscular e desempenho da marcha possibilitando o retorno às atividades de vida diária e ao trabalho. **Considerações finais:** é notório que a equipe passou por uma importante imersão na prática de saúde, o que possibilitou a construção de um aprendizado significativo a partir das suas práticas de saúde. Por outro lado, o trabalho compromissado com o usuário favoreceu a reabilitação funcional, por ora, reduzida ou prejudicada pela internação hospitalar prolongada. Embora os casos de sequelas por covid-19 tenham sido considerados graves na admissão, o tratamento foi desenvolvido a nível ambulatorial reafirmando que as atribuições do profissional



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

fisioterapeuta podem ser desenvolvidas em diferentes espaços e em complexidades distintas. Por fim, a avalanche de emoções vivenciada pela equipe durante o atendimento aos pacientes com sequelas do coronavírus possibilitou um aprendizado que fez sentido aos profissionais de saúde, reforçando assim, a importância da fisioterapia no processo de recuperação das funcionalidades do paciente como um todo, mesmo em tempos de pandemia por covid-19. Palavras chave: Trabalhadores da Saúde; Reabilitação; Fisioterapia; Covid-19.



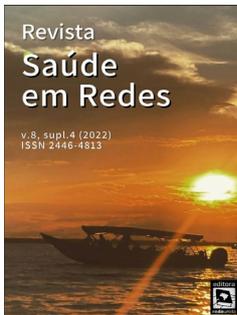
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

ESTAÇÃO COM VIDA CIDADÃ, UM CONVITE À AÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO INTERVENÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

ANA MARISA SKAVINSKI, ELOISA SOLYSZKO GOMES, ANA PAULA GEMELLI, RAQUEL MARGARETE FRANZEN DE AVILA, ROBERTA FLORES DE ANDRADE, MARIA EDUARDA BASSANI FUNKE, MÁRCIA FERNANDA DE MÉLLO MENDES

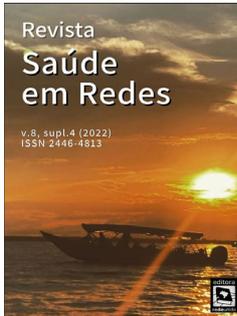
Apresentação: A crise sanitária mundial provocada pela covid-19 explicitou limites nos processos de organizar a vida e a saúde das pessoas e coletividades em escala global. No Brasil, os desafios impostos pela pandemia se somam à crise política que o país vive atualmente, além de suas históricas desigualdades sociais e econômicas. Fatores de vulnerabilidade como raça, classe, escolaridade, gênero e origem geográfica acabam por influenciar perfil o epidemiológico de covid-19 no Brasil. Comunidades sem saneamento básico, moradias insalubres, falta de acesso a condições básicas de vida, o alto índice de trabalho informal, dificultam a adesão às medidas recomendadas pela Organização Mundial de Saúde, como isolamento social e medidas básicas de higiene. Desta forma, enfrentar a pandemia no contexto brasileiro demanda pensar alternativas de cuidados de saúde que atentem para complexidade da vida nos territórios. Nesse sentido, foi criado no Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) campus Alvorada o projeto de pesquisa intervenção, o Com Vida: Projeto Integrado de Estratégias Territoriais de Promoção e Educação em Saúde que tem como objetivo compreender e fomentar a participação social e as iniciativas de produção de saúde e de vida no território, sistematizando-as em uma perspectiva interseccional como educação permanente no enfrentamento à covid-19, às iniquidades e às violências, intensificadas pela pandemia. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa que tem como característica principal o uso de metodologias participativas. Nesta perspectiva metodológica na impossibilidade de definir o passo a passo do que aconteceria, realizamos a apresentação de pistas que direcionariam os caminhos desse estudo, aqui denominadas de camadas. A primeira camada se propõe a conhecer o campo; a segunda a verificar as demandas da comunidade naquele território; a terceira a construir respostas; e a quarta a elaborar relatórios, manuscritos e divulgação dos resultados. Uma outra estratégia utilizada foi a construção do programa de extensão Estação Com Vida Cidadã, que tem o objetivo de oferecer formação para a cidadania de acordo com as demandas que surgissem no decorrer da execução do Projeto. Paralela a proposta de ações junto à comunidade é importante olhar para as expectativas, as propostas e as frustrações dos pesquisadores participantes do projeto diante das adversidades e entraves causados pela pandemia, pois foi necessário se readaptar diante das mudanças nas rotinas pessoais. No IFRS campus Alvorada são mais de 18 meses sem aulas presenciais e somente em maio de 2021 o calendário oficial foi retomado e a partir de julho de 2021 estudantes de diferentes cursos passaram a integrar o projeto. Mesmo com um forte desejo de levar a pesquisa para além dos muros da instituição acadêmica, da pesquisa bibliográfica e das reuniões virtuais, os protocolos de distanciamento



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

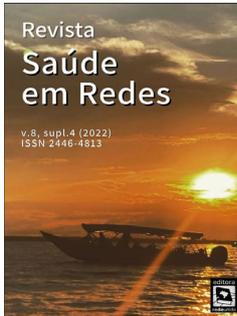
social adotados devido à pandemia de covid-19 ainda exigem cautela e nos direcionam a buscar outras formas de aproximação com o território. E foi com esse intuito que começaram a mapear organizações atuantes nas comunidades, e buscaram parcerias com grupos da sociedade civil que já atuam no território para colaborar, de alguma forma, com as ações o que já vem acontecendo. Por conta da pandemia, os encontros para discussões do projeto têm acontecido de forma virtual e isso está fazendo com que as ações não cheguem as pessoas em situação de maior vulnerabilidade, aqueles moradores que estão em risco alimentar, que não tem acesso à internet e que muitas vezes não sabem onde fazer suas reivindicações visto que alguns órgãos públicos estavam atendendo de forma remota. Através dos contatos, o Programa Estação Com Vida Cidadã tem colaborado de forma ativa na organização de diferentes atividades que permitiram conhecer o território e fortalecer redes, pois, além de fomentar discussões propositivas, as ações servem como um ponto em comum entre diferentes entidades e incentiva a interação entre elas. É importante destacar três eventos em que o projeto atua como facilitador apoiando o coletivo proponente: o Rompendo a Bolha que são rodas de conversas virtuais sobre temas relevantes para a comunidade e que teve o primeiro encontro organizado pela ONG Embrião, abordando questões ambientais e de sustentabilidade. O segundo encontro contou com a participação ativa dos integrantes do Com Vida na organização com o tema da Rompendo a Bolha produzindo orgulho: Desafios na acessibilidade em Alvorada e neste encontro já foi possível perceber que juntamos em uma mesma sala (mesmo que virtual) várias entidades que, mesmo tendo necessidades e demandas muito similares, não se reuniam ou nem mesmo sabiam da existência uma das outras. E após a realização desses dois eventos, já iniciamos os preparativos para mais um encontro, desta vez para falar sobre saúde mental. Outra atividade do Estação Com Vida Cidadã é o Vida adulta: o que não nos contaram proposto pelos estudantes do ensino médio do IFRS Alvorada no qual se promove rodas de conversa sobre temáticas que causam dúvidas aos estudantes acerca das dificuldades que são encontradas ao iniciar a vida adulta, o primeiro encontro realizado em setembro abordando o ingresso na faculdade por meio de vestibular e do ENEM, o sistema de cotas e a elaboração de provas. A terceira ação acontece em parceria com a Rede Unida, o Com Vida apoia a realização de uma formação em direitos humanos com cinco encontros que acontece aos sábados. chamada Emergências em Direitos Humanos: vozes que ecoam, populações que resiste. Até o momento foram realizados dois encontros da formação. O último encontro foi marcado pela presença de pessoas haviam participado do Rompendo a Bolha. O que contribuiu para que rede de contatos extrapolasse os limites do município e provocasse interações de uma realidade de distintos grupos, tínhamos um representante do coletivo surdo em uma discussão de decolonialidade. O Com Vida tem como foco as áreas da saúde e educação no território. Quando se fala em saúde, é preciso lembrar que não é ter um corpo livre de doenças; ter saúde é viver com dignidade e respeito, ter boas condições de trabalho, alimentação adequada, moradia e lazer entre outras coisas e a educação vai muito além do que se aprende nos bancos escolares. Para ter saúde é preciso compreender criticamente o lugar



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

que ocupamos dentro da sociedade, é conhecer nossos direitos como cidadãos e saber como reivindicá-los. Conceber um projeto integrado e multidisciplinar de pesquisa que tem como prioridade ações territoriais em contato direto com a comunidade, onde os pesquisadores atuam como coadjuvantes que buscam potencializar que os moradores dos territórios identifiquem suas demandas busquem soluções, sendo ele os protagonistas de suas histórias durante a pandemia. Este foi um dos principais motivos que estudantes e bolsistas relatam como justificativa de fazer parte do projeto. O projeto Com Vida está em sua fase inicial e mesmo assim é possível ver alguns movimentos favoráveis e a expectativa de um aprofundamento de ações práticas dentro do território.



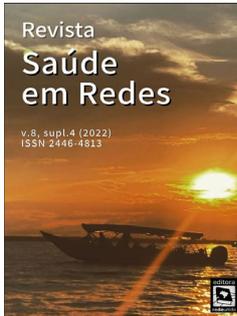
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

DESAFIOS DA ASSISTÊNCIA FISIOTERÁPICA VIA TELEATENDIMENTO EM TEMPOS DE PANDEMIA POR COVID-19: UM RELATO

CRISTIANE GOLIAS GONÇALVES, SABRINA CANHADA FERRARI PRATO, GISELE YURI DA SILVA, GISLAINE NAZÁRIO DE LIMA HAYASHI, ADRIANA TIE SASSAKI, FERNANDO YOSHIO HAYASHI, LUCAS HENRIQUE ROMAGNOLO, CÉLIA MARIA DA ROCHA MARANDOLA

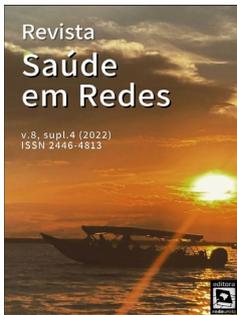
Apresentação: É dever do profissional fisioterapeuta dentro de suas competências, prestar o necessário auxílio social e humanitário no momento de crise pandêmica que acomete o mundo. **Objetivo:** desse trabalho é relatar a experiência vivenciada pelos fisioterapeutas na realização do teleatendimento em ambiente ambulatorial durante o enfrentamento de covid-19. **Desenvolvimento:** no início da pandemia todos os atendimentos ambulatoriais foram suspensos e o tratamento fisioterapêutico interrompido abruptamente. Com a Resolução nº 516 de 20 de março de 2020 o COFFITO regulamentou a Teleconsulta, Telemonitoramento e Teleconsultoria, abrindo uma possibilidade de atendimento ao paciente. Iniciou-se atendimento de teleatendimento semanal para dar continuidade ao tratamento dos pacientes que foram interrompidos com agendamento das teleconsultas no mesmo horário que o paciente realizava anteriormente fisioterapia presencial. Nessas sessões realizávamos uma breve avaliação, orientando exercícios para continuidade do plano terapêutico com e um momento de tirar as dúvidas em relação aos exercícios que já estavam sendo realizados, assim como orientação de medidas paliativas como crioterapia, termoterapia, acupuntura, ioga, reiki. O intuito desses atendimentos por telefone era finalizar os atendimentos já iniciados e manter os benefícios já adquiridos pelo tratamento fisioterapêutico realizado. Com o passar dos meses de pandemia e reabertura dos serviços presenciais e priorização dos pacientes que voltariam ao atendimento ambulatorial presencial surgiu uma nova demanda de uma categoria de pacientes que permaneceria muito tempo na fila sem atendimento como, por exemplo: paciente com incontinência urinária, crianças com várias patologias, adolescentes para tratamento postural e pacientes idosos com comorbidades. Assim, iniciamos o atendimento com avaliação presencial, montagem de terapias impressas e treinamento do paciente e da família para realizar a reabilitação no domicílio, intercalando com teleatendimentos e retornos para novas listas de exercícios até a reavaliação final, orientações e alta destes pacientes. **Resultados, impactos ou efeitos percebidos decorrentes da experiência:** O teleatendimento possibilitou o atendimento de pacientes que não eram prioridade no momento da reabertura presencial dos atendimentos, garantindo assistência individualizada à uma parcela significativa de pacientes que não tinham previsão de ser atendidos na reabertura dos ambulatórios de fisioterapia, devido a grande demanda de pós-operatórios de fraturas e reabilitação de pacientes pós covid-19. Outro ponto importante foi à interação da família como parte fundamental na reabilitação das crianças e o vínculo estabelecido entre o terapeuta e a família colocando o paciente como ponto fundamental na



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

sua recuperação. Considerações finais: O teleatendimento surgiu como uma nova modalidade de reabilitar e trouxe muitos desafios na prática clínica em um cenário de pandemia global, mostrando-se como importante ferramenta para auxiliar o paciente na realização dos exercícios e continuidade do tratamento. Trata-se de uma modalidade que pode ser incorporada na rotina de atendimentos juntamente com o telemonitoramento que se observou fundamental durante o processo, com contatos agendados previamente e orientações individualizadas. Palavras chave: Trabalho em Saúde; Teleatendimento; Fisioterapia; Pandemia; Covid-19.



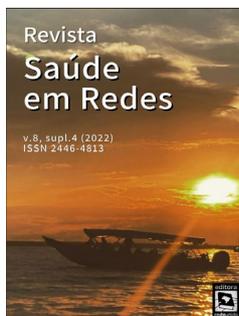
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

OS VÁRIOS ESPECTROS DOS NEGACIONISTAS NA PANDEMIA EM SANTA CATARINA

DAVI DA SILVEIRA SEER, KAROLINA ADRIANA DA SILVA, PRISCILA PAVAN DETONI

Apresentação: A negação, de acordo com a psicodinâmica do trabalho, se apresenta como um dos mecanismos de defesa individuais e coletivos para a manutenção da saúde e enfrentamento de condições externas adversas através de um consenso de mobilização coletiva de um determinado grupo de trabalhadoras e trabalhadores que buscam transformar ou minimizar a sua realidade para manter o trabalho cotidiano. Isso foi perceptível em algumas entrevistas realizadas com profissionais da área de saúde do Estado de Santa Catarina, em um braço do projeto de pesquisa “A Covid-19 no Brasil: análise e resposta aos impactos sociais da pandemia entre profissionais de saúde e população em isolamento”, desenvolvido pela Rede covid-19 Humanidades MCTI, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em que aparecem relatos que mostram que mesmo após um plantão tenso, conflituoso e extremamente estressante com morte de pacientes como na pandemia de covid-19, a negação para continuar os fluxos da vida e do trabalho são uma primeira defesa para resistir e retornar ao trabalho. Destaca-se a negação dos riscos e do sofrimento como controle excessivo de trabalhadores e trabalhadoras da linha de frente no enfrentamento à pandemia, os quais podem sofrer por processos de alienação na minimização das situações que podem levar ao adoecimento psíquico e físico. Contudo, essas estratégias de negação alimentadas por fake news podem ser nocivas, tendo em vista que não implicam em estratégias mobilizadoras que promovam a proteção coletiva, de reinventar outras formas e processos de trabalho e, assim, invisibilizam os fatores adversos. A produção de pós-verdades, frente à negação intencional da ciência e à aceitação de intervenções sem validação comprovada, desde a divulgação/exaltação de medicamentos/terapias de eficácia duvidosa ou defesa de estratégia contrária às orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS), foram deliberadas por agentes do negacionismo liberal a serviço de uma necropolítica. Inclusive, os casos de subnotificação dos casos e mortes por covid-19, como no Estado de Santa Catarina em estudo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mostra que houveram muitos casos de Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG) e que há mais mortes nos cartórios do que as notificadas diariamente. Por isso, não se pode afirmar que exista um único rol de negacionistas, porque estão a serviço de diversos interesses políticos e econômicos, apesar de interconectados.



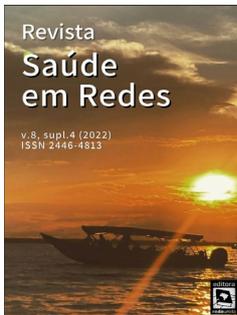
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

EVASÃO ESCOLAR: UM DESAFIO AINDA MAIOR ENTRE ESTUDANTES AUTODECLARADOS NEGROS NO BRASIL

ROBERTA FLORES DE ANDRADE, MÁRCIA FERNANDA DE MÉLLO MENDES

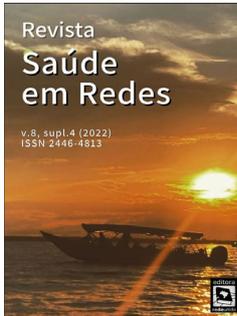
Apresentação: A compreensão da necessidade de identificar as amarras por trás da evasão escolar é fundamental para pensar uma sociedade mais igualitária e a verticalização do ensino (acesso a ensino fundamental, ensino médio, ensino superior e pós-graduação), já que essa é uma das barreiras quando falamos em educação e possibilidade de que grupos de classe social mais vulneráveis possam mudar sua realidade de vida. Assim, a escolarização mostra-se como um aspecto que influencia a classe social que o indivíduo faz parte e os níveis de saúde da população. A escola caracteriza-se como uma aliada enquanto desenvolvedora de ações promotoras de saúde. No entanto, para que seja efetiva na potencialização da qualidade de vida dos estudantes, é necessário que haja práticas promotoras de saúde. Uma dessas práticas contempla o planejamento de educação saudável para fins do desenvolvimento de práticas socioeducativas, sendo possível transformar a escola em uma comunidade saudável. No entanto, não limita sua abordagem apenas à saúde física, mas também à mental; afinal, é preciso atentar-se à complexidade que envolve a evasão de estudantes das escolas do país. Este trabalho faz parte do Com Vida: Projeto Integrado de Estratégias Territoriais de Promoção e Educação em Saúde do Instituto Federal do Rio Grande do Sul campus Alvorada e tem por objetivo fazer uma análise sobre os fatores que favorecem a evasão escolar tendo o aspecto raça/cor como um indicador de vulnerabilidade. Uma questão que nos interroga é se há diferença na evasão escolar por parte de alunos e alunas negros e negras e se cor/raça é um fator sensível em relação a evasão escolar. Levando em conta esses fatores foi levantado o embasamento deste resumo. Para isto, foram realizadas leituras de produções acadêmicas e relatórios oficiais que abordassem o tema. A desigualdade educacional relacionada à raça pode ser vista nos dados da PNAD Contínua 2017 (IBGE, 2017), que alega a influência na experiência escolar referente à desigualdade entre estudantes brancos e não brancos não só no acesso como também na permanência e desenvolvimento educacional. Segundo o Observatório da Realidade e das Políticas Públicas do Vale dos Sinos, que realizou uma pesquisa com estudantes entre 18 e 29 anos, nos anos de 2016/2017, observou que a média de estudo (em anos) entre estudantes brancos subiu de 11,7 para 11,9; entre os estudantes negros, o aumento foi de 10,2 para 10,4; porém, entre os estudantes pardos ocorreu uma diminuição de 10,7 para 10,2 anos de estudo. Portanto, foi possível notar que há diferença na taxa média de escolaridade entre as cores, raças e etnias e que permanece sendo a população branca a que possui mais anos de estudo. Categorizando a maior desistência da ampliação dos anos de estudo entre estudantes autodeclarados negros e pardos em relação a estudantes brancos, justificando a necessidade de estudos sobre o tema. Analisando a situação, é importante considerar que por mais que entre o período da abolição da escravidão nas Américas e a realidade atual



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

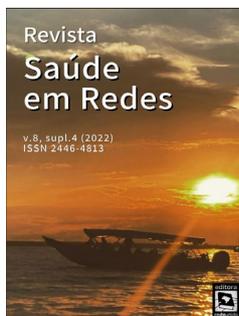
brasileira exista cerca de um século de diferença, a discussão a respeito da história negra no Brasil ainda é extremamente atual e é preciso que haja regulares debates acerca deste tema. É notório o constante apagamento histórico da cultura negra, o que pode ser evidenciado pela recente implementação da Lei nº10.639/20035, que somente no ano de 2003 teve sua aprovação. Esta Lei torna obrigatório o ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nos currículos escolares brasileiros, A delonga em implementar ações que contemplem a existência deste povo reflete muito no parâmetro educacional atual em relação aos estudantes negros. O resultado destes fatores podem contribuir para a ruptura da ligação destes jovens com as instituições, afinal, a época escolar faz parte do amadurecimento e crescimento social destes indivíduos e sem o mínimo de representação correta pode vir a ser um grande contribuinte para o afastamento destes, já que para eles, nessa etapa da vida, é necessário se ver no espaço que ocupam. A precariedade nas condições de longevidade escolar está em grande parte aliada à persistência e à naturalização da discriminação racial, sendo um dos colaboradores para a motivação que origina os baixos índices de escolaridade e as elevadas taxas de abandono e repetência observadas entre os jovens negros e pobres. Também seguindo o pensamento do referido artigo, de acordo com a Unicef (2012), a discriminação racial permanece sendo uma forte barreira para o enfrentamento da educação dos jovens brasileiros: a existência destes estudantes perante o Estado permaneça sendo subalternizada e segregada. Um outro fator é a saúde mental, um dos polos para o bem estar escolar e segundo Jesus (2018), que aponta que entre jovens estudantes entre eles negros, pardos, brancos e amarelos de uma escola de São Paulo, observou a discrepância em referência as zoações e brincadeiras dirigidas aos estudantes brancos e amarelos, não tendo em sua maioria relação direta com a pertencente étnico-raciais, sendo o contrário da realidade dos estudantes negros e pardos. Por mais que tenha aumentado a oferta de educação nas redes de ensino pelo país, a desigualdade no acesso a esta ainda não foi totalmente superada. A implementação de políticas públicas, entre elas as ações afirmativas através das cotas raciais, não reduz totalmente as lacunas na disparidade social e sua má gestão traz regressos históricos irreversíveis. Além disso, a pouca compreensão das políticas afirmativas promove a estigmatização de estudantes cotistas, por parte daqueles contrários às ações afirmativas, assim como atitudes racistas e preconceituosas praticadas por aqueles que se beneficiam de um sistema de privilégios vigente na estrutura do país, atitudes e práticas estas que devem ser combatidas. Fatores como estes acarretam falhas, por mais que estes indivíduos tenham ingressado nessas instituições, todavia a permanência é conflituosa, pois a questão racial está ligada diretamente ao social e econômico. Nesse contexto, podemos inferir que são várias as razões presentes que contribuem para a evasão escolar de estudantes negros. Entre estas, a questão financeira, que é uma realidade comum nos enclaves brasileiros, situações em que os jovens necessitam escolher entre permanecer estudando e a necessidade de trabalhar. Em relação à elaboração da dinâmica racial e combate à disparidade social, racial e econômica no Brasil é em si contraditória, por mais que haja leis referentes ao tema ainda permanece a recorrência de graves falhas na constante



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

destas, causando assim questões que perduram na dificuldade da permanência de estudantes negros nas instituições de ensino, ocasionando uma influência negativa na jornada escolar destes indivíduos. Sendo assim, há falha por parte não só do governo como também pela falta de manejo das escolas com esses estudantes, que contribuem para o afastamento. Percebe-se que é necessário um maior aprimoramento em relação a políticas públicas e a continuidade destes jovens estudantes negros nas escolas brasileiras para que seja possível então contribuir para a diminuição da evasão escolar. Podemos considerar que é tardia implementação da Lei nº 10.639/20035 e faltam professores qualificados para tratar da história da cultura do povo negro em ambiente escolar que reflete na má colocação da historicidade presente em salas de aulas, a qual permanecem referenciando a negritude e africanidade de forma excludente; preconceituosa e estereotipada, retratando de forma errônea ou pejorativa a cultura e a ancestralidade.



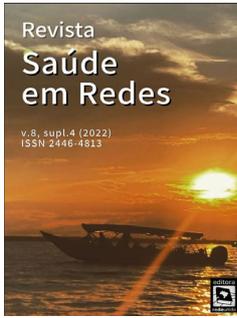
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

A SAÚDE MENTAL DOS ESTUDANTES: O QUE SE TEM FEITO NO IFRS?

MARIA EDUARDA BASSANI FUNKE, ELOISA SOLYSZKO GOMES, MÁRCIA FERNANDA DE MÉLLO MENDES

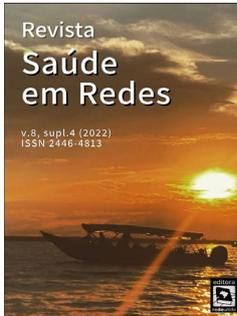
Apresentação: A crise sanitária mundial provocada pela covid-19 explicitou limites nos processos de organizar a vida e a saúde das pessoas e coletividades em escala global. No Brasil, os desafios impostos pela pandemia se somam à crise política que o país vive, além de suas históricas desigualdades sociais e econômicas. Além dos aspectos clínicos vinculados ao covid-19, outros fatores ganham relevância quando pensamos nos efeitos da pandemia, sendo um deles o da saúde mental. Com notícias dos altos índices de casos e óbitos em decorrência do covid-19, as emoções e pensamentos negativos se espalham. Assim como as incertezas em relação ao futuro, a situação econômica, o adoecimento de familiares e amigos, a impossibilidade de realizar os rituais funerários, somados ao isolamento social e a redução de atendimento na rede de atenção psicossocial, estima-se que haverá um aumento no número de pessoas com acometimento na área de saúde mental tais como ansiedade, depressão ou reação ao estresse. Medidas de intervenção precoce, como o monitoramento dos casos para verificar o agravamento dos sintomas são fundamentais para evitar a cronificação desses problemas. A Organização Pan-americana de Saúde orienta como proteção em saúde mental em epidemias a informação clara sobre o que está acontecendo, atendimentos grupais e/ou individuais, mecanismos de ajuda mútua em formato de grupos ou acompanhamento entre iguais e a consolidação da organização comunitária. Diante deste cenário, este trabalho que faz parte do Com Vida: Projeto Integrado de Estratégias Territoriais de Promoção e Educação em Saúde do IFRS, tem por objetivo entender a implicação da pandemia na saúde mental dos estudantes do IFRS e as ações realizadas para minimizar os danos. Para isto se analisou as notícias da página web e canal do youtube dos campi Alvorada, Bento Gonçalves, Porto Alegre e reitoria, buscando ações que abordassem a saúde mental e/ou saúde emocional. No canal do YouTube da reitoria, foram encontrados dois vídeos a partir das palavras-chave; no canal do campus Porto Alegre foram encontrados dois vídeos, no campus Alvorada não foram encontrados vídeos e no campus Bento Gonçalves foram encontrados cinco vídeos e duas playlists, uma com seis e outra com 33 vídeos. No portal do IFRS encontramos 31 notícias com o termo saúde mental, no campus Alvorada foram encontradas catorze, no campus Porto Alegre foram encontradas quatro e no campus Bento Gonçalves um total de dez notícias. Este trabalho está em andamento e na próxima etapa vai analisar qualitativamente os vídeos e notícias considerando o conteúdo, a participação dos estudantes e se foram noticiados em espaços institucionais que o estudante pudesse falar sobre como estava se sentindo em relação à pandemia. Trazer o estudante como protagonista das ações é fundamental para que ele seja um ator no seu processo de saúde, porque ao mesmo tempo em que se fortalece a ideia de que a saúde e a proteção diante da pandemia são direitos de cada um, busca-se construir



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

respostas que ampliem a autonomia dos grupos e dos indivíduos para as respostas coletivas adequadas a cada contexto.



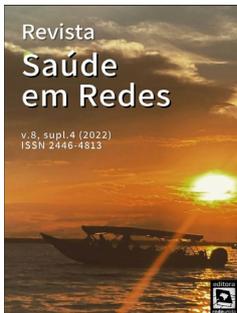
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

UMA LUTA ANTIMANICOMIAL PARA ALÉM DOS MUROS: OS ENTRELACES DA ARTE E O CUIDADO DE SI

AMANDA CASTELLAIN MAYWORM, WALDENILSON TEIXEIRA RAMOS, PABLO RODRIGUES ALVES

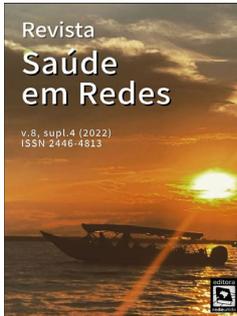
Apresentação: Desde da década de 1970, a Psicologia tem participado ativamente dos movimentos de Reforma Sanitária e de Reforma Psiquiátrica, da criação do SUS e da implantação de uma Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). Um dos expoentes desta postura é o Manifesto de Bauru, em 1987, que reitera: “Nossa atitude marca uma ruptura. Ao recusarmos o papel de agente da exclusão e da violência institucionalizadas, que desrespeitam os mínimos direitos da pessoa humana, inauguramos um novo compromisso. ”A luta antimanicomial, emergente desse cenário político, se afirma enquanto um processo amplo, que articula diversos atores sociais, em contraposição ao manicômio, que se origina dos mecanismos estatais de produção da loucura e violência que incidem sobre a classe trabalhadora, com seus atravessamentos de raça e gênero. A luta antimanicomial se compromete não apenas com a reforma de serviços, mas com a construção de uma nova sociedade. Assim, afirma-se a luta antimanicomial não apenas como um elemento de combate às quatro paredes do hospício, mas uma lógica que visa construir novas concepções de cuidado, de saúde e de vida. Em uma análise de conjuntura do projeto de política em vigor no Brasil, ficam evidentes os graves retrocessos nas conquistas e garantias da Reforma Psiquiátrica. Um dos grandes expoentes desse retrocesso é o documento emitido pelo Ministério da Saúde em novembro de 2020, que propôs a revogação de 99 portarias, que destruiriam a RAPS para usuários de álcool e outras drogas e encerrariam as equipes de consultório na rua, dentre outras coisas. Assim, apresenta-se o retorno de uma política centrada nas práticas manicomiais, reafirmando o hospital psiquiátrico como o território principal de tratamento, pautado na exclusão e violação de direitos humanos, reforçando os saberes médico-centrados, que fragilizam o cuidado integral, em rede, produzido com a participação ativa de pessoas em sofrimento mental e seus familiares. Defronte a iminente disputa em torno das políticas de cuidado dentro e fora do campo psi, se faz perceptivo as tensões e confrontos ético-políticos das práticas de cuidado e, com isso, a constatação de que a noção do que é cuidado e do que é saúde não está dado, mas em luta. Desse modo, nos propusemos a investigar modos outros além da racionalidade biomédica. Segundo os princípios e diretrizes do SUS, saúde não é meramente a falta de doenças e nem apenas ações curativas medicamentosas. Assim, encontramos em Foucault e Deleuze ferramentas, como a escrita e a literatura, que nos amparam para uma luta que se dá no campo do cuidado – Escrita de si e a Literatura Menor. O gesto genealógico do pensador Michel Foucault, em suas pesquisas a respeito das práticas meditativas gregas, coloca sobre escopo de análise o discurso vencedor no ocidente, conhece a ti mesmo, e evidencia a perda dimensional do cuidado de si. Essa mesma operação reitera as veredas do cuidado enquanto práticas, certos



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

exercícios estético de tomada da vida — essa noção já se difere do posto pela modernidade, um efeito de verdade do sujeito que o cristaliza e reduz suas vias inventivas e autônomas. O cuidado de si é, em última instância, o convite para que se tome o viver enquanto estética da existência — a vida enquanto uma obra de artes. Doravante, em Deleuze, no texto “A literatura e a vida”, a saúde se apresenta enquanto certa potência expressiva da vida, e indo para além dos objetivos já colocados da leitura e escrita, localizamos certo plano de afetação do ser no mundo. Por isso, o autor irá defender que o escritor é médico de si e do mundo — coafetação de si e do outro. São esses entrelaces, então, da potência da vida enquanto uma obra de artes e a literatura como ferramenta expressiva ontológica, que vislumbramos a saúde, “escreve-se sempre para dar a vida, para libertar a vida aí onde ela está aprisionada, para traçar linhas de fuga”, assim afirma Deleuze na obra *Conversações*. Desse modo, apostamos na literatura e na escrita como possíveis práticas de cuidado de si, sendo ferramentas antimanicomiais. Conceição Evaristo, em uma de suas entrevistas a respeito da noção de escrevivência, afirma: “A arte é uma válvula de escape, e a literatura para mim é essa criação. [...] O movimento da escrita é o movimento da própria vida; eu acho que o movimento da própria vida é um movimento que você faz pra vencer a dor, ou pra vencer a morte [...] É o espírito de sobrevivência mesmo, é esse desejo de você agarrar-se à vida de alguma forma, e-pra mim-a literatura é essa oportunidade que você tem de se agarrar à vida.”. Tal perspectiva demonstra os agenciamentos da saúde e a escrita literária, modo artístico de agarrar-se à vida, um gesto não tutelar do cuidado, porém de protagonização do viver e um determinado exercício de cuidado de si. Sua escrita é uma tentativa de produzir saúde, um recurso terapêutico. A escrevivência é, então, esse procedimento criativo das mazelas do mundo, onde quem escreve encontra os recursos para vencer a vida, ainda que para isso se tenha que sangrar. Conceição Evaristo apresenta, desta forma, todas as transversalidades da arte e da saúde, evidenciando que as práticas de cuidado podem estar presente para além das unidades e redes de saúde — no próprio cotidiano — em que o sujeito é convidado a ser ativo e responsável pela condução da sua saúde/vida-não assumindo uma posição de objeto. Aposta-se, portanto, em uma dimensão ética-política da saúde. Diante dessas linhas inventivas e transversais, pode-se pensar o fazer psi na perspectiva da protagonização com o outro — uma afirmação da postura ético-estética do cuidado. Apesar dos inúmeros retrocessos e ataques constantes a modos não hegemônicos de cuidar, sempre se é possível criar outros mundos, linhas segmentares da vida e toda a diferença que com ela se apresenta. Está aí, então, um método de fazer e legitimar o viver e a saúde humana. Isso, por fim, disputa uma sociedade sem os muros da loucura e sem a segregação de toda e qualquer diferença, aqui estão instrumentos de confecção de si e de um mundo antimanicomial — uma luta que começa antes dos muros, uma luta que se apresenta na própria ética e no fazer psi.



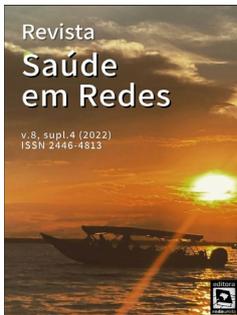
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

COVID-19 EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS

JAQUIELI GRUHM FRANCO, LISIANE BOER POSSA, MARCOS ANTÔNIO DE OLIVEIRA LOBATO, MICHELI SILINSKE

Apresentação: Este trabalho busca descrever os surtos de covid-19 em instituições de longa permanência para idosos (ILPIs) em um município de médio porte do estado do Rio Grande do Sul. **Método:** Estudo descritivo, por meio de dados secundários da vigilância epidemiológica municipal. Foi realizado o acompanhamento de idosos expostos em ILPIs que apresentaram surtos de covid-19 no município, durante o ano de 2020. **Resultado:** Foram notificados seis surtos em ILPIs. Na amostra estudada 300 idosos tiveram notificação por ligação epidemiológica às instituições em surtos. Todos os casos investigados realizaram coleta de RT-PCR durante o período para diagnóstico de covid-19. A média de idade dos residentes foi de 75,3 anos ($\pm 12,7$), com predominância do sexo feminino 207 (69%) e a maioria se autodeclarou como brancas. Foram confirmadas laboratorialmente 84 (28,0%) casos e 1 (0,3%) caso enquadrado-se como confirmado por critério clínico. Apresentaram algum sintoma e enquadrado-se como Síndrome Gripal não Especificada 51 (17,0%) casos que não foram confirmados. Foram encerrados, sem classificação 164 (54,7%) casos, pois foram assintomáticos com resultado de teste não detectável. Dos residentes investigados 164 (54,7%) tiveram a evolução ignorada, 122 (40,7%) evoluíram para cura e 14 (4,7%) evoluíram para óbito e, sendo destes 8 (57,1%) hospitalares. **Considerações finais:** A infecção pelo novo coronavírus demonstra ser um problema grave à saúde da pessoa idosa, em especial aqueles que residem em ILPI, pelo maior risco de disseminação e óbito nestes espaços. No estudo também evidenciou-se a dificuldade de acompanhamento do desfecho e falta de acesso hospitalar para o cuidado dos casos que evoluíram para óbito.



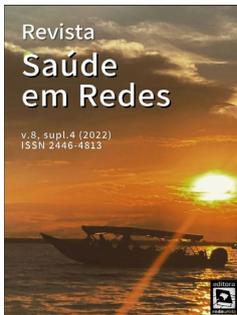
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

POLÍTICAS DO CUIDADO NAS POÉTICAS DA RUA: ARTE E TERRITÓRIO COMO PISTAS PARA A CONSTRUÇÃO DE UM SUS POPULAR

WALDENILSON TEIXEIRA RAMOS, LIORA SOUZA GEIGER

Apresentação: O processo social da Reforma Psiquiátrica brasileira vem apontando diversos caminhos para a superação da lógica manicomial em sua dimensão macro e micropolítica, visando combater estruturas sociais de produção de violência, assim como tecer cotidianamente estratégias singulares em saúde. Desse modo, o cuidado se transforma: deixa de ser instrumento de tutela e institucionalização e é convocado a ser praticado enquanto modo de se viver junto na cidade. Tomando como viés uma perspectiva ético-estético-política do cuidado, entrelaçada aos princípios da atenção psicossocial, os territórios são elos fundamentais para as redes de saúde, que convocam à multiplicidade da vida. Entre resistências e invenções, as poéticas dos territórios habitam as ruas da cidade em uma dimensão que se faz artística. Queremos então, afirmar a arte e os territórios, enquanto potências inventivas para um SUS popular. Encontramos nas investigações de Foucault, proposições que vão ao encontro de uma virada prática- conceitual do cuidado. Dentre as noções filosóficas gregas, o discurso vencedor no ocidente foi "conhece-te a ti mesmo", servindo de base para as concepções racionalistas presentes nas ciências médicas que, em última instância, reduziram a saúde a processos bioquímicos, desvinculadas ao campo social. Foucault então movimentava a noção de cuidado de si, como recuperação do dito helenístico "cuida-te a ti mesmo", disputando uma ética da existência. Afirmando enquanto dispositivo de transformação de si e mundo, ao contrário de um sujeito isolado, o cuidado de si traz um sujeito político, que governa a si mesmo a partir das relações. A partir dos princípios do SUS, o território além de ser base para uma efetiva rede de saúde, é também, produtor de subjetividade. Apontando para uma transversalidade do político com o artístico, é potente que a arte faça parte das ferramentas terapêuticas a serem acionadas, principalmente pela sua dimensão de presença nos territórios. Assim, os espaços públicos podem ser produtores de saúde; ampliando a autonomia e as coletividades. A vastidão cultural brasileira é presente nas ruas da cidade: nas rodas de samba, funk, bares, terreiros, feiras, camelôs, transportes; e aí estão as poéticas dos territórios. Perceber a vida que emerge das trocas sociais é caminho de luta por uma sociedade que afirme a diferença enquanto potência, pautando direitos e democracia nas redes de saúde.



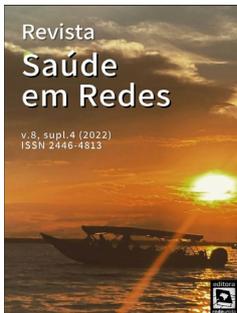
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

ANÁLISE DE MODELOS DE ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA COVID-19: CAMPOS DOS GOYTACAZES, CARAPEBUS, CONCEIÇÃO DE MACABU E QUISSAMÃ

FLÁVIO VISENTIN PECCI MADDALENA

Apresentação: Em 18 meses de pandemia, o Estado do Rio de Janeiro está com 1.285.731 casos confirmados e 66.134 mortes (dados do dia 30/09/2021) de covid-19. Este trabalho busca entender como os municípios do Norte Fluminense estão realizando o enfrentamento da pandemia com medidas não farmacêuticas (MNF). Dessa forma, pretende-se identificar a realidade dos planos de ação que estão em curso na região. Esta investigação faz parte da pesquisa “Enfrentamento do covid-19 na Região Norte Fluminense e Baixada Litorânea: Ações, perspectivas e impactos”, que analisa os modelos de ação realizados nos municípios de Campos dos Goytacazes, Carapebus, Conceição de Macabu e Quissamã, utilizando-se como referência a modelagem das ações de MNF sugeridos nos estudos do Imperial College. **Método:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cuja análise dos dados coletados será realizada por meio da Análise de Conteúdo. Os resultados qualitativos serão cruzados com os dados epidemiológicos disponibilizados pelos municípios, que expressam os resultados das medidas na evolução da pandemia. Resultados preliminares indicam que o uso de MNF pode influenciar o curso da pandemia, mas ainda é necessário o aprofundamento das análises. **Considerações finais:** As ações governamentais, como MNF, tem potencial para influenciar a evolução da pandemia, se adotadas regionalmente, e são uma alternativa enquanto não se dispõe de elevada cobertura vacinal. Atualmente, a pesquisa encontra-se em fase de coleta de dados e categorização de documentos oficiais regulamentados, ocorrendo paralelamente à revisão bibliográfica relacionada ao tema. **Áreas de pesquisa:** Saúde Coletiva. **Palavras-chave:** Covid-19; pandemia; modelo de atenção em saúde; medidas não farmacológicas.



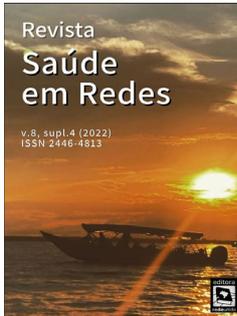
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

IMPACTOS DE UM MINICURSO VIRTUAL SOBRE CUIDADOS EM HIPERTENSÃO ARTERIAL E DIABETES MELLITUS NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE NA FORMAÇÃO DE ACADÊMICOS DA ÁREA DA SAÚDE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA LIGA ACADÊMICA INTERDISCIPLINAR

JULIA FLORENTINO DE BARROS, ANA MARIZA PASSOS DOS SANTOS MARTINS, BEATRIZ GRAZIELE THOMAZ ALVES, MILLENA PEDRO SMIDER, NATHÁLIA DA SILVA MARINHO, RENATA DE CARLI ROJÃO, GLÁUCIA ALEXANDRE FORMOZO, CÉLIA CRISTINA DIOGO FERREIRA

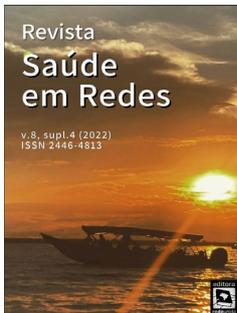
Apresentação: A realização de minicursos dentro de uma universidade tem se mostrado importante para o aprendizado daqueles que participam desse tipo de ação, tanto na posição de educador, quanto de aprendizes. Além disso, são também uma forma de integração, de modo interdisciplinar, sendo um fator importante para o compartilhamento de experiências entre os discentes na universidade. A pandemia de covid-19 levou à paralisação das atividades acadêmicas presenciais. Com isso, plataformas virtuais passaram a ser utilizadas pelas universidades para realização de aulas, rodas de conversa, cursos e minicursos. Os minicursos remotos têm sido uma oportunidade de ampliar conhecimentos e trocar saberes em tempos de distanciamento social. Deste modo, mostra-se de vital importância a adequada capacitação de estudantes da área da saúde, enquanto futuros profissionais, com vista a possibilitar uma assistência de qualidade. O presente trabalho objetiva relatar a experiência de integrantes da Liga Acadêmica de doenças crônicas (LADOC) do Centro Multidisciplinar UFRJ-Macaé na construção de um minicurso virtual sobre cuidados em DM e HAS no Sistema Único de Saúde (SUS) voltado para discentes de cursos da área da saúde, com o intuito de contribuir para a formação acadêmica. **Desenvolvimento:** Tendo em vista a prevalência da DM e HAS, no Brasil, e a necessidade de se conhecer a atuação dos profissionais de saúde no tratamento dessas doenças no âmbito do SUS, foi realizado um minicurso remoto sobre estas temáticas através da plataforma Google Meet nos dias 25 de fevereiro e 04 de março de 2021, com carga horária total de seis horas. O primeiro dia contou com a presença de uma médica e uma nutricionista e o segundo com uma enfermeira e uma agente comunitária de saúde, todas atuantes na atenção básica (AB). Cada profissional dispôs de 30 minutos para sua exposição, relatando a importância de sua profissão no SUS, bem como apresentando atividades práticas desempenhadas por si e sua equipe, com esclarecimento de dúvidas, ao final. Ao término de cada dia do curso foi disponibilizado um questionário de avaliação sobre o evento, respondido pelos discentes participantes. Foram realizadas reuniões prévias para levantamento de ideias e planejamento do minicurso, e posteriormente, para avaliação da atividade. **Resultado:** Apesar da realização de um minicurso remoto apresentar desafios quanto à instabilidade da internet e à falta de contato presencial entre participantes, o modo como foi organizado possibilitou a atuação em equipe, importante para o exercício futuro da profissão. Destaca-se também a oportunidade de trocas



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

de experiências com diferentes profissionais de saúde e cursistas de diversas regiões do Brasil, ampliando os conhecimentos quanto ao manejo do DM e da HAS no SUS. Considerações finais: Com base na experiência dos integrantes da LADOC, observou-se a relevância da realização de um minicurso virtual sobre DM e HAS no SUS para o processo de ensino-aprendizagem de acadêmicos de cursos da área da saúde, assim como da atuação de uma equipe interdisciplinar no cuidado integral do paciente, promovendo resultados positivos que refletirão na formação profissional dos discentes e na melhor assistência à população com DM e HAS.



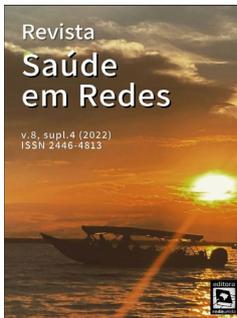
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

RELATO DE EXPERIÊNCIA: OPORTUNIZANDO TROCAS ENTRE OS SERVIÇOS DE SAÚDE E EDUCAÇÃO EM UM DETERMINADO TERRITÓRIO

FERNANDA CORNELIUS LANGE, JOÃO BATISTA DE OLIVEIRA JUNIOR, LUANA BERTAMONI WACHHOLZ, ALICE MARLI MORATELLI, LUCIANO BERNARDES JÚNIOR

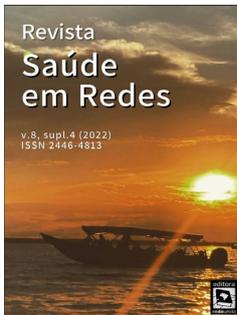
Apresentação: Nota-se que o olhar da educação em relação ao fazer saúde é solidificado no modelo biomédico, inculcido socialmente como a melhor forma de produzir saúde, construindo assim uma cultura em torno da doença. Em contraponto ao modelo biomédico, a saúde coletiva defende que a saúde é determinada socialmente, que é necessário democratizar o acesso e reorganizar o modelo de assistência do sistema público brasileiro. Para que isso ocorra, defende a Atenção Básica (AB), como sua principal porta de entrada, devendo ocorrer prioritariamente com equipes de Estratégia da Saúde da Família (ESF) contando com o suporte do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) para ampliar a oferta de atenção à saúde, qualificando a resolutividade, abrangência e alvo das ações nos territórios que a população brasileira reside. Pautados por esse entendimento de saúde e na perspectiva de qualificar a atenção prestada para os educandos do território, os profissionais residentes do NASF criaram um espaço de comunicação intersetorial entre as instituições educacionais e a Unidade Básica de Saúde (UBS). **Objetivo:** Qualificar a comunicação e estabelecer fluxos de assistência entre os serviços de saúde e educação em determinado território de um município do estado de Santa Catarina. **Método:** Trata-se de um relato de experiência de natureza descritiva que versa sobre um projeto intersetorial, saúde e educação, pensado para organizar a interlocução dos serviços para qualificar as demandas em saúde de ambas as instituições. O trabalho foi realizado por residentes de um Programa Multiprofissional em Atenção Básica/ Saúde da Família, inseridos no NASF em município do estado de Santa Catarina. Para a realização dessa interlocução, foram realizados encontros na UBS, nos quais participavam alguns profissionais da AB e NASF, os professores e diretores das três escolas e quatro Centros Educacionais Infantis (CEI) do território. Ocorreram cinco encontros com duração aproximada de duas horas e esses foram realizados mensalmente. As reuniões eram dívidas entre discussão de casos dos educandos e formação sobre diferentes temas em saúde que os profissionais da educação demandavam em conhecer. **Resultado:** Com esse trabalho foi possível aprimorar o vínculo e a comunicação entre os profissionais dos dois setores, oportunizou-se diferentes trocas de saberes, bem como o esclarecimento dos fluxos corretos dos encaminhamentos para o acompanhamento dos alunos na UBS. Ainda, essa proposta se mostra como exitosa na busca por promover uma articulação de saberes no formato intersetorial, envolvendo os atores da comunidade escolar, ampliando a cooperação e o diálogo de uma maneira colaborativa, na busca pela participação, interlocução entre saberes e práticas e sobretudo, uma construção coletiva, nos aspectos referentes a saúde, direitos e cidadania. **Considerações finais:** Pode-se concluir que a integração intersetorial entre os serviços de saúde e educação promoveram uma melhoria no cuidado com os



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

educandos do território. Além disso, esse espaço possibilitou o fortalecimento do vínculo entre os profissionais, o que permitiu aberturas para trocas de conhecimentos, informações e o estabelecimento de um fluxo adequado para o acompanhamento dos estudantes.



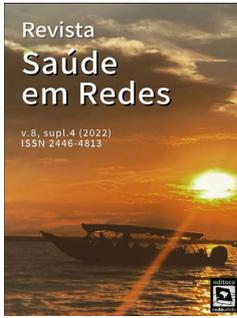
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

RELATO DE EXPERIÊNCIA: A IMPORTÂNCIA DA ATIVIDADE PRÁTICA PARA OS ALUNOS DE MEDICINA EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE.

RAFAEL MÁRCIO CORREIA SANTOS, ANTÔNIA EVIL NNIA CAVALCANTE MACIEL, ALBERTO MARIANO GUSMÃO TOLENTINO JUNIOR, VINICIUS ABRAHIM BARBOSA GARCIA, MARIA TEREZA SANTOS DE SOUZA

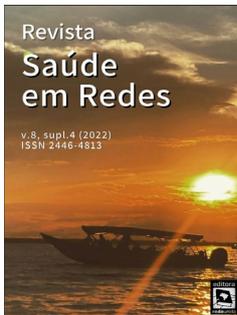
Apresentação: A atividade acadêmica em uma unidade Básica de Saúde traz consigo diversos impactos sobre a construção do perfil médico para os discentes e também quanto ao engajamento da comunidade acadêmica com o serviço e comunidade, ganha importância a estratégia de se tomar situações relacionadas com a prática profissional do médico em diferentes contextos – num movimento de ação-reflexão-ação –. Nessa perspectiva, esta prática emerge como problematizadora do processo de construção de conhecimento do futuro médico. **Objetivo:** Relatar uma experiência vivenciada pelos acadêmicos de medicina do quarto período na Unidade Básica de Saúde Nilton Lins na cidade de Manaus-Amazonas. **Método:** Foi realizado um estudo qualitativo utilizando-se os diários de prática escritos por cinco estudantes de Medicina, e descritivo mediante observação participante, que consiste na inserção do pesquisador no grupo observado, tornando-se parte dele para interagir com os sujeitos e partilhar o seu cotidiano a fim de sentir o que significa estar naquela situação. **Resultado:** A Visita Domiciliar é considerada a atividade externa à unidade de saúde mais desenvolvida pelas equipes de saúde. Ela se caracteriza por utilizar uma tecnologia leve, permitindo o cuidado à saúde de forma mais humana, acolhedora, estabelecendo laços de confiança entre os profissionais e os usuários, a família e a comunidade, ampliando o acesso da população às ações da Saúde em um dos pontos de sua rede de atenção: o domicílio, a unidade residencial de determinada família. Inicialmente nós estudantes nos deparamos com uma adversidade, a falta de planejamento por parte da universidade em relação a organização das visitas domiciliares, a ponte entre o responsável pela visita domiciliar, na maioria dos casos o ACS, e o professor da turma foi feita de forma precária, ocasionando lacunas nas aulas práticas. Nesse momento inicial do contato com o SUS, no qual o aluno deve ser estimulado a se familiarizar com o mesmo de forma ativa e crítica, na procura de aspectos que para ele eram desconhecidos, a falta de organização foi compensada pelo esforço do profissional do professor, promovendo o estímulo necessário. A prática propriamente dita das atividades, foi julgada enriquecedora pelos alunos, a medida que foi possível transformar o conhecimento teórico em prático, as diretrizes do SUS, as condutas médicas e as orientações foram aplicadas pelos alunos, tornando essa uma experiência própria e única, portanto, mais marcante que o conhecimento passivo construído em sala de aula. **Considerações finais:** Nesse período de atividades, nós vivenciamos na prática o conteúdo visto em sala e aula, e tivemos a oportunidade de desenvolver nossas capacidades de dialogar com o paciente para poder melhor extrair suas informações a fim de conhecer



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

todo o contexto biopsicossocial do mesmo, possibilitando um acompanhamento humanizado e integral.



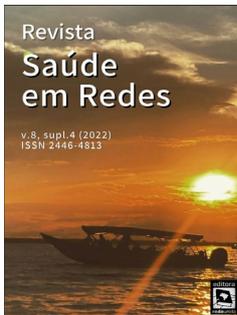
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

ABORDAGEM DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO COM USUÁRIAS-CIDADÃS EM SAÚDE MENTAL

FABIANA PASCHOAL DOS SANTOS, EMERSON ELIAS MERHY, KATHLEEN TEREZA DA CRUZ, THIAGO BRAGA DO ESPÍRITO SANTO, CLARISSA TEREZI SEIXAS

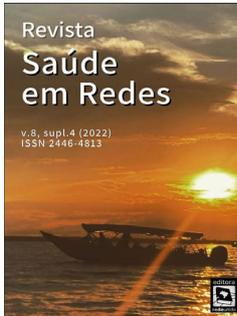
Apresentação: O objetivo desse artigo é problematizar a necessidade de uma abordagem direcionada para violência de gênero em mulheres em sofrimento psíquico crônico, a ser realizada pelos profissionais de saúde mental. Esta abordagem deve considerar, além das queixas apresentadas, a história de vida e a singularidade das mulheres atendidas. Salientamos que os altos índices de violência contra a mulher estão relacionados à cultura do patriarcado, o qual possui uma dimensão de dominação masculina com caráter histórico, afirmando-se na sociedade capitalista pela divisão sexual do trabalho, fundamentando a relação antagônica entre os sexos. Desta forma, quando usamos a palavra patriarcado, inevitavelmente, nos remontamos às relações de opressão e dominação masculinas sobre as mulheres.. **Método:** Estudo de abordagem qualitativa, no qual se adotou a perspectiva de pesquisador in-mundo, ao se considerar que o encontro entre a pesquisadora e as mulheres as afetou mutuamente, resultando em diversos processos de subjetivações, sendo a pesquisadora “inundada” pela produção e reprodução dos modos de viver e adoecer destas mulheres. Em tal efeito, denominado “interferência dobrada”, admite-se que há uma “interferência” mútua entre os corpos nesses encontros. Este processo desencadeia novas narrativas de si na vivência dos episódios de violência de gênero, possibilitando assim novos olhares sobre si e acerca de sua realidade de vida, abrindo possibilidades na reestruturação dos seus modos de viver. Isto posto, constitui-se uma estratégia ético-metodológica que é descrita como de “pesquisa interferência”. Foram entrevistadas mulheres acompanhadas pela equipe de um ambulatório de Saúde Mental, localizado em um município do Estado do Rio de Janeiro, no período de março/2017 até dezembro/2018. Foi elaborado e aplicado um roteiro de entrevista semiestruturada, totalmente direcionado a violência, composto por quatro blocos de perguntas que poderiam ser adaptadas conforme o nível de compreensão de cada entrevistada. Foram abordados aspectos sociais de suas vidas, que incluiu as situações de violência vivenciadas, os efeitos na saúde mental destas mulheres, suas percepções sobre os episódios de violência e as consequências em suas vidas. Os depoimentos foram gravados e posteriormente transcritos textualmente de forma fidedigna, registrando-se as falas e os códigos verbais, como entonações de voz, interjeições e silêncios. Após a transcrição das narrativas, utilizamos a análise de conteúdo que fez emergir três categorias: “expressões de violência de gênero vivenciadas”, “efeitos na saúde mental” e “estratégias de enfrentamento adotadas”. Informamos que considerando a extensão deste artigo, serão abordadas apenas duas das três categorias, e a categoria “estratégias de enfrentamento adotadas” será aprofundada em novo artigo desenvolvido pelos autores. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa sob o parecer de número 3.054.324



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

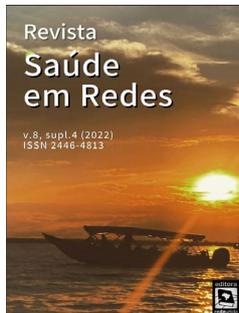
e é parte dos resultados da pesquisa de Mestrado desenvolvida no Programa de Mestrado Profissional de Atenção Primária em Saúde do HESFA/ UFRJ. Todas as entrevistadas preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Ressaltamos que todos os nomes utilizados, bem como os lugares citados nos relatos foram alterados para preservação da identidade das entrevistadas. Resultado: A violência psicológica foi comum nas falas de todas as entrevistadas. Estas, à medida que iam tomando conhecimento das características deste tipo de violência, passaram a reconhecer terem vivenciado diversos tipos de relacionamentos abusivos no decorrer de suas vidas. Na dualidade existente nas práticas em saúde, “mulheres não contam e profissionais não perguntam”, ocorrendo assim a ocultação da violência vivida. Em alguns casos, as mulheres, como consequência do medo, da vergonha ou realmente pelo desconhecimento de que foram vítimas de algum tipo de violência, terminam calando-se. Por outro lado, nota-se também que alguns profissionais optam por não considerar a violência como uma importante variável que pode ser a causa maior das queixas dos problemas de saúde apresentados pelas mulheres nos atendimentos. Dessa forma, os sofrimentos em decorrência da violência tendem a ser tratados como ansiedades e depressões, tendendo à rotulações e medicalizações que desconsideram o indivíduo e toda sua história pregressa, de situações de violência, inclusive o abuso sexual na infância. Todas as entrevistadas também relataram que, após os episódios de violência sofridos, passaram a ter dificuldades para estabelecer relações sociais e afetivas pois têm medo de envolvimento afetivo com outros homens e, quando conseguem, têm muita dificuldade para ter relações sexuais. Outra categoria presente na fala de todas as entrevistadas é a baixa autoestima, elas relataram que passaram a não acreditar mais em si mesmas, a não ter vaidade, a não querer cuidar de seu corpo, por se sentirem incapazes e diminuídas. A partir da oferta de escuta da assistente social às mulheres, muitas histórias não conhecidas pela equipe vieram à tona, e uma conversa mais sistematizada sobre a violência contra mulher, conforme descrito acima, as permitiu revisitar de forma reflexiva suas vivências dentro de uma nova grade explicativa - a violência contra mulher. A ruptura com o silêncio imposto a elas por seus agressores, pelo patriarcado e pelas abordagens fragmentadas e medicalizantes dos serviços de saúde mental frequentados, abre a possibilidade de criar novos caminhos terapêuticos ainda por vir, e a serem investidos pelos profissionais cuidadores. O “não saber” sobre o outro, no caso das mulheres ouvidas nessa pesquisa, constituiu-se a regra que presidiu a atuação dos profissionais de saúde. A medicalização do sofrimento prevaleceu sobre os modos de existência de cada uma delas, produzindo como efeito certa banalização da violência nos serviços de saúde mental e a baixa capacidade das condutas oferecidas de influenciar positivamente o enfrentamento dessa violência vivida por elas. Considerações finais: O meio escolhido para a compreensão do problema é essencial para a intervenção que será realizada, assim, defende-se a utilização de uma abordagem específica e totalmente direcionada às mulheres que tenham sido vítimas de algum tipo de violência, por meio de um roteiro sistematizado de entrevista construído pela equipe de saúde mental, levando em conta as necessidades singulares delas. Os relatos indicaram que as



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

equipes de saúde mental que acompanharam estas usuárias focaram sua abordagem nos sintomas e nas queixas de adoecimento psíquico, desconsiderando assim sua história pregressa de vida, e talvez suas percepções e sentidos sobre o que viveram, acerca do entendimento de que realmente foram vítimas de violência, pois algumas só conseguiram ressignificar algumas experiências como violências, à medida que foram explicados os tipos de violência e os meios de manifestação de cada um. A produção das narrativas sobre as existências vividas pelas entrevistadas, criou a possibilidade de uma reconstrução da história de cada uma. A visibilidade que as mesmas experimentaram ao enunciar e refletir sobre suas histórias, criou para algumas, a possibilidade de descolar de si a culpa vivida como sua (pela violência vivida) e imputadas às mesmas pela cultura patriarcal predominante nas relações sociais vividas por elas. Tornou-se evidente para nós, que os profissionais de saúde devem aumentar a sua suspeição em relação à presença da violência de gênero ao se defrontarem com mulheres em sofrimento psíquico crônico refratário às abordagens clínicas anteriores clássicas. Afinal, o adoecimento psíquico destas mulheres está diretamente relacionado com a violência do que constitui ser mulher nesta sociedade tão atravessada pela cultura patriarcal.



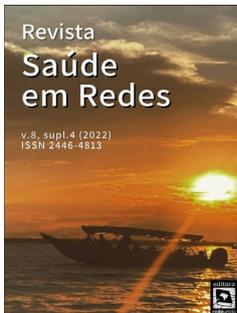
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

CUIDADOS DE ENFERMAGEM A UMA GESTANTE DE ALTO RISCO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

BRUNA ALBANI, MIRIAN REVERS, JOICE MOREIRA SCHMALFUSS

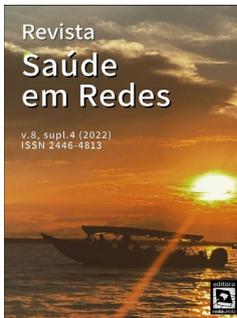
Apresentação: A gestação é um fenômeno fisiológico e, por esse motivo, sua evolução acontece, na maioria das vezes, sem intercorrências. Apesar desse fato, há uma parcela pequena de gestantes que, por apresentarem alguma doença prévia, por sofrerem algum agravo e/ou por desenvolverem problemas relacionados à gravidez atual, apresentam maiores probabilidades de terem uma evolução desfavorável no ciclo gravídico-puerperal. Quando isso ocorrer, essas gestantes, então, serão classificadas como de alto risco e tal fato poderá repercutir durante a gravidez, no momento do trabalho de parto, no parto ou no período puerperal, interferindo também na saúde de seus fetos/recém-nascidos. Existem vários tipos de marcadores e fatores de risco gestacional que estão divididos em quatro grandes grupos e dizem respeito a: características individuais e condições sociodemográficas desfavoráveis, história reprodutiva anterior da mulher, condições clínicas preexistentes e/ou exposição indevida ou acidental a fatores teratogênicos, doença obstétrica na gravidez atual e intercorrências clínicas. Alguns fatores que costumam acometer mais as gestantes de alto risco estão relacionados a síndromes hemorrágicas e/ou hipertensivas, a diabetes melito gestacional, a infecções do trato urinário, a situações que desencadeiam um trabalho de parto prematuro, dentre outros. Desta forma, objetiva-se relatar o caso clínico e os cuidados realizados por acadêmicas de Enfermagem a uma gestante de alto risco. Trata-se de um relato de experiência vivenciada no segundo semestre de 2021, durante inserção de seis dias em uma maternidade referência para alto risco gestacional, com a realização de atividades teórico-práticas desenvolvidas por uma disciplina curricular vinculada a um curso de graduação em Enfermagem de uma universidade pública localizada no sul do Brasil. A gestante atendida foi internada na maternidade com idade gestacional igual a 35 semanas (por ecografia obstétrica realizada no primeiro trimestre de gravidez), referindo dor em baixo ventre e percepção diminuída dos movimentos fetais. O diagnóstico médico apontava diabetes melito gestacional e macrossomia fetal. O diabetes melito trata-se de um problema endócrino causado pela produção ineficiente ou má absorção da insulina, sendo que sua ausência faz com que a glicose não seja absorvida completamente pelas células, causando uma acúmulo (hiperglicemia) durante os testes glicêmicos. A descompensação aumenta as chances de evolução para uma síndrome metabólica, em virtude de um controle e intervenção ineficaz, com consequências ao binômio mãe-bebê. Ademais, as chances do bebê vir a desenvolver obesidade e diabetes melito do tipo 1 são maiores comparado a outros bebês. Quanto ao desenvolvimento intrauterino, o diabetes melito favorece o desenvolvimento de polidrâmnio, malformações fetais, macrossomia e, até, óbito fetal. Para mulheres com diabetes melito prévio (tipos 1 ou 2), o objetivo é atingir o termo da gestação (37 semanas) e, preferencialmente, chegar a 39 semanas, desde que o quadro clínico e o controle glicêmico materno, bem como



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

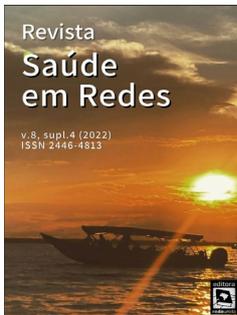
o peso fetal estejam bem controlados. Ademais, independente do risco, destaca-se a importância de um planejamento multidisciplinar da interrupção da gravidez. Assim como na maioria dos casos, o melhor planejamento é o parto espontâneo, no termo da gestação e por via vaginal. Desta forma, salienta-se que o diabetes melito prévio ou gestacional não são indicações para a realização de uma cesárea. O momento do parto dependerá do tipo de tratamento e do controle da glicemia, por isso a importância de uma gravidez planejada. Dessa forma, devem ser ponderados os prós e os contras de cada tipo de parto para aquele caso específico e planejado, em conjunto. Na ocasião da internação, negou perdas vaginais, sangramentos e/ou sintomas urinários. Em relação a sua paridade, estava grávida pela quarta vez, com um parto e duas cesarianas anteriores, sendo a última cesárea ocorrida há quatro anos. Na avaliação dos sinais vitais, apresentou-se hipertensa, normocárdica, afebril e com o resultado do hemoglicoteste pós-almoço igual a 107 mg/dL. No levantamento da sua história clínica e obstétrica, constatou-se que realizou acompanhamento pré-natal num serviço de atenção secundária a partir de encaminhamento realizado pela sua unidade básica de saúde, devido a uma gestação de alto-risco. Os seus marcadores gestacionais se deram em virtude de idade superior a 35 anos e diabetes melito prévio. Até o momento da internação tinha comparecido a dez consultas pré-natais acompanhada por equipe médica. Assim como nas gestações anteriores, apresentou na atual macrossomia fetal com percentil 100, polidrâmnio equivalente a 21cm 3 e teve o rastreio para síndromes hipertensivas gestacionais negativo. Durante a internação a gestante recebeu duas doses de corticoide Betametasona para maturação pulmonar fetal e demonstrava estar ciente quanto ao seu quadro clínico e possível indicação de uma cesárea precoce devido à descompensação materna e/ou fetal. O período da internação no setor da maternidade foi de cinco dias e a gestante foi monitorada diariamente pela equipe de Enfermagem e obstetrícia do hospital. Foi realizada a sua anamnese e exame físico completo, avaliação do bem estar materno e fetal, verificação de presença de sinais de alerta como contrações uterinas regulares, diminuição da movimentação fetal, perdas vaginais e sinais premonitórios, com o intuito principal de postergar o nascimento de um recém-nascido pré-termo. Também realizou o exame de cardiocografia diariamente com o intuito de avaliar o bem estar fetal, por meio da monitoração dos batimentos cardíacos fetais, das movimentações fetais e da presença e intensidade de contrações uterinas. Após a realização do exame e interpretação deste, observou-se que o feto se manteve pouco reativo, inclusive durante o estímulo sonoro. Nesse período de internação também foi realizado o controle glicêmico diário, visto que a paciente apresenta diagnóstico de diabetes melito do tipo 2, com a manifestação de picos hiperglicêmicos pós-prandiais, sendo necessário instituir o protocolo de insulino terapia. Posteriormente, foi realizado exame de ultrassonografia com Doppler, confirmando polidrâmnio e placenta anterior com presença de líquido anecoico em bolsas testiculares do feto, compatíveis com hidrocele. Ao completar 34 semanas e quatro dias a gestante passou a sentir contrações uterinas e perdas vaginais durante a noite, apresentando dinâmica uterina regular de três contrações a cada dez minutos, indicando-se uma cesariana devido a este



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

quadro e descompensações glicêmicas anteriores, aliada a pouca reatividade fetal nos exames de cardiocografia. A cirurgia ocorreu sem intercorrências, resultando no nascimento de um bebê prematuro, grande para a idade gestacional (GIG), pesando mais de 4.500 g, apresentando hidrocele. As altas taxas brasileiras de mortalidade materna e infantil têm motivado as autoridades de saúde a, cada vez mais, investirem em questões voltadas para a assistência materno-infantil. A prevenção precoce, detecção oportuna e controle efetivo de intercorrências na gestação são ações fundamentais na redução de desfechos negativos, tanto maternos quanto fetais, uma vez que, os fatores de risco gestacionais podem ser precocemente identificados no decorrer da assistência pré-natal. Para isso, profissionais da saúde precisam estar atentos a todas as etapas da anamnese, realizar um completo exame físico geral, ginecológico e obstétrico e, em se tratando da atenção primária à saúde, visitas domiciliares também são aliadas. Mesmo que o desfecho não tenha sido o considerado ideal em virtude de um nascimento prematuro, esta experiência foi vista como positiva para as acadêmicas, visto proporcionar uma visão ampliada em relação ao cuidado da equipe de saúde, principalmente, da equipe de Enfermagem.



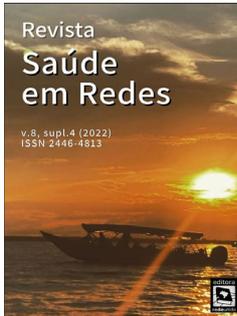
Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

SAÚDE NO TERRITÓRIO E OS POVOS ORIGINÁRIOS: NARRATIVAS NO PROGRAMA MAIS MÉDICOS

MARCUS VINÍCIUS MARCELINI

Apresentação: A dificuldade de fixação de equipes e profissionais da saúde, principalmente da área médica, diretamente nas terras indígenas, é um problema crônico e grave, e é um dos pontos centrais para compreender os indicadores de assistência à saúde destas comunidades. O surgimento do Programa Mais Médicos para o Brasil (PMM), no seu âmbito de provimento emergencial de profissionais, apresenta-se com uma política capaz de produzir efeitos positivos no acesso a serviços de saúde. Propõe-se neste trabalho identificar particularidades da atuação dos médicos, brasileiros, estrangeiros e cooperados cubanos do PMM na atenção primária à saúde dos povos originários, no sistema de saúde indígena da região amazônica, em locais isolados de difícil acesso e também em regiões urbanas. Procura-se levantar temas para discussão, no âmbito da educação permanente, acesso à saúde, situações clínicas, diálogos interculturais, supervisão acadêmica e logística de trabalho nesta região. Proponho também uma reflexão acerca das características do contexto da cooperação internacional cubana, nas áreas historicamente mais desassistidas por médicos do território brasileiro. Desenvolvimento Este trabalho desenvolve-se a partir das narrativas pessoais do pesquisador da experiência de trabalho como supervisor no PMM, em diálogo com o aprofundamento teórico sobre os temas que emergem das narrativas, especialmente a educação permanente em saúde e a saúde indígena. Os apontamentos e informações provêm de dados oficiais das plataformas da Secretaria Especial de Saúde Indígena, de relatórios de associações e organizações da sociedade civil, livros, artigos e principalmente de discussões de casos clínicos e de experiências de trabalho com as comunidades e equipes de saúde indígena. Resultados Entre as considerações analisadas, surge como novidade a presença do profissional médico diretamente nas aldeias e habitações, a identificação por estes profissionais, de diversas situações de saúde, seu tratamento e acompanhamento, bem como a interação com as tradições culturais locais. É central a importância do conceito de determinação social da saúde ao analisar a história natural, ciclo e interação das condições de saúde encontradas. O PMM aparece como espaço de valorização do desenvolvimento de produções pedagógicas, assumindo em suas diretrizes a função formativa, é marcado pelo intercâmbio de profissionais, e práticas conjuntas, em que as equipes, médicos e supervisores podem pensar o SUS como local de aprendizagem a partir do trabalho e de ampliação permanente dos conhecimentos. Diversos problemas estruturais, clínicos e interculturais foram identificados, existindo um potencial inovador de mediação, acompanhamento e articulação dessas demandas através da existência de uma estratégia de supervisão acadêmica, expresso principalmente na articulação do diálogo entre médicos e gestores, também no acompanhamento de atividades clínicas e execução de estratégias de educação permanente. Considerações finais: A análise da rotina médica direta



Saúde em Redes, v. 8, supl. 4 (2022) ISSN 2446-4813

Anais do Encontro Regional Sul 2021 Rede Unida

nas aldeias e habitações, revelou um ambiente tumultuado e inconstante, cuja a maior demanda é a manutenção dos insumos básicos para as rotinas dos programas prioritários de assistência, bem como a manutenção de profissionais qualificados para implementar tais programas. Revelou também que diversas demandas em saúde estavam desassistidas no território, e puderam ser identificadas e manejadas pela presença chave de profissionais do programa mais médicos.